

FABRICIO J. NAZZARI VICROSKI

# *ÍNDIOS, JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO ALTO JACUÍ*

---

IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS E  
GEOPOLÍTICAS DA REDUÇÃO DE  
SANTA TERESA DEL CURITI



FABRICIO J. NAZZARI VICROSKI

# *ÍNDIOS, JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO ALTO JACUÍ*

---

IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS E  
GEOPOLÍTICAS DA REDUÇÃO DE  
SANTA TERESA DEL CURITI



PASSO FUNDO  
2021



© 2021, FABRICIO J. NAZZARI VICROSKI

**EDITORACÃO**

ALEX ANTÔNIO VANIN

**IMAGEM DA 1ª CAPA**

CORTESIA ANFER

**COMPOSIÇÃO DA 1ª CAPA**

FABRICIO J. NAZZARI VICROSKI

**IMAGEM DA 4ª CAPA**

Mapa da Província do Paraguai conhecido como “mapa de Ernot”.

Em destaque a localização de Santa Teresa na cabeceira da margem esquerda do Jacuí.

Fonte: FURLONG, 1936, p. 11.

**CONSELHO EDITORIAL**

ANCELMO SCHÖRNER (UNICENTRO)

EDUARDO KNACK (UFCG)

EDUARDO PITTHAN (UFS – PASSO FUNDO)

FEDERICA BERTAGNA (UNIVERSITÀ DI VERONA)

GIZELE KLEIDERMACHER (UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES)

HELION PÓVOA NETO (UFRJ)

HUMBERTO DA ROCHA (UFS – CAMPUS ERECHIM)

JOÃO VICENTE RIBAS (UPF)

ROBERTO GEORGE UEBEL (ESPM)

VINÍCIUS BORGES FORTES (IMED)

**CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

---

V641i Vicroski, Fabricio José Nazzari  
Índios, jesuítas e bandeirantes no Alto Jacuí  
[recurso eletrônico]: implicações históricas e  
geopolíticas da redução de Santa Teresa del Curiti /  
Fabricio José Nazzari Vicroski. – Passo Fundo:  
Acervus, 2021.  
25MB ; PDF.

ISBN: 978-65-86000-54-2.

1. Povoados - Rio Grande do Sul, Região do  
Planalto. 2. Povos indígenas. 3. Rio Grande do Sul  
- História - Reduções jesuíticas. 4. Geopolítica.  
I. Título.

CDU: 981.65

---

Catalogação: Biblioteca Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

A REVISÃO DOS TEXTOS FOI DE RESPONSABILIDADE DO AUTOR.

AS IDEIAS, IMAGENS, FIGURAS E DEMAIS INFORMAÇÕES APRESENTADAS  
NESTA OBRA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO AUTOR DO TEXTO.

*Ao poente despontou a cruz, ao nascente irromperam os bacamartes.  
Acuada e cerceada, a população nativa apercebeu-se irremediavelmente desmantelada.*

*Morte aos insurgentes!*

*Pelas coxilhas e vales do Jacuí fluiu o sangue indígena diluído nas águas do Atlântico.*

*Os obstinados foram transladados. Os sobreviventes escravizados.*

*Aos remanescentes compete o desolador papel de invasores em seu território ancestral.*

*Mero obstáculo à “civilização”.*

*Passado inglório que teima em não desaparecer.*

*Talvez a maior afronta seja sobreviver para contar a História.*

***Fabricio J. Nazzari Vicroski***

A presente publicação é fruto da tese de doutorado defendida no ano de 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). A pesquisa foi desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin e contou com um período de aperfeiçoamento realizado no *Instytut Archeologii* da *Uniwersytet Wrocławski* (UWr), Polônia, sob tutoria do Prof. Dr. hab. Józef Szykowski. O estágio foi viabilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no âmbito do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

Como forma de contribuir para a difusão e popularização do conhecimento científico, a versão digital da presente obra é disponibilizada em consonância com a política de Acesso Aberto. É permitida a sua impressão e reprodução (total ou parcial), para fins científicos e educacionais, sem a necessidade de autorização prévia do autor, desde que citada a fonte.

# NAS TERRAS DE IBITIRU, CARIROÍ E CURITI

*Tau Golin*<sup>1</sup>

O leitor tem em mãos uma obra que altera significativamente a compreensão sobre o povoamento humano do planalto rio-grandense. Demonstra o longo processo de aproximadamente 12.000 anos, iniciado pelos caçadores-coletores, e depois dominado pelos povos indígenas de língua Jê, os ancestrais dos atuais Kaingang e Xokleng, e pelos Guarani. A intrusão colonial já encontrou o território compartilhado entre os grupos originários, com ampla certificação arqueológica. Aldeias com casas subterrâneas na região das primeiras regiões das reduções jesuíticas-indígenas são datadas em 1.400 anos. Os sítios de povoamento Jê e Guarani atingem um horizonte cronológico que remonta há cerca de 2.000 anos.

O livro do arqueólogo e historiador Fabricio José Nazzari Vicroski possui a virtude de reunir todos esses séculos no tempo presente, como tema contemporâneo, pois representa um vazio cultural dos rio-grandenses. Dá historicidade à sociedade no espaço longamente ocupado. Estimula os habitantes a se sentirem parte dessa longa gesta humana. Os elementos antropológicos estão neles, na cultura e seus hábitos, nos fenótipos, nas mestiçagens de diversas expressões gentílicas. Contribui para a consciência de pertencimento e entendimentos dos conflitos que arrasta consigo.

Quando o europeu chegou, as terras altas do Planalto Meridional estavam ocupadas pelos grupos Jê, enquanto os Guarani mantinham-se no curso dos grandes rios e seus afluentes. Vários espaços de fronteiras existiam entre

---

\* Jornalista e professor-pesquisador dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre e doutor em História pela PUCRS; Pós-doutor em História pela Universidade de Lisboa (Portugal) e pela Universidad de la República (Uruguai).

eles, alguns de colaboração, outros de fricção interétnicas. O autor informa os detalhes dessas formas de uso do espaço ancestral.

Essas zonas de fronteiras foram impactadas pela intrusão missioneira. Parte dos Guarani e Jê aderiram ao sistema missioneiro e passaram a viver em reduções, inicialmente aldeias ampliadas pela introdução de espaços cristãos e organização da produção, dividida entre bens do povo e bens da família extensa indígena. Essa forma já fazia parte da estrutura da aldeia tradicional. No entanto, com a ampliação populacional das reduções para quatro ou cinco mil pessoas, foi necessário especializar a administração e o controle do que pertencia ao povo, integrado ao sistema missional jesuítico, metodicamente escriturado.

Nesse processo, a redução de *Santa Teresa del Curiti*, em seus dois sítios, representou uma experiência que lança luz sobre a história da ocupação do Planalto. Como redução de fronteira precisou negociar com os grupos não reduzidos ao sistema reducional. Era comum também os catequisados manterem suas aldeias tradicionais ou permanecer com o sistema circular e periódico de visitas aos parentes aldeados conforme a tradição e sua organização social, onde persistia a presença referencial dos pajés.

O ataque bandeirante a Santa Teresa em 1637 desorganizou o sistema missional na banda oriental do Rio Uruguai até o final do século XVII. Sua entropia espalhou o gado das reduções do Tape, que se arrinconaram em diversos espaços, e formaram duas enormes vacarias, a dos Pinhais e a do Mar. As feitorias dos paulistas também se converteram em núcleos de intrusão e mestiçagem, ampliando uma população que viria a ter o gentílico de “caboclo”, o qual começava a se formar em torno de um século antes da instalação do primeiro enclave português no Rio Grande do Sul. Esse fenômeno deu ao Planalto a primazia de ser o espaço em que primeiro se formou um “gentílico”, um ser do entre-lugar entre o nativo e o estrangeiro. Assim, não é incorreto afirmar que a primeira característica rio-grandense foi “cabocla”. O caboclo é a primeira forma de “povo” no âmbito do colonialismo e da sociedade regional.

Fabricio José Nazzari Vicroski é competente em demonstrar todo o processo e demonstrar como essa história faz parte da sociedade contemporânea. A base persistente se constitui pelos povos indígenas. Nela entrou o que veio

depois. O colonialismo trouxe a destruição, mas também contradições como a Companhia de Jesus, em um projeto social alternativo com os indígenas, cuja amplitude é demonstrada em sua abrangente província em domínios que hoje compreendem espaços do Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai. Vicoski sustenta sua narrativa na documentação histórica, mas também descreve a cultura material comprobatória na perspectiva arqueológica.

Por essa razão, o Alto Jacuí amplia seu significado. De território Jê e Guaraní, passou a ter um “baluarte do bandeirismo escravocrata”, que operou décadas de terror sobre os povos indígenas, representados na cifra de aproximadamente trinta mil cativos, além dos assassinados.

Nas terras do Ibitiru, Cariroí e Curiti chegou a barbárie colonial na primeira metade do século XVII. Para os povos indígenas, o seu espectro destrutivo e de condenação à miserabilidade ainda persiste como uma maldição, sustentada em estruturas de poder do Estado-nação. A gênese dessa história se encontra neste livro de Fabricio José Nazzari Vicoski.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	33
2. ESTUDOS MISSIONEIRO:	
<i>PERSPECTIVA HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA</i> .....	55
3. ÍNDIOS, JESUÍTAS E BANDEIRANTES .....	81
4. A CONQUISTA DO IGAÍ .....	149
5. DO IBITIRU AO CURITI .....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	201
REFERÊNCIAS .....	207
ANEXOS .....	217

## INTRODUÇÃO

No limiar do século XVII, as coxilhas e florestas de mata tropical delineavam a paisagem na região do interflúvio das bacias do alto Jacuí e alto Uruguai. As frondosas araucárias exerciam o protagonismo com seus troncos colunares e galhos distribuídos radialmente em torno de sua copa. A árvore destacava-se não somente pela sua simetria e singularidade, mas especialmente pelo elevado valor nutritivo de suas sementes, o pinhão, cuja oferta era sinônimo de disponibilidade de alimentos durante o outono e inverno.

Em meio às florestas de araucárias os povos indígenas de língua Jê - ancestrais dos atuais Kaingang e Xokleng (*Laklãnõ*) - estabeleciam seus acampamentos e acendiam as fogueiras onde preparavam o pinhão. O fogo era obtido através da fricção de gravetos de jerivá (*Arecastrum romanzoffianum*). Para a manutenção da fogueira privilegiavam a madeira da aroeira salsa (*Schinus molle*). Os grupos inimigos eram alheios a esta preocupação, logo, o cheiro resultante da queima de outras árvores poderia indicar a aproximação de pessoas sem vínculos com a tribo.<sup>1</sup> Tal medida não era descabida, visto que a ocupação desta região exigia uma constante preocupação acerca das estratégias de compartilhamento de território com grupos inimigos.

Ao passo em que os Jê centralizavam seus domínios nas terras altas do Planalto Meridional, os indígenas falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani davam vazão ao seu ímpeto expansionista guiando-se pelo curso dos grandes rios e seus afluentes. As várzeas férteis dos rios Uruguai e Jacuí guardavam as características necessárias à manutenção do seu meio de subsistência.

---

<sup>1</sup> MABILDE, Pierre François Alphonse Booth. *Apostamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul: 1836-1866*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983, p. 122.

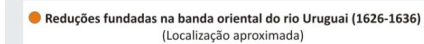
No século XVII, tanto os grupos Jê como os Tupi-Guarani já traziam consigo uma herança histórica de ocupação milenar desse território, marcada por disputas, estratégias, interações e mediações de conflitos. Seus ancestrais haviam dizimado ou absorvido as antigas populações de caçadores-coletores que há mais de 10 mil anos já se aventuravam pela região.

Nessa perspectiva, a região da bacia do alto Jacuí pode ser interpretada como uma zona de fronteira cultural, caracterizada pela presença de rotas de migração, difusão cultural e contato interétnico entre os diferentes grupos indígenas durante a história pré-colonial.

Essa vocação fronteira dilatória abrangendo também o período de colonização europeia, assinalando assim a zona de fricção luso-espanhola. Ao mesmo tempo em que os indígenas mantinham a preocupação com os grupos inimigos regionais, do outro lado do Oceano Atlântico delineava-se os contornos de um projeto geopolítico com repercussões diretas na dinâmica de ocupação territorial da América Meridional, decretando de forma concomitante o fim da absoluta soberania territorial indígena e o início de um novo ciclo de povoamento.

Há pouco mais de um século as Coroas ibéricas já apontavam a proa de suas embarcações em direção à América do Sul com o anseio de ampliar seus domínios territoriais. Nessas circunstâncias, a ação dos missionários jesuítas e a criação da Província Jesuítica do Paraguai foram empregadas como frentes de expansão a serviço da política colonial. A partir do século XVII a perspectiva regional submeteu-se à conjuntura global. O sutil movimento de uma caneta bico de pena sobre um documento firmado em Madri, resultava em implicações diretas para os indígenas assentados na região das longínquas cabeceiras do rio Jacuí.

O método adotado para o desenvolvimento do projeto de conquista e catequização espanhola na Província do Paraguai esteve baseado na implantação do sistema de redução. Entre as décadas de 1620 e 1630 a viabilização de alianças entre jesuítas e indígenas resultou na fundação de dezoito povoados missioneiros na banda oriental do rio Uruguai, hodierno território do Rio Grande do Sul (Figura 1).



ELABORAÇÃO:  
 Erico J. Nazzari  
 Vicoski.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 8-10.

Em sua obra intitulada *Conquista Espiritual*, Montoya nos oferece uma definição clássica (e etnocêntrica) do modelo reducional da forma como era compreendido e utilizado pelos inacianos para empreender a Missão na Província Jesuítica do Paraguai.

Note-se que chamamos “Reduções” aos “povos” ou povoados de índios que, vivendo à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três ou mais, “reduziu-os” a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou.<sup>5</sup>

A adoção efetiva do modelo reducional para a implantação das Missões só foi de fato consumada após as tentativas frustradas dos missionários em realizar incursões itinerantes em busca de comunidades indígenas entre as quais realizavam suas ações de evangelização de forma intermitente. Já na segunda metade do século XVI a criação de povoados indígenas fazia parte da política de ordenamento demográfico adotada por Don Francisco Álvarez de Toledo no território do Vice-Reino do Peru, visando assim substituir o sistema de *encomiendas*.<sup>6</sup>

Dos contatos iniciais - quando bem recebidos pelas lideranças indígenas - resultavam batismos coletivos entre outras ações de catequização, todavia, a ausência de uma “aldeia cristã” inviabilizava qualquer estímulo ao aprendizado e ao exercício contínuo das práticas cristãs apregoadas pelos jesuítas. A criação de povoados estáveis consumou o papel das reduções como locais de conversão e evangelização indígena sob os preceitos da doutrina católica.

<sup>5</sup> RUIZ DE MONTOYA, Antônio. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Tradução de Arnaldo Bruxel e Artur Rabuske. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 35.

<sup>6</sup> SZYKULSKI, Józef. *Chrystianizacja obszaru Imperium Tawantisuyu (Inków)*. *Synkretyz kulturowy i dylemat walki z idolatria*. In: DZIEDUSZYCKI, Wojciech; WRZESINSKI, Jacek (Org.). *Chrzest – przemiany religijne, kulturowe i sepulkralne*. Funeralia Lednickie – Spotkanie 19. Poznan: Stowarzyszenie Naukowe Archeologów Polskich, 2017, p. 6-7.

As reduções eram simples povoados com igrejas de madeira ou de taipa e, geralmente, as residências dos índios eram construídas de pau-a-pique. Nesse momento, pouco se usava a pedra, visto que tiveram uma característica itinerante, em virtude da ação escravista das bandeiras e da hostilidade do meio.

As reduções jesuíticas, diante da cobiça dos colonos, apresentava-se como um espaço possível para salvaguardar a liberdade do índio perante o colonizador e significavam um momento inicial da transição do índio da sociedade tribal à sociedade moderna do Estado absoluto. Dessa forma, a redução, no momento histórico em que foi criada, defendia o índio reduzido. O missionário tinha consciência de que o trabalho encomendado acirrava as relações entre brancos e índios e valia-se desse acirramento para construir e legitimar o processo reducional.

[...] A redução era a negação da organização política guarani e apresentava-se com o sentido de reduzir, convencer e levar da vida tribal a uma comunidade cristã mais ampla. Da vida seminômade à vida sedentária.<sup>7</sup>

As reduções adotavam uma forma de organização política completamente diversa do modelo concebido pelas sociedades indígenas. Simbolicamente o batismo cristão representava o abandono de suas práticas tradicionais e a adoção de um novo comportamento cultural irradiado a partir dos *pueblos misioneros*.

Obviamente não nos cabe atribuir aos indígenas uma aceitação passiva dessa transição. Foram registrados diversos episódios de conflitos e resistência, contudo, diante da ameaça representada pelos *encomenderos españoles* e bandeirantes luso-brasileiros, a aceitação da alternativa apresentada pelos jesuítas foi vista pelos indígenas como uma estratégia de sobrevivência.

Num primeiro momento era comum que o local escolhido para a instalação da redução correspondesse ao núcleo comandado pela liderança indígena regional. Usualmente os povoados distavam entre si cerca de dois a três dias de caminhada. O fluxo de pessoas, informações e alimentos era constante. A incorporação de técnicas construtivas e urbanísticas europeias visava imprimir aos povoados um aspecto de vilas coloniais com praças, ce-

<sup>7</sup> SANTOS, J. R. Q. *As Missões Jesuítico-Guaranis*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). Colônia (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 105-106.



mitérios, igrejas e choupanas de taipa. A transformação das aldeias indígenas em povoados missioneiros não foi imediata. Tampouco a adesão dos indígenas foi totalmente resolvida. O sucesso da empreitada dependia em grande medida do conhecimento tradicional indígena acerca das técnicas de horticultura, condições climáticas e processamento da mandioca, erva-mate, pinhão e demais meios de subsistência. Também foi providencial a introdução do gado pelos jesuítas e a criação de estâncias para a manutenção e ampliação do rebanho. Da mesma forma a estrutura organizacional indígena foi incorporada ao sistema missional. Os caciques e guerreiros mantiveram seus papéis de liderança e influência sobre os seus consortes. Observou-se nesse período a adaptação e fusão de inúmeros elementos das culturas nativa e europeia.

É nesse contexto que a redução jesuítica de *Santa Teresa del Curiti* foi fundada no ano de 1632 pelo padre Francisco Ximenez na região noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul. A chegada dos jesuítas e o consequente estabelecimento dos povoados missioneiros na banda oriental do rio Uruguai sob domínio espanhol, são episódios relacionados aos desdobramentos históricos dos ataques bandeirantes às reduções fundadas nas regiões de Itatim e Guairá, situadas na margem esquerda do rio Paraná. Os bandeirantes tinham como objetivo a captura dos indígenas aldeados a fim de comercializá-los como mão-de-obra escrava, resultando assim no êxodo indígena e jesuíta em direção ao sul e na criação de novos povoados missioneiros na chamada zona do Tape, no atual território do Rio Grande do Sul.

Em 1633 o incipiente povoado foi transmigrado para uma posição mais ao sul. A nova localização permitiu a articulação com as demais reduções, propiciou uma aproximação com a zona dos ervais e atenuou os riscos de ataques de índios Jê contrários ao avanço da frente missional. Ambas as localizações situavam-se na bacia do alto Jacuí, então denominado Igaí.

Tratava-se de um povoado próspero e de localização estratégica. Sua população superou quatro mil pessoas. Dentre os aldeados figuravam índios Guarani e Jê, regionalmente cognominados de Tape e Guañana.

Seduzidos pelo lucrativo comércio escravagista, os sertanistas paulistas lançaram-se sobre o Tape. No ano de 1637 a redução de Santa Teresa foi invadida por bandeirantes comandados por André Fernandes. Grande parte dos indígenas fora capturada e remetida para São Paulo, onde foram comercializados como escravos.

Plenamente cientes da localização estratégica da redução, os bandeirantes estabeleceram ali o arraial do Igaí ou dos Pinhais. Seria esse o primeiro povoado fundado pelos paulistas no Rio Grande do Sul. Durante mais de três décadas o local serviu como base de apoio para a penetração luso-brasileira em direção ao interior do território sul-rio-grandense - então domínio da coroa espanhola - auxiliando na tomada dos demais povoados missioneiros e também em campanhas militares, como a Batalha do M'bororé ocorrida em 1641. A partir dessa base os bandeirantes lançaram-se em investidas para o oeste, sul e sudoeste.

André Fernandes designou seu filho como administrador do arraial bandeirante. Francisco Fernandes de Oliveira era também um padre jesuíta. Além da organização espiritual do povoado, foi responsável pela manutenção do posto de abastecimento das bandeiras que se lançavam em incursões pelo interior. A importância desse enclave era tal que nem mesmo a derrota sofrida no M'bororé abalou o domínio bandeirante na região. Transcorridas pouco mais de três décadas, a manutenção dessa importante posição tornou-se então insustentável.

A interpretação dos fatos históricos relacionados à fundação da redução de Santa Teresa e o posterior estabelecimento de um posto de apoio às investidas paulistas permitem extrapolar os limites geográficos da zona do Tape.

O arraial do Igaí se consolidou como o polo irradiador dos exploradores escravocratas luso-brasileiros do Rio Grande do Sul do século XVII, precedendo em um século o marco da ocupação oficial desse território pelos colonizadores portugueses.

Estima-se que cerca de 30 mil indígenas tenham sido subjugados. Outras dezenas de milhares foram desestruturadas, mortas ou emigradas. A dinâmica de povoamento tradicional das populações nativas foi desarticulada. A disputa territorial alçou um novo patamar. Os embates regionais refletiam o contexto geopolítico das potências ultramarinas.

Esse efervescente contexto histórico atrelado à redução de Santa Teresa acabou por aguçar o interesse deste pesquisador pelo tema. A problemática vislumbrada é decorrente da negligência ou esquecimento desse passado, raramente ou superficialmente abordado.

Através do desenvolvimento da presente pesquisa buscou-se revisar e atualizar os dados disponíveis e, sobretudo, evidenciar a importância histó-

rica dos fatos ora arrolados, defendendo-se a tese de que os acontecimentos resultantes da fundação da redução tiveram profundas implicações históricas e geopolíticas na formação do Rio Grande do Sul.

Este esforço reflexivo e interpretativo foi pautado pela análise de uma série de problemáticas inter-relacionadas, as quais possuem implicações diretas não apenas nos acontecimentos históricos do período, mas também no contexto social, econômico e geopolítico dos séculos subsequentes.

Para entender o descaso em relação ao tema, empreendemos uma revisão bibliográfica cujo resultado apontou que além de escassa e recursiva, a bibliografia específica é permeada por lacunas e dados incongruentes.

A principal referência bibliográfica sobre o tema foi redigida há mais de cinco décadas. Desde então as informações são reproduzidas sem maiores esforços analíticos. Em *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico* o pesquisador Jorge Edethe Cafruni compilou os dados então disponíveis nas fontes secundárias, complementando-os em larga escala com apreciações de cunho pessoal nem sempre corroboradas pela documentação primária. A despeito de sua inegável contribuição, o emprego de novas fontes nos permite agregar conhecimento e dirimir determinados equívocos, colocando em evidência a necessidade de revisar a narrativa corrente e discutir novas interpretações. A fim de enfrentar a problemática e desenvolver a argumentação, buscou-se amparar as fontes documentais com dados cartográficos, arqueológicos e pesquisa de campo.

A credibilidade científica que distancia a pesquisa histórica acadêmica das iniciativas de cunho empírico é garantida pelo emprego de procedimentos metodológicos que estabelecem diretrizes para a utilização e interpretação das fontes históricas. A preocupação metodológica é um elemento indispensável nos estudos comprometidos com a elucidação do passado.

Face às peculiaridades da temática pesquisada, vislumbrou-se a ampliação das possibilidades interpretativas através do desenvolvimento de uma abordagem baseada na pluralidade de fontes. Sendo assim, nos servimos dos pressupostos conceituais da Nova História, visando a pluridisciplinaridade e, sobretudo, a aproximação entre História e Arqueologia. Tal perspectiva torna-se de grande valia devido à sua concepção de que toda atividade humana é portadora de história, bem como frente à possibilidade de ampliação

do conceito de documento histórico, onde o registro arqueológico pode ser visto como documentação involuntária.

Nessa concepção, preconizada pela Escola dos Annales, a História é vista como uma ciência. A Nova História representa uma renovação na concepção de tempo e história, busca uma aproximação com as demais ciências sociais, servindo-se de todas as fontes documentais para preencher as lacunas no conhecimento, integrando assim o registro arqueológico, etnohistórico, pictográfico, cartográfico, iconográfico, oral, enfim, toda forma de registro material e imaterial, privilegiando a documentação massiva e involuntária em detrimento da documentação oficial.

A Escola dos Annales mudou radicalmente o conceito de interpretação histórica e consequentemente a noção de documento como fonte fidedigna do passado histórico. Os trabalhos desenvolvidos pelos historiadores dos Annales renovaram totalmente as fontes documentais, agora vistas como tudo o que o homem fez, e não apenas aquilo que escreveu. Não havia mais o documento verdadeiro e inquestionável, pois, tudo o que a humanidade produziu nas suas mais variadas formas agora era visto como fonte de interpretação, como formas de representação da mentalidade humana, e foram produzidas voluntária ou involuntariamente para representá-los. Para os fundadores dos Annales as reflexões sobre a História teriam que ter um caráter interdisciplinar e a gama de possibilidades de se fazer um trabalho historiográfico agora passaria por vários domínios científicos.<sup>8</sup>

Para Funari,<sup>9</sup> o final do século XIX e início do século XX marcou a ampliação do conjunto de fontes arqueológicas, cujo processo também se aprofundou ao longo do século XX no âmbito da pesquisa histórica. A objetividade histórica apregoada pelo positivismo passou a ser questionada pelas Ciências Humanas, exigindo mudanças conceituais. Os historiadores deixaram de lado a “busca pela verdade” e sua ênfase no fato histórico e seus grandes personagens, em benefício do cotidiano das pessoas comuns, cuja

<sup>8</sup> SANTOS, Marcos César Pereira. *Documento Material: Entre a Arqueologia e a História*. ARKEOS. Perspectivas em Diálogo nº 28. Projecto Porto Seguro. Tomar: CEIPHAR, 2010, p. 223-224.

<sup>9</sup> FUNARI, Pedro Paulo. *Os historiadores e a cultura material*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2.ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 90.

abordagem era alimentada pelos dados resultantes das pesquisas arqueológicas, pois a cultura material é constituída, em sua maioria, de artefatos banais legados à posteridade de forma involuntária. “A partir daí, as fontes arqueológicas passaram a ser parte integrante e essencial da pesquisa histórica e os bons historiadores, mesmo quando não se dedicam, no detalhe, à cultura material, não deixam de levá-la em conta”. A Escola dos Annales representa a incorporação da cultura material como fonte histórica no âmbito dos movimentos historiográficos do século XX, buscando assim uma ampliação das fontes para além dos arquivos e documentos escritos.

De forma geral, a incorporação do conhecimento arqueológico foi balizada pelas abordagens teórico-metodológicas da arqueologia contextual ou pós-processual, que propicia justamente uma aproximação com as propostas da Escola dos Annales e, mais especificamente, da Nova História, onde os aspectos culturais e os vestígios arqueológicos, entre outros elementos, adquirem um caráter de documento, proporcionando novas interpretações. Como implicações práticas dessa abordagem pode-se citar a interdisciplinaridade e a interpretação integrada dos vestígios arqueológicos, considerando não somente a cultura material, mas também o espaço físico e o contexto ambiental dos espaços que serviram de palco aos episódios históricos.

Nesse sentido, as fontes utilizadas podem ser divididas basicamente em duas categorias, a saber:

- Fontes históricas (documentais e cartográficas);
- Fontes arqueológicas.

No tocante às fontes históricas, fez-se uso principalmente da documentação produzida pela Companhia de Jesus e pelas autoridades coloniais e eclesiásticas. É interessante notar que dentre os sacerdotes figuravam engenheiros, cartógrafos, arquitetos, militares, geógrafos, entre outros profissionais. Esse perfil variado resultou na produção de documentos e plantas cartográficas com minúcias descritivas exploradas pela presente pesquisa.

Para a composição do subcapítulo referente à redução de Santa Teresa priorizou-se a documentação primária produzida pelos padres da Companhia de Jesus, em detrimento da simples reprodução das informações arroladas

nas fontes secundárias. Destaca-se, sobretudo, o emprego das Cartas Ânuas (*Litterae Anuae*).

As “*Litterae Anuae*” são a correspondência periódica que os Padres Provinciais enviavam ao Padre Geral da Companhia de Jesus e se baseavam nos relatórios anuais que o Provincial recebia dos superiores das Residências, Colégios, Universidades e Missões junto aos índios. Continham uma detalhada informação sobre as casas, suas obras, pessoas e atividades. Correspondem a um lapso de tempo de um ano ou de vários anos. De ordinário eram redigidas pelos secretários ou por pessoas com capacidade para escrevê-las designadas pelo Provincial. Embora se constituam, sobretudo, de relatórios administrativos para a Administração Geral da Ordem, contemplam também cartas edificantes, que visavam impressionar as autoridades civis e eclesiásticas através dos êxitos conseguidos, razão pela qual foram traduzidas para o latim para que pudessem ser divulgadas nas Casas da Companhia de Jesus de toda a Europa. As Cartas Ânuas relativas à Província Jesuítica do Paraguai cobrem o período que vai de 1609 a 1675 e, após um intervalo de cerca de 40 anos, o período de 1714 a 1762.<sup>10</sup>

Uma série de manuscritos das Cartas Ânuas e uma variedade de documentos avulsos produzidos pelos jesuítas e autoridades da época integram a Coleção Pedro de Angelis. Trata-se de uma coleção de obras impressas e manuscritas, totalizando 4076 peças de valor histórico inestimável, reunidas pelo diplomata italiano Pedro de Angelis na primeira metade do século XIX. Devido à sua relevância histórica e geopolítica, a coleção foi adquirida pelo Império Brasileiro, em cuja negociação para a sua aquisição participou ativamente o então Visconde de Rio Branco.<sup>11</sup>

Atualmente a Coleção de Angelis integra o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em meados do século XX, a Divisão de Obras Raras e Publicações realizou um amplo esforço de pesquisa, transcrição e divulgação dos documentos que tratam principalmente da região do Rio da Prata, publicados

<sup>10</sup> FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *A conversão em três tempos: narrativa e experiência jesuítica na Província Jesuítica do Paraguai*. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV, Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007, p. 7.

<sup>11</sup> CORTESÃO, Jaime, op. cit., 1951, p. 56-57.



entre os anos de 1951 e 1969, compondo um conjunto de sete volumes que tratam dos Jesuítas e Bandeirantes nas regiões do Guairá, Itatim, Tape, Uruguai e Paraguai, além dos antecedentes do Tratado de Madri e a Conquista dos Sete Povos. Nessas publicações - atualmente disponibilizadas em meio digital - encontram-se as transcrições das Cartas Ânua e demais manuscritos, além de documentos outrora considerados confidenciais pela Companhia de Jesus e copiosamente armazenados durante séculos nos Arquivos Jesuíticos do Prata.

Essa documentação foi interpretada e utilizada visando à elucidação de pelo menos duas frentes investigativas. Objetivou-se atualizar e complementar os dados referentes à redução de Santa Teresa e, ao mesmo tempo, obter informações de cunho geográfico que subsidiem possíveis inferências acerca das localizações da redução e do arraial bandeirante.

Tal iniciativa não é de caráter inédito, uma vez que as pesquisas coordenadas por Jorge Cafruni e Norah Boor nas décadas de 1960 e 1970 foram pautadas por esforços similares. Todavia, na época a possibilidade de consulta às Cartas Ânua era ainda limitada, e mesmo as transcrições publicadas pela Biblioteca Nacional eram de difícil acesso. Nem todos os volumes da coleção puderam ser consultados pelos pesquisadores.<sup>12</sup> Os esforços de Cafruni contaram principalmente com a contribuição das informações arroladas pelo historiador Aurélio Porto em sua publicação intitulada *História das Missões Orientais do Uruguai*, cuja pesquisa foi baseada na documentação primária produzida pelos jesuítas.

Durante a realização das leituras inerentes ao desenvolvimento da pesquisa, ficou evidente a necessidade de promover um retorno às fontes primárias. As fontes secundárias – ainda que escassas – com frequência reproduzem dados incompletos e incorretos. Frente a esse contexto, pelo menos quatro documentos mostraram-se imprescindíveis:

- Carta anua de las misiones del Parana y Uruguay. 1633;
- Letras annuas de las reducciones del Parana y Uruguay del ano de 1634;
- Cartas anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay. 1632-1634;
- Cartas anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay. 1637-1639.

<sup>12</sup> Tais dificuldades de pesquisa foram relatadas pela Professora Norah Boor em depoimento oral prestado a este pesquisador em agosto de 2015.

A fim de facilitar a sua eventual consulta, apresentamos em anexo a transcrição dos documentos considerados primordiais para a abordagem ora desenvolvida. As transcrições se limitam aos fragmentos diretamente relacionados à redução de Santa Teresa.

As Cartas Ânua de 1633 e 1634 foram redigidas pelo padre Pedro Romero. Suas transcrições foram respectivamente publicadas pela Biblioteca Nacional em 1969 e 1970, como partes integrantes dos Volumes III e IV dos Manuscritos da Coleção de Angelis. A Carta Ânua de 1637-1639, redigida pelo provincial Francisco Lupercio de Zurbano, foi transcrita e publicada por Ernesto Maeder em 1984. Justamente quando o pesquisador preparava o lançamento de sua publicação, chegou-lhe a notícia da descoberta da Carta Ânua de 1632-1634, até então considerada desaparecida. A transcrição desse importante documento foi então publicada por Maeder em 1990.

Uma das principais contribuições da presente pesquisa foi a incorporação da Carta Ânua de 1632-1634. Redigido pelo padre Diego de Boroa, esse documento é considerado por muitos pesquisadores como a mais importante fonte documental para o aprofundamento da história das reduções da primeira fase missioneira. Seu paradeiro foi ignorado por mais de três séculos, portanto, a maioria das publicações que tratam das reduções do Tape ocorreram em período anterior à sua localização. Suas possibilidades de abordagens são inúmeras. Pesquisadoras como Ítala Becker (1992) e Eliane Fleck (2000) exploraram a carta como material de análise em suas perspectivas sobre as lideranças indígenas e as percepções da doença e da morte nas reduções jesuíticas. Até onde nos foi possível apurar, o emprego desse documento exclusivamente para a escrita da história da redução de Santa Teresa constitui até então uma tarefa inédita.

Em suas pesquisas Ernesto Jaeger já alertava para a necessidade imperiosa de localização da carta. “Enquanto, porém, não dermos com o paradeiro das Ânua de 1632-34 da Província do Paraguai, nosso estudo há-de, forçosamente, basear-se em conjecturas mais ou menos plausíveis”. Na ausência dessa fonte, os pesquisadores viam-se constrangidos a socorrer-se em documentos de segunda mão, ou mesmo de autores seguros, mas “que só de relance falam das fundações anteriores”, isto é, das reduções da primeira metade do século XVII. “E os historiadores que os seguiram beberam todos mais ou menos dessas fontes”.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. *As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul (1635-1641)*. 2.ed. Porto Alegre, Typo-

No tocante à composição das cartas ânuas, é notório que o conteúdo das narrativas poderia oscilar de acordo com os seus destinatários. Assim, os trechos voltados a enaltecer os feitos edificantes praticados pelos inácianos, costumam incorporar uma visão romântica do sacerdócio e suas ações cotidianas. Por sua vez os documentos destinados a relatar as atrocidades cometidas pelos bandeirantes tendem a potencializar e generalizar os atos de violência gratuita. Cientes dessa estrutura semântica, buscamos explorar as informações secundárias ou até mesmo involuntárias contidas nos documentos, como georreferências e dados etnohistóricos.

Além das cartas supracitadas, outros documentos fizeram-se necessários para articular a argumentação, como as correspondências avulsas e, sobretudo, a profícua base cartográfica jesuítica do século XVII, como o mapa denominado *Paraqvaria vulgo Paragvai. Cum adjacentibus*, cuja autoria da versão original é atribuída ao padre Luis Ernot.

Também foram consultados diversos mapas produzidos ao longo do século XX na tentativa de assinalar – mesmo que aproximadamente – a localização das reduções. A apreciação e interpretação desse acervo cartográfico contribuíram para esclarecer algumas incongruências que envolvem a plotagem dos rios Jacuí, Jacuí-mirim e Passo Fundo, bem como suas respectivas nascentes, explicando, em parte, as enormes discrepâncias recorrentes nas tentativas de aferir a localização da redução de Santa Teresa.

Mediante a sistematização dos dados resultantes das fontes documentais e cartográficas, buscou-se o aporte do conhecimento arqueológico a fim de trazer novas contribuições ao tema. “Cultura” e “documento” são aqui compreendidos como conceitos amplos, representando elementos dotados de historicidade. Frente ao diálogo entre história e arqueologia, a cultura material adquire o caráter de fonte de pesquisa.

Assim como um documento escrito, as fontes arqueológicas também precisam ser analisadas e interpretadas. A fim de extrair informações destas fontes é preciso fazer uso de ferramentas interpretativas, pois “sem modelos interpretativos, corremos o risco de pensar que estamos, diretamente e sem mediação, “descobrimos” o que aconteceu”.<sup>14</sup> Muito mais do que recuperar objetos de

---

graphia do Centro, 1939, p. 42.

<sup>14</sup> FUNARI, Pedro Paulo (Org.). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Coleção Idéias. Campinas: Unicamp, 1998.

antigas sociedades, o ofício do arqueólogo perpassa pelo rigor científico, abordagem interpretativa e, por fim, resulta na produção de conhecimento.

As questões comuns entre história e arqueologia tornam imperativa a colaboração entre essas áreas. Trigger e Sherratt,<sup>15</sup> afirmam que progressivamente a arqueologia assume uma orientação histórica, uma vez que os arqueólogos almejam uma fundamentação histórica para as suas pesquisas, por sua vez, os historiadores reconhecem que a investigação arqueológica tornou-se crucial para a própria história, uma vez que permite ampliar os horizontes interpretativos para além dos limites impostos pela documentação histórica.

Apropriamos-nos aqui da concepção de cultura atrelada ao conceito de documento histórico, onde qualquer forma de registro da presença humana, seja ele material ou imaterial, passa a ser entendido como um documento.

Com a multiplicação dos documentos interpretativos sobre o passado, a história se ligou a outras ciências, preponderando hoje em certos trabalhos historiográficos a contribuição de “ciências auxiliares”, que possibilitaram aos historiadores o contato com fontes antes distantes da História e os levaram a assuntos mais específicos. As fontes históricas da cultura material humana ainda hoje estão ligadas à Arqueologia, pois, essa pretende cientificamente coletar vestígios materiais que o homem produziu e dotá-los de sentidos conectando interdisciplinarmente os conhecimentos que possam auxiliar nessa busca pelo passado.<sup>16</sup>

Nem todas as sociedades passadas nos legaram documentos escritos, neste caso os vestígios materiais e imateriais adquirem caráter de fonte documental, permitindo assim ampliar a construção do conhecimento acerca do cotidiano das sociedades humanas remotas. Segundo a concepção de Santos,<sup>17</sup> a abordagem histórica orientada sob este viés recua “rumo ao passado longínquo do desenvolvimento social humano, à chamada Pré-História, que não deixou documentos escritos compreensíveis para a interpretação contemporânea do homem, mas construiu uma cultura material gigantesca e riquíssima”.

<sup>15</sup> Apud FUNARI, Pedro Paulo (Org.). op. cit., loc. cit.

<sup>16</sup> SANTOS, Marcos César Pereira, op. cit., p. 221-222.

<sup>17</sup> Idem, p. 224.

Entende-se por cultura material o conjunto de vestígios palpáveis resultantes da ação humana, seja uma pedra lascada, um recipiente cerâmico, um canal para desviar a água de um rio, um quilombo, uma moradia, as ruínas de uma antiga cidade, armas, utensílios domésticos, entre outros vestígios. Ao passo que a cultura imaterial abarca os elementos intangíveis, como uma canção, um poema, topônimos, culinária, tradições, festas, danças, paisagem, organização social, religião, folclore. Percebe-se que ambos os conceitos englobam praticamente toda e qualquer representação da atividade humana. Esses vestígios constituem, em certa medida, o reflexo das sociedades que os produziram, e sua análise aliada à interpretação das fontes históricas e do contexto ambiental dos sítios arqueológicos, permite realizar inferências acerca das sociedades e do período histórico a elas relacionado.

Em termos práticos esse cruzamento de informações subsidiou a pesquisa de campo e a interpretação do sítio arqueológico apontado pelo pesquisador Jorge Cafruni como sendo o local correspondente à primeira localização do povoado de Santa Teresa, situado na localidade do Povinho Velho, município de Passo Fundo-RS.

Embora de forma restrita, também foram empreendidos esforços no sentido de identificar eventuais vestígios arqueológicos relacionados aos episódios em questão. Dessa forma chegou-se ao acervo do Museu Municipal Dona Ernestina, infelizmente com potencial informativo limitado.

Apesar da pesquisa não ter promovido escavações, o conhecimento arqueológico proporcionou apreciações fundamentadas com base no referencial bibliográfico. Para o arqueólogo Arno Kern, atualmente dispomos de um volume de dados cuja sistematização e análise podem desvelar novas problemáticas e propiciar o aprofundamento de sínteses históricas. Portanto, a contribuição arqueológica não depende exclusivamente de novas escavações, mas também da interpretação e confrontação dos dados já produzidos.

A série de dados arqueológicos e históricos de que dispomos atualmente, oferece a possibilidade de uma análise de conjunto e de uma síntese histórica capazes de ampliar os horizontes das interpretações e de colocar novas problemáticas capazes de renovar as opiniões ainda muito limitadas. É necessário reconhecer que sem este estudo analítico global e sem uma síntese geral, todos

estes dados arqueológicos e históricos, dispersos nos sítios arqueológicos e nas publicações só tem valor histórico muito limitado, mesmo que venham muitas vezes acompanhados por datações absolutas de sincronismo histórico, ou cronologias relativas.<sup>18</sup>

O emprego dessas fontes e pressupostos interpretativos nos permitiu não somente revisar a narrativa já constituída, mas também complementá-la através da correção de discrepâncias pontuais e incorporação de novas informações.

Essa abordagem interdisciplinar deixa claro que o assunto está longe de ser esgotado. As considerações resultantes nos permitem não apenas lançar um novo olhar sobre a temática, mas também vislumbrar a dilatação das possibilidades investigativas que podem absorver as atenções dos pesquisadores nas próximas décadas.

Sem dúvida uma das demandas possíveis e urgentes trata da identificação dos vestígios materiais remanescentes da redução jesuítica e do fortim bandeirante. Muito embora tenhamos empreendido esforços no sentido de sistematizar as georreferências, as localizações precisas ainda permanecem uma incógnita. Particularmente, tenho a plena convicção de que futuramente a arqueologia terá um papel preponderante na descoberta desses locais. Ademais, convém acrescentar que atualmente os violentos conflitos fundiários entre indígenas e proprietários rurais exigem cautela dos pesquisadores atuantes na região. Todavia, o conhecimento já disponível mostrou-se suficiente para responder ou pelo menos problematizar algumas questões que emergiram no decorrer da pesquisa, nos permitindo estimar um polígono que possivelmente abarca as respectivas localizações, constituindo assim um ponto de partida.

Por fim, cabem alguns esclarecimentos sobre a grafia das palavras estrangeiras ao longo do texto. Para a denominação dos grupos étnicos indígenas foi adotada a convenção da Associação Brasileira de Antropologia firmada em 1953. A despeito da ausência de consenso, a sua utilização é corrente dentre o meio acadêmico e recomendada pelo Manual de Redação Oficial da Fundação Nacional do Índio.<sup>19</sup> Os etnônimos são grafados com iniciais

<sup>18</sup> KERN, Arno A. *Pesquisas arqueológicas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1984-1994)*. Estudos Íbero-Americanos, v.XX, n.1. Porto Alegre: PUCRS, 1994, p. 70.

<sup>19</sup> BRASIL. Fundação Nacional do Índio. *Manual de Redação Oficial da Funai*. Brasília: Funai, 2016, p. 22.



maiúsculas, com exceção de sua forma adjetival. Os gentílicos não são flexionados no plural e utiliza-se o “k” em substituição ao “c”. Assim temos “os Guarani” e os “Kaingang” em detrimento das versões aporuguesadas como “os guaranis e caingangues”.

O uso dos etnônimos indígenas incorporados à língua portuguesa seguem a gramática normativa. As citações em língua portuguesa foram atualizadas de acordo com as normas gramaticais vigentes. Por sua vez as citações em espanhol foram grafadas em itálico e mantidas em sua versão original e/ou transcrita. Tal procedimento se apresenta coerente, uma vez que determinadas informações errôneas sobre essa temática parecem ser resultantes de traduções inadequadas. Os nomes das reduções também permaneceram em espanhol, com exceção de Santa Teresa, grafado sem itálico em vista de sua equivalência em português. No entanto, sempre que se fizer uso de sua denominação composta, optou-se pela grafia em itálico como indicativo de língua estrangeira, figurando, portanto, como *Santa Teresa del Curiti*.

Aliás, ao renunciarmos a tradução do nome da redução em benefício da versão híbrida composta pelos idiomas espanhol e guarani, estamos não somente adotando uma das denominações então correntes, mas também aludindo seus protagonistas. Por muito tempo as abordagens históricas centraram-se no papel dos jesuítas e autoridades coloniais, reservando aos indígenas um comportamento passivo e secundário. Nas últimas décadas buscou-se, de forma válida, corrigir essa abordagem através da difusão da denominação “redução jesuítico-guarani”. Atualmente a pluralidade étnica dos povoados missioneiros é encarada com naturalidade, sendo frequentemente citada como exemplo a experiência com grupos Jê e Guarani na redução de Santa Teresa, de forma que a denominação corrente se mostra também insuficiente para representar as variáveis étnicas do período.

O hibridismo linguístico expresso através de “*Santa Teresa del Curiti*” não dá conta de traduzir a complexidade das inter-relações étnicas então ocorridas, no entanto, espera-se que esta versão possa ao menos instigar o senso crítico sobre o papel preponderante das populações indígenas na experiência missioneira.

Apesar da composição da tese constituir uma tarefa pessoal que pretende expressar o amadurecimento acadêmico do pesquisador, sua escrita

configura um constante exercício de gerenciamento de informações e de articulação de uma extensa rede de colaboradores, sem os quais tal empreitada inevitavelmente encontraria severas limitações. Com essa ressalva pretendo explicar o uso recorrente da narrativa em sua forma plural, pois a pluralidade marcou também o empenho para a viabilização da pesquisa.

Jamais houve a intenção de compor uma narrativa definitiva ou totalizante, mas sim a socialização de uma nova proposta interpretativa. Como objetivo primordial nutrimos o desejo de que esta pesquisa possa contribuir para o resgate, discussão e aprofundamento do tema.

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A compreensão dos processos históricos regionais perpassa pela apreciação analítica dos fenômenos globais de longa duração, ao mesmo tempo a perspectiva regional enriquece a análise histórica com suas particularidades inerentes ao contexto local e, por vezes, imperceptíveis em outras escalas de interpretação.

Visando assim a contextualização da temática, bem como o entendimento dos fenômenos de longa duração a ela atrelados, busca-se empreender um esforço de revisão bibliográfica acerca dos antecedentes históricos, posteriormente utilizada para fundamentar as apreciações e proposições interpretativas associadas à redução jesuítica de Santa Teresa e seus desdobramentos.

### 1.1 AS COROAS IBÉRICAS E O CONTEXTO DA EXPANSÃO MERCANTILISTA

O emprego de cronologias e terminologias generalizantes faz-se necessário à escrita da história, tal artifício tem como benefício o intercâmbio de informações e o diálogo entre os pesquisadores. Usualmente, as épocas ou períodos são balizados por acontecimentos tomados como marcos históricos que promoveram grandes transformações sociais, políticas, econômicas ou sociais, inaugurando assim uma nova era em nossa trajetória histórica. Estas “rupturas cronológicas” são definidas de forma artificial, logo, não devem ser entendidas como absolutas e consensuais, nem tampouco como acontecimentos repentinos ou de causas imediatas, mas sim deve-se buscar a compreensão de sua conjuntura.

Para a interpretação dos fenômenos históricos que culminaram nas ações de evangelização cristã na bacia do alto Jacuí, a cronologia clássica ocidental nos remete à península ibérica em seus primórdios da Idade Moderna. O século XV representa o início de um período de grandes transformações. A Europa, recém saída da Idade Média, vislumbrava o protagonismo dos exploradores que registraram seus nomes na história das grandes navegações ou “era dos descobrimentos” (século XV ao XVII), um período profundamente marcado pelas explorações marítimas que singraram os mares em direção ao oriente e ocidente.

Apesar do necessário ímpeto aventureiro dos exploradores e marinheiros, as suas motivações são encontradas no conjunto das ações econômicas que caracterizam o Mercantilismo, prática na qual a saúde da economia colonial dependia da intervenção direta do Estado.

As monarquias portuguesa e espanhola, aliadas à classe burguesa mercantil, encabeçaram a adoção de ações como o protecionismo comercial, desenvolvimento de manufaturas e indústrias locais, além do expansionismo territorial motivado pela busca de metais preciosos e matéria-prima. À Lisboa coube o caráter de capital do expansionismo colonial.

Neste mesmo período, os diferentes grupos étnicos indígenas que habitavam o território do atual Rio Grande do Sul, mostravam-se completamente alheios a este processo, pois mantinham um modo de vida diverso dos europeus. Tal característica jamais deve ser entendida como sinônimo de inferioridade cultural ou como um estágio primitivo de desenvolvimento em comparação às sociedades europeias. As noções de propriedade e ocupação do território eram divergentes até mesmo entre grupos indígenas distintos. Mesmo assim a expansão territorial também era uma realidade entre esses grupos.

Grandes migrações iniciadas há mais de dois milênios haviam trazido os povos Tupi-Guarani e Jê para esta região, provenientes respectivamente da Amazônia e dos cerrados do Brasil Central.<sup>20</sup> Possivelmente, nos séculos XV e XVI a manutenção dos territórios conquistados por seus ancestrais apresentava-se como um dos maiores desafios a essas populações. Determinadas

<sup>20</sup> SCHMITZ, Pedro Ignacio (Org.). *As casas subterrâneas de São José do Cerrito*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2014, p. 8.

estratégias de compartilhamento territorial mostravam-se viáveis entre os indígenas, contudo, a chegada dos exploradores europeus alterou profundamente essa dinâmica. Nas cabeceiras do alto Jacuí, as mudanças foram sentidas principalmente a partir das primeiras décadas do século XVII, todavia, as bases dessas mudanças haviam sido traçadas há mais de um século.

O Tratado de Tordesilhas, celebrado em 1498, já disciplinava a posse territorial ultramarina das Coroas ibéricas através do estabelecimento de uma linha imaginária divisória (meridiano de Tordesilhas), visando desta forma o fortalecimento político dos Estados nacionais a partir das práticas mercantilistas.

A exploração comercial do continente Americano não só alicerçou os impérios coloniais de Espanha e Portugal, como também deu início a uma revolução cultural e econômica de impacto global, resultando na circulação de pessoas, produtos, especiarias e matéria-prima em diversas regiões do planeta. Passadas as primeiras explorações nas regiões costeiras, as Coroas ibéricas direcionaram suas atenções para regiões estratégicas como a bacia do rio da Prata.

## 1.2 COLONIALISMO NA AMÉRICA MERIDIONAL

A definição dos limites do Tratado de Tordesilhas sempre alimentou querelas diplomáticas. A localização cartográfica do eixo longitudinal adotado para estabelecer os limites dos impérios coloniais oscilava ao sabor dos interesses das Coroas. Tais indefinições devem-se em parte à baixa precisão dos instrumentos de cálculo e às discrepâncias nas medidas das léguas, resultando numa base cartográfica deficiente. Para os espanhóis o atual território sul-rio-grandense marcava a passagem da linha imaginária e, portanto, o início dos seus domínios meridionais, já os portugueses defendiam uma demarcação mais ocidental, avançando pelas margens do rio da Prata.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. *Fundamentos da incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao espaço português*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia* (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 25.

A frota capitaneada por Martim Afonso de Souza assinala a passagem dos portugueses pela costa sul-brasileira em direção ao rio da Prata, cuja exploração era um dos principais objetivos da expedição. A armada havia partido de Lisboa ao final de 1530, no início de outubro do ano seguinte as embarcações já singravam a costa norte do atual Rio Grande do Sul. Na sequência dos acontecimentos, a nau de Martim Afonso naufragou em uma tempestade no cabo de Santa Maria.<sup>22</sup> Enquanto consertava as demais embarcações, coube a seu irmão, Pero Lopes, o reconhecimento da costa atlântica e do rio da Prata.<sup>23</sup> Realizados os devidos cálculos e medições, Pero Lopes constatou que estava em território espanhol.

Após alguns anos de um certo desinteresse e ausência de políticas de exploração e ocupação da América portuguesa, a expedição de Martim Afonso havia partido de Lisboa com o objetivo de organizar as primeiras ações necessárias ao início efetivo do povoamento e da exploração das riquezas da costa brasileira. Em 1532, após seu regresso da região do Prata, fundou a vila de São Vicente no atual litoral paulista, lançando as bases para as ocupações subsequentes.

Desde então a Coroa portuguesa mostrou uma preocupação crescente em assegurar a sua soberania territorial. A exploração do comércio de pau-brasil pelos franceses - que ignoravam o Tratado de Tordesilhas - era vista como uma ameaça à manutenção territorial. Mesmo a criação de vilas e suas estruturas administrativas não eram suficientes para garantir as suas possessões, havia a necessidade de implementar um regime de colonização para a América portuguesa. As experiências anteriores na ilha da Madeira, Canárias e Açores ofereciam uma retrospectiva positiva, com base nesse histórico, optou-se pela adoção do regime das capitanias hereditárias.

Tal regime baseava-se na concessão de grandes extensões de terra aos chamados capitães donatários. Diante do completo desinteresse da nobreza, os beneficiários foram selecionados entre os burocratas estatais, navegadores e militares de prestígio junto a Coroa. Entre 1534 e 1536 foram criadas quinze capitanias hereditárias concedidas a um total de doze donatários. A atual costa catarinense assinalava os limites meridionais das concessões.

<sup>22</sup> Cercanias de La Paloma, atual território uruguaio.

<sup>23</sup> GOLIN, Tau. *A Fronteira: 1763 - 1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional*. v.3. Passo Fundo: Méritos, 2015, p. 19.

Os donatários não eram proprietários das capitanias. Por isso não poderiam vendê-las, mas somente explorá-las. Em compensação, podiam transmiti-las a seus filhos. Entre seus direitos e atribuições, estavam fundar vilas, doar lotes de terras (as sesmarias, origem dos primeiros latifúndios), nomear ouvidores, tabeliães, escrivães e juízes. Podiam também cobrar impostos sobre tudo o que fosse produzido na capitania, exercer o monopólio sobre salinas e moendas de água, exigir dos colonos a prestação de serviço militar e escravizar índios, entre outros privilégios. Era reservado à metrópole o monopólio do comércio de pau-brasil e de especiarias.<sup>24</sup>

De forma geral, a ameaça externa representada pelos franceses deflagrou a criação das capitanias hereditárias na América portuguesa. Esse evento, por sua vez, teve repercussões geopolíticas na Corte castelhana, que imediatamente percebeu a necessidade de apressar o povoamento do rio da Prata, resultando na fundação de Buenos Aires em 1536.<sup>25</sup>

Não obstante o planejamento prévio, não faltaram obstáculos aos portugueses e espanhóis nas primeiras ações colonizadoras na América meridional. Prosperidade era um verbo raramente conjugado para referenciar a condição das possessões espanholas do Prata ou os territórios correspondentes às capitanias hereditárias.

Das incursões marítimas realizadas ao longo do século XVI resultaram as alcunhas que buscavam sinalizar na cartografia da época a atual barra da Lagoa dos Patos, a saber: “Rio Grande de São Pedro”, “Barra do Rio Grande”, “Rio Grande da Alagoa”, “São Pedro do Rio Grande” ou simplesmente “Rio Grande”, ensejando e referendando assim a futura denominação.<sup>26</sup>

Mesmo com as incipientes ações exploratórias em direção às terras do interior, os europeus não demoraram a compreender a importância estratégica da atual bacia hidrográfica do Guaíba. Numa época em que as vias de circulação terrestre se limitavam às trilhas utilizadas pelos indígenas, qualquer curso hídrico navegável tinha sua importância maximizada pelos exploradores ibéricos. Os indígenas não somente tinham conhecimento desse fato,

<sup>24</sup> SERIACOPI, Gislane., SERIACOPI, Reinaldo. *História: Volume único*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 190.

<sup>25</sup> GOLIN, Tau, op. cit., p. 20.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 24-25.

como possivelmente foram os interlocutores dessa informação. Durante séculos a emaranhada teia de cursos hídricos que drena o solo desde as terras altas do planalto até a porção meridional da planície costeira fora utilizada como rota de migração e deslocamento pelas populações nativas, principalmente pelos Guarani, cujos ancestrais migraram a partir da Amazônia chegando até as barrancas do alto Uruguai, rumando a partir dali para o leste guiando-se pelo curso do rio Ijuí, atingindo na sequência as cabeceiras do Jacuí cujas águas fluem para o sul até a sua inflexão para o leste na região central do hodierno Rio Grande do Sul, permitindo a conexão com o estuário do Guaíba e a Lagoa dos Patos até a sua foz na planície costeira.<sup>27</sup>

A partir do século XVI - mais de um milênio após as migrações indígenas - lusos e castelhanos fizeram o caminho inverso, iniciando a exploração desta rota fluvial e terrestre à montante, partindo da planície costeira em direção às suas nascentes nos interflúvios do planalto meridional.

Os séculos seguintes foram marcados por constantes disputas territoriais de caráter bélico e diplomático entre as Coroas ibéricas. A região costeira entre o rio da Prata e os limites setentrionais da Vila de Laguna concentrava a maior parte destes conflitos. Aos portugueses interessava inicialmente penetrar no território espanhol para militarmente abarcar possessões e, posteriormente, ratificar sua posse por vias burocráticas. Neste contexto o Rio Grande do Sul só adquiriu os contornos territoriais atuais em meados do século XIX.

A sucessão de involvidáveis episódios históricos registrados nas regiões do Rio Grande de São Pedro, nos Campos de Viamão e no Porto dos Casais<sup>28</sup> talvez atue como um elemento limitador à produção historiográfica referente aos processos de ocupação das terras do interior.

A fluidez das fronteiras imperiais aliada à dinâmica das estratégias de formação das identidades nacionais certamente são fatores que corroboram para este “descaso historiográfico”, compondo um panorama onde as terras do interior parecem espreitar ansiosamente o momento oportuno para então desempenhar o seu papel e a partir daí “entrar para a história”.

<sup>27</sup> VICROSKI, Fabricio José Nazzari. *O Alto Jacuí na Pré-História: Subsídios para uma Arqueologia das Fronteiras*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPE, 2011.

<sup>28</sup> Locais que deram origem aos atuais municípios de Rio Grande, Viamão e Porto Alegre.



Nesta perspectiva tais regiões são por vezes assinaladas como “terra de ninguém”, ou, quando muito, uma zona de transição entre os locais efetivamente importantes para a escrita da história. O fato é que as fronteiras do planalto foram palco de frentes de ocupação com métodos de atuação distintos daqueles comumente empregados na região litorânea. Se por um lado a pólvora e a espada abriram caminho para as frentes de expansão principiadas na planície costeira, a partir da bacia do rio Uruguai a oeste, os conquistadores chegaram às matas e campos do planalto empunhando a cruz cristã, fazendo com que essa região se tornasse um centro irradiador de tensões, contatos interétnicos e fissões culturais.

### 1.3 A COMPANHIA DE JESUS: RELIGIÃO E GEOPOLÍTICA

Na Europa do século XVI, as monarquias ibéricas estavam profundamente ligadas à igreja católica romana. A aproximação entre Estado e Igreja foi forjada ao longo da Idade Média, propiciando ao mesmo tempo a ampliação territorial dos impérios coloniais e a expansão do catolicismo. Após singrar o oceano Atlântico, a cruz e a espada desembarcaram juntas em terras americanas.

Com o passar do tempo, a burguesia compreendeu que a influência dos preceitos religiosos no ordenamento político estatal era nociva à adoção de determinadas políticas voltadas ao crescimento econômico e, consequentemente, à manutenção dos seus privilégios.<sup>29</sup> Neste contexto, o secularismo progressivamente começou a ganhar força, ecoando com maior vigor principalmente ao final do século XVIII, quando chegou a ser assumido como uma das principais bandeiras da Revolução Francesa.

Os questionamentos acerca das práticas doutrinárias adotadas pelo catolicismo romano nos primórdios da Idade Moderna exigiam um exercício de reflexão inclusive entre os clérigos. O monopólio do alto clero na interpretação das escrituras bíblicas foi duramente questionado por Martinho Lutero em 1517. As 95 teses formuladas pelo então monge agostiniano pontuavam uma série de propostas consideradas necessárias ao aprimoramento da doutrina católica.

<sup>29</sup> A obtenção do lucro pela burguesia comercial era condenada pela igreja.

As teses estabelecidas por Lutero integram o contexto da Reforma Protestante, movimento de caráter reformista que culminou no surgimento do protestantismo, dividindo assim a Igreja do Ocidente entre duas vertentes, os católicos romanos e os protestantes ou reformados.

A reação da igreja católica veio em seguida com a Contra-Reforma, movimento caracterizado por um conjunto de medidas destinadas a assegurar a sua soberania e deter, ou pelos menos reduzir, a difusão dos questionamentos trazidos pela Reforma Protestante. As propostas acolhidas durante o Concílio de Trento (1545-1563), reverberaram nas coxilhas do alto Jacuí no início do século XVII, assim como nas demais possessões ibéricas. Entre as principais ações destaca-se a criação de novas ordens religiosas e o incentivo à catequização dos povos americanos, além da retomada do Tribunal da Santa Inquisição e a proibição e apreensão de livros contrários aos princípios da igreja católica.<sup>30</sup> Havia a necessidade de uma postura combativa dos sacerdotes, além de uma sólida estrutura disciplinar aliada ao planejamento e abnegação, pois a catequese deveria romper e ampliar as fronteiras coloniais. Deste perfil compartilhavam os padres jesuítas, cuja ordem religiosa foi utilizada como ponta de lança para as ações de evangelização e colonização da América luso-castelhana.

Para salvar o prestígio da igreja católica, integrá-la aos princípios da verdadeira caridade e retornar à pureza da Fé, surge Inácio de Loyola, arvorando a cruz redentora. Com estes generosos predicados, Aurélio Porto<sup>31</sup> descreve o advento do soldado espanhol responsável pela fundação da Companhia de Jesus.

Loyola nasceu em 1491 em Azpeitia, atual País Basco.<sup>32</sup> Enquanto capitão militar, foi ferido na perna durante uma batalha contra os franceses em 1521. Durante o período que passou recuperando-se dos ferimentos, Loyola fez leituras sobre a vida de Cristo e de mártires religiosos que contribuíram para a difusão do cristianismo.<sup>33</sup> Tais publicações o teriam influen-

<sup>30</sup> *Index Librorum Prohibitorum* (Índice de Livros Proibidos publicado em 1559, posteriormente revisto e ampliado, foi abolido somente em 1966).

<sup>31</sup> PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 9. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943, p. 6.

<sup>32</sup> Comunidade autônoma da Espanha.

<sup>33</sup> "Vida de Cristo" e "Florilégio de Santos" teriam sido as publicações lidas por Loyola (PORTO, 1943).

ciado a abdicar de sua carreira militar para dedicar-se integralmente à vida religiosa. Após alguns anos consagrados à formação religiosa, finalmente em 1534 - juntamente com um grupo de consortes que compartilhavam de suas propostas - Loyola organizou a fundação da Companhia de Jesus, reconhecida como ordem religiosa pelo Vaticano em 1540.<sup>34</sup> Em 1549 os primeiros jesuítas portugueses já desembarcavam na costa da Província do Brasil.

Ia-se abrir o Brasil para essa página de sua História que é, em síntese, toda a sua própria história. Toda a vida da colônia, as raízes de sua economia; os princípios de sua cultura moral, espiritual, educacional; a catequese dos índios e a moralização dos costumes dos colonos; as forças de coesão e unidade da raça e da língua - daí decorrem e se expandem. O Jesuíta, honra lhe seja, pela sua tenacidade e feitio moral, pela sua fé inabalável, pela sua abnegação e bravura, como soldado de Cristo, realizou no Brasil a obra mais notável que alicerça seus fundamentos históricos.<sup>35</sup>

Nesse entusiasmo louvor à presença dos jesuítas no Brasil, Aurélio Porto nos serve de exemplo para ilustrar o discurso abonatório presente na corrente historiográfica que busca enaltecer a obra dos jesuítas como elemento aglutinador da unidade nacional. Independentemente da matriz historiográfica empregada, a opinião dos pesquisadores sobre a ação dos jesuítas na América meridional está muito distante de uma unanimidade.

Se por um lado aos jesuítas coloniais atribuí-se o caráter de mártires pioneiros defensores dos indígenas e dos ideais cristãos, sob outro ângulo as aglomerações nos *pueblos misioneros* facilitaram a sanha preadora dos bandeirantes escravistas e a propagação de doenças que dizimaram milhares de indígenas. Ao mesmo tempo as posições libertárias em relação aos indígenas não se repetiam frente aos africanos, cuja escravização era apontada pelos jesuítas como alternativa à mão-de-obra indígena. Obviamente deve-se levar em conta que tudo isto ocorria num contexto histórico em que o escravismo encontrava apoiadores até mesmo entre intelectuais e filósofos.

<sup>34</sup> A aprovação da Ordem foi confirmada através da bula papal *Regimini militantis Ecclesiae*.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 8-9.

A pluralidade interpretativa é saudável, ademais, nos mostra que a ação dos jesuítas não pode ser caracterizada exclusivamente com base nos desígnios da Companhia de Jesus. As peculiaridades cotidianas certamente exigiam dos missionários uma série de renúncias, articulações e mediações morais e culturais, visto que aos indígenas não coube um papel passivo neste processo. A despeito da coesão interna predominante na Ordem, soma-se a este contexto os comportamentos individuais que refletem em certa medida a diversidade de experiências e saberes dos padres, entre os quais encontravam-se engenheiros, arquitetos, juristas, militares, filósofos, artistas e escritores cuja formação e educação alicerçavam suas práticas diárias de evangelização.

Sem dúvida uma abordagem unívoca acerca do papel dos jesuítas na América é uma perspectiva distante, para não dizer impossível. O delineamento de pontos de concordância se apresenta como uma tarefa mais realista. Neste sentido, independente do antagonismo que permeia as interpretações históricas, a maioria das opiniões converge para uma questão central: Sem a atuação dos padres jesuítas, as frentes de colonização ibérica, as sociedades indígenas e o processo de formação dos Estados Nacionais sul-americanos teriam adquirido outros contornos.

Muito mais urgente à pesquisa histórica do que buscar o alinhamento a uma das versões dualistas é o diálogo ou o trânsito entre elas, evitando assim desvencilhar os personagens de seu contexto histórico e, ao mesmo tempo, identificando as causas e consequências de suas ações sem a necessidade de rotulá-las.

Para o historiador Tau Golin “a experiência missioneira representou uma alternativa no interior do mundo colonial aos indígenas”.<sup>36</sup> Tratava-se de um “espaço possível para salvaguardar a liberdade do índio perante o colonizador” como reforça Júlio Quevedo.<sup>37</sup> As inúmeras variáveis possíveis impedem qualquer manifestação assertiva sobre os rumos que seriam tomados na ausência dos missionários. O fato é que ainda hoje vivemos os desdobramentos da ação evangelizadora colonial.

<sup>36</sup> GOLIN, Tau. *Missões jesuíticas do Paraguai: uma sociedade alternativa*. Entrevista concedida à Patricia Fachin. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 350, Ano X. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 30.

<sup>37</sup> SANTOS, J. R. Q. op. cit., p. 106.

No século XVI os jesuítas davam os seus primeiros passos. As terras americanas constituíram ao mesmo tempo uma prova de fogo e um campo de experiências, exigindo não só uma espiritualidade latente, mas também um elevado senso de organização e disciplina. Aliás, hierarquia, obediência e disciplina mostraram-se indispensáveis à estrutura organizacional da Companhia de Jesus. A alcunha de “soldados de Cristo” é frequentemente empregada em referência aos seus missionários. Tal qualificativo se deve à organização de carácter militar da Ordem religiosa, considerado um legado do seu fundador.

Diante da possibilidade de dispersão dos jesuítas pelo mundo, Loyola percebeu a necessidade do aprimoramento institucional a fim de manter a coesão e a unidade entre os “soldados” da Ordem. Redigiu assim as Constituições da Companhia de Jesus, um documento contendo os fundamentos de sua organização disciplinar, adotados a partir de 1554. O documento “se divide em dez partes e, em cada uma delas, notamos sempre os ideais jesuíticos. Dessa maneira, o texto é essencial para a compreensão desses ideais inacianos, além de nos fornecer informações a respeito da própria organização e estruturação da Ordem”.<sup>38</sup>

A fundação da Ordem, seguida pelo seu reconhecimento papal e a estruturação disciplinar lançaram as bases para os soldados de Cristo propagarem o evangelho pelo mundo. A partir daí a projeção e o apoio à Companhia em terras americanas foram assumidas em grande medida pelas coroas ibéricas, marcando profundamente a história colonial hispano-portuguesa.

Ao aceitarem o sistema reducional trazido pelos jesuítas, imediatamente os indígenas sofreram um atrelamento ao Estado Colonial,<sup>39</sup> passando de senhores dos campos, vales e florestas a vassalos do rei, sujeitos assim às políticas coloniais de expansão territorial e comercial. Para além da sua função de emissários da fé católica, mesmo que inadvertidamente, os religiosos desempenharam um papel crucial no processo de ocupação colonial. Conforme destaca Szykalski, as populações nativas (bem como suas habilidades e força de trabalho) constituíam uma das riquezas básicas da Coroa Espanhola no Novo

<sup>38</sup> ARNAUT, César; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. *Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540)*. Revista Acta Scientiarum. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2002, p. 108.

<sup>39</sup> NEUMANN, Eduardo. op. cit., p. 51.

Mundo.<sup>40</sup> Ao desbravar as terras do interior e realizar os primeiros contatos com as populações indígenas, os missionários agiram como embaixadores dos interesses econômicos das coroas ibéricas, abrindo caminho para as frentes de expansão da sociedade colonial luso-brasileira e hispano-americana.

#### 1.4 PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI: CATEQUESE E COLONIALISMO

À Companhia de Jesus coube o protagonismo na frente de evangelização dos indígenas, mas também registrou-se a presença de missionários de outras congregações com forte atuação na América colonial, como franciscanos, carmelitas e beneditinos. A atuação dos missionários inacianos, todavia, mostrou-se mais incisiva e marcante, principalmente nos séculos XVII e XVIII.

Os anos de 1580 e 1640 sinalizam os extremos cronológicos da União das Coroas Ibéricas, período marcado pela coligação dos reinos católicos sob a égide de um único monarca espanhol que exercia a autoridade em ambos os reinos. No entanto, convém salientar que a União Ibérica não representou uma sobreposição irrestrita dos impérios, nem tampouco uma unificação administrativa de seus territórios. Jaime Cortesão afirma que criou-se uma “monarquia dual”, onde os Estados “conservavam seus estatutos, foros e privilégios, próprios e distintivos; seus quadros nacionais de administração, mutuamente impenetráveis; e suas fronteiras geográficas e psicológicas, sempre vivas, quer nas metrópoles, quer na América”.<sup>41</sup>

Neste período os missionários portugueses precederam seus consortes castelhanos na expansão em direção ao território sul-rio-grandense. Várias expedições partiram de Santa Catarina em direção à costa gaúcha, percorrendo praticamente toda a região costeira até os limites meridionais de Rio Grande, porém, suas investidas concentraram-se no litoral norte e encostas do planalto, região onde teriam fundado a aldeia de Caibi. Os missionários portugueses tiveram de enfrentar não só a resistência e desconfiança dos indígenas, como também a pressão dos bandeirantes paulistas e mercadores de

<sup>40</sup> SZYKULSKI, Józef. op. cit., p. 6.

<sup>41</sup> CORTESÃO, Jaime (Org.). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Manuscritos da Coleção De Angelis I. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p. 73.

escravos contrários à cristianização indígena. Diante deste cenário altamente conflituoso, os padres progressivamente regressaram ao Rio de Janeiro e São Paulo levando consigo vários grupos indígenas cristianizados, cuja migração era vista por eles como uma alternativa à escravização.<sup>42</sup>

Os territórios sob a assistência da Companhia de Jesus eram divididos em províncias, cada qual correspondente a um grupo de unidades administrativas distribuídas pela Europa, Ásia, África e América. Longe de instituir qualquer barreira divisória entre as frentes de evangelização, o meridiano de Tordesilhas ainda não passava de uma projeção imaginária deveras marcada pela flexibilidade, uma vez que a deficiência de recursos técnicos limitava as possibilidades de sua demarcação em campo, resultando assim no entrecruzamento das áreas de atuação dos jesuítas ibéricos, divididos entre a Província Jesuítica do Brasil e a *Provincia Jesuítica del Perú*, criadas respectivamente nos anos de 1553 e 1568.<sup>43</sup>

Em 1587 os jesuítas portugueses fundaram a sua primeira missão no Paraguai, implantada efetivamente no ano seguinte. Nesse mesmo ano o Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Cláudio Aquaviva, determinou a sua incorporação aos domínios da Província Jesuítica do Peru, passando então a abarcar todas as subseqüentes missões do Paraguai. Para Cortesão, a ação de Aquaviva teria sido um ato de obediência ao rei espanhol Felipe II, então monarca da União Ibérica, “sempre suspeito da interferência de portugueses nas províncias americanas da Coroa espanhola”.<sup>44</sup> De fato nesta região a colonização espanhola destacava-se frente aos portugueses.

Visando o aperfeiçoamento da organização administrativa e a adoção de estratégias efetivas de ocupação territorial, em 1607 foi criada a *Provincia Jesuítica del Paraguay*, com sede na cidade de Córdoba. Basicamente a província centrava-se na bacia do rio da Prata e regiões adjacentes (Figura 2), abrangendo em seus primórdios partes dos atuais territórios do Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile e Bolívia, além de porções dos Estados brasileiros do Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

<sup>42</sup> FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *Jesuítas portugueses nos séculos XVII e XVIII*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia* (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 85-101.

<sup>43</sup> BARCELOS, A. H. F. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Animal, 2013, p. 128.

<sup>44</sup> CORTESÃO, Jaime, op. cit., 1951, p. 77.

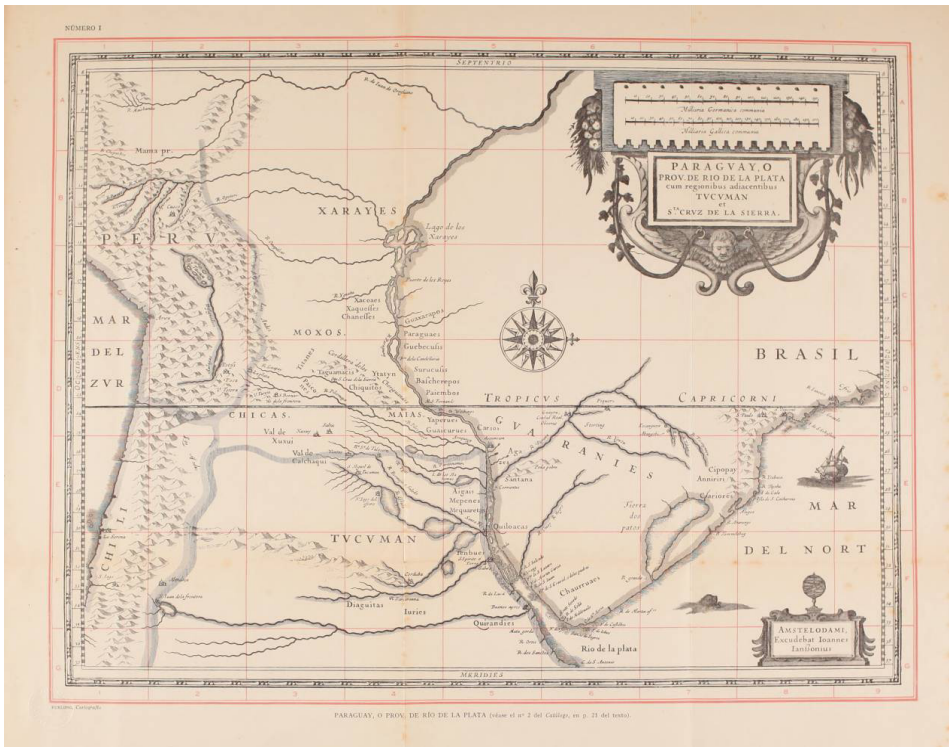


FIGURA 2.

Mapa do Paraguai e da bacia do rio da Prata elaborado pelo cartógrafo holandês Willem Blaeu (1571-1638) na primeira metade do século XVII.

FONTE:

FURLONG, 1936, p. 1.

Conforme Ernesto Maeder, a partir de 1609 os jesuítas iniciaram seus trabalhos de evangelização simultaneamente em várias zonas distantes entre si, iniciando pelo Paraná médio (1609-1622) e ao mesmo tempo pelas regiões do Guairá e vale do Paranapanema (1610-1630), passando em seguida para os rios Aca-ray e Iguazu (1624-1626), prosseguindo até a região do Itatim no Alto Paraguai (1632). A expansão seguiu para o sul e sudeste em direção às bacias dos rios Uruguai e Jacuí, na zona do Tape (1626-1638). Desta forma, entre os anos de 1610 e 1640 fundaram-se dezenas de reduções em seis diferentes zonas da Província do Paraguai.<sup>45</sup>

Este projeto de evangelização foi amplamente apoiado e estimulado pelas autoridades imperiais. Hernandarias de Saavedra, então Governador

<sup>45</sup> MAEDER, Ernesto. *De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. Configuración y disolución de una región histórica: 1610-1810*. In: GADELHA, Regina. *Missões guaranis: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo: Educ, 1999, p. 115.



do Paraguai, foi quem sugeriu ao rei Felipe II estimular a colonização deste território através da criação de povoados indígenas submetidos à fé católica pelos jesuítas. Com isso pretendia ao mesmo tempo deter o avanço dos portugueses em direção às minas de Potosí, além de criar uma rota até o Atlântico para o escoamento da prata. A extensa população Guarani e sua vasta amplitude territorial deveriam atuar em benefício da Coroa espanhola.<sup>46</sup>

Neste sentido, houve um constante avanço territorial das Missões na direção leste. A rota fluvial do rio Jacuí amplamente utilizada pelas populações pré-coloniais, serviria da mesma forma aos colonizadores europeus que desejavam atingir a região costeira banhada pelo oceano Atlântico. Aliás, os portugueses já faziam o caminho inverso, navegando pela lagoa dos Patos chegavam até o rio Jacuí em busca de mão-de-obra escrava. Conforme relato conferido ao padre Roque González, “entravam os portugueses em navios pequenos, ficando os grandes em alto mar, a resgatar com os índios”.<sup>47</sup>

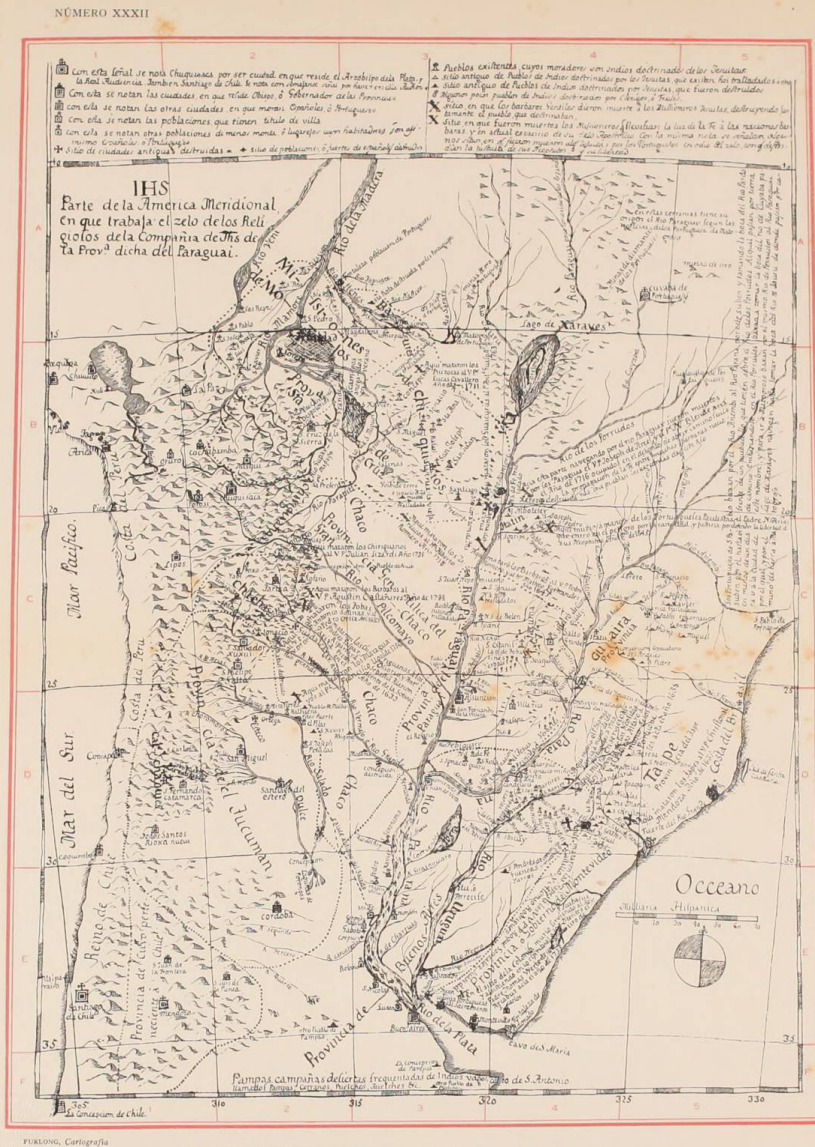
Ao longo dos séculos XVII e XVIII os povoados missioneiros e suas estruturas de apoio (estâncias de gado, ervais, roças, capelas, olarias, estradas, trilhas, quintas, etc.) multiplicaram-se pela bacia do Prata e regiões adjacentes (Figura 3, na página seguinte), lançando assim as bases para muitas vilas, cidades e estradas que floresceram nos séculos seguintes.

Na medida em que os povoados se desenvolviam, igualmente despertavam a cobiça das bandeiras escravistas. A partir de 1618 “os bandeirantes declararam guerra aos jesuítas do Guairá”. Em 1628 os indígenas reduzidos formavam uma população de quase 30 mil pessoas, dos quais cerca de 20 mil foram aprisionados durante as incursões dos bandeirantes. Diante deste contexto, os jesuítas e indígenas sobreviventes transmigraram para o Sul, onde florescia novas reduções nas bacias dos rios Paraná e Uruguai. Os povoados situados na margem esquerda do rio Uruguai, nas bacias dos rios Ijuí, Ibicuí, Jacuí e no Planalto Central do atual Rio Grande do Sul, foram denominados de “reduções do Tape”.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> SPOSITO, Fernanda. *Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai / Rio da Prata, séculos XVI e XVII)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2012.

<sup>47</sup> PORTO, Aurélio, p. cit., 1943, p. 50.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 108.



**FIGURA 3.**  
Mapa do século XVIII atribuído à José Cardiel destacando as regiões de atuação dos padres jesuítas na América meridional.

**Fonte:**  
FURLONG, 1936, p. 41.

## 1.5 PROVÍNCIA DO TAPE

A fundação da redução de São Nicolau (*San Nicolás del Piratini*) pelo padre Roque González de Santa Cruz nas margens do rio Piratini no ano de 1626 inaugurou de fato o projeto de catequização no atual território do Rio Grande do Sul.

Nicolás del Techo destacou as dificuldades enfrentadas pelas missões de reconhecimento do rio Uruguai. Desde o século XVI os ataques indígenas frustravam as incursões das tropas espanholas, o caminho só foi aberto no século XVII pelos soldados de Cristo. “*La cruz habia de conseguir lo que no pudieron las armas; el P. Roque González fué quien preparó el camino para la conquista de aquella región*”.<sup>49</sup>

Em 1617 foi criada a *Gobernación del Río de la Plata*, uma divisão administrativa do império espanhol sediada em Buenos Aires. Em 1619 o padre provincial Diego de Boroa designou Roque González para liderar as ações de evangelização na bacia do rio Uruguai, fundando no mesmo ano a redução de Conceição (*La Concepción*), em atual território Argentino. Durante os anos que se seguiram, Roque González empenhou-se em explorar a banda oriental do rio Uruguai, todavia, entre os indígenas imperava a desconfiança, o jesuíta era visto como um emissário dos espanhóis que sob o pretexto da religião cristã os levaria à servidão.<sup>50</sup> Ao mesmo tempo os *xamãs* contrários às mudanças culturais e receosos em perder suas posições de prestígio, instigavam constantemente a ofensiva aos inacianos.<sup>51</sup>

Em 1626 Roque González fundou a redução de Japejú (*Nuestra Señora de los Santos Reyes Magos de Yapeyú*), situada na margem direita do rio Uruguai. Em sua margem oposta, situava-se a foz do rio Ibicuí, cuja via fluvial serviu como rota de penetração na banda oriental do rio Uruguai, chegando ao território sob o domínio do cacique Tabacan, onde erigiu uma capela e fundou a redução de Candelária. Uma breve descrição dessa empreitada nos é oferecida por Aurélio Porto:

<sup>49</sup> TECHO, Nicolas del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del testo latino por Manuel Serrano y Sans. Tomo Tercero. Asunción: Madrid Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897, p. 53.

<sup>50</sup> Idem, p. 61.

<sup>51</sup> FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993, p. 26.

Atravessou o padre Roque este rio [Uruguai], nas alturas da confluência do rio Ibicuí, onde não encontrou povoação nenhuma de índios quer numa quer noutra margem. E, por este rio, em uma canoa, penetrou 50 léguas e, só depois desse percurso, chegou à primeira aldeia do cacique Tabacan, um dos companheiros na entrada que fazia. Bem recebido, ganhou logo a afeição dos selvagens, a quem distribuiu as missangas que trazia. E foi aí que ergueu, em terras do Rio Grande, a primeira cruz, que os próprios índios ajudaram a fazer e plantar, como símbolo da primeira aldeia cristã que se erigia. Uma capela tosca, feita de pau a pique e coberta de palha, recebeu no seu altar a imagem de Maria Santíssima, sob a invocação de N. S. de Candelária e, em breve, o padre dizia a primeira missa que se rezou na terra missioneira.<sup>52</sup>

Rego Monteiro<sup>53</sup> aponta a redução de Candelária, na bacia do Ibicuí, como “o mais antigo centro de catequese” em terras gaúchas. Todavia, sua duração foi efêmera, após o retorno de Roque González à Japejú e a dispersão de Tabacan e seus seguidores, o local foi rapidamente atacado e destruído por grupos inimigos. A redução foi posteriormente refundada na região situada entre os rios Ijuí e Piratini, recebendo também a denominação de Caaçapamini.

O governador da província do rio da Prata, dom Francisco de Céspedes,<sup>54</sup> temia o avanço dos portugueses sobre os seus domínios, visando detê-los, em 1626 concedeu à Companhia de Jesus o direito à redução dos índios do Tape<sup>55</sup>. Neste mesmo ano, após a sua frustrada entrada pelo rio Ibicuí, Roque González lançou-se novamente para a margem direita do rio Uruguai. Contando com o apoio de lideranças indígenas da região do Tape e da bacia do médio curso do rio Uruguai, sobretudo o cacique Nheenguirú, singrou as águas do Uruguai à montante, chegando até a foz do rio Piratini, em cuja re-

<sup>52</sup> PORTO, Aurélio. op. cit., 1943, p. 48-49.

<sup>53</sup> MONTEIRO, Jonatas da Costa Rego. *As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul: 1626-1638*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ano XIX. Porto Alegre: IHGRS, 1939, p. 16.

<sup>54</sup> Conforme Nicolás del Techo (Idem, 1897, p. 221), o governador da província do rio da Prata, dom Francisco de Céspedes, visando conquistar o afeto do rei Católico e aumentar o prestígio de sua família, teria solicitado ao padre Roque González que abrisse um caminho de Buenos Aires até a redução de Conceição. Desenganado em promover tal intento através da força das armas, decidiu confiar a missão aos jesuítas, cuja expedição seria custeada pelo erário público.

<sup>55</sup> SANTOS, J. R. Q. op. cit., p. 110.

gião fundou a redução de São Nicolau, o primeiro povoamento estável de um conjunto de dezoito reduções fundadas nas décadas de 1620 e 1630, a saber:

- **Candelária do Ibicuí** (*Nuestra Señora de la Candelaria del Ibicuy*);
- **São Nicolau** (*San Nicolás del Piratini*);
- **São Francisco Xavier** (*San Francisco Xavier delYaguaritès*);
- **Nossa Senhora da Assunção** (*Nuestra Señora de la Asunción del Ijuhy*);
- **Candelária do Piratini ou do Caaçapá** (*Nuestra Señora de la Candelaria del Piratiní o del Caazapá*);
- **Todos os Santos** (*Todos los Santos del Caaró*);
- **Apóstolos São Pedro e São Paulo** (*Apóstoles San Pedro y San Pablo*);
- **São Carlos** (*San Carlos del Caapy*);
- **São Tomé** (*San Tome*);
- **São José** (*San Joseph delYtaguatiá*);
- **São Miguel** (*San Miguel Arcanjo*);
- **Santa Teresa** (*Santa Teresa delYbitiru o del Curiti*);
- **Natividade** (*Nuestra Señora de La Natividad*);
- **São Joaquim** (*San Joaquín ou Joachim*);
- **Santana** (*Santa Ana*);
- **Jesus Maria** (*Jesús Maria delYbiticarai*);
- **São Cristóvão** (*San Cristóbal*);
- **São Cosme e São Damião** (*San Cosme y San Damián*).

Algumas reduções tiveram mais de uma localização devido à necessidade de transferência para locais com condições mais propícias ou estratégicas. O mesmo ocorreu com as denominações dos povoados, uma vez que era comum agregar ao nome da redução uma referência toponímica ou étnica, como Curiti, Ibicuí, Ytaguatiá, Ybiticarai, Caapy, Yaguaritès, entre outras. Na

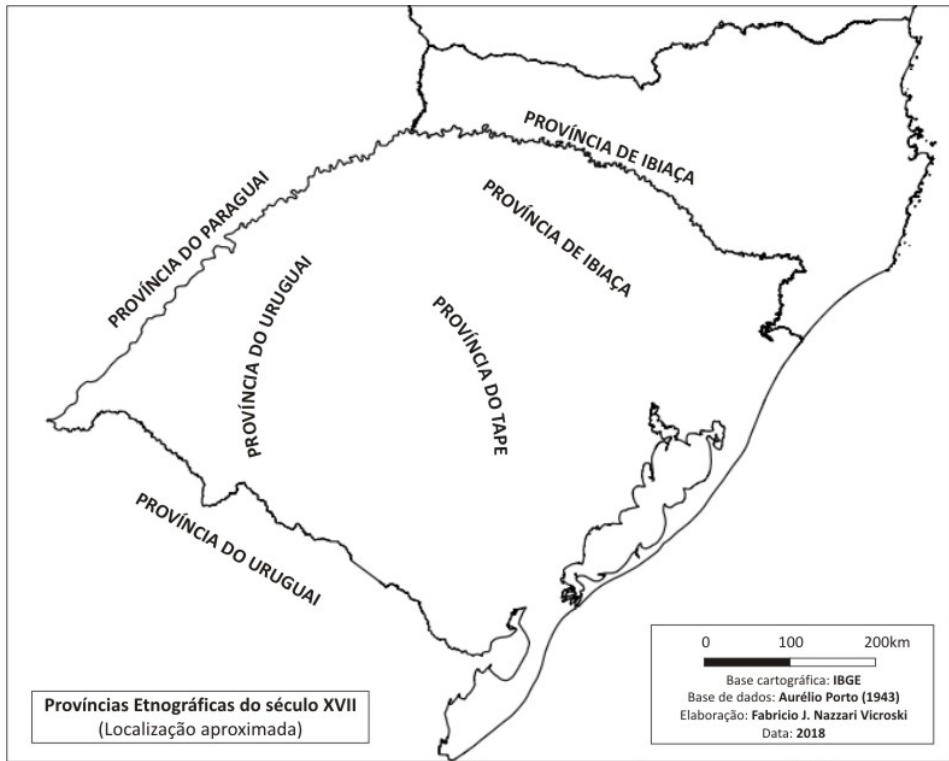
documentação do período, assim como na historiografia missioneira, a utilização dos nomes indígenas ou de suas respectivas traduções também oscila ao sabor do redator. O mesmo ocorre com as grafias dos nomes indígenas. O resultado deste contexto é uma multiplicidade de denominações, localizações e datas de fundação atribuídas às dezoito reduções desse período.

As nomeações e delimitações fluídas igualmente perpassam os limites territoriais da Província do Tape. Para Aurélio Porto, no período histórico em questão, o atual território do Rio Grande do Sul abarcava três distintas províncias etnográficas, habitadas por diferentes grupos indígenas e suas respectivas parciaisidades.

Confinavam dentro do atual território riograndense, tripartindo-o, as províncias abraçadas pelo rio Uruguai, cujos designativos, desde os primeiros passos da penetração espanhola, ornaram os títulos dos adelantados e governadores do Prata: *Uruguai*, *Tape* e *Ibiaça*. Serviam essas designações para assinalar regiões distintas, já perfeitamente delimitadas, quer por acidentes geográficos, quer pela existência de uma nação aborígine, a *Tape*, metida entre a primeira e a última como uma grande cunha territorial.<sup>56</sup>

A região do Tape estaria centrada nas porções central e noroeste do hodierno Rio Grande do Sul, entre a serra do mar e geral, tendo como centro irradiador a bacia do rio Jacuí, em cujas cabeceiras defrontava-se com a província de Ibiaça. A bacia do médio curso do rio Uruguai (rios Ijuí, Piratini, Ibicuí) corresponderia à província do Uruguai (Figura 4). Mesmo que de forma genérica, tais delimitações etnográficas foram consideradas pelos missionários e pelas autoridades coloniais, sendo frequentemente referenciadas nas documentações do período.

<sup>56</sup> PORTO, Aurélio. p. cit., 1943, p. 26.



Uruguai e Tape seriam sub-províncias vinculadas à Província Jesuítica do Paraguai. Logo, as primeiras reduções fundadas na banda oriental do rio Uruguai estariam nos domínios da província homônima. Paulatinamente os jesuítas avançaram sobre a região do Tape. Com o passar do tempo a denominação da Província do Tape generalizou-se, passando a corresponder à totalidade do território do Rio Grande do Sul.<sup>57</sup>

Nesta conjuntura de expansão, alianças e conquista do Tape pelos missionários jesuítas, foi fundada em 1632 a redução de Santa Teresa, junto às cabeceiras do rio Jacuí, uma zona de fronteira étnico-cultural.

**FIGURA 4.**  
Mapa das províncias etnográficas do território do Rio Grande do Sul.

**FONTE:**  
Adaptado de Aurélio Porto, 1943, p. 42.

<sup>57</sup> FREITAS DA SILVA, André Luis. *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFDG, 2011, p. 134.

## ESTUDOS MISSIONEIROs:

### *perspectiva histórica e arqueológica*

A produção de conhecimento é resultado de um processo coletivo e cumulativo de dilatação e revisão do saber. A pesquisa histórica só adquire sentido quando elucidamos aspectos ou comportamentos sociais parcialmente esclarecidos ou até então ignorados pela sociedade. A contribuição também ocorre quando agregamos novos dados e interpretações ao conhecimento já disponível.

Qualquer aporte nesse sentido tem como ponto de partida a apropriação do saber coletivo. A partir da apreensão e compreensão da temática podemos exercitar a sua problematização, evidenciando suas limitações e possibilidades de pesquisa. Mediante o acesso às novas fontes ou à aplicação de abordagens e procedimentos metodológicos variados, podemos agregar novos conhecimentos ao saber coletivo.

Face ao exposto, através deste capítulo pretende-se realizar uma breve apreciação acerca dos estudos missioneiros, destacando em especial as perspectivas histórica e arqueológica a fim de situar a temática em relação ao conhecimento produzido, além de apontar as contribuições possíveis no âmbito da presente pesquisa.

### 2.1 HISTORIOGRAFIA MISSIONEIRA

A produção bibliográfica acerca da presença da Companhia de Jesus na bacia do Prata<sup>58</sup> é extremamente vasta e diversificada. Longe de ser uma temática de interesse restrito aos pesquisadores da região em questão, ela atrai

---

<sup>58</sup> A bacia Platina ou bacia do rio da Prata é uma das mais importantes redes hidrográficas da América meridional. Sua abrangência compreende partes da Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.



uma diversidade de olhares e atenções marcadas pela multiplicidade de abordagens, talvez comparável à diversidade de experiências e situações recorrentes entre os indígenas e jesuítas no cotidiano dos antigos *pueblos misioneros*.

Cabe lembrar que num primeiro momento o encontro dos diferentes atores da experiência missional promoveu o rompimento da ordem social vigente, onde grupos étnicos e culturais absolutamente distintos, separados não somente por milhares de quilômetros, mas também por dezenas de séculos de trajetórias históricas singulares, passaram quase que instantaneamente a dividir o mesmo espaço, suscitando experiências que talvez só encontrem paralelos em lapsos no espaço-tempo vislumbrados e teorizados no campo da física quântica. Foi um encontro de culturas permeado pelo reconhecimento do “outro” e pelas relações de alteridade.

Talvez a curiosidade exalada por esse contexto histórico inusitado, seja a amálgama que envolve uma considerável gama de pesquisadores em torno do tema, imprimindo-lhe um caráter multidisciplinar. Afora a notória bibliografia histórica, destacam-se abordagens de cunho sociológico, antropológico, etnográfico, cartográfico, arqueológico, iconográfico, geográfico, arquitetônico, linguístico, filosófico, entre tantas outras possibilidades interpretativas que, em maior ou menor escala, resultam em contribuições que ampliam constantemente o nosso conhecimento.

Nesse cenário sobressaem-se iniciativas voltadas a congregar pesquisadores com o intuito de compor uma sistematização crítica das informações. Serve-nos como exemplo os Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros, eventos realizados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco de Santa Rosa (FFCLDB), no Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1975 e 1995, totalizando onze encontros que renderam a publicação de seus respectivos anais, constituindo um importante aporte científico onde foram reveladas fontes existentes em arquivos, bibliotecas e institutos de pesquisa. Os simpósios também marcaram a integração efetiva da arqueologia missioneira à discussão acadêmica.<sup>59</sup>

Além das produções bibliográficas e dos esforços das pesquisas acadêmi-

<sup>59</sup> SCHALLENBERGER, E. *Estudos Missioneiros: temas e abordagens*. In: XI Jornadas Internacionais sobre as Missões jesuíticas, 2006, Porto Alegre. Jesuítas e missões: entre novos e velhos mundos. Porto Alegre: PUCRS, v. 1. 2006, p. 46.

cas, os estudos missionários dispõem de uma vasta documentação primária produzida pelos próprios jesuítas no âmbito organizacional e disciplinar da Companhia de Jesus, a exemplo das Cartas Anuais e da produção literária do sacerdote Antonio Ruiz de Montoya, imprescindíveis para a compreensão do cotidiano nas missões e dos desafios enfrentados pelos jesuítas, indígenas e autoridades coloniais.

A fim de manter a coerência interpretativa e compor a base argumentativa necessária ao desenvolvimento desta pesquisa, a revisão bibliográfica ora apresentada centraliza suas atenções essencialmente na literatura cujo viés contribui para elucidar os antecedentes históricos e suas consequências imediatas, revisando as referências clássicas, mas sem ignorar as contribuições recentes, compondo desta forma um panorama sobre o conhecimento já construído, além de apontar, na medida do possível, suas lacunas e possibilidades investigativas. A abordagem é pautada pela identificação dos pontos convergentes e divergentes, bem como pelo destaque à concepção historiográfica predominante nos estudos missionários.

A produção historiográfica, seja ela diletante ou acadêmica, exige dos seus artífices o comprometimento com um determinado viés interpretativo. Este, por sua vez, representará em maior escala uma das parcialidades envolvidas com a perpetuação da memória historicizada. A despeito da imparcialidade e independência intelectual frequentemente pretendida pelos pesquisadores, em algum momento as produções serão enquadradas em determinadas matrizes interpretativas. Esse posicionamento pode ocorrer de forma inconsciente, sendo assumido ou evidenciado pelos rumos da pesquisa, no entanto, na maioria das vezes ele se apresenta de forma conscienciosa.

No tocante à historiografia missionária, convém destacar dois eixos ou correntes que marcaram profundamente a escrita da história, a saber:

- Matriz platina;
- Matriz lusitana.

Tais categorias de análise são amplamente abordadas por Ieda Gutfreind.<sup>60</sup> A matriz platina é caracterizada pela integração da história sul-rio-

<sup>60</sup> GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: EDUEFRGS, 1998.

-grandense à conjuntura da ocupação espanhola da bacia do Prata. Por sua vez, a matriz lusitana busca romper a influência platina, ou melhor, limitá-la, proclamando assim o Rio Grande do Sul como uma fronteira luso-brasileira que se opunha à dominação castelhana. Ambas as perspectivas acabam por orbitar em torno do conceito de fronteira, por um lado compreendida e enaltecida como um elemento aglutinador de integração e aproximação da sociedade rio-grandense com o contexto platino, por outro, reforçada como uma barreira que impede qualquer esforço de rompimento da relação desse território com unidade nacional luso-brasileira.

Dentre os principais expoentes da matriz platina Gutfreind destaca Alfredo Varella, João Pinto da Silva, Manoelito de Ornellas e Rubens de Barcellos. Por sua vez, como autores vinculados à matriz lusitana destaca Aurélio Porto, Arthur Ferreira Filho, Félix Contreiras Rodrigues, General João Borges Fortes, Guilhermino César, Jorge Salis Goulart, Moysés Vellinho, Othelo Rosa, Souza Docca e Walter Spalding.

É inegável o cunho político de ambas as interpretações. Ademais, o próprio fortalecimento dessas categorias analíticas por vezes decorre da necessidade de oficializar uma determinada narrativa histórica. Segundo Flores,<sup>61</sup> a abordagem lusitana foi fortalecida na primeira metade do século XX pela fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e pela criação da Revista do Globo, publicação que surgiu “na esteira do contexto político que levaria à Revolução de 1930, e posicionou-se com uma abordagem que enaltecia o regionalismo”. Destaca-se o mesmo aspecto na obra de Aurélio Porto intitulada *História das Missões Orientais do Uruguai*, consagrada como importante referência por congregar a análise de uma vasta documentação primária, publicação integrante de uma coletânea promovida pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937. “A necessidade de uma “história oficial das missões” surge no momento de institucionalização de políticas federais de preservação do Patrimônio Histórico no Brasil, no contexto do Estado Novo”.<sup>62</sup>

<sup>61</sup> FLORES, Mariana Flores da Cinha Thompson. *Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 68;71.

<sup>62</sup> FOCKING, Gabriel de Freitas. *A História das Missões Orientais do Uruguai e a memória nacional*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013, p. 1.

Segundo Ieda Gutfreind,<sup>63</sup> nesta disputa ideológica a matriz lusitana sagrou-se vencedora. Neste cenário historiográfico hegemônico até a década de 1970, as Missões Orientais revestiam-se de um caráter secundário, cuja tímida influência se restringia aos séculos XVII e XVIII, posteriormente superada pela anunciada supremacia política, cultural e militar lusitana. A história oficial tem como marco inicial da ocupação formal portuguesa a fundação do presídio e Forte de Jesus-Maria-José em Rio Grande de São Pedro<sup>64</sup> no ano de 1737, local situado na foz da Lagoa dos Patos.

O século XVII é de fundamental importância para a compreensão dos processos de formação social, cultural e política do Rio Grande do Sul. Ele congrega a primeira fase das reduções jesuíticas, bem como o avanço da frente de expansão bandeirante, o reconhecimento territorial e a produção cartográfica, a preta e êxodo de dezenas de milhares de indígenas, a introdução do gado vacum, a exploração comercial da erva-mate, tensões geopolíticas, além de uma série de implicações resultantes desses acontecimentos com reflexos na sociedade contemporânea. Frente à hegemonia da matriz lusitana, tais episódios são frequentemente retratados como um “passado anterior à história oficial”, e, portanto, de importância secundária, um período encarado como obscuro, distante e inacessível.

Diferentemente da saga dos Sete Povos que nos legou vestígios materiais suntuosamente representados pelos remanescentes arquitetônicos dos povoados missioneiros, a invisibilidade da cultura material dos primórdios da ação jesuítica no século XVII também contribuiu para atenuar a sua importância histórica.

Moyses Vellinho<sup>65</sup> foi um aguerrido defensor do século XVIII como ponto de partida da cronologia de formação histórica do Rio Grande do Sul. Chancelado por intelectuais como Guilhermino Cesar e Othelo Rosa, difundiu a pretendida superioridade do gaúcho brasileiro em relação à sua versão platina. Utilizando-se do preconceito racial argumentou a favor da escravização e etnocídio indígenas. Através do culto a personalidades com

<sup>63</sup> GUTFREIND, IEDA, op. cit., p. 195.

<sup>64</sup> Atual cidade de Rio Grande-RS.

<sup>65</sup> VELLINHO, Moysés. *O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. Fundamentos da cultura rio-grandense*. V.2. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957.

posturas nacionalistas buscou fortalecer o discurso histórico luso-brasileiro. Em consonância com Othelo Rosa,<sup>66</sup> buscaram desqualificar qualquer aporte indígena – seja ele cultural ou genético – à formação do povo rio-grandense. Ao mesmo tempo em que não se atribuía ao índio missioneiro qualquer parcela de contribuição sociocultural, reforçava-se o papel decadente do sangue indígena na formação do gaúcho castelhano. Para Carlos Dante de Moraes, “o material humano de que dispunham os jesuítas, na antiga Província do Paraguai, era extremamente frágil e inconsistente”.<sup>67</sup> Acrescenta ainda que sem a vigilância e açoites dos padres, restaria aos indígenas andarem nus e famintos, já que não possuíam qualquer aptidão para prover seu sustento, nem tampouco aptidões de governo ou administração face à sua conduta permeada de infantilidade.<sup>68</sup> A difusão dessa percepção etnocêntrica continua arraigada à sociedade sul-rio-grandense, por vezes evidenciada nos atuais embates fundiários entre indígenas e proprietários rurais, desvelando episódios de desprezo pela cultura nativa e retomando o discurso de conquista territorial análogo à matriz historiográfica lusitana.

Para Luiz Henrique Torres,<sup>69</sup> as recorrentes – e notavelmente atuais – discussões acerca da integração/autonomia do Rio Grande do Sul frente ao restante do Brasil, não cedem espaço para a incorporação historiográfica da experiência histórica missioneira, notoriamente marcada pelo seu caráter espanhol-platino.

Constata-se que o paradigma historiográfico tradicional persistiu na historiografia riograndense no período 1960-75. A tendência historiográfica luso-brasileira canalizou a argumentação sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul, insistindo na exclusão do processo histórico missioneiro e remetendo-o aos interesses de orientação espanhola. A ausência de um discurso sistemático e amplo, explicitando sentidos possíveis para a prática historiográfica missioneira, contribui para a supremacia dos enfoques de Moy-

<sup>66</sup> ROSA, Othelo. *Formação do Rio Grande: fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Filosofia, 1957.

<sup>67</sup> MORAES, Carlos Dante de. *Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense*. Coleção Província. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo: Editora Globo, 1959, p. 27-28.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>69</sup> TORRES, Luiz Henrique. *Antagonismo e Historiografia: Análise de alguns enfoques da obra de Moysés Vellinho*. S/d.

sés Vellinho e Guilhermino Cesar. Ou seja, a falta de uma postura de construção de um discurso missioneiro inserido na história do Rio Grande do Sul e um ataque, fundamentado na ciência histórica, das representações presentes na tendência luso-brasileira, possibilitaram a sobrevivência daquela interpretação.<sup>70</sup>

O prejuízo historiográfico desse discurso não se limita ao sufocamento da vertente platina, ignora-se concomitantemente os primórdios da ocupação luso-brasileira deste território. Após a tomada da redução de Santa Teresa, os bandeirantes fundaram ali um fortim que por mais de três décadas serviu como base de apoio às suas incursões. Apesar de incipiente e informal, isto é, sem a chancela oficial das autoridades coloniais, tal entreposto constituiu-se na primeira ocupação luso-brasileira de caráter estável do atual território do Rio Grande do Sul, estabelecida, portanto, praticamente um século antes da ocupação formal e oficial. Mesmo Walter Spanding com o intento de evidenciar os primórdios dos redutos luso-brasileiros no Rio Grande do Sul, limita-se a avultar a ancestralidade das sesmarias dos Campos de Viamão concedidas no segundo quartel do século XVIII.<sup>71</sup> Em momento pertinente tal assunto será retomado e aprofundado nas páginas subsequentes.

Também convém destacar algumas limitações que se impunham à escrita da história até meados do século XX. A renovação historiográfica disseminada pela Escola dos Annales ainda não havia encontrado o seu espaço na produção regional. O acesso às fontes documentais produzidas pelos jesuítas e autoridades coloniais era ainda restrito. Por sua vez, a arqueologia acadêmica ensejava os seus primeiros passos. Somente no último quartel do século XX a arqueologia missioneira se firmou como temática recorrente.

Outrossim, a despeito das categorias de análise propostas por Gutfreind, Mariana Flores atenta para algumas limitações dessa abordagem, como a simplificação dos debates teóricos e a presença de pontos de inflexão que ocorreram entre as décadas de 1920 a 1970, como a influência da “geração católica na produção intelectual rio-grandense até os anos 1930”.<sup>72</sup> Ao mesmo tempo desvela os períodos posteriores, como a predominância da influência

<sup>70</sup> Ibidem, p. 7-8.

<sup>71</sup> SPALDING, Walter. *Gênese do Brasil sul*. Porto Alegre: Sulina, 1953.

<sup>72</sup> FLORES, Mariana Flores da Cinha Thompson, op. cit., p. 70-71.

marxista na década de 1980 e a superação das perspectivas político-militares na década seguinte, cedendo espaço para a aproximação do conceito de “fronteira como um espaço de integração”, permitindo assim a dilatação da perspectiva histórica das Missões Orientais e do espaço platino como elementos ativos na formação da sociedade rio-grandense.<sup>73</sup>

No tocante ao enfoque voltado ao protagonismo da Companhia de Jesus, de forma geral ele surge em duas frentes, uma delas representada pela produção historiográfica desenvolvida pelos padres jesuítas, e outra caracterizada pelos intelectuais comprometidos com a escrita da História das Missões sob o prisma de uma obra civilizatória e evangelizadora que superava os vínculos com a Coroa espanhola. O ponto em comum culmina na exaltação da “civilização jesuítica”. Essa tendência historiográfica jesuítico-missioneira era predominante até o século XIX, contudo, também marcou presença dentre as matrizes platina e lusitana ao longo do século XX.

As Missões eram abordadas como “Império Teocrático”, “Teocracia Jesuítica” ou “República Jesuítica”, num constante apelo a uma autonomia dos povoados, demonstrando o pouco conhecimento das modalidades administrativas espanholas e uma não-preocupação com a inserção deste assunto num contexto mais amplo, como o das relações ibéricas no período.<sup>74</sup>

Dentre os expoentes dessa abordagem pode-se destacar João Pedro Gay, Hemetério Velloso da Silveira, Carlos Teschauer, Aurélio Porto, Luiz Gonzaga Jaeger, Arthur Rabuske, José Hansel e Arnaldo Bruxel.

A narrativa construída pelo padre jesuíta Carlos Teschauer consolida essa abordagem. Em sua obra *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*<sup>75</sup> o autor manifesta a sua preocupação com a imparcialidade e o seu comprometimento com a verdade objetiva desvelada através dos documentos históricos. Entretanto, como destaca Torres, a despeito de sua almejada

<sup>73</sup> Ibidem, p. 72.

<sup>74</sup> TORRES, Luiz Henrique. *Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das Missões Jesuítico-Guarani na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: PUCRS, 1997, p. 159.

<sup>75</sup> TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre: Selbach, v.1, 1918; v. 2, 1919; v. 3, 1921.

imparcialidade, “a seleção dos documentos e a definição dos personagens é feita em referência ao enaltecimento da obra missionária”.<sup>76</sup>

Em seu estudo sobre *As primitivas Reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul*, o também jesuíta Luiz Gonzaga Jaeger fortalece esse discurso ao enaltecer o papel preponderante dos destemidos “bandeirantes de Cristo”, em referência aos padres Roque González, Cristóvam de Mendoza, Antonio Ruiz de Montoya, Pedro Romero e o fundador da redução de Santa Teresa, padre Francisco Ximenez. Em sua tarefa de “civilizar nossos guaranis e tapes”, empenharam-se em “fazer de animais verdadeiros homens, de feras legítimos cordeiros, e de bárbaros, submersos no lamaçal de hediondos vícios, cristãos modelares”.<sup>77</sup>

Ao enaltecer a ação civilizadora sob a égide inaciana, a perspectiva jesuítico-missioneira não oferece qualquer possibilidade de protagonismo indígena, outrossim, lhe é renegado inclusive um papel secundário, restando-lhe pouco além da passividade e urgente necessidade de assimilação dos princípios civilizadores europeus, ocidentais e cristãos. Sob esse discurso, o protagonismo dos indígenas na fundação da redução de Santa Teresa é facilmente interpretado como uma abençoada predisposição aos ensinamentos dos evangelhos, em detrimento de eventuais interesses de defesa e manutenção territorial frente à iminente invasão bandeirante.

No que tange à historiografia estritamente voltada ao passado missioneiro da bacia do alto Jacuí, a produção bibliográfica é deveras escassa, e também pautada pela reprodução do viés jesuítico-missioneiro. Pesquisadores expoentes como Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Delma Rosendo Gehm e Jorge E. Cafruni marcaram a produção historiográfica regional a partir de uma concepção histórica positivista.

Essa base formada pela tríade não nega a existência de outros autores em termos de produção de conhecimentos históricos regionais. Porém, esses outros autores, na sua maioria, não conseguiram superar os primeiros, pois essas obras são muito mais compi-

<sup>76</sup> TORRES, L. H. *Carlos Teschauer e a historiografia rio-grandense*. Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 10. Rio Grande: FURG, 1998, p. 22.

<sup>77</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. *As primitivas Reduções do Rio Grande do Sul*. In: PORTO, Aurélio (Org.) *Terra Farroupilha*. 1ª Parte. Porto Alegre: 1937, p. 32.



lações de dados, informações e fatos, organizados diferentemente em forma de textos.<sup>78</sup>

As cinco primeiras décadas do século XX abarcam duas dezenas de publicações de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, cognominado o “pai da história de Passo Fundo”. Em 1990 parte de suas obras foi compilada e reeditada em três volumes pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Frente à diversidade de temas que à época impunham-se à labuta do historiador e à construção da memória, é compreensível que o passado missioneiro não tenha demandado extensos discursos em sua obra. Quando abordado, Antonino Xavier geralmente o faz de forma breve ao introduzir e/ou comentar outros assuntos.

No volume I dos seus *Annaes do Municipio de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul*, obra inicialmente publicada em 1908, o pesquisador destina o seu breve Capítulo I ao “Papel do território na evolução das Missões durante os domínios Jesuítico e Espanhol”. Em sua abordagem, Antonino Xavier busca enaltecer a atuação dos jesuítas como primeiros civilizadores da região, exaltando o “Império das Missões” e condenando o que chama de “vandalismo dos bandeirantes”. “Aí estabeleceram eles, no século XVII, as Missões Orientais do Uruguai arrancando das trevas do barbarismo os indígenas e convertendo o território em Província da Companhia de Jesus”.<sup>79</sup> Inexiste qualquer menção à fundação de reduções na bacia do Jacuí. Ao contrário, o pesquisador expressa a ausência de informações nesse sentido, embora reconheça que dificilmente a importância econômica dos ervais tenha sido ignorada pelos inacianos.

Se o território foi ou não utilizado pelos jesuítas para qualquer fim, não o diz a história contemporânea. [...] Sabido que foram os jesuítas os civilizadores dos seus aborígenes, torna-se forçoso admitir que esses missionários para isso o visitassem, o que, alias, é corroborado pela tradição popular, uma das fontes de que se apropria o historiador para a reconstrução das eras passadas. E

<sup>78</sup> DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: UPF, 1998, p. 22.

<sup>79</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do Municipio de Passo Fundo: aspecto histórico*. V. 2. Passo Fundo: UPF, 1990, p. 61.

se o visitaram, é lógico que, ao seu espírito de vasta erudição e profundamente observador, não passassem despercebidas as imponentes riquezas naturais de tão privilegiado solo, principalmente esses imensos ervais, então ostentando todo o vigor primitivo em que, com a máxima facilidade, poderiam ser explorados em benefício do erário das Missões, cujo principal rédito advinha da erva-mate exportada em larga escala para praças platinas, onde o seu consumo era enorme.<sup>80</sup>

Em seu texto Antonino Xavier destaca a subordinação dos ervais “passo-fundenses” à jurisdição do povoado missioneiro de São João Batista, percorre ainda por temas como os Tratados de Madri e Santo Ildefonso. Por fim alude a existência da Guarda Missioneira na orla ocidental do Mato Castelhana, ali instalada para guarnecer a fronteira. Tais episódios em sua totalidade são alusivos ao século XVIII, portanto, relacionados à segunda fase missioneira.

O assunto é retomado em 1922 na sua publicação intitulada *Pelo Passado*. Servindo-se de uma prosa criativa de sua autoria, Antonino Xavier sintetiza o passado missioneiro dos séculos XVII e XVIII. Em seguida menciona a epopeia da migração Guaraní liderada por Antonio Ruiz de Montoya no Guairá, até sua posterior instalação no Tape. Por fim, trata da conveniência de retomar o assunto posteriormente. “Pode ser que aí se abra um luarzinho na escuridão desses tempos mortos, à luz do qual possamos aumentar um pouco os nossos tão pobres conhecimentos do papel de Passo Fundo no seio das históricas Missões Orientais do Uruguai”.<sup>81</sup>

Já em *Terra dos Pinheiraes*, publicado em 1927, encontra-se uma referência explícita às reduções do Tape situadas na região das cabeceiras do Jacuí e Jacuí-Mirim.

[...] entre as reduções tapeanas, erguidas pelos jesuítas e relacionadas pela História, uma, denominada Visitação, foi situada em território do nosso atual 4º distrito, em ponto que não se pode hoje precisar, mas que apesar disso, parece não restar dúvida de que ficaria na área entre Carazinho, o Jacuí Ocidental, a serra do

<sup>80</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>81</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Anaes do Município de Passo Fundo: aspecto histórico*. V. 3. Passo Fundo: UPF, 1990, p. 97.

outro Jacuí e a do Turvo, se aproximando mais do primeiro desses limites, e outra – a principal das duas, denominada Santa Teresa, provavelmente na fazenda de Sarandi. Manda, porém, que se consigne, com relação a essa última redução, que a sua localidade abre campo a dúvidas, mercê das quais poderia também ser disputada pelo vizinho município de Palmeira, se bem que com melhores razões do nosso lado.<sup>82</sup>

A menção à redução de Visitação corresponderia de fato ao povoado missioneiro de São Carlos do Caapi. O ano de 1633 é apresentado como o marco de fundação das reduções aludidas, todavia, a fundação de São Carlos ocorreu em 1631, por sua vez Santa Teresa foi fundada em 1632, sendo transferida no ano seguinte para localidade mais conveniente.

Por fim, o pesquisador aponta a “rajada destruidora formada pelos seretanistas de São Paulo” como a causa da derrocada dos povoados. Ao inferir sobre a localização das reduções, Antonino Xavier diz que “até hoje, que se saiba, não foram encontrados, no município, quaisquer vestígios que permitissem identificar o sítio ocupado pelas duas reduções de que tratamos”.<sup>83</sup>

Breves menções ao passado missioneiro e espanhol do território passo-fundense são observadas em outras obras do autor, como em *Seara Velha*<sup>84</sup> (1932), sem que se suceda, no entanto, o aprofundamento do tema.

Em 1966 ocorreu a publicação de *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico*,<sup>85</sup> na qual o pesquisador Jorge Edethe Cafruni congrega os resultados de suas pesquisas bibliográficas e de campo. A obra constitui uma homenagem póstuma a Francisco Antonino Xavier e Oliveira, cuja defesa da perspectiva jesuítico-missioneira é também comungada por Cafruni.

O autor empenhou-se em sistematizar o maior número possível de informações acerca da presença de jesuítas, indígenas e bandeirantes na bacia do alto Jacuí entre os séculos XVII e XVIII. Esse, talvez, seja o maior mérito dessa obra. Decorrido meio século, a publicação mantém-se isolada como a mais densa referência bibliográfica sobre o tema.

<sup>82</sup> Idem, v. 2, p. 188-189.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 189.

<sup>84</sup> Idem, , v. 3, p. 201.

<sup>85</sup> CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1966.

Cafruni não teve acesso a determinadas fontes primárias. A documentação produzida pelos jesuítas foi explorada indiretamente através das obras de Aurélio Porto, cuja abordagem pautada pelo viés historiográfico luso-brasileiro e jesuítico-civilizador acaba sendo reproduzido pelo pesquisador. Todavia, Cafruni não se furta de questionar ou corrigir certos apontamentos e suposições afiançadas por Aurélio Porto, apresentando frequentemente suas constatações e contrapontos.

A redução de Santa Teresa responde pelo ápice da obra. Sua abordagem é precedida por uma extensa contextualização dos antecedentes históricos e uma descrição etnológica regional. Após a tomada da redução pelos mame-lucos paulistas, Cafruni detém-se sobre os seus desdobramentos históricos, como a criação do entreposto bandeirante, abordando na sequência, entre outros aspectos, a formação dos Sete Povos, a Guerra Guaranítica, o avanço luso e a conquista definitiva da região das Missões no limiar do século XIX. A obra é encerrada com dois apêndices onde Cafruni apresenta os relatórios de suas pesquisas de campo em busca de vestígios materiais do período missionário na região de Passo Fundo.

No que tange ao seu posicionamento historiográfico, Cafruni empenha-se em enaltecer o caráter civilizador da empreitada inaciana. Aos bandeirantes atribui a derrocada da “civilização que florescia”, sem, no entanto, condenar tal ação. Sobre esses protagonistas Cafruni assim resume o seu entendimento, “se grande foi a obra do bandeirante, imensa, mais sublime foi a do jesuíta”.<sup>86</sup>

Aos indígenas reserva um limitado protagonismo, ligeiramente superado pela necessidade do amparo paternalista inaciano. “O jesuíta tornou-se a energia, o amparo, a fortaleza, o consolo, o entusiasmo e a alegria dos índios catequizados. O padre os alimentava e vestia, curava-lhes os males do corpo, protegia a sua vida e velava por suas terras”.<sup>87</sup>

Cafruni ocupa-se ainda da crítica ao discurso historiográfico de condenação da obra jesuítica frente a sua ligação com a coroa Espanhola. Emprega como argumento a fundação das reduções durante o período da União Ibérica, defendendo assim um caráter de unidade nacional para as ações evangelizadoras. “Esses missionários eram tão nossos como os portugueses... O

<sup>86</sup> Ibidem, p. 250.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 248-249.

mesmo Portugal, de 1580 a 1640, não passava de uma comarca espanhola... Tudo e todos, uma só e mesma coisa”.<sup>88</sup> Acusava, portanto, os “denegridores da obra jesuítica” de apegarem-se à frivolidades.

Pouco mais de uma década após a publicação de *Passo Fundo das Missões*, foi lançada a obra *Passo Fundo através do tempo*, de autoria da professora Delma Rosendo Gehm. A publicação foi organizada em três volumes, abordando respectivamente o aspecto “histórico e administrativo” (1978), “fatos, usos, costumes e valores” (1982) e “ênfoques gerais” (1989).

No tocante à abordagem do passado missioneiro, Delma Gehm menciona a redução de Santa Teresa supostamente situada no Povinho da Entrada ou Povinho Velho, bem como sua posterior tomada pelos bandeirantes e a criação da Guarda Missioneira Junto ao Mato Castelhanos. De forma geral, não são agregados novos dados em relação às informações já apresentadas por seus predecessores.

Conforme observa Astor Diehl,<sup>89</sup> as posições de Jorge Cafruni e Antonino Xavier encontram repercussão na obra de Delma Gehm, especialmente no tocante ao protagonismo histórico absoluto do homem branco em detrimento de qualquer possibilidade de participação ativa das populações indígenas. Em seu 1º Volume Delma afirma que a história de Passo Fundo “começa com o advento, às plagas do continente americano, dos missionários da Companhia de Jesus”.<sup>90</sup> No volume subsequente registra que “os Bandeirantes ou Paulistas foram os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul”.<sup>91</sup> Para Eduardo Knack, esses historiadores “foram construtores da memória histórica de Passo Fundo. Mas suas obras guardam posições e opiniões que hoje devem ser debatidas. Essa concepção privilegiou a história das elites econômicas e políticas da cidade”.<sup>92</sup>

Da mesma forma convém considerar que o poder público municipal

<sup>88</sup> Ibidem, p. 250.

<sup>89</sup> DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Visões da história do Planalto Rio-Grandense (1980-1995)*. Passo Fundo: UPF, 2001, p. 61.

<sup>90</sup> GHEM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. V. 1. Passo Fundo: Multigraf, 1978, p. 6.

<sup>91</sup> GHEM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. V. 2. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, p. 1.

<sup>92</sup> KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Patrimônio histórico e transformações sociais em Passo Fundo*. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 17.

atuou como promotor de obras desses autores. Notoriamente tal aspecto acaba por conferir uma aura de oficialidade às versões históricas ali difundidas, fator que não constitui necessariamente um problema, mas que exige o questionamento e discussão das respectivas abordagens e sua influência no processo contínuo de escrita da história.

A partir da década de 1990 e, especialmente no início do século XX, novas abordagens e métodos de pesquisa arejaram a produção historiográfica regional. A principal contribuição reside no reconhecimento do protagonismo histórico dos grupos étnicos e sociais até então ignorados ou estigmatizados, como indígenas, negros e caboclos. O conhecimento sobre o passado missioneiro e bandeirante da região do alto Jacuí praticamente não incorpora novos dados, observa-se a reescrita da história ancorada no arcabouço já consolidado. Outrossim, constata-se que a nova geração de pesquisadores empenha-se em historicizar diferentes perspectivas. Na temática missioneira, observa-se que as populações nativas progressivamente deixam de ser encaradas como meros componentes da paisagem natural a ser desbravada e conquistada, assumindo assim um papel ativo na história colonial. Tal abordagem tem encontrado lastro no campo da arqueologia, cujas contribuições nas últimas décadas praticamente impõem aos historiadores a necessidade urgente de revisão das concepções perpetuadas pela historiografia tradicional.

Aliás, a exclusão do protagonismo indígena, aliada à incorporação da perspectiva luso-brasileira, - ora pautada pela supressão do processo histórico missioneiro, ora voltada ao enaltecimento da obra jesuítica -,<sup>93</sup> compõem a amálgama da versão historiográfica predominante nos estudos missioneiros no Brasil.

O alijamento histórico das populações nativas foi recentemente problematizado pela pesquisadora Fernanda Sposito. Em sua tese de doutorado a historiadora analisa as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional entre os séculos XVI e XVII. Segundo a abordagem proposta, “não seria possível analisar estas zonas de expansão colonial sem entender o papel das populações indígenas durante esse processo”.<sup>94</sup> As populações

<sup>93</sup> Abordagem pautada pela defesa dos ideais civilizatórios, ocidentais e cristãos personificados nos jesuítas.

<sup>94</sup> SPOSITO, Fernanda. *Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/Rio da Prata, séculos XVI-XVII)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2012. P. 11.

nativas teriam, portanto, ocupado o espaço central das ações dos jesuítas e bandeirantes, mesmo que tais ações tenham resultado na derrocada das sociedades indígenas.

Tal proposta interpretativa nos leva inclusive a dispensar uma eventual preocupação com o ineditismo das fontes, visto que o contexto historiográfico tradicional nos exige a defesa de uma perspectiva de análise que nos permita congregiar todos os seus atores, objetivando assim contribuir para a compreensão das vicissitudes de um episódio histórico regional e suas implicações frente ao processo de formação histórica da sociedade rio-grandense.

Essa é, portanto, a problematização vislumbrada frente à historiografia missioneira. Seu enfrentamento, por sua vez, se colocou como a postura pretendida no âmbito da presente pesquisa. Enfrentamento este, obviamente, compreendido em seu sentido acadêmico de reconhecimento das contribuições e limitações que outrora se impunham à escrita da história.

## 2.2 ARQUEOLOGIA MISSIONEIRA

À medida que as pesquisas suscitam novas questões e interpretações acerca da história missioneira, abre-se espaço para a incorporação de outras áreas do conhecimento. Nesse sentido a arqueologia acadêmica emergiu como uma fonte de conhecimento em potencial, firmando-se em seguida como um campo de estudos específico e imprescindível para a abordagem de determinados aspectos do cotidiano nos povoados missioneiros.

A partir das décadas de 1950 e 1960, pesquisadores como Igor Chmyz e Oldemar Blasi debruçaram-se sobre os vestígios remanescentes da colonização espanhola e jesuítica dos séculos XVI e XVII na outrora Província do Guairá, atual Estado do Paraná. Os dados coletados na vila militar de *Ciudad Real del Guairá* e *Villa Rica del Spiritu Santo* possibilitaram o diálogo com as informações resultantes de suas pesquisas desenvolvidas nas ruínas das reduções de *San Ignacio Mini* e *Nuestra Señora de Loreto*.<sup>95</sup>

No território sul-rio-grandense o interesse pela temática sempre foi impulsionado pela materialidade e suntuosidade dos remanescentes arquite-

<sup>95</sup> CHMYZ, I.; ZGANZERLA, E. M.; VOLCOV, J. E. *O projeto arqueológico Rosana-Taquaruçu e a evidênciação de estruturas arquitetônicas na redução jesuítica de Santo Inácio Menor*. Arqueologia. Curitiba: CEPA/UFRP, 1990, p. 12-14.

tônicos dos povoados missioneiros do século XVIII. Segundo o arqueólogo Tobias Vilhena de Moraes, as décadas de 1960 e 1970 assinalam o início de uma arqueologia missioneira metodologicamente comprometida.

A rigor, o primeiro trabalho arqueológico nas Missões foi incumbido a José Proenza Brochado ligado a PUCRS, Danilo Lazzarotto e Rolf Steinmetz da Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE-RS) entre os anos de 1967 e 1969. Posteriormente foi desenvolvido por um conjunto de profissionais, a partir das escavações de La Salvia (1979), profissional vinculado ao governo do Estado.<sup>96</sup>

As reduções da primeira fase não permaneceram ignoradas, todavia, o desconhecimento acerca dos seus respectivos locais de implantação sempre constituiu um empecilho ao desenvolvimento das pesquisas arqueológicas. A exata localização da maioria dos povoados permanece ainda uma incógnita. De um total de dezoito *pueblos* fundados no hodierno Rio Grande do Sul, somente três tiveram a sua localização amplamente precisada pelas pesquisas arqueológicas.<sup>97</sup> No município de São Luiz Gonzaga encontram-se os vestígios da redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapaminí, cuja fundação ocorreu em 1627. Em Candelária, junto às margens do rio Pardo e do cerro Botucaraí foi localizada a redução de Jesus Maria, fundada em 1633. Por sua vez, em São Pedro do Sul repousam os vestígios da redução de São Miguel do Itaiacecó,<sup>98</sup> fundada em 1632. Excetuando-se a redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapaminí, as demais inserem-se no antigo território da Província do Tape.

A pesquisadora Silvana Zuse destaca os obstáculos enfrentados pelos arqueólogos frente à vastidão do território e às imprecisões constatadas nos

<sup>96</sup> MORAES, Tobias Vilhena. *Preservação Arqueológica e Ação Educativa nas Missões*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2014, p. 74.

<sup>97</sup> ZUSE, Silvana. *Os guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: MAE/USP, 2009, p. 24.

<sup>98</sup> Os estudos iniciais desenvolvidos por Schmitz e Brochado na década de 1970 associavam os vestígios missioneiros à redução de São José, cuja fundação ocorreu nesta mesma região. No entanto, o aprofundamento das pesquisas nas décadas seguintes permitiu relacionar com maior segurança o sítio arqueológico à redução de São Miguel do Itaiacecó.



documentos e na cartografia jesuítica, fatores que corroboram para a difusão de informações contraditórias.<sup>99</sup> No entanto, a possibilidade de identificação de vestígios arqueológicos do período missioneiro apresenta-se como uma das principais contribuições oferecidas pela arqueologia.

Ao final da década de 1960 o terreno outrora ocupado pela redução de Jesus Maria foi pesquisado sob a coordenação do arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Diante da relevância do conhecimento produzido e da diversidade da cultura material identificada, o estudo é encarado como uma importante referência sobre as reduções do Tape, permitindo inclusive problematizar a primazia da redução de São João Batista (1697) comumente atribuída pela historiografia como precursora do processo de fundição de ferro na América do Sul.

Facilitou sua localização um valo com uma taipa, buracos quadrangulares (poços), cacimba (poço d'água), utensílios e armas de ferro, louça, vidro, objetos indígenas e fontes bibliográficas. Até o presente, realizando coletas superficiais sistemáticas e prospecções, foi conseguido o seguinte material: a) metal – cunhas, machado, pontas-de-lança, foice, facas, tenaz de ferreiro, pua, cavadeira, fecho de espingarda, copo de florete, tesoura, fivelas, pregos (3 tipos), fragmento de crucifixo, resíduos de forja, balas de chumbo, (esféricas), botão, peças de uso desconhecido; b) contas de vidro esféricas e de polos achatados (azuis), contas de vidro cilíndricas (azul e branco), fragmentos de vidro (alguns fundidos); c) fragmentos de louça (majólica) branca com motivos em azul; d) cerâmica – cachimbos (cilíndricos e tubulares), cerâmica Tupiguarani da fase Botucaraí e transicional para a Neobrasileira, fase Reduções, massa de barro cozido; e) lítico – alisadores, batedores, machado, itaizás, boleadeira, pederneiras e lascas com sinais de utilização; f) concha de mar com perfuração.<sup>100</sup>

Tais informações nos permitem traçar um breve paralelo com a redução de Santa Teresa. No tocante a identificação de um valo com taipa defensiva (Figura 5), certamente pode-se inferir que tal estrutura está associada às es-

<sup>99</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>100</sup> RIBEIRO, Pedro A. M.; MARTIN, Hardy E.; STEINHAIUS, Roberto; HEUSER, Lothar; BAUMHARDT, Gastão. *A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul – Nota Prévia*. Revista do Cepa. Santa Cruz do Sul: Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, 1976, p. 1-2.

estratégias de defesa adotadas frente à iminente invasão da bandeira preadora comandada por Antônio Raposo Tavares em dezembro de 1636. As ações de resistência armada das reduções foram coordenadas pelo padre Francisco Dias Taño, cujo planejamento estendeu-se também à redução de Santa Teresa, então assolada no ano seguinte pelos mamelucos liderados por André Fernandes.



O Provincial Diego de Borôa havia sido informado de que os bandeirantes ansiavam repetir na Província do Tape as invasões cometidas no Guairá. Borôa tratou de tomar as providências necessárias à defesa dos povoados missionários. O padre Francisco Dias Taño foi designado para coordenar as ações defensivas no Tape a partir da redução de Jesus Maria. Ao seu auxílio foram destacados dois Irmãos inacianos com experiência militar, Antonio Bernal e Juan de Cardenas. Prontamente foi-lhes autorizada a compra de armamentos e munições necessárias à empreitada.<sup>101</sup> O uso de armas de fogo e a presença de paliçadas e taipas defensivas são elementos descritos pelo padre Diego de Borôa em seu relato redigido no dia quatro de março de 1637 destinado a informar o Provincial do Paraguai

**FIGURA 5.**

Taipa ou trincheira defensiva localizada na redução de Jesus Maria.

**FONTE:**

RIBEIRO (et al.), 1976.

<sup>101</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1943, p. 84.

acerca da destruição de quatro reduções do Tape.<sup>102</sup> Pode-se pressupor que o contexto arqueológico evidenciado em Jesus Maria seria recorrente no local da redução de Santa Teresa.

Em vistoria de campo realizada no âmbito da presente pesquisa para fins de coleta de dados no local da redução de Jesus Maria, no município de Candelária, foi possível constatar a manutenção da taipa defensiva e a ocorrência de vestígios lito-cerâmicos em contexto de deposição superficial (Figura 6). Mesmo diante do crescimento da vegetação e do desenvolvimento de atividades agrícolas com plantio mecanizado, os vestígios são facilmente identificáveis.

**FIGURA 6.**

Taipa defensiva encoberta pela vegetação e fragmento de cerâmica Guarani (no detalhe).

**FOTOGRAFIA:**

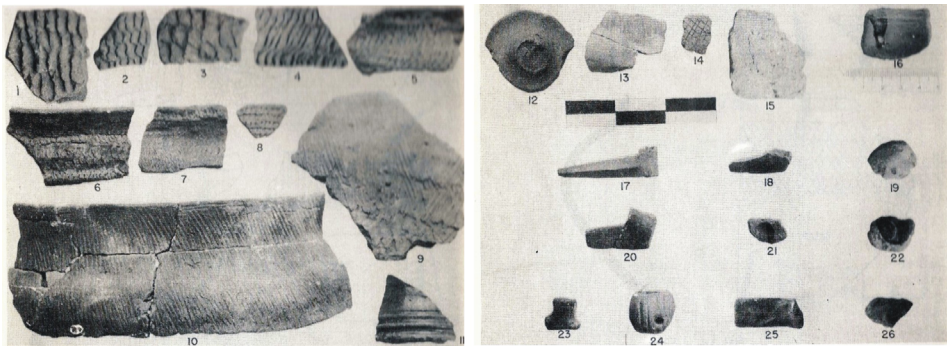
Fabrizio J. Nazzari Vicoski.



Um segundo ponto pertinente trata das características da indústria oleira (Figura 7). Tanto em Jesus Maria como em Santa Teresa os Tape são apontados como grupo cultural predominante. No campo historiográfico

<sup>102</sup> CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 144.

sua origem étnica é encarada de forma multifacetada e até mesmo controversa. Conforme Ribeiro (*et al.*), arqueologicamente “não temos condições de discutir o nome do grupo lingüístico e cultural da área e, em especial, da redução de Jesus-Maria. Mas, a conclusão a que chegamos é que os indígenas aldeados nesta redução, pertencem à tradição ceramista tupiguarani”.<sup>103</sup> Durante a pesquisa Ribeiro também identificou três fragmentos de cerâmica Jê. Todavia, sua incidência limitada não permite maiores inferências.



**FIGURA 7.**  
Parte do acervo cerâmico  
resgatado na redução de  
Jesus Maria.

**FONTE:**  
RIBEIRO (*et al.*), 1976.

O aprofundamento das questões referentes à tecnologia cerâmica recorrente nos povoados missioneiros, indubitavelmente pode contribuir para as discussões acerca dos grupos étnicos presentes nas reduções.

Na década de 1960, o arqueólogo José Proenza Brochado (*et al.*) empreendeu estudos de aculturação indígena através da análise de padrões e mudanças na cerâmica missioneira.<sup>104</sup> Entre outras contribuições, a pesquisa permitiu o rastreamento da migração indígena para a região da Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos (Gravataí) após a Guerra Guaranítica.<sup>105</sup>

<sup>103</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>104</sup> BROCHADO, José Proenza; LAZZAROTTO, Danilo; STEINMETZ, Rolf. *A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai: um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica*. Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP/Unisinós, 1969.

<sup>105</sup> Após a Guerra Guaranítica, as autoridades portuguesas temiam uma eventual debandada da população guarani para o território espanhol. No ano de 1762, promoveram a transferência de uma parcela dos indígenas missioneiros para a Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, localizada na região dos Campos de Viamão. Durante o convívio nas reduções haviam adquirido conhecimentos de técnicas construtivas, agricultura, metalurgia, olaria, marcenaria, entre outras habilidades. Devido ao domínio destes ofícios eram vistos como mão-de-obra

Nas décadas de 1970 e 1980, Fernando La Salvia direcionou suas atenções à redução de São Nicolau, fundada em 1684. As pesquisas proporcionaram a escavação de uma área de 4.500 m<sup>2</sup>, desvelando os vestígios das habitações, cabildo, igreja, hospital, jardim, entre outras estruturas (Figura 8), “dando-nos uma ideia clara da vida e dos anseios daquelas populações”.<sup>106</sup>



A partir da década de 1980, a arqueologia missioneira passou a ocupar um importante e definitivo espaço na produção acadêmica, com presença marcante não somente no Brasil, mas também na Argentina e Paraguai.

**FIGURA 8.**  
Escavações arqueológicas na  
redução de São Nicolau.

**FONTE:**  
Arquivo IPHAN-RS  
(MORAES, 2014).

---

qualificada, participando ativamente do processo de formação da sociedade colonial, contudo, sem possibilidades de manutenção do seu modo de vida tradicional, nem tampouco do seu antigo território de ocupação.

<sup>106</sup> LA SALVIA, Fernando. *A arqueologia nas missões e uma perspectiva futura*. In: Anais do 5º Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa: FFCLDB, 1983, p. 213.



Arqueologia missioneira passou a ter lugar marcado e discussão acadêmica nos Simpósios Nacionais de Estudos Missioneiros. Brochado, Schmitz, Becker, dentre outros, já demonstraram a importância da arqueologia para o estudo dos ambientes ecológico e cultural habitados pelas mais diferentes culturas tribais. A utilização, os modos de produção e acabamento, as formas decorativas e os usos da cerâmica entre os Guaranis são referências para o estudo do seu modo de ser e que a arqueologia pode trazer à luz para a história e a etnografia.<sup>107</sup>

O ano de 1985 marca o início do projeto denominado “Arqueologia Histórica Missioneira”, viabilizado através de um acordo de cooperação técnica firmado entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). “O trabalho teve coordenação técnica dos professores Arno Alvarez Kern e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, e institucional, do arquiteto Julio Curtis e [...] contou com a participação intensa de diversos alunos de graduação”.<sup>108</sup>

No âmbito desse projeto (1985-1995), formou-se uma geração de arqueólogos que arejaram os estudos missioneiros. A diversidade de abordagens e a ênfase nos esforços interpretativos – em detrimento das análises descritivas – impulsionaram a arqueologia histórica missioneira.

No tocante aos pressupostos teóricos o projeto alinhava-se à proposta oferecida pela arqueologia contextual, difundida por Ian Hodder. Promoveu-se a integração dos processos interdisciplinares entre história, arqueologia, etnohistória e demais áreas pertinentes. Outrossim, a coexistência – no período histórico em questão - de indivíduos das sociedades indígenas (Pré-Coloniais) e europeia (Idade Moderna) propiciou a combinação de metodologias advindas da arqueologia pré-histórica e histórica, combinando, portanto, a escavação de quadrículas com controle estratigráfico arbitrário, conforme o modelo propagado por Mortimer Wheeler, bem como a decapagem de extensas superfícies em níveis estratigráficos naturais, em consonância com

<sup>107</sup> SCHALLENBERGER, E. *Estudos Missioneiros: temas e abordagens*. In: XI Jornadas Internacionais sobre as Missões jesuíticas, 2006, Porto Alegre. *Jesuítas e missões: entre novos e velhos mundos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 1. 2006, p. 46.

<sup>108</sup> MORAES, Tobias Vilhena. *Preservação Arqueológica e Ação Educativa nas Missões*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2014, p. 87.

a abordagem proposta por André Leroi-Gourhan. Segundo Kern, “as opções foram feitas em função das necessidades de resolução dos múltiplos problemas com que nos defrontamos nestes complexos sítios arqueológicos”.<sup>109</sup>

Na década de 1990, o estudo das reduções da primeira fase observou um novo impulso. As pesquisas em São Miguel de Itaiacecó foram retomadas pelo arqueólogo Klaus Peter Kristian Hilbert e José Proenza Brochado em 1997. Na oportunidade foram evidenciados vestígios das habitações indígenas, além de artefatos líticos, cerâmicos, metais e carvão.<sup>110</sup> Nos anos seguintes Hilbert também pesquisou as reduções da segunda fase, como São Miguel Arcanjo e São Lourenço.

As pesquisas na redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini foram retomadas por Neli Galarce Machado (1999),<sup>111</sup> propiciando a identificação de vestígios cerâmicos, madeira carbonizada, ladrilhos, escória de ferro e uma quantidade considerável de fragmentos de telhas de barro. “O inusitado é que estas reduções não deveriam possuir telhas, segundo o Padre Sepp, protagonista da segunda fase de missões”.<sup>112</sup>

O final do século XX já assinalava uma tendência marcante nos anos seguintes. Observou-se um fortalecimento progressivo da preocupação com as medidas de preservação, manutenção e musealização dos sítios arqueológicos missioneiros. Pesquisadoras como Raquel Rech e Vera Lúcia Trommer Thaddeu tiveram atuação recorrente nas reduções de Santo Ângelo Custódio, São Miguel Arcanjo, São João Batista, São Lourenço Mártir e São Nicolau.

Atualmente registram-se os esforços de pesquisadores vinculados ao Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA/PUCRS) no sentido de contribuir para a atualização do mapeamento das reduções jesuíticas do Tape. O estudo desenvolvido com base na revisão cartográfica, bibliográfica e documental, deve sua principal motivação à preocupação manifestada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) quanto à

<sup>109</sup> KERN, Arno. op. cit., p. 80-81.

<sup>110</sup> ZUSE, Silvana. *Os guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: MAE/USP, 2009, p. 51.

<sup>111</sup> MACHADO, Neli Galarce. *A Redução de Nossa Senhora Da Candelária do Caa'capamini (1627-1636)*. Série Dissertações de Mestrado. Ijuí: Ed. Unijui, 1999.

<sup>112</sup> CARLE, Cláudio Baptista. *Arqueologia Histórica Brasileira e o Estudo Missioneiro de 50 anos (1966-2016)*. Revista de Arqueologia Pública. Campinas: Unicamp, 2017, p. 118.

necessidade de identificação e preservação destes locais diante do aumento crescente das obras de engenharia no Estado, e, portanto, frente ao risco iminente de destruição de tais sítios arqueológicos.<sup>113</sup>

No tocante à redução de Santa Teresa, os únicos estudos de caráter arqueológico foram empreendidos na década de 1970 por pesquisadores do Gabinete de Arqueologia da Universidade de Passo Fundo. A equipe coordenada pela professora Norah de Toledo Boor era composta pelos professores Adilson Mesquita e Ari Carlos de Fernandes Moraes (incorporando em momentos distintos outros colaboradores). Na época a atuação dos pesquisadores resultou na identificação de uma grande quantidade de sítios arqueológicos em vários municípios do Estado. Uma casa subterrânea com 18 metros de diâmetro e 5,4 metros de profundidade foi escavada no município de Passo Fundo,<sup>114</sup> todavia, frequentemente os estudos limitavam-se ao registro das ocorrências e coletas de superfície. O acervo resultante das pesquisas encontra-se depositado no Museu Histórico Regional de Passo Fundo. Na época, o então diretor cultural da instituição, professor Antônio Leal Boff, também compunha a equipe de pesquisas, juntamente com os professores Eoil Lopes Costa e Dianete Modesti Costa.

Tendo como base a cartografia jesuítica e as transcrições das Cartas Anuais publicadas pela Biblioteca Nacional, entre outras fontes bibliográficas, a equipe identificou o que acreditaram ser o possível local de fundação da primeira redução de Santa Teresa. A área insere-se na região do Povinho Velho ou Povinho da Entrada, junto à divisa municipal de Passo Fundo e Mato Castelhano. O local coincide com a localização de uma aldeia composta por casas subterrâneas. Os procedimentos adotados pela equipe comumente dividia-se em quatro etapas: levantamento topográfico, mapeamento das características zoobotânicas, coleta superficial e, por fim, a escavação arqueológica do sítio. Na oportunidade as pesquisas limitaram-se ao registro dos dados, levantamento topográfico e coleta de um artefato recentemente doado pela professora Norah e incorporado ao acervo do Núcleo de Pré-História e Arqueologia (NuPHA) da Universidade de Passo Fundo.

<sup>113</sup> POMPEU, Filipi. *Atualizando o mapeamento das reduções jesuíticas do Tape (1622-1636)*. Anais do I Congresso Internacional de História da UFSM: Poder, Cultura e Fronteiras – CIHIS. Santa Maria: UFSM, CCSH, PPGH, 2016.

<sup>114</sup> BOFF, Antônio Leal; MESQUITA, Adilson. *Pesquisa Arqueológica em Passo Fundo*. Nota de pesquisa do Gabinete de Arqueologia. Passo Fundo: UIPF, 1979, p. 3.



Na época não houve, portanto, a escavação da área nem tampouco a apresentação de relatórios ao IPHAN. Excetuando-se algumas informações esparsas localizadas no Museu Histórico Regional, o paradeiro dos dados então coletados é desconhecido. As informações aqui reproduzidas são predominantemente resultantes de depoimentos (oral e escrito) obtidos junto à Professora Norah Boor no ano de 2015 no âmbito da presente pesquisa.

Portanto, além da notória carência de pesquisas arqueológicas sobre a redução de Santa Teresa, há também uma necessidade urgente de identificação e preservação dos seus vestígios remanescentes.

## ÍNDIOS, JESUÍTAS E BANDEIRANTES

**E**ste capítulo tem por objetivo congregar os diferentes atores e episódios históricos relacionados à fundação da redução de Santa Teresa e às invasões bandeirantes. A abordagem é pautada pela utilização das diferentes fontes, privilegiando-se o cruzamento dos dados históricos e arqueológicos.

Abre-se o capítulo com um texto destinado a evidenciar o aspecto de “fronteira étnico-cultural” da bacia do alto Jacuí durante o período pré-colonial. Os fenômenos de fronteira ocorridos na região certamente não passaram alheios no período colonial. Tal característica pode auxiliar na compreensão de alguns fatores como a presença Jê na redução e a supremacia territorial desse grupo étnico nos séculos subsequentes.<sup>115</sup>

A sequência é destinada a uma sistematização, atualização e complementação das informações sobre a redução de Santa Teresa e seus desdobramentos, empreendendo, em seguida, os mesmos procedimentos para a composição da narrativa referente à atuação das bandeiras paulistas.

A composição deste capítulo mantém uma articulação constante entre as informações descritivas e as constatações pessoais de cunho analítico e interpretativo. Desta forma foi possível compor uma base argumentativa para as problemáticas evidenciadas.

### 3.1 O ALTO JACUÍ COMO UM ESPAÇO DE FRONTEIRA

Um ponto convergente entre as distintas matrizes historiográficas que tratam da ocupação da bacia do Prata e regiões adjacentes é a eleição de

---

<sup>115</sup> Tais argumentações são resultantes da minha pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UPF) sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin (2009-2011).

determinados acontecimentos históricos a fim de sinalizá-los como marcos que pautam o início da colonização europeia ou do “período histórico” de ocupação deste território. Tais interpretações consideram exclusivamente o ponto de vista do colonizador, todavia, se levarmos em conta as dinâmicas de ocupação do território sob a ótica da história de longa duração, percebe-se que a chegada dos europeus somou-se aos demais episódios de ocupação e expansão territorial perpetrados por diferentes grupos étnicos indígenas em períodos históricos distintos.

Os conflitos, estratégias de interação e intercâmbios culturais não foram uma exclusividade do contato entre indígenas e europeus. A heterogeneidade étnica exigia a adoção de tais comportamentos durante o período pré-colonial. Esses fenômenos foram ainda mais latentes em regiões de “fronteira” como o alto Jacuí.

Qualquer esforço interpretativo acerca do papel desempenhado pelas populações indígenas na criação e manutenção da redução de Santa Teresa perpassa pela compreensão de determinados aspectos culturais acerca dos grupos étnicos envolvidos.

Para Fredrik Barth, os pesquisadores têm dedicado muita atenção às diferenças culturais, bem como suas fronteiras e conexões históricas, no entanto, “o processo de constituição dos grupos étnicos e a natureza das fronteiras entre estes não têm sido investigados na mesma medida”.<sup>116</sup>

O registro arqueológico evidencia a ocupação da região por grupos caçadores-coletores e ceramistas-horticultores durante a pré-história. As particularidades do meio físico e biótico pautaram as formas de adaptação e interação destes grupos com o meio, gestando numa mesma região diferentes contextos de inserção e exploração da paisagem entre culturas contemporâneas, fator que provavelmente resultou em diversas situações de contato características de uma zona de fronteira. Além da convergência de distintos elementos ecológicos, os fatores de ordem cultural também devem ser considerados no estudo das fronteiras na pré-história regional.

Para a proposição de uma abordagem destacando o alto Jacuí como uma importante área de contato cultural interétnico, o conceito tradicional de fronteira restrita aos seus aspectos naturais e geográficos é pouco apropriado,

<sup>116</sup> BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 25.

já que cria limites e não possibilidades. Devemos contar com a contribuição de outras perspectivas teóricas, onde a fronteira é entendida como uma construção histórica norteadas não apenas por barreiras geográficas, mas também pelas relações sociais. “A zona fronteira é real e depende das relações sociais em diferentes tempos históricos”.<sup>117</sup>

Corrêa enfatiza que a temática da fronteira “necessita ser compreendida a partir da temporalidade e da ação transformadora do homem sobre um determinado espaço, caso contrário, fica prejudicada a explicação de suas finalidades e de seu sentido histórico”.<sup>118</sup>

A contribuição da reflexão sociológica vem através da concepção de Martins,<sup>119</sup> segundo o qual a “fronteira é essencialmente o lugar da alteridade”. É na fronteira que se dão os conflitos sociais que a caracterizam, “é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si”. A fronteira é ao mesmo tempo “um lugar de descoberta do outro e de desencontro”, não só o desencontro de diferentes concepções de vida, mas o “desencontro de temporalidades históricas”.

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna a parte antagônica do *nós*. Quando a história passa a ser a *nossa história*, a história da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou.<sup>120</sup>

Sob esta perspectiva não cabe pensar a fronteira exclusivamente com limites espaciais, demográficos e econômicos. “Ela é um espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório, na relação deste com a totalidade de que é parte”.<sup>121</sup> A fronteira pensada como construção histórica orientada pelas relações sociais e a articulação de fatores culturais é uma zona ambígua que

<sup>117</sup> GOLIN, Tau. *A fronteira*. 2 v. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 14.

<sup>118</sup> Apud GOLIN, Tau. op. cit., 2002, p. 16.

<sup>119</sup> MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 133.

<sup>120</sup> MARTINS, José de Souza. op. cit., p. 134.

<sup>121</sup> GOLIN, Tau. op. cit., 2002, p. 17.

ao mesmo tempo limita e permite transgredi-la. A zona de fronteira é um lugar de mediação e construção de identidades. Compartilhamos da concepção do filósofo alemão Martin Heidegger, quando diz que uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

O estudo dos processos de interação cultural que se desenvolvem entre as sociedades humanas em zonas de fronteira é temática recorrente entre as ciências humanas, entre as quais se insere a arqueologia, com destacada contribuição em estudos sobre pré-história regional. Um dos objetivos primordiais da ciência arqueológica, “é promover a compreensão da relação entre escolhas tecnológicas e padronização da cultura material e como estas refletem aspectos de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico”.<sup>122</sup> Soma-se a isso a concepção de Sophie White, na qual a cultura material não somente reflete as diferenças, como também ajuda a produzi-las.<sup>123</sup>

Apesar das possibilidades interpretativas proporcionadas pela arqueologia, os estudos sobre contatos culturais constituem uma problemática ainda incipiente na arqueologia brasileira. Segundo Jairo Rogge,<sup>124</sup> nas últimas décadas foi acumulada uma grande quantidade de dados arqueológicos, com muitas evidências de contato entre diferentes culturas pré-históricas no sul do país, porém, o direcionamento das pesquisas para outras temáticas fez com que estas informações nem sempre recebessem um tratamento analítico e interpretativo aprofundado, e mesmo os escassos estudos desenvolvidos limitaram-se a abordar a questão do contato cultural entre indígenas e europeus predominantemente no período de colonização.

As primeiras evidências de contato cultural entre as populações pré-históricas foram destacadas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) na década de 1960. Nas décadas seguintes, uma quantidade considerável de pesquisas foi desenvolvida de forma independente nas mais

<sup>122</sup> STARK apud DIAS, Adriana Schmidt. *Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

<sup>123</sup> WHITE, Sophie. *Wild Frenchmen and Frenchified Indians. Material Culture and Race in Colonial Louisiana*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2012, p. 2.

<sup>124</sup> ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Ceramistas Pré-Históricas no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

distintas regiões do Brasil (região amazônica, nordeste, Goiás, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso, entre outros), demonstrando sempre evidências de contato no registro arqueológico.

Em todas estas áreas foram encontradas evidências de contato cultural, o que demonstra a recorrência e a importância desse fenômeno para a compreensão da totalidade do desenvolvimento dos sistemas socioculturais pré-históricos no território brasileiro. No entanto, nenhum estudo com abordagem específica a essa questão foi realizado.<sup>125</sup>

O discurso positivista tem certa dificuldade em absorver a problemática cultural inerente às zonas de fronteira. Abordagens orientadas sob o viés do isolamento cultural articuladas com concepções que entendem as sociedades indígenas pré-coloniais como consignadas a um determinado espaço físico, onde se desenvolveram de forma independente, são ainda hoje recorrentes entre as ciências humanas, mesmo com o esgotamento teórico vigente.

As interações culturais entre as sociedades humanas pré-históricas se refletiam, entre outras instâncias, em sua cultura material. Com o aporte da arqueologia contextual podemos abordar o registro arqueológico sob a ótica da fronteira, destacando as evidências de contato cultural e identidade étnica, e seus possíveis desdobramentos nas formas de adaptação e interação com os meios físico, biótico e antrópico. Neste sentido, é útil o instrumental teórico da arqueologia contextual ou pós-processual, que nos permite integrar a semiologia e abordar a cultura material considerando também seu conteúdo simbólico no contexto cultural, onde a evidência de contato é também interpretada em razão de sua função social, como elemento identitário construído e articulado numa zona de fronteira, num “entre-lugares”.

A diversidade da cultura não pode explicar-se, como o fez a Nova Arqueologia, numa perspectiva funcionalista, isto é, a forma não se explica totalmente pela função. Como explicar a decoração dos vasos cerâmicos? Um vaso decorado não é, obviamente, mais funcional que um vaso liso. Confrontada com o problema de uma

---

<sup>125</sup> Idem, p. 36.

diversidade formal que não pode explicar-se funcionalmente, a Nova Arqueologia, processualista e funcionalista, recorreu ainda a ideia de função, agora alargada. As formas da cultura material divergem porque as unidades socioculturais precisam demarcar fronteiras: uma tribo tem necessidade de assinalar, através da cultura material, a sua identidade e a sua diferença relativamente a outra tribo. Desta forma, decorar um vaso é distinguirmo-nos nós, dos outros, a nossa tribo, de outra tribo, que usa uma decoração diferente. A diversidade formal cumpre, por isso, ainda uma função, que poderemos apelidar de social. A Arqueologia processualista superou assim uma posição inicial que explicava as formas por coacções ambientais e funcionais e introduziu um elemento de liberdade social na escolha de uma cultura material que se destina a definir e manter categorias e fronteiras sociais.<sup>126</sup>

A princípio qualquer área de transição ecológica com evidências de povoamento durante a pré-história é potencialmente uma zona de fronteira e contato cultural. Contudo, no contexto de povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul, o rio Jacuí ocupou destacada importância, tanto pela variedade do meio físico e biótico, como pela conformação de seus vales e planícies, sua destacada localização, vazão e extensão territorial, abrangendo desde o Planalto Médio ao estuário do Guaíba (800 km de comprimento e vazão média na foz na ordem de 1.900 m<sup>3</sup>/s). São fatores que nos permitem interpretá-lo como uma importante rota migratória. Neste cenário, o ápice da zona de contato cultural é o alto Jacuí.

O alto Jacuí insere-se no limite meridional do sistema ecológico relacionado à floresta tropical com mata de araucária. Em sua extremidade sul, as encostas do planalto constituem a barreira física que se apresenta como limite ao ambiente dos campos da Depressão Central que se estendem desde a Campanha, portanto, também uma fronteira geológica, com arenitos da formação Botucatu recobertos por derrames basálticos nas terras altas, e sedimentos paleozóicos nas terras baixas. Por sua vez, a extremidade norte, já nas coxilhas do Planalto Médio, compreende um importante interflúvio. Entre Passo Fundo e Mato Castelhano, num raio de aproximadamente mil

<sup>126</sup> ALARCÃO, Jorge de. *A arqueologia como semiologia da cultural material*. Revista de Guimarães, n.º 105, p. 21-44. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Patrimônio. Universidade do Minho: 1995, p. 12.

metros, estão situadas as nascentes do rio do Peixe, Guaporé, Passo Fundo e Jacuí, um divisor de águas entre as bacias hidrográficas do Uruguai e Guaíba, duas das três bacias presentes no Rio Grande do Sul, englobando respectivamente quatro sub-bacias: Apuae-Inhandava, Taquari-Antas, Passo Fundo-Várzea e alto Jacuí. Em suma, trata-se também de uma zona de convergência e transição de diferentes contextos ecológicos, geológicos, geomorfológicos, hidrológicos, vegetacionais, entre outras características.

Considerando o papel dos rios nas rotas de deslocamento humano, a região em questão seguramente pode ser interpretada como uma importante zona de convergência e difusão cultural.

Os rios desempenharam, sem dúvida, um importante papel como meio de comunicação e de difusão das técnicas ou das populações. [...] Existem, entretanto, espaços não ocupados ou sobre os quais nos faltam indicações arqueológicas. [...] É o caso dos campos nas zonas dos interflúvios entre os rios Uruguai e Jacuí.<sup>127</sup>

É conveniente salientar que a detecção de padrões de assentamento entre as populações pré-coloniais permite não apenas vincular certos grupos a determinados ambientes, como também evidencia a capacidade de interação destas populações com paisagens diversas daquelas onde encontravam-se melhor adaptados. Os ceramistas-horticultores Guaraní orientavam suas rotas de migração e expansão territorial com base no curso dos grandes rios, a conexão através do Jacuí possibilitava o acesso à zona litorânea e às terras altas do interior do Estado onde poderiam captar matéria-prima lítica, ao passo que os ceramistas do planalto norteavam seu deslocamento pelas matas de araucária, porém, sazonalmente exploravam áreas para além deste território, atingindo o ambiente lacustre e litorâneo da planície costeira, um ambiente rico em alimentos. “O vale do Jacuí e suas adjacências foi, sem dúvida, uma região de difusão de modas culturais entre o litoral e o interior no sentido leste-oeste, e entre a encosta do planalto e o Uruguai, no sentido norte-sul”.<sup>128</sup> A concepção de sociedades pré-coloniais circunscritas a deter-

<sup>127</sup> KERN, Arno Alvarez (Org). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 139.

<sup>128</sup> PROUS, André. *Pré-História Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992, p. 155-156.



minados espaços, evoluindo de forma isolada sem contato cultural é pouco provável neste contexto, onde o alto Jacuí é colocado como importante rota migratória.

[...] fica clara a importância do rio Jacuí e seus afluentes para a fixação e manutenção de agrupamentos humanos ao longo de seu leito. Inicialmente, isso se justifica pelo fato de o rio ser uma via de locomoção rápida e disponível o tempo todo. Subindo pelo rio ou pelos afluentes da margem esquerda, os habitantes poderiam chegar ao Planalto. Áreas de campo seriam acessadas, descendo pelo mesmo. A capacidade erosiva, a transportadora e a deposicional do rio contribuem para a formação dos enormes depósitos (cascalheiras) de seixos rolados de basalto, arenito e calcedônia. Disponível a poucos metros dos sítios, se constitui em local para obtenção da matéria-prima lítica de seus ocupantes. As águas também trazem e depositam junto às barrancas a argila, que pode ser utilizada na confecção da cerâmica, e na várzea depositam o solo fértil para os cultivos. O rio ainda é excelente fonte para obtenção de proteína animal através da pesca e coleta de moluscos.<sup>129</sup>

Os contatos culturais que caracterizam uma zona de fronteira podem ter se desenvolvido em momentos distintos no alto Jacuí, tornando-se mais efetivos principalmente ao longo do último milênio.

Kern<sup>130</sup> observa que a extinção da megafauna e as alterações climáticas ocorridas antes do holoceno médio, provavelmente forçaram as populações de caçadores-coletores adaptados as áreas de campo a se readaptarem as florestas subtropicais das margens dos rios e encostas do planalto, resultando em relações de interação e adaptação cultural.

É interessante notar o sucesso desta adaptação, quando percebemos que os grupos de caçadores e coletores das zonas de campo, da tradição lítica Umbu, começaram a utilizar alguns implementos líticos da tradição Humaitá quando penetraram nas fímbrias

<sup>129</sup> KLAMT, S.C. *Uma Contribuição para o Sistema de Assentamento de um Grupo Horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani*. Porto Alegre. PPGH. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2004, p. 54.

<sup>130</sup> KERN, Arno. op. cit., loc. cit.

das florestas da encosta do planalto gaúcho, na Depressão Central. [...] Os sítios de contato da margem esquerda do Rio Jacuí e de seus afluentes mostram como podem se influenciar mutuamente as culturas de dois grupos diferentes de caçadores-coletores, a partir do momento em que passam a coexistir em ambientes contíguos.<sup>131</sup>

Há evidências de interação entre distintas populações de caçadores-coletores e destes com ceramistas-horticultores estabelecidos em áreas adjacentes, como a incidência de zoolitos de culturas litorâneas tanto no planalto como nos vales do Jacuí, a incorporação do tembetá Guarani pelos caçadores-coletores e a assimilação da boleadeira pelos horticultores Guarani.

Contudo, os dados são ainda insuficientes para desvelar a complexidade das relações sociais. Todavia, é plausível considerar que a dinâmica exploratória difundida pelos horticultores tenha contribuído para o aniquilamento ou incorporação progressivamente das populações de caçadores-coletores. Datações de sítios arqueológicos nos vales do Jacuí apontam a contemporaneidade dos grupos de caçadores-coletores e ceramistas-horticultores, mantendo-se em áreas periféricas, mas relativamente próximas.<sup>132</sup>

Por outro lado, ao tratarmos da questão do contato entre os portadores das tradições ceramistas Vieira, Tupiguarani e Taquara, as interpretações se mostram mais consistentes. Fatores como o crescimento populacional e a intensa ocupação e exploração das áreas de mata estacional, fez com que os horticultores Guarani explorassem as áreas de fronteira e ambientes distintos dos quais estavam adaptados, forçando-os a desenvolverem uma nova estratégia de expansão territorial baseada na integração e convivência com os habitantes dos campos e do planalto, uma estratégia economicamente mais viável em contraposição ao custo de adaptação, controle e defesa de zonas fronteiriças.<sup>133</sup> Na década de 1960 o arqueólogo Eurico Theófilo Miller identificou um sítio arqueológico com casa subterrânea no município de Passo Fundo (RS-VZ-58: Três Árvores). Parte dos vestígios cerâmicos então coletados foi

<sup>131</sup> KERN, Arno. op. cit., p. 156.

<sup>132</sup> MACHADO, Ademir José. *Avançar, Adaptar e Permanecer: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio das Antas*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: PPGH/Unisinos, 2008.

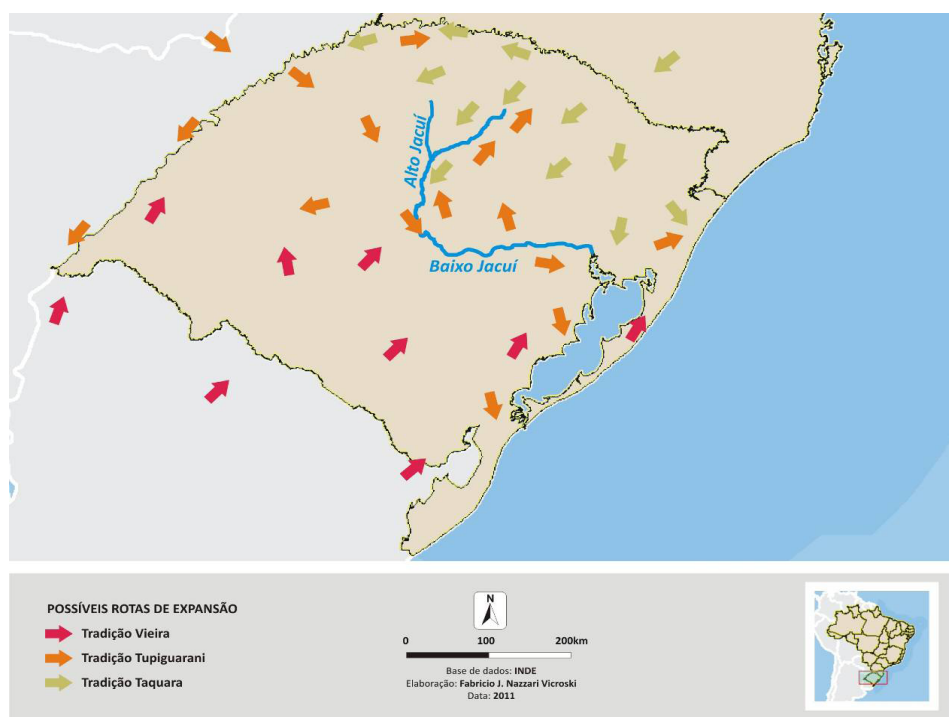
<sup>133</sup> ROGGE, Jairo. op. cit., loc. cit.

associada à fase Irapuã da tradição Tupiguarani, denotando, possivelmente, uma situação de contato.

Este processo de integração impulsionado pela nova dinâmica migratória se mostra mais evidente e efetivo a partir de aproximadamente mil anos A.P (Antes do Presente),<sup>134</sup> (Figura 9). Brochado<sup>135</sup> em pesquisas realizadas na década de 1970, já apontava o afastamento progressivo das aldeias Guarani dos grandes rios, representado no registro arqueológico.

**FIGURA 9.**  
Prováveis rotas de deslocamento  
dos povos ceramistas.

**ELABORAÇÃO:**  
Fabrício J. Nazzari Vicoski.



Ao passo que o contato com os portadores da tradição Vieira mostra-se mais intenso com os horticultores Guarani, e circunscrito ao baixo Jacuí e as bordas do planalto, o ápice de uma das principais áreas de contato entre

<sup>134</sup> A sigla A. P. é utilizada como abreviação da expressão Antes do Presente. Entende-se por presente o ano de 1950, em menção à década em que foi descoberto o método de datação através do carbono 14.

<sup>135</sup> BROCHADO Apud ROGGE, Jairo Henrique. *Adaptação na Floresta Subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí e no Rio Pardo*. Documentos 06. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1996.

os portadores da tradição Taquara e Tupiguarani parece convergir para o alto Jacuí, a partir dos seus afluentes da margem esquerda em direção ao Planalto Médio. Nas terras altas de Passo Fundo, um ambiente de nascentes relativamente distantes dos grandes cursos d'água, o registro arqueológico aponta tanto a presença dos horticultores do planalto associados à tradição Taquara e as casas subterrâneas como vestígios dos horticultores Guarani.

À medida em que a intensa colonização e exploração dessas áreas de mata se desenvolve, uma forte pressão sobre os recursos ambientais das áreas mais amplas e férteis das várzeas, especialmente na bacia do Rio Jacuí, induzida por um rápido crescimento populacional, pode ter levado essas populações a buscarem alternativas econômicas na exploração das áreas ocupadas pelas populações portadoras das outras duas tradições cerâmicas, desencadeando processos de contato sistemático.<sup>136</sup>

Entre as evidências de contato destaca-se a incidência de vestígios cerâmicos de grupos distintos num mesmo sítio arqueológico, obviamente não de forma sobreposta, mas contemporânea, denotando o intercâmbio econômico e possivelmente de indivíduos. Também é perceptível (mesmo que de forma incipiente) o compartilhamento de técnicas, formas e elementos estilísticos. O mesmo ocorre com a tipologia lítica das tradições Tupiguarani e Taquara, sobretudo, entre os artefatos polidos, que guardam grande similaridade.

Em certa instância não apenas o compartilhamento de determinados elementos da cultura material pode representar situações de contato, mas também a própria manutenção e o incremento de certas características e comportamentos, nos permitindo pensar, por exemplo, o processo de produção oleira não somente como resultado das condições físicas e necessidades primárias, mas também como fruto das necessidades simbólicas de um determinado modelo cultural, onde a interação com diferentes grupos passa a exigir a afirmação e expressão identitária, em que a escolha consciente de determinada característica tecno-tipológica materializada na cultura material pode ser entendida como estratégia de demarcação e diferencial social.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> ROGGE, Jairo, op. cit., 2004, p. 17-18.

<sup>137</sup> DIAS, Adriana Schmidt. op. cit., loc. cit.

Tanto no planalto como na planície litorânea registra-se a existência de sítios Taquara e Tupiguarani estabelecidos em áreas próximas no mesmo período, ou então a justaposição de vestígios tanto em níveis estratigráficos sobrepostos como contemporâneos, denotando a existência de áreas de domínio compartilhadas, logo, fronteiras que integram mais do que limitam.

Apesar da adaptação e preferência por determinados ambientes, o aproveitamento de recursos alimentares variados era uma necessidade entre estas populações, exigindo que consideremos a mobilidade sazonal destes grupos, seguramente outro fator que estimulou o contato cultural nas zonas de fronteira.

A fissão social estimulada por conflitos internos também pode ser tomada com um elemento de impulso à exploração de diferentes ambientes e, conseqüentemente, de eventuais contatos e integrações entre diferentes povos.

A horticultura, propiciando a sedentarização (mesmo sazonal) e a concentração de indivíduos num mesmo local, impõe a emergência de mecanismos reguladores de tensões, que quando as comunidades excedem as largas centenas de indivíduos passam a ser difíceis de controlar sem a criação de estruturas de poder apoiadas numa diferenciação social crescente. A resposta tradicionalmente prevalente nas sociedades pré-históricas foi a fissão social, ou seja, o abandono de uma parte do grupo, que sai do território de origem e ocupa um novo espaço.<sup>138</sup>

Em suma, nos parece razoável a premissa de que o contato cultural ocorrido em zonas de fronteira durante a pré-história pode ser considerado como uma necessidade social, materializada na cultura material das populações envolvidas, que passa a incorporar o contexto do conteúdo simbólico em sua concepção, utilizado como elemento de afirmação identitária construída e revelada através de relações de alteridade. Sob essa perspectiva, no contexto da pré-história regional, supõe-se que a convergência e transição de diferentes características do meio físico, biótico e antrópico de forma especial no alto Jacuí, lhe atribuem um caráter de fronteira com condições favoráveis ao estudo das relações de integração e cooperação interétnica, tal

<sup>138</sup> OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia da Paisagem no Sul do Brasil: Contributos*. Erechim: Habilis, 2009, p. 81-82.

aspecto é apreciável não somente no período pré-colonial, mas também a partir do contato com os colonizadores europeus, com destaque para os jesuítas e bandeirantes a partir do século XVII.

De acordo com Fredrik Barth,<sup>139</sup> embora ainda persista a interpretação antropológica simplista de que a manutenção da diversidade cultural é fortemente amparada por contextos de isolamento social e geográfico, há dados consistentes que apontam a situação inversa. A interação interétnica não leva invariavelmente à aculturação, mas pode, isto sim, propiciar a manutenção das diferenças culturais. O caráter fronteiriço do alto Jacuí exigiu o compartilhamento do território, sem, no entanto, provocar qualquer processo de homogeneização étnica.

Também é nessas circunstâncias que surgiu o povoado missioneiro de Santa Teresa, como elemento aglutinador de ambos os grupos étnicos que ocupavam a região no século XVII. A presença de uma minoria Jê dentre os Guarani que compunham a população da redução pode configurar uma estratégia consciente de adaptação à nova condição geopolítica, um fenômeno compreensível e compatível com a categoria de fronteira étnico-cultural do alto Jacuí. Para além de uma subordinação ou submissão a um processo de guaranização, a integração étnica então ocorrida pode ser entendida como uma voluntária estratégia de sobrevivência. Encerrada a experiência missioneira e afastado o elemento Guarani, a região observou a supressão das referências culturais Guarani e a ascensão e consolidação da etnicidade e territorialidade Jê.

### 3.2 A REDUÇÃO DE SANTA TERESA

Dentro dos limites territoriais da Província do Tape, a redução de Santa Teresa assinalava as fronteiras setentrional e oriental, configurando-se como a mais distante das reduções em relação ao início da frente de expansão, bem como a mais suscetível aos ataques de grupos inimigos.

O processo de implantação de uma redução era precedido por uma série de medidas que visavam garantir o sucesso da empreitada. Os inicianos

<sup>139</sup> BARTH, Fredrik, op. cit., p. 26.

serviam-se de um modelo reducional que fornecia os fundamentos básicos referentes à criação e manutenção dos povoados missioneiros. Também era usual o emprego de estratégias de persuasão para o aliciamento dos indígenas.

Em pesquisas arqueológicas realizadas no Peru, o arqueólogo Józef Szykulski observou a importância que o sincretismo cultural adquiriu no processo de cristianização das sociedades indígenas.<sup>140</sup> Os missionários constituíam uma minoria circundada por povos nativos conscientes de sua própria identidade. Frente a esse contexto, os padres viam-se impelidos a adotar estratégias de convencimento que passavam pelo aproveitamento ou adaptação de elementos do campo espiritual e real. Não somente hábitos e costumes indígenas eram resignificados, mas também espaços físicos, especialmente aqueles relacionados ao sistema de crenças à que Szykulski denomina de “infraestrutura religiosa”. Ou seja, além da adaptação da cosmovisão indígena à fé católica, também serviam a este fim os locais relacionados às práticas de culto, como pedras, fendas nas rochas e marcos paisagísticos. A resignificação desses elementos mostrou-se essencial, sobretudo no período dos primeiros contatos.

Comportamento análogo foi registrado no Guairá entre os jesuítas que posteriormente atuaram na Província do Tape. Serve-nos de exemplo um episódio descrito por Nicolás del Techo envolvendo o padre Romero, posteriormente nomeado Superior Provincial no Tape. “*En el camino que va á dichos pueblos había una piedra á la que los gentiles tributaban supersticioso culto; la quito el P. Romero y puso en su lugar una cruz [...] convirtió el paraje de profanación em sitio de santidad*”.<sup>141</sup>

Na medida em que o processo de cristianização avançava, as antigas práticas e locais de referência poderiam ser progressivamente abandonados ou definitivamente substituídos. Nos sítios arqueológicos deste período, são recorrentes os contextos multicomponenciais caracterizados pela presença simultânea de cultura material com influências indígena e europeia.

Na Província do Tape os locais de fundação dos *pueblos misioneros* correspondiam majoritariamente ao território de ocupação tradicional dos povos reduzidos. De tal modo os indígenas eram incorporados ao sistema colonial

<sup>140</sup> SZYKULSKI, Józef. op. cit., p. 7-8.

<sup>141</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 93.

sem que isso representasse um rompimento imediato das suas referências territoriais e culturais, corroborando assim para a aceitação da nova conjuntura.

Essa predileção pelos territórios tradicionais foi recorrente principalmente no período inicial da criação dos povoados. Após certa consolidação das relações entre os padres e indígenas, era usual a transferência das reduções para outras posições consideradas mais convenientes em relação às diretrizes do modelo reducional. Tal procedimento foi adotado em relação ao povoado de Santa Teresa.

As bacias hidrográficas dos rios Ibicuí e Jacuí orientavam o raio de ação da Frente Missionária do Tape. Após o estabelecimento dos primeiros povoados no alto Ibicuí, as atenções se voltaram para o planalto situado ao leste do Jacuí, onde abundantes córregos cristalinos recortavam os vastos ervais e matas de araucária cerceadas por campos de terras férteis.

A dilatada província do Tape, desde as primeiras horas da penetração jesuíta em território aquém Uruguai, tinha sido uma das maiores preocupações desses abençoados caçadores de almas. Dádivosa e fértil a terra, que se estendia até o mar, era cortada de rios que constituíam um sistema hidrográfico que a tornava apta para a exploração extensiva da agricultura e da pecuária; de condições orográficas que a circunscreviam entre as altitudes e depressões de climas variados e amenos; da vasta extensão de campos com excelentes pastagens que corriam para o sul desde os contrafortes extremos da serra e de matarias virgens alcançando as serras e bordando margens de rios que, ora se despenhavam em quedas fortes de altos desníveis do planalto ora, deslizando suavemente, espraíam-se em várzeas extensas pelas planuras fecundas.<sup>142</sup>

Para a fundação dos povoados missioneiros, além do reconhecimento prévio das regiões, era forçosa a viabilização de contatos iniciais e alianças entre os padres e lideranças indígenas. Com esse intuito, no ano de 1631 o padre Pedro Romero levou a efeito uma viagem de exploração em direção ao alto Jacuí.<sup>143</sup> Em seu apoio acompanhou-o um cortejo de caciques de outras regiões que já haviam celebrado a fundação de reduções em seus territórios.

<sup>142</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1943, p. 61.

<sup>143</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 42.



Dentre as principais lideranças destacou-se o cacique Nicolás Neenguirú, cujo elevado prestígio e diplomacia teriam contribuído para a expansão da frente missionária.<sup>144</sup>

A partir de então os desdobramentos históricos podem ser desvelados e complementados através das informações apresentadas na Carta Ânua correspondente aos anos de 1632 a 1634, redigida pelo então Provincial do Paraguai padre Diego de Boroa.<sup>145</sup>

A escrita da história a respeito dos anos iniciais da redução de Santa Teresa tem sido marcada pela superficialidade e pelo desencontro de informações. Tal contexto é perfeitamente compreensível e justificado frente à insuficiência ou até mesmo ausência de fontes documentais acessíveis. A bibliografia de referência sobre o tema foi composta sem que houvesse o acesso direto às informações constantes na Carta Ânua de 1632-1634. Esse documento considerado pelos historiadores como primordial para a revisão e aprofundamento do conhecimento até então produzido, permaneceu oculto por mais de três séculos, sendo disponibilizado aos pesquisadores somente em 1990 através de sua transcrição e publicação efetivada pelo historiador Ernesto Maeder. Seu conteúdo trata não somente da redução de Santa Teresa, mas sim da Frente Missionária do Tape, entre outros temas, brindando-nos assim com um volume de informações que certamente absorverá muitos anos de trabalho dos pesquisadores. Dentre as demandas imperiosas destaca-se a necessidade de sua tradução para a língua portuguesa, o que lhe permitiria uma maior difusão no âmbito da produção historiográfica brasileira.

Especificamente no tocante à redução de Santa Teresa, todas as principais publicações datam do período anterior à descoberta da Carta Ânua em questão. Habitualmente as mais recentes limitam-se a reproduzir as informações das publicações precedentes, portanto, há vários dados que necessitam de revisão. Um dos mais urgentes certamente refere-se ao exclusivo protagonismo do cacique Guaraé, uma vez que sua taba<sup>146</sup> é comumente apontada como o local correspondente à fundação da redução.

<sup>144</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 98.

<sup>145</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1990.

<sup>146</sup> Agrupamento de casas, aldeia (Tupi-Guarani).

A primeira povoação dessa nova série foi Santa Teresa, localizada nas terras do cacique Guaraé, nas pontas do rio Passo Fundo, antigo Uruguai-mirim. Ereta a cruz, em fins de 1632, aldeados os índios, nada mais se pode fazer, devido às dificuldades que os Padres encontravam de ir até ali. De vez em quando, muito solicitados pelos catecúmenos, um ou outro das reduções mais próximas se aventurava a fim de atender às práticas religiosas.<sup>147</sup>

Da mesma forma atribuí-se à Guaraé a iniciativa de solicitar de forma insistente a vinda dos padres para a criação do *pueblo misionero* no território sob seu domínio.

É também o começo da história do município, que se inicia no ano de 1632, quando o índio Guaraé, cacique local dos tapes, tendo notícia das doutrinas jesuíticas, pediu a vinda dos padres para a fundação, aqui, de uma Redução que fosse igual às outras. [...] Os padres, que se consultaram diante do pedido, julgaram dificultoso remontarem às serras, até as distantes cabeceiras do Jacuí [...] Mas o índio foi teimoso, e enviou novos emissários aos jesuítas, insistindo em suas pretensões. Os padres viram nisso um sinal auspicioso para o erguimento da cruz no extremo norte do território tape.<sup>148</sup>

Ao confrontarmos estas informações com a Carta Ânua de 1632-1634, verifica-se o papel preponderante desempenhado pelo cacique Tupamini.<sup>149</sup> “*Aquí pues, un famoso cazique llamado Tupamini, que quiere decir Dios pequeño, tiene sus tierras y vasallos y confina con los de otros muchos caziques*”.<sup>150</sup>

A carta prossegue dando conta da entrada feita pelo padre Romero em 1631, quando então teria realizado o reconhecimento deste território e despertado nos povos nativos o desejo de tornarem-se cristãos. Concluída a viagem de exploração e seus contatos iniciais, no ano seguinte teria então o cacique Tupamini solicitado uma nova visita do padre Romero ou, no caso de sua indisponibilidade, o envio de algum padre para atendê-los.

<sup>147</sup> PORTO, Aurélio. op. cit., 1943, p. 66.

<sup>148</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 97-98.

<sup>149</sup> Também grafado como *Tupamiri* ou *Tupamyri*.

<sup>150</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 171.

Desta narrativa depreende-se que de fato houve a solicitação de uma liderança indígena para a fundação de uma redução, entretanto, essa demanda não foi totalmente espontânea e imediata como comumente retratado, mas sim resultante das tratativas práticas iniciadas em 1631 pelo padre Romero. Ao mesmo tempo, tais negociações não ocorreram em 1632 conforme preconizado por Cafruni, Jaeger e demais referências correntes, mas sim no ano anterior. Outrossim, a liderança de maior protagonismo não teria sido o cacique Guaraé, mas sim Tupamini.

Contudo, Guaraé também desempenhou um papel preponderante na fundação da redução. Sua participação será abordada em momento oportuno. Por ora, convém ater-nos à cronologia dos fatos.

Após o pedido de Tupamini, vendo-se impedido de destinar de forma definitiva um padre para atender os povos instalados nas nascentes do Jacuí, Romero optou por destacar o padre Pedro Mola para “consolar Tupamini e entreter os seus piedosos desejos”. Pedro Mola era então o cura encarregado da redução de *San Carlos del Caapy*, cuja posição situava-se a cerca de 12 a 14 léguas ao oeste,<sup>151</sup> ou dois dias de caminho segundo Nicolas del Techo.<sup>152</sup>

Desde la reducción de San Carlos se depliega azia el Oriente un campo razo aunque esmaltado a trechos con algunos montesillos hasta que 12 o 14 leguas distantes yasse una espesa y dilatada montaña de pinos que llaman los naturales Ivityro que es lo mismo que Sierra negra, quisas por el verde obscuro de sus árboles mirado de lexos engaña a la vista representándole una semejanza de cierra.<sup>153</sup>

O padre Pedro Mola cumpriu sua missão naquele mesmo ano, ocupando-se assim do atendimento expedito do povo de Tupamini, sem, no entanto, estabelecer ali uma redução. Contudo, o resultado dos contatos iniciais o fez prever “*buenos sucesos para adelante*”.<sup>154</sup>

<sup>151</sup> No trecho da Carta Ânua de 1632-1634 referente à *reducción de la Natividad de Nuestra Señora* esta distância também é estimada em 16 léguas.

<sup>152</sup> TECHO, Nicolas del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del testo latino por Manuel Serrano y Sans. Tomo Cuatro. Asunción: Madrid Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compania, 1897, p. 278.

<sup>153</sup> Apud MAEDER, Ernesto. Ibidem.

<sup>154</sup> Apud MAEDER, Ernesto. Ibidem.

Ainda em 1632, o padre Pedro Romero ciente da necessidade de não descontinuar a ação evangelizadora na fronteira setentrional do Tape, remeteu uma ordem para a redução de *Apóstoles San Pedro y San Pablo*. A partir dali os padres Francisco Ximenez<sup>155</sup> e Gerónimo Porcel se dirigiram às cabeceiras do Jacuí para que “com seu fervor avivassem aquele fogo sagrado”.<sup>156</sup>

A chegada de Ximenez e Porcel foi aclamada pelos indígenas. O cacique Tupamini lhes rendeu um discurso inspirador e afetuoso. Em seguida, sob a orientação dos sacerdotes, os indígenas dedicaram-se exaustivamente à construção da igreja e da casa paroquial, almejando com isto garantir a permanência definitiva dos padres. A dinâmica da aldeia indígena progressivamente cedeu espaço ao formato do povoado missioneiro com suas chácaras e casas de índios.

Devido às chuvas que lhes impediam a travessia do rio, Ximenez e Porcel permaneceram ali por um período maior do que o programado. Despertando assim o otimismo dentre os indígenas que diariamente lhes visitavam em pequenas comitivas destinadas a persuadi-los a permanecerem em suas terras. A despeito desses esforços, os padres argumentaram que havia outros povoados que lhes demandavam, necessitando partir assim que possível para a redução de *Apóstoles*.

A documentação não fornece dados que nos permitam datar com exatidão tais acontecimentos, embora temos como difundida a informação de que teriam ocorrido provavelmente no mês de dezembro de 1632, “possivelmente às vésperas do Natal”, conforme destaca Cafruni.<sup>157</sup>

A Carta Ânua de 1632-1634 nos permite, no mínimo, problematizar esta suposição, uma vez que ao assinalar o comprometimento dos indígenas para a construção da igreja, Boroa destaca que mesmo afligidos pelo frio e a chuva eles não desistiram da obra até dar-lhe por acabada. Ao mesmo tempo, Boroa informa que durante o tempo em que viram-se impedidos de realizar a travessia do rio em função das águas que encobriam o passo, os padres “*padecieron mucho con los fríos y falta de lo necesario*”. Percebe-se claramente que

<sup>155</sup> Seu sobrenome é também grafado como Ximenes, Jiménez ou Jimenes, no entanto a versão ora empregada é corroborada pela sua assinatura em documentos da época.

<sup>156</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 172.

<sup>157</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 99.

tratava-se de uma ocasião de frio constante e prolongado, logo, algo improvável para o mês de dezembro. Presume-se, portanto, que tais acontecimentos provavelmente tenham ocorrido entre os meses de junho a setembro, período no qual a região em questão apresenta condições compatíveis com a situação descrita.

Teria sido na ocasião desta visita dos padres Ximenez e Porcel que ocorreu de fato a fundação da redução jesuítica, assentada sob a invocação de Santa Teresa em homenagem à devoção professada por Dom Pedro Esteban Dávila, então governador das províncias do Rio da Prata (1631 a 1637), cuja jurisdição abarcava a Província do Tape.<sup>158</sup>

Quando finalmente as chuvas cessaram permitindo a travessia do rio, os padres partiram em direção a *Apóstoles*. “*Quando entraron en su pueblo le recibieron con mucha fiesta sus hijos porque, estaban sobresaltados por las nuevas que avian corrido de su peligro*”.<sup>159</sup> De fato ao deterem-se em Santa Teresa devido às chuvas, Ximenez e Porcel livraram-se de uma emboscada articulada por Ibapiri,<sup>160</sup> um conhecido feiticeiro cujos domínios abarcavam a região do Caapi (cabeceiras do rio Ijuí), Ygayriapipe (cabeceiras do rio Jacuí) e Cariroí (Campo do meio). Ibapiri possivelmente agia por influência do feiticeiro e cacique Nheçu, um dos responsáveis pelas mortes dos padres Roque González, Afonso Rodriguez e Juan del Castillo em 1628 na região do Caaró.<sup>161</sup>

Segundo Techo,<sup>162</sup> durante a expedição de reconhecimento executada em 1631, o padre Romero teria tentando convencer os indígenas que habitavam a região das nascentes do Jacuí a trasladarem-se para a redução de *San Carlos del Caapy*. Frente à recusa da proposta, procedeu-se então o atendimento dos indígenas em seu território tradicional, junto à entrada da extensa mata de pinheiros denominada de Ivityro, também grafada como Ivitiruno, Ybitiru ou Ibitiru.<sup>163</sup>

<sup>158</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 176.

<sup>159</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 174.

<sup>160</sup> Também grafado como *Ybapiri* ou *Ivapiri*.

<sup>161</sup> PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Coleção Jesuítas no Sul do Brasil. Volume III. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954, p. 86.

<sup>162</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 278.

<sup>163</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 172.

Techo também nos oferece uma breve descrição da porção setentrional do Tape, onde brotam as nascentes do rio Igay (também grafado como Ygai ou Igaí), nome pelo qual era conhecido o hodierno Jacuí.

*Cerca de las fuentes del Igay extiéndese campos dilatados, cubiertos de selvas á intervalos. Las más famosas de éstas son las de Ibitirú, Ibitirabebo y Mondeca, donde los pinos suelen tener ciento veinte pies de altura y aún más; son tan derechos, que parecen torneados; cuando están creciendo echan ramos de trecho em trecho, á guisa de coronas; después se caen y queda solamente la base, pulimentada y dura como un hueso. Los indios se alimentan gran parte del año con piñas de estos bosques; su gusto difiere algo de las europeas. También se cría el mate, yerba estimada por los paraguayos. Hay rebaños de cabras y muchos jabalíes.*<sup>164</sup>

A entrada da espessa e dilatada selva de araucárias constitui a principal georreferência ao local de fundação da redução. “*Estaba puesta esta reduccion en la entrada de un monte grandioso que llaman los Yndios em su lengua el ybitiru, sitio muy comodo y a proposito para reduccion*”. A alusão ao Ibitiru é observada tanto na Carta Ânua de 1632-1634 como na de 1633. Sua importância era tal que por vezes o topônimo foi incorporado aos documentos que tratam da *reducción de Santa Teresa del Ibitiru*, aliás, como era usual nos demais povoados missioneiros (Caapy, Caaró, Pyratini, Uruay, etc.).

No Brasil há uma carência de estudos paleoambientais e paleoclimáticos, essa deficiência em parte é suprida pelas pesquisas arqueológicas que nos permitem interpretar o contexto ambiental de outrora. A selva do Ibitiru era ainda inexistente quando da chegada dos primeiros habitantes ao território do atual Rio Grande do Sul há cerca de 12 mil anos. O aspecto da vegetação predominante no período de transição entre o pleistoceno e holoceno caracterizava-se pela presença de vegetação herbácea e árvores de pequeno porte. Há cerca de 6 mil ocorreu um fenômeno em escala mundial denominado Ótimo Climático, caracterizado pelo aumento da temperatura e dos índices de pluviosidade. A implantação do clima tropical úmido permitiu a expansão efetiva da vegetação para além das encostas dos vales e margens de lagoas, ampliando as matas de araucária às áreas de campo.

<sup>164</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 277.

No século XVII as áreas de campo da porção setentrional da Província do Tape defrontavam-se com a espessa mata que subia os vales do rio Uruguai e seus afluentes como os rios da Várzea, Passo Fundo e Apuaê, cujas nascentes inserem-se no interflúvio que assinala a divisão das bacias hidrográficas da região, coincidindo, portanto, com os tributários da bacia do Jacuí que drenam suas águas no sentido oposto.

A região das nascentes dos rios Passo Fundo e Jacuí, então respectivamente denominados de Curitiba (ou Curiti) e Igaí, não limitava o avanço da mata de araucária, mas assinalava uma densidade maior de campos sucessivamente entremeados por bosques. Por sua vez na medida em que os cursos dos rios Jacuí e Jacuí-Mirim adquiriam maiores proporções, passavam a oferecer condições favoráveis à expansão da mata ao longo de suas margens. Os contrafortes da Serra Geral assinalavam o limite meridional deste contexto ambiental.

Para Aurélio Porto, Rego Monteiro e Cafruni, a entrada do Ibitiru corresponderia à região do interflúvio onde brotam as bacias hidrográficas dos atuais rios Jacuí, Passo Fundo, Guaporé e Apuaê (rio do Peixe), compreendida hoje pela comunidade do Povinho Velho ou Povinho da Entrada, situada na divisa dos municípios de Passo Fundo e Mato Castelhano.

Assim, Ibitiru ou Ibitiruna, aqui no Rio Grande, compreendia serras e bosques do Alto Uruguai, vindo morrer, precisamente, em Passo Fundo, na Coxilha Grande, divisor de águas das bacias do Uruguai e Jacuí. E, dessa forma, o Ibitiru dos jesuítas (região de Passo Fundo), é o começo da extensa mata de havia antigamente e que se estendia, para o norte, até o coração do atual Estado do Paraná.<sup>165</sup>

Entretanto, qualquer assertiva definitiva não é corroborada pela documentação colonial. Deve-se, portanto, considerar a possibilidade de variação locacional, especialmente a para o sul e oeste.

Fundado então o povoado missioneiro na entrada da mata do Ibitiru, por certo tempo permaneceram os índios sem contar com a assistência de um cura permanente. Foram, no entanto, assistidos várias vezes pelo padre Porcel e outros sacerdotes provenientes de *San Carlos* e *Apóstoles* que sucessi-

<sup>165</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 116.

vamente lhes faziam visitas pontuais com o intuito de evitar a dispersão dos indígenas enquanto não fosse possível designar de forma definitiva um pároco para assumir o comando da redução.

No ano seguinte de 1633, os povoados missioneiros receberam a visita do padre provincial Pedro Romero. Partindo da redução de *San Joachim* - situada nas fraldas setentrionais da serra -, Romero chegou à redução de Santa Teresa três dias depois. Conforme previamente acertado, ali lhe aguardava ansiosamente o padre Francisco Ximenez. Nesta oportunidade, o padre Romero considerou conveniente transladar o povoado para uma posição mais cômoda aos indígenas e mais acessível aos padres, pois a localização atual além de desarticulada em relação aos povoados de *San Carlos*, *Apóstoles* e *San Joachim*, também estava distante dos ervais e muito exposta às investidas dos índios Gualachos (Jê meridionais), cujos domínios territoriais vislumbravam parte de suas fronteiras meridionais nas bordas do Ibitiru, onde se confrontavam, portanto, com as populações Guarani instaladas no alto Jacuí, perpetuando assim o caráter das fronteiras pré-coloniais da região.

*Parecióle al Padre trasladar esta población a outro sitio por ser el que tenía, expuesto a los asaltos de los gualachos, que le caían muy cerca y por las espaldas, esta es una nación diferente de la que llamamos Guarani de que están pobladas todas nuestras reducciones y que traen con ellos muy antiguas y crueles guerras.*<sup>166</sup>

A nova posição escolhida situava-se cerca de 4 a 5 léguas ao sul da localização original, na região então conhecida como Curiti (ou Curitiba). Em Tupi-Guarani tal palavra sinalizava um local com grande quantidade de pinheiros. Também traduzida como “terra dos pinheirais” ou simplesmente “pinhais”. Daí decorre outra denominação frequentemente atribuída a este povoado, ou seja, redução de *Santa Teresa del Curiti* ou de *los Piñales*, em alusão à sua segunda localização.

A documentação não apresenta maiores informações sobre os procedimentos adotados para a escolha do novo posto, nem tampouco qualquer notícia a respeito de eventuais missões prévias de reconhecimento. Contudo,

<sup>166</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 174.



em sua Carta Ânua de 1633 Romero relata que partindo de *San Joachim* em direção à Santa Teresa fez o reconhecimento de todo aquele território e julgou então conveniente transmigrar o povoado. Depreende-se, portanto, que o segundo posto da redução situava-se no caminho entre *San Joachim* e Santa Teresa.

Incumbido de transladar a redução, Ximenez dedicou-se à execução da tarefa com empenho, não sem antes deparar-se com alguns percalços. Conforme a Carta Ânua de 1632-1634, o calendário marcava o início da Semana Santa, período no qual a religião católica rememora os eventos da crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Como os padres ainda estavam em número insuficiente para atender a todos os povoados, Ximenez informou que prosseguiria seu itinerário em direção à outra redução, solicitando, no entanto, que os indígenas fossem lavar os seus campos no novo posto, iniciando assim os preparativos inerentes à transmigração. Após as celebrações da Páscoa o sacerdote retornaria para efetivar a transferência. A contestação foi imediata. Os indígenas afirmaram que jamais partiriam enquanto a nova localização não fosse assinalada pelo estandarte da cruz sagrada. A ausência deste símbolo seria motivo de descrença entre os indígenas da região. Portanto, a sua implantação serviria de consolo e ao mesmo tempo a garantia de que um novo povoado seria formado.

Ximenez considerou os argumentos procedentes. A cruz foi então erigida na nova povoação precisamente na data de 22 de março de 1633, uma terça-feira da Semana Santa. Esta data simboliza a refundação da redução de Santa Teresa, desta vez situada na região dos pinhais ou Curiti.

Pouco depois, Ximenez retornou à Santa Teresa para concluir de fato a mudança do povoado. É neste momento que a documentação faz emergir a liderança do cacique *Guaraé*. A Carta Ânua relativa ao ano de 1633 redigida pelo padre Romero, praticamente não discorre sobre os desdobramentos precedentes ocorridos em 1631 e 1632, centralizando a sua narrativa a partir do momento que se decidiu por transladar o povoado em março de 1633, condizente, portanto, com a cronologia à que o documento se propõem a registrar. A partir de então é marcante a resistência oferecida pelo cacique *Guaraé* e sua parcialidade, uma vez que de imediato recusaram-se a abandonar o seu território tradicional, sendo então em seguida convencidos dos

benefícios da mudança. Uma tradução desta passagem nos é oferecida por Aurélio Porto em sua *História das Missões Orientais do Uruguai*.

Parti, como V. Revma. me ordenou, para visitar Santa Teresa e no tempo preciso em que com a graça do Senhor pude fazer a mudança do Povo, muito embora estivesse a **parcialidade**<sup>167</sup> do cacique Guaraé sem vontade para isto, por amor de suas terras e por lhe haverem dito que também teria Padres ali; contudo o venci e desenganei, dizendo-lhe que não havia tantos Padres que pudessem ir a sua terra, e com isso foram voando e se deram a tal gana para fazer as suas casas que antes que eu viesse, as tinham quase acabadas, com que ficou já o lugar com forma de povoação.<sup>168</sup>

A garantia da presença permanente de um padre no novo povoado parece ter sido o principal argumento que dissolveu a resistência, procedendo-se por fim a mudança para a posição definitiva.

A passagem supracitada é determinante para compreendermos o protagonismo atribuído ao cacique Guaraé na historiografia corrente. Como o documento não registra os episódios relativos à criação do primeiro povoado, e, por sua vez, a Carta Ânua referente aos anos de 1632-1634 era até pouco tempo atrás desconhecida, o papel preponderante do cacique Tupamini permaneceu praticamente ignorado durante séculos.

A leitura isolada da Carta Ânua de 1633 pode-nos induzir a deduções precipitadas, pois uma vez registrada a resistência então oferecida por Guaraé, imediatamente pressupõem-se que seria ele a liderança indígena que comandava de forma isolada o território no qual foi fundado o povoado de Santa Teresa. Todavia, ao redigir sua carta, o próprio padre Romero sutilmente nos fornece um dado que nos permite problematizar essa questão. A carta informa que a resistência partiu de uma parcela da população, então representada pela **parcialidade** liberada pelo cacique Guaraé. Ao empregar este substantivo que denota uma parte de um contexto mais amplo, Romero deixa claro que ela não representa a totalidade do povoado, mas sim uma porção relevante e influente que não poderia ser ignorada, mas que ao

<sup>167</sup> Grifo nosso.

<sup>168</sup> PORTO, Aurélio. op. cit., 1954, p. 67.

mesmo tempo não refletia a totalidade do povoado constituído também por outros caciques e suas parcialidades.

Essa suspeita gestada a partir desta releitura da Carta Ânua de 1633 pode ser ratificada mediante a sua confrontação com a Carta Ânua de 1632-1634. Nesse documento são diretamente mencionados os caciques Guaraé e Tupamini, onde o primeiro surge como a liderança da parcialidade que relutou à possibilidade de mudança, e o segundo se destaca como o líder principal daquelas terras e também o responsável por solicitar a vinda dos padres. Boroa nos informa também que as terras de Tupamini confinam com as de muitos outros caciques, denotando uma grande amplitude territorial e, portanto, atribuindo um caráter de liderança regional à Tupamini.

A pesquisadora Ítala Becker informa que uma liderança regional poderia estar acompanhada por um número de até 80 caciques.<sup>169</sup> Tal estimativa é amparada e até mesmo suplantada pelas informações constantes nas Cartas Ânuas. Estes dados nos traduzem um contexto formado por lideranças locais articuladas sob uma liderança de influência regional.

Na documentação aparecem as denominações de cacique e de cacique principal. A denominação de cacique principal é aplicada a líderes que exercem influência continuada ou ocasional sobre outros caciques e com isso dispõe de um número maior de seguidores; seu nome pode designar toda a região no qual vivem ele e outros caciques.<sup>170</sup>

Conforme descreve a pesquisadora Branislava Susnik,<sup>171</sup> o conceito de parcialidade precisa ser analisado congregando-se as definições de famílias nucleares e famílias extensas que integram a organização social Guarani, perpassando, portanto, pela compreensão das categorias de **ogpe guará**, **guará**, **tekohá** e **teiñ** que expressam as divisões espaciais, políticas, simbólicas e sócio-econômicas.

<sup>169</sup> BECKER, Ítala Irene Basile. *Lideranças indígenas no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguay*. Antropologia n° 47. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992, p. 11.

<sup>170</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>171</sup> SUSNIK, Branislava. *Los Aborígenes de Paraguay*. Tomo IV. Ciclo Vital y Estructura Social. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbaro, 1983.

Por tekohá denomina-se o território necessário ao desenvolvimento do teko, isto é, a sua organização social, o modo de ser do povo Guarani, abrangendo não somente os meios de subsistência, mas também os elementos de uso simbólico ou espiritual. Esse espaço congregava os rios, matas, aldeias, serras, roçados e locais sagrados. O guará representava uma categoria maior que abarcava vários tekohá, compondo assim um conjunto de aldeias unidas por laços de parentesco e alianças. Por sua vez o tei correspondia às subdivisões do tekohá, representadas por famílias extensas ou parcialidades distribuídas ao longo do território que compõe o tekohá. Por fim, ogpe guará determina as famílias nucleares.

Esta compreensão - mesmo que incipiente - da organização social Guarani, nos leva a pressupor que além da evidente aliança presente entre Tupamini e Guaraé, possivelmente esta relação era também fortalecida por laços familiares.

Guaraé e sua parcialidade inicialmente foram contrários à transferência do povoado “*por el amor de su tierra*”. Entende-se, portanto, que sua Taba localizada na entrada do Ibitiru foi de fato o local escolhido para a fundação do primeiro povoado em 1632.

Já o julgamento do papel desempenhado por Tupamini se apresenta de forma mais complexa. Seria ele a principal liderança no território que abrigou o povoado transladado em 1633, ou então um governante maior, um cacique principal responsável por um tekohá ou guará que abarcava também a Taba de Guaraé, portanto, um *famoso cazique* como destaca Boroa, principal interlocutor junto aos padres e responsável direto pela criação do povoado missioneiro.

Para enfrentar este impasse convém buscar suporte em Techo, a quem devemos uma das raras menções ao cacique Tupamini.

*“En el presente año fué á Santa Teresa el P. Francisco Jiménez con orden de mudar el pueblo á lugar más conveniente, como lo hizo, estableciéndolo en los domínios de Tupamini; á la edificación de la iglesia y casas concurrieron los vasallos de Cuararé, aunque sentían abandonar su país”.*<sup>172</sup>

Em passagem anterior referente a fundação da primeira redução, Techo descreve Guaraé como um poderoso cacique das regiões situadas de fronte

<sup>172</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 279.

à selva do Ibitiru, ao passo que Tupamini seria o cacique de Mondeca, a selva dilatada.<sup>173</sup> Ambos teriam atuado conjuntamente e com empenho para viabilizar a fundação do povoado, inicialmente instalado nas terras de Guaraé e posteriormente transferido aos domínios de Tupamini. Se os fatos relatados por Techo estiverem corretos, então estaríamos tratando de dois tubixá,<sup>174</sup> respectivas lideranças de suas parcialidades, compartilhando um território (tekohá) ou integrando uma aliança regional mais ampla (guará).

Techo foi um sacerdote jesuíta que atuou na Província do Paraguai a partir de meados de século XVII, logo após a invasão das reduções pelos bandeirantes paulistas. Para compor sua *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, originalmente publicada em 1673, Techo serviu-se de vários documentos da época, embora não os citasse diretamente. A tradução espanhola à que tivemos acesso, feita por Manuel Serrano y Sans em 1897, “nem sempre merece toda a fé, sobretudo ávido como é Techo de contar o maravilhoso e singular”,<sup>175</sup> conforme destaca Jaeger.

A ressalva anunciada por Jaeger não é sem sentido, uma vez que na sequência Techo apresenta uma informação que contradiz o conteúdo da Carta Ânua de 1632-1634, cujo documento tomamos como mais fiável. Apesar de ser uma discrepância pontual e sem grandes prejuízos à compreensão do contexto, ela trata justamente dos papéis desempenhados por ambos caciques, embarçando ainda mais a questão que buscamos elucidar.

Diferentemente da narrativa apresentada por Boroa, Techo informa que seria Guaraé e não Tupamini quem proferiu o discurso afetuoso de recepção aos padres Ximenez e Porcel quando da fundação da primeira redução. Trata-se de uma informação sem grandes implicações, todavia, ela nos serve para atestar e, infelizmente, propagar a confusão reinante acerca do protagonismo dos caciques.

Além das referências já citadas, há também uma rápida menção à Tupamini na Carta Ânua relativa ao ano de 1633 redigida por Romero. A mesma passagem também encontra-se transcrita na Carta Ânua de 1632-1634 no

<sup>173</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 278.

<sup>174</sup> Palavra de origem Tupi-Guarani empregada em referência aos chefes indígenas. O substantivo “cacique” foi difundido pelos colonizadores europeus. Entre os indígenas eram comuns denominações como tubixá, tubixaba, tuxava, ycubixá, morubixaba, mburubixá, dentre outras variações regionais.

<sup>175</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 42.

trecho que trata da redução de *San Joachim*. Nela Romero descreve um episódio no qual articulou o seu encontro com o padre Ximenez na redução de Santa Teresa (oportunidade na qual Romero solicitou pessoalmente a transferência do povoado). Após tratativas frustradas, o encontro foi finalmente acertado através de bilhetes cuja entrega foi viabilizada pelo empenho do *capitán* Tupamini que despachou mensageiros com a missão de não repousar enquanto não interceptassem o padre Ximenez, que então acabara de partir de Santa Teresa em direção à *Apóstoles*.

As diferenciações hierárquicas entre os capitães, caciques, pajés e demais lideranças era de conhecimento dos jesuítas. Baseada neste entendimento, uma pesquisa acadêmica recente propõe que Tupamini seria então um *capitán* e não um *cazique*.

Os padres diferenciavam em suas cartas quem era Capitão e quem era Cacique, padre Taño, por exemplo, na *Ânua* de 1635c relata que para resolver uma situação de conflito com algumas lideranças espirituais, realizara uma conversa com caciques e capitães, portanto corrobora para a interpretação que fazemos a respeito de que *Tupaminí* era um Capitão, pois os missionários compreendiam estas distinções.<sup>176</sup>

Apesar da coerência deste raciocínio, convém atentar para o fato de que a pesquisadora, no entanto, não teve acesso ao conteúdo da Carta *Ânua* de 1632-1634, onde Tupamini é claramente descrito por Boroa - em mais de uma oportunidade - como um destacado cacique. Ademais, cabe salientar que Boroa, enquanto provincial, conferiu pessoalmente o desenvolvimento da redução de Santa Teresa, oportunidade na qual possivelmente conheceu Tupamini. O que nos leva a crer que o substantivo "*capitán*" registrado no texto foi-lhe atribuído por descuido ou quiçá um erro de transcrição.

Para a pesquisadora Ítala Becker, Tupamini era o cacique que dominava as terras conhecidas como Mondecá,<sup>177</sup> local que oferecia as melhores condições para receber o assentamento definitivo de Santa Teresa. Além de Guaraé

<sup>176</sup> CRISTO, Tuani de. *Historicidade e fronteiras culturais entre guarani e jesuítas em territórios da Província do Tape (1626-1638)*. Monografia de conclusão de curso de licenciatura em História. Lajeado: UNIVATES, 2016, p. 58.

<sup>177</sup> Também grafado como Mondecáá.

e Tupamini, o povoado também abrigava os caciques Aguiraverá, Amandaú, Tayaobá, Yabié, dentre outras lideranças cujos nomes perderam-se no tempo.<sup>178</sup>

De qualquer forma, o fato de Tupamini ser rememorado como o articulador da bem sucedida troca de bilhetes entre Romero e Ximenez denota mais uma vez a sua força de liderança na região.

Independente de eventuais omissões ou confusões sobre os papéis desempenhados por Guaraé e Tupamini, o ponto em comum em ambas as narrativas é que indubitavelmente havia duas lideranças indígenas que destacaram-se pelo seu empenho em viabilizar a fundação da redução de Santa Teresa. Em termos práticos, isto significa que a produção historiográfica deve de forma urgente e definitiva integrar o cacique Tupamini à história da redução de Santa Teresa, até então centrada exclusivamente na liderança de Guaraé.

Isto posto, convém retomar o assunto da transferência do povoado. Ao tomar sua decisão, o padre Romero estava ciente das dificuldades que poderiam se impor à transferência, uma vez que a redução já estava muito bem estabelecida, com suas chácaras semeadas, além da igreja e casas erigidas. *“Avia de aver dificultad en el Pe. Ximenez que ya tenia acabada su casa eYglesia y el pueblo casi hecho y todo muy bien acomodado y tambien en los Yndios por tener sus casas acabadas y sus chacaras nuevas”*.<sup>179</sup>

Ao retornar à Santa Teresa após as celebrações da Páscoa, Ximenez enfrentou e demoveu a parcialidade de Guaraé com o apoio dos caciques das reduções de *San Nicolas*, *Candelaria*, *Caro*, *San Thome*, *San Miguel* e *Natividad* que lhe acompanhavam em milícias durante as suas incursões pelo Tape,<sup>180</sup> procedendo-se por fim a mudança.

A respeito da nova localização, além do indicativo Curiti (pinhais), temos como principal referência espacial a encosta de um monte situado nas cabeceiras rio Jacuí, então denominado Igay. O povoado foi implantado em local ameno e aprazível, amplamente banhado por mananciais cristalinos. Na Carta Ânua de 1632-1634 encontramos uma detalhada descrição da região.

<sup>178</sup> BECKER, Ítala Irene Basile. op. cit., p. 173-174.

<sup>179</sup> Carta Ânua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, pelo Padre Pedro Romero. Apud CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 38.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 38.

*Ha quedado esta reducción asentada sobre una costanera de un monte en las cavesadas del famoso rio Ygay de que luego daremos noticia en un pues-to muy ameno y apacible vañado todo de xristalinos manantiales y arroyos y coronado de hermosissimos pinos que vencen a todos los que conocemos en Europa y parecen de outro linage descuellan sesgos y derechos 34 y 36 varas que parecen empinarse a las nuves y tan redondos y parejos como se los uvieran dado al torno su hechura, en selvas inmensas que ay de ellos no se hallará uno que tenga alguna exorvitanca o torcedura.*<sup>181</sup>

Essa informação também é reforçada pelo padre Pedro Romero na Carta Ânua de 1633. “*Está fundada esta reducion sobre las cabeçadas del rio que llaman Ygay famoso en esta tierra, que por la costa del Brasil en 32 grados vierte en el mar del norte*”.<sup>182</sup>

Mesmo após a transmigração do povoado, a redução não contava ainda com a presença constante de um padre. Francisco Ximenez foi então nomeado pelo provincial para assumir a direção da redução, tendo como sacerdote auxiliar o padre Juan de Salas. Ao primeiro cabia a administração geral do povoado, ao segundo especificamente as funções paroquiais.

Ximenez e Salas instalaram-se em Santa Teresa no dia 6 de agosto de 1633. Segundo Ximenez, o local já apresentava o aspecto de povoado, pois neste ínterim os indígenas haviam trabalhado com afinco na construção de suas casas que já estavam praticamente concluídas. A novidade se espalhou pelas regiões adjacentes, logo o povoado começou receber pessoas provenientes do Mbocariroy, região correspondente a atual bacia do rio Guaporé, inserida ao leste e sudeste da redução. Ximenez matriculou 250 famílias, batizou 50 crianças e alguns enfermos em estado grave. Durante todo o ano de 1633 foram mais de 400 crianças batizadas.<sup>183</sup>

Ainda no mês de agosto de 1633, a redução de Santa Teresa recebeu a visita do padre provincial Francisco Vásquez Truxillo. Esse episódio foi marcado por um grave acidente. A mula que o conduzia perdeu o equilíbrio ao cruzar um arroio nas cercanias da redução. O animal desabou sobre uma de suas pernas colocando a sua vida em risco e causando um ferimento que lhe

<sup>181</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 177.

<sup>182</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 91.

<sup>183</sup> Ibidem, p. 175.



deixou mais de um mês em repouso. Os indígenas o conduziram até Santa Teresa e, posteriormente, carregaram-no pelo restante do trajeto até a conclusão do seu itinerário.

O ano de 1633 foi marcado pela reorganização do povoado. O número de indígenas assentados era ainda reduzido, pois a disponibilidade de alimentos era limitada. As chácaras estavam sendo semeadas, em poucos meses de trabalho já colhiam milho e feijão. Os pinhões amplamente ofertados pelas matas de araucárias possuíam uma grande importância alimentar. Naquele ano foram matriculadas mais de 800 pessoas. Segundo Romero, havia ainda muita gente dispersa pela região, sendo perfeitamente viável aumentar o povoado ou até mesmo criar novas reduções.<sup>184</sup>

Dentre as reduções do Tape, Santa Teresa apresentava uma peculiaridade que exprime os fenômenos de fronteira que remontam ao período pré-colonial. Na Carta Anua relativa ao ano de 1633, Romero informa que dentre a população Guarani havia também índios Guañanas instalados no povoado, cuja nação poderia futuramente canalizar os esforços de conversão dos missionários.

*Tambien estan aqui junto los Guañanas, nacion muy estendida segun dizen estos Yndios, que an traido con ellos continuas guerras en cuya conversion, concluda la nacion Guarani, podra tener no pequeño empleo la Companhia.*<sup>185</sup>

Guañanas, Guayanas, Ibirajaras ou Gualachos são apenas algumas das denominações regionais outrora empregadas em referência aos grupos falantes do tronco linguístico Jê meridional, ancestrais dos atuais Kaingang e Xokleng (*Laklãnõ*).

O fato de serem grupos inimigos não os impediu de estabelecerem uma trégua ou aliança que lhes permitiu conviverem no mesmo espaço. O desenvolvimento de estratégias de compartilhamento de território é uma das características das zonas de fronteira. Como sabemos, o conhecimento arqueológico sinaliza a região da bacia do alto Jacuí como um local extremamente profícuo para tais fenômenos. Essa faceta da história pré-colonial perdurou durante o período missioneiro.

<sup>184</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 92.

<sup>185</sup> Ibidem.

A população aumentava progressivamente. Ao final de 1634 já havia mais de mil famílias assentadas em Santa Teresa, superando rapidamente o número de quatro mil pessoas. Diante da insuficiência de alimentos, muitas pessoas instalavam-se nos arredores do povoado onde aguardavam a oportunidade para integrar definitivamente a redução.<sup>186</sup> Para Tau Golin,<sup>187</sup> no sistema missioneiro as famílias extensas mantinham uma duplicidade na vida entre as reduções e seus assentamentos tradicionais. Mesmo as famílias já integradas poderiam viver distantes do núcleo reducional, ocupados em tarefas nos postos das estâncias, ervais e lavouras. As tradições da aldeia também eram mantidas pelas relações de parentesco entre os grupos tradicionais e os missioneiros.

Segundo a Carta Anua de 1634,<sup>188</sup> neste ano foram batizadas 650 crianças e cerca de 300 adultos. A comida era ainda insuficiente, com isso muitos indígenas dividiam-se entre a vida no povoado e a busca por alimentos nos seus antigos assentamentos. Os jesuítas evitavam batizar os adultos que ainda não estavam arraigados à redução. Projetava-se que no ano seguinte Santa Teresa ofereceria plenas condições de subsistência, sendo desnecessário retornar às antigas aldeias em busca de alimento. Neste ano Ximenez e Salas repartiram entre os indígenas várias sacas de milho e feijão para que pudessem semeá-las em suas chácaras, constituindo assim mais um atrativo ao aldeamento.

Diferentemente do que queriam os missionários, não era o estandarte da Santa Cruz nem tampouco as palavras do evangelho que demoviam os indígenas a integrarem-se definitivamente ao povoado, mas sim seus interesses comunitários e seu senso de sobrevivência, além da preocupação com a manutenção de sua cultura tradicional (teko).

As lideranças indígenas das aldeias, que se tinham defrontado com o serviço dos colonos e a predação dos mamelucos, tiveram de enfrentar, agora, essa terceira força. Não havia uma quarta alternativa, a de ficar no mato, vivendo à maneira tradicional.<sup>189</sup>

<sup>186</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 176.

<sup>187</sup> GOLIN, 2010, p. 28-30.

<sup>188</sup> Apud VIANNA, Hélio (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume IV. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970, p. 133-134.

<sup>189</sup> BECKER, Ítala Irene Basile. op. cit., p. 13.

De fato a manutenção do modo de vida tradicional estava ameaçado. O aldeamento nos povoados missioneiros não passava de estratégia de defesa e resistência conscientemente assumida pelos indígenas e articulada pelos Tubixá.

O tratamento zeloso e a busca insistente por missionários manifestadas pelas lideranças indígenas de Santa Teresa e de outras reduções, certamente são características decorrentes desta preocupação. Do ponto de vista dos tubixá, a presença de uma redução em seu território representava também uma grande vantagem em relação aos demais caciques regionais, pois estes seriam impelidos a buscar a proteção oferecida pelo povoado missioneiro, ficando assim sujeitos às condições de alianças que eventualmente lhes fossem impostas pelos seus anfitriões. Talvez ali resida uma das causas da resistência à transmigração do povoado oferecida pela parcialidade de Guaraé.

No entanto, a vida nos povoados missioneiros não era a única possibilidade. As alianças também eram viabilizadas em outras frentes. Ao mesmo tempo em que alguns indígenas buscavam a sensação de proteção junto aos jesuítas, outros grupos aproximavam-se dos bandeirantes e portugueses atuando como intermediários no sistema de *encomiendas*.

No tocante à administração do povoado, uma das demandas latentes que se impunham cotidianamente ao seu administrador Francisco Ximenez referia-se à garantia de subsistência de sua população. O ano de 1634 assinala uma importante medida neste sentido, a introdução do gado vacum.

As condições alimentares dos índios era o que mais preocupava os jesuítas, visto que nenhuma Redução vingaria, segundo diziam sempre, sem um regular abastecimento, não só de gêneros agrícolas, mas principalmente de gado.<sup>190</sup>

Conforme Aurélio Porto,<sup>191</sup> as referências à presença de gado nas reduções remetem ao ano de 1633. A disponibilidade do gado bovino era ainda incipiente, limitada as vacas leiteiras ou juntas de boi. A introdução em maior escala ocorreu no ano seguinte por ordem do provincial padre Pedro Romero. O gado foi adquirido em *Corrientes* e conduzido com muito esforço

<sup>190</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 173.

<sup>191</sup> PORTO, Aurélio. op. cit., 1954, p. 269-273.

pelo padre Cristóbal de Mendoza até o atual Rio Grande do Sul, onde foi distribuído entre as reduções. A previdência também fez com que o superior Diego de Boroa recomendasse ao padre Romero a manutenção de uma reserva destinada a socorrer as tropas que auxiliariam as reduções diante de uma eventual investida bandeirante. Para este fim foram separadas 300 cabeças. Inicialmente a cada povoado caberia uma cota de 99 cabeças que acabaram sendo remanejadas de acordo com as condições e necessidades de cada redução.

Santa Teresa passou a se destacar pela qualidade dos seus campos de pastagem. Sua principal estância situava-se a uma légua da redução. Para lá foram conduzidas 200 cabeças de gado.

A Coleção Pedro de Angelis guarda uma Carta Ânua redigida pelo padre Pedro Romero na qual encontra-se uma breve descrição da estância de Santa Teresa. Uma tradução deste fragmento nos é oferecida por Aurélio Porto.

A estância desta Redução é tão boa como qualquer das da Serra e o gado está muitas vezes bom, e o haver-se encontrado este posto se deve aos vaqueiros, que sentiam tanto que lhes levassem as vacas de sua terra, porque morriam de magreza, que andaram com elas provando ventura, até que Nosso Senhor lha deu topando com um posto que eles têm que estava não mais do que uma légua da Redução, e ali têm também os porcos e terão também 30 cabeças de cabras que estavam em São Miguel, e aos Padres lhes era pesado cuidar delas, e o P. Jiménez mas pediu e assim lhas enviei aos Apóstolos para que dali se as busque. Ao P. Jiménez levei comigo à Serra para que, **já que tinha tão boa estância**,<sup>192</sup> trouxesse 200 cabeças de vacas que havia posto em depósito em Sant'Ana e São Cristóvão, e assim as levou, e são pro rata, pela quantidade, para as 3 Reduções de Santa Teresa, Visitação e o Caaycó, para quando houver Padres, que isso têm de princípio que não é pouco.<sup>193</sup>

No tocante ao ano de 1635 a documentação nos oferece alguns importantes registros, como a expedição de reconhecimento ao Tebicuari realizada pelo padre Ximenez, a morte do padre Mendoza, a revolta organizada pela junta de feiticeiros e a peste que dizimou parte da população de Santa Teresa.

<sup>192</sup> Grifo nosso.

<sup>193</sup> PORTO, Aurélio. op. cit., 1954, p. 274.

Em atendimento à ordem de seu superior provincial, no dia 03 de janeiro de 1635 o padre Francisco Ximenez levou a cabo uma expedição exploratória com duração de 24 dias pela região do Tebicuari.<sup>194</sup> Em sua companhia partiram o padre Juan Suarez de Toledo e alguns índios de Santa Teresa.

Conforme Techo a exploração da fronteira leste do Tape foi ordenada pelo provincial Diego de Boroa, com isso vislumbrava-se a possibilidade de expansão do território missioneiro em direção ao Atlântico. Além do reconhecimento da região e de sua população, seu objetivo também era “*cerrar el Tape á las invasiones de los mamelucos, quienes parece que se preparaban á continuarlas*”.<sup>195</sup> O avanço das bandeiras não havia ainda se efetivado, contudo, a sensação de perigo iminente passou a ser nutrida por recorrentes notícias sobre a presença pontual de portugueses espreitando o território. Certamente as lembranças ainda latentes das invasões ao Guairá exigiam dos jesuítas a manutenção de um constante estado de alerta.

Partindo de Santa Teresa, a expedição percorreu durante cinco dias a região do Caapi no sentido leste. A partir de então a exploração deu-se pela via fluvial na direção sul, passando pelo Mbocariroi (rio Guaporé), Tebiquari (rio Taquari) e Mboapari (rio das Antas). O trajeto de retorno foi percorrido unicamente por via terrestre. Romero descreve minuciosamente a sua incursão ao Tebiquari em um relatório destinado ao seu provincial. O documento integra a Coleção Pedro de Angelis.

*Parti a 3 de Enero deste ano en prosecucion de lo q el P.c Prov.al me dexó ordenado, a hazer una entrada a esta infidelidad para proponerles la palabra dei S.or y procurar se reduxessen, y gaste em ella 24 dias, entre por el Capii, 5 dias de camino de aqui, donde me embarq y en médio dia sali al Mbocariroi por el qual en dos dias sali al Tebiquari, por el qual navegue 3 dias, y sali al Mboapari donde dexe las canoas (por estar mui baxo) y en cinco dias bolvi a esta rred.on. Los demas dias gaste en varias salidas que hize a los montes, desde el rrio donde la gente se juntaba a oir mi embajada.*<sup>196</sup>

Ximenez estimou em dois mil o número de índios a serem reduzidos naquelas regiões, destacando três postos de maior concentração no Caapi,

<sup>194</sup> O relatório da entrada ao Tebicuari encontram-se disponível nos documentos em anexo.

<sup>195</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 343.

<sup>196</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 97.

Yuyisti (serra do Tebiquari) e na foz do Mboapari. Considerou, no entanto, que o território não oferecia condições apropriadas para fundação de povoados missionários, convidando assim parte dos indígenas para integrarem as reduções já formadas.

Peculiar é a descrição da comitiva indígena que se formou para acompanhá-lo em parte do trajeto. Em certo momento da expedição juntaram-se trinta e quatro canoas com cerca de duzentos índios devidamente ornamentados e armados, um evento que, nas palavras de Ximenez, causava uma “*agradable vista*”.

*La gente me recibió bien, y con grandes muestras de alegría, aconteció juntarse 34 canoas, en que avria casi duzientos indios, que embijados y emplumados a su usança, esparcidas por el rio las canoas causaban agradable vista. Tambien cada qual con su instrumento bellico, y todos con su confussa griteria hazian temblar la tierra. desta manera me acompañaban de un pueblo a otro, ya en mayor, ya en menor numero.*<sup>197</sup>

O fato de maior relevância registrado por Ximenez sem dúvida trata da presença de duas lideranças indígenas aliadas aos portugueses mercadores de escravos, Ibiraparobi e Parapopi.<sup>198</sup> O primeiro estava assentado no Mboacariro e o segundo no Tebiquari, quatro léguas abaixo da foz do Mboapari. Estes indígenas então denominados **mus** atuavam como intermediários que capturavam ou atraíam outros índios vendendo-os aos mamelucos.

O maior interesse desta carta está nos informes que fornece sobre a organização comercial dos portugueses, em sua maior parte paulistas, nos territórios do Tape, servindo-se dos índios tupi como intermediários junto dos *mus*, ou moradores indígenas, com frequência feiticeiros, seus aliados. Dos informes do padre Ximenez se conclui que portugueses e índios tupi utilizavam a Lagoa dos Patos e o rio Jacuí como uma das portas e vias de penetração até ao coração do Tape.<sup>199</sup>

<sup>197</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 97-98.

<sup>198</sup> Também grafado como Parapoti.

<sup>199</sup> CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 377-378.

Conforme apurado por Ximenes, os traficantes de escravos oriundos de São Paulo chegavam à região por via marítima. Após percorrer o intempestivo litoral sul-brasileiro atracavam na região da Barra do Rio Grande. A partir daí partiam em embarcações menores pela Lagoa dos Patos em direção ao estuário do Guaíba, prosseguindo pelos pontos navegáveis do rio Jacuí e seus principais afluentes. Em suas margens realizavam o escambo com os mus que não hesitavam em dispensar seus prisioneiros em troca de utensílios variados.

*Hacia pocos años que los mamelucos, embarcados en bergantines, recorrían la costa, y llegando al rio del Espíritu Santo, que nace en el Tape y desemboca en el Océano, entraban por el y daban á los habitantes de sus orillas herramientas y vestidos á cambio de esclavos. Los mismos índios, atraídos por el cebo de las mercancías, se vendían unos á otros, abusando de la fuerza, y devastaban la comarca del litoral; por esta razón se decían amigos de los mamelucos, y llegaron á echar mano de algunos neófitos que residían en las aldeas cercadas á la reducción de Jesús y María.*<sup>200</sup>

Ximenez tinha a intenção de dissuadi-los. Ibiraparobi mostrou-se receptivo e acompanhou-o em sua viagem durante três dias. Parapopi, ao contrário, alertado previamente sobre as intenções do sacerdote evitou o encontro com Ximenez abandonando o seu preposto. Como último recurso o padre decidiu incendiar a casa de Parapopi e destruir seus roçados no intuito de expulsá-lo da região.

A expedição exploratória de Ximenez não passou despercebida. Suas ações durante a viagem tiveram ampla repercussão. Para Cafruni, Parapopi não partiu em debandada, “mas foi, isto sim, conclamar aqueles povos a uma revolta contra os missionários”, uma vez que para os mus a presença dos jesuítas se impunha como uma crescente ameaça ao tráfico de escravos, preconizando a “perda do seu prestígio entre os índios e bandeirantes, além do prejuízo das regalias que desfrutava”. A partir do assentamento de Parapopi – situado na margem esquerda do Taquari - partiam as canoas com indígenas escravizados que eram então transportados “até os entrepostos paulistas que havia ao logo do Jacuí e nas margens do Guaíba, de onde eram embarcados para Piratininga.”<sup>201</sup> Os gritos de resistência que constantemente ecoavam de

<sup>200</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 352.

<sup>201</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 205-206.

forma isolada pelas fronteiras do Tape foram então impulsionados pela missão de reconhecimento do padre Francisco Ximenez.

À exploração de Ximenez seguiu-se a entrada do padre Cristóbal de Mendoza Orellana<sup>202</sup> na região do Caaguá em abril do mesmo ano. Mendoza encontrava-se na redução de Jesus-Maria onde recebeu com inquietação a notícia sobre a possível aproximação dos mamelucos paulistas pela região dos atuais Campos de Cima da Serra e vales dos rios das Antas e Taquari (Caaguá). No intuito de livrar os índios da sanha bandeirante e trazê-los para as reduções do Tape, evitando também que se aliassem aos mamelucos, partiu com uma pequena comitiva indígena em direção ao Caaguá passando antes pelo Ibiá, território ao leste do atual Taquari então controlado pelos aliados dos mamelucos. Região que também compreendia o entreposto de Parapopi incendiado por Ximenez há cerca de três meses.

Em sua viagem de retorno à redução de Jesus-Maria, a expedição foi massacrada em uma emboscada no Ibiá, no dia 26 de abril de 1635. O ataque foi articulado por Tayubai, um índio que havia abandonado o povoado de *San Miguel* devido a atritos com o padre Mendoza. Conforme relatos do episódio colhidos pelo padre Ximenez, a ação de Tayubai teve o apoio do feiticeiro Tayabaiba e dos caciques Guinpi, Ñanduai, Tabêçaca, Yapepoyaca dentre outras lideranças.

*En el Ibia avia entre otros, un indio huido de S. Miguel, llamado Tayubai, a quien el mismo P.e Xptoval de Mendonça ahora un ano avia procurado corregir y el no pudiendo sufrirlo, se huyó de nuestras red.cs y viendo tan buena ocasion ayudandose de un hechizero llamado Tayabaiba, y otros Caciques llamados Guinpi, Ñanduai, Tabêçaca, Yapepoyaca, y otros muchos conbocó un gran numero de gente de toda aquella tierra y diziendoles mucho mal dei P.e les persuadió q le matassen y le armaron la zelada para la buelta en el Ibia, tierra, segun dicen, mui a propósito para ello por los grandes riscos y penascos y passos forçosos dei camino.*<sup>203</sup>

A notícia do assassinato do padre Mendoza rapidamente chegou às reduções. Desolados e enfurecidos os indígenas organizaram-se com o objetivo de resgatar o corpo do sacerdote. Segundo Techo, foram “*reunidos ya hasta cinco*

<sup>202</sup> Em português grafado como Cristóvão de Mendonça ou Mendoza.

<sup>203</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., p. 103.



*mil soldados*”.<sup>204</sup> Todavia, em seu relatório sobre a morte do padre Mendoza, Ximenez informa que a milícia era composta por cerca de 1600 índios.<sup>205</sup>

Os jesuítas foram impedidos de acompanhá-los sob o argumento de que atrapalhariam a refrega, uma vez que sua presença demandaria cuidados adicionais. Restou aos padres recomendar que a ação se limitasse a recuperar o corpo de Mendoza evitando confrontos impelidos pelo desejo de vingança. A despeito da anuência inicial dos indígenas, os embates sangrentos foram inevitáveis. O encontro das forças opositoras ocorreu no dia 15 de maio nas proximidades do local da emboscada. Em tom de provocação as forças de Tayubai acenaram com pedaços da batina de Mendoza. Em seguida deu-se o combate com vantagem para os missioneiros. Dentre seus opositores, os que não fugiram foram mortos durante a ação ou mantidos prisioneiros. No dia seguinte finalmente chegaram até o corpo do sacerdote, onde os missioneiros novamente enfrentaram a resistência que havia retornado em maior número. Repetiu-se o resultado do dia anterior. Tayubai foi capturado e conduzido até o local da morte de Mendoza. Ali Guaimicarú, capitão da redução de *San Miguel* – fundada por Mendoza – rompeu-lhe a cabeça a pauladas, dizendo-lhe que seus ossos permaneceriam no mesmo lugar onde haviam matado o padre. No dia 20 de maio os missioneiros retornaram a Jesus-Maria com o corpo de Mendoza e seus prisioneiros.<sup>206</sup>

Apesar da derrota infligida e das baixas sofridas, a resistência no Ibiá tornou a articular-se, desta vez, contudo, em maior número e com latente anseio de vingança. Os feiticeiros ou *hechizeros* tiveram um papel preponderante. Seus embates com os jesuítas sempre foram frequentes, visto que no âmbito da organização social indígena o papel de curandeiro e líder espiritual (*paye*, *abapaie* ou *karai*) foi prontamente ameaçado e substituído pelos padres.

O grito de desforra ressoou pelos vales dos rios Taquari e Guaporé alastrando-se também pelo Cariroí (Campo do Meio), território lindeiro à redução de Santa Teresa. Os indígenas rebelados organizaram-se em torno de uma **junta de feiticeiros** causando enorme pânico nas missões do Tape, resultando na captura de índios missioneiros e no abandono de parte dos povoados. Os insurgentes reuniram-se sob o comando do feiticeiro Chem-

<sup>204</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 372.

<sup>205</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., p. 102.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 103.

boabate, seu filho Yaguacaporu e seu irmão Yaguarobi, todos aliados dos portugueses.<sup>207</sup> A estes somaram-se outros feiticeiros influentes como Apiçayre e Iapiri, sendo este último um impostor que tomou o nome do feiticeiro morto no Ygayriapipe (cabeciras do Jacuí), “querendo fazer crer aos índios fosse ele um morto ressuscitado”, conforme descreve Porto.<sup>208</sup>

A mensagem de resistência era difundida pelos yeroquihas,<sup>209</sup> “feiticeiros dançadores” que percorriam os povoados propagando de forma atemorizante a ameaça que os jesuítas representavam ao modo de vida tradicional dos indígenas.

Muitas aldeias foram, pelo temor incutido nos próprios cristãos, aos poucos, se despovoando. Era costume, quando abandonavam as casas, desfazê-las e queimar a madeira e, assim, aldeias inteiras iam sendo desfeitas e seus moradores desaparecendo do convívio cristão. As roças também eram abandonadas e as sementeiras perdidas.<sup>210</sup>

Tais embates consistiam na materialização das contendas que opunham jesuítas e feiticeiros. Mais do que a disputa pela primazia espiritual, os indígenas opositores buscavam a manutenção do seu modo de vida tradicional, em cuja sociedade não havia espaço para qualquer papel de liderança exógeno.

Neste íterim o padre Francisco Dias Taño já havia sido designado para organizar a defesa das reduções. Em carta redigida em setembro em 1635, o jesuíta informa ao seu superior que havia notícias de uma junta de índios que se formava no Cariói e Pirayubi, mas que até então as suas intenções eram desconhecidas.<sup>211</sup> Uma das maiores preocupações referia-se à eventual participação dos portugueses e paulistas nestes eventos.

*Pero q teniamos notiça de una junta de indios que se hacia [en] el cariray y en el Pirayubi y q no sabíamos su intension ni por q orden era y asi pedia*

<sup>207</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 107.

<sup>208</sup> Apud PORTO, Aurélio, 1954, p. 118.

<sup>209</sup> Também grafado como *hieroquihas*.

<sup>210</sup> Apud PORTO, Aurélio, 1954, p. 119.

<sup>211</sup> Carta Ânua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, pelo Padre Pedro Romero. Apud CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 106.

*al hermano Ju<sup>a</sup> de Cardenas porq assi lo avia ordenado el P<sup>e</sup>. Provincial q  
aviendo qualquier rumor de Portugueses viniese luego con tiempo [...].*<sup>212</sup>

Realizados os agrupamentos no Cariroí (Campo do Meio) e Pirayubi (margem direita do rio Taquari), reuniram-se por fim os rebelados no Taiaçuapé<sup>213</sup> (margem esquerda do rio Taquari). A partir daí planejaram o ataque às reduções de *Jesus-Maria*, *San Joachim* e *San Cristóbal*. Dentre as estratégias adotadas contavam com indígenas infiltrados nas reduções. Tática análoga foi empregada pelos missioneiros. O padre Taño relata que Ariya, capitão de *San Joachim* havia se infiltrado na junta do Taiaçuapé, inteirando-se dos planos inimigos e contribuindo para afastar a suspeita de participação dos portugueses.<sup>214</sup>

Entretanto crescia a multidão que em torno dos feiticeiros se congregava para as juntas de Taiaçuapé. Foi quando, por iniciativa própria, resolveram alguns capitães dos Povos, fiéis aos princípios cristãos, tomar providência para coibir esse mal que daria cabo de todo o trabalho de catequese dos Jesuítas. Reunidos os índios, armados em guerra, e cobertos de plumas, como era usual nas guerras, foram, tendo seus capitães à frente, dar caça aos hieroquiarias, que eram os promotores daquela desordem. Conseguiram prender muitos desses emissários da Junta, sendo alguns mortos e outros aprisionados e levados para a redução onde, não obstante os rogos dos Padres, eram duramente castigados como exemplo para o Povo. Diziam-se deuses e, para desengano dos que neles acreditavam, entregaram-nos às crianças que os enchiam de lodo e deles escarneciam, fazendo-os dançar sob os mais ridículos apodos.<sup>215</sup>

Os conflitos pontuais eram recorrentes. Por fim a junta de feiticeiros articulou-se para lançar um ataque simultâneo às três reduções do Yequi ou Yequiyiguaçu (rio Pardo). A defesa missioneira capitaneada por Antoni, Ariya e Guiraragué foi prontamente organizada em setembro de 1635. Ao contin-

<sup>212</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>213</sup> Cf. RELLY, Eduardo (*et al.*), 2008, trata-se da região do atual município de Colinas.

<sup>214</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 108.

<sup>215</sup> Apud PORTO, Aurélio, 1954, p. 119.

gente dos três povoados iminentemente ameaçados somaram-se os guerreiros de *Sant'Ana*, totalizando uma força de 900 à mil homens.<sup>216</sup>

Em carta destinada ao seu superior, o padre Francisco Dias Taño relata claramente os acontecimentos. Ao atingirem as margens do Yequiyimini, os missioneiros permaneceram ali estacionados durante dois dias devido às chuvas, iniciando em seguida a construção de uma ponte. Alguns se lançaram na tentativa de cruzar o rio a nado, no entanto, o afogamento de um “*muchacho de San Joachin*” rapidamente os removeu. Concluída a ponte e a travessia de cerca de metade dos guerreiros, alguns rebelados assentados nas proximidades perceberam a aproximação e lançaram-se imediatamente ao embate. Os “insurgentes” foram vencidos e os prisioneiros obrigados a revelar a localização do restante da junta. Concluída a travessia do rio e reorganizada a milícia, os missioneiros dirigiram-se para o embate final. Ali deparam-se com grandes casas protegidas por fortes paliçadas que não impediram sua vitória. Por fim, a junta foi dissolvida. Além de fugitivos e prisioneiros, o episódio resultou na morte de importantes lideranças rebeldes. Chemboabate, no entanto, permanecia vivo e refugiado no Cariroí, nas cercanias de Santa Teresa.<sup>217</sup>

Esse episódio é aludido por Aurélio Porto. No entanto, possivelmente um engano de tradução ou interpretação o induziu ao erro. Conforme a sua narrativa,<sup>218</sup> parte da junta encontrava-se já entrincheirada na margem direita do rio Yequiyimini (rio Pardinho) quando foi surpreendida pelas forças missionárias. Os demais aguardavam na margem oposta a construção da ponte, já que as chuvas dos dias anteriores lhes havia dificultado a passagem, sendo em seguida confrontados e vencidos pelos missioneiros que cruzaram o rio a nado. Todavia, o relato de Dias Taño é elucidativo. Os indígenas resistentes não chegaram a cruzar o rio, ao contrário, os missioneiros construíram a ponte e surpreenderam os rebelados em suas posições na margem esquerda do rio Pardinho.

Os desdobramentos históricos que abarcam o período desde a entrada ao Tebicuari até a dissolução da junta de feiticeiros, refletem em grande medida a efervescência geopolítica do período, profundamente marcada por conflitos, tensões, alianças e disputas territoriais que envolviam os indígenas evangelizados, os jesuítas, mamelucos, os mus e demais indígenas rebelados.

<sup>216</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 108.

<sup>217</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 111-112.

<sup>218</sup> Apud PORTO, Aurélio, 1954, p. 119.

Ao abordar este período em *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico* Cafruni nos apresenta uma série de informações desencontradas. Dentre as quais pode-se destacar a exacerbada preponderância atribuída à destruição do posto de Parapopi como motivação para a formação da junta de feiteiros. Ou ainda um suposto embate armado nas trincheiras e paliçadas do Ygayriapipe (cabeceras do rio Jacuí), palco no qual os índios de Guaraé dirigidos pelo padre Francisco Dias Taño teriam batido as forças lideradas pelo feiteiro Ibapiri.

Noutros tempos, Ibapiri atemorizou os índios missioneiros da redução de *Apóstoles* e articulou uma emboscada da qual os padres Ximenez e Porcel livraram-se ao serem detidos pelas chuvas em Santa Teresa, no ano de 1632. De fato, o feiteiro veio a perecer no Ygayriapipe, sendo seu nome posteriormente assumido por outro feiteiro que integrou a resistência em Taiacuapé. No entanto, na documentação consultada não encontramos referências sobre as circunstâncias de sua morte, nem tampouco sobre o embate relatado por Cafruni. O próprio pesquisador reconhece a insuficiência de fontes para apoiar suas interpretações. “Desse combate, infelizmente, não há uma descrição”, o episódio também “não é referido por Aurélio Porto”, mas “verifica-se, logicamente, que houve o choque armado, em que pereceu o famoso feiteiro”.<sup>219</sup> Ou seja, mesmo diante da inexistência de qualquer aporte documental, Cafruni defende a veracidade do seu relato.

É importante recordar que Cafruni não teve acesso às fontes primárias, sua narrativa foi construída, sobretudo, com base nas informações oferecidas por Aurélio Porto a partir de suas pesquisas nos documentos da Coleção de Angelis.

Movido talvez pela comodidade metodológica que a práxis de historiador dileitante lhe permitia, Cafruni não se absteve de preencher as lacunas com interpretações pessoais que, apesar de coerentes, nem sempre são corroboradas pelas fontes primárias. Considerando a influência de sua obra para a historiografia de Santa Teresa, é imprescindível acolhermos a necessidade de uma leitura crítica e atenta às análises comparativas propiciadas pelas Cartas Anuais e demais documentos.

Dando sequência ao relato dos acontecimentos registrados em 1635, impõem-se como tema o flagelo da peste que assolou Santa Teresa. Segun-

<sup>219</sup> CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1966, p. 226-227.

do a historiadora Eliane Fleck,<sup>220</sup> eram genericamente designadas de “peste” ou “*enfermedad*” várias doenças como febre amarela, malária, gripe, sarampo, varíola, tifo, sífilis, lepra, tuberculose dentre outras enfermidades que até então eram desconhecidas pelas populações indígenas. A carência de anticorpos atuava como um agravante.

Considerando o imenso território que os Guaraní ocupavam no século XVII, as epidemias eram facilmente propagáveis, devido a sua grande população e à intensa comunicação que existia entre as aldeias, ligadas por uma rede de trilhas e caminhos abertos no interior das florestas ou pelos cursos d’água.<sup>221</sup>

A peste também havia ceifado vidas nos anos anteriores. As epidemias alastravam-se rapidamente pelos povoados missionários onde parte da população já encontrava-se debilitada pela fome. O padre Francisco Dias Taño relatou ao seu superior que o contexto de fome havia sido agravado pela imprudência dos padres que no anseio extremado de aliciar os indígenas, destruíram suas aldeias e arrancaram o milho que haviam semeado. As novas chácaras criadas nos povoados foram atingidas pela seca, acentuando sobremaneira o contexto de fome.<sup>222</sup>

Em decorrência das epidemias (especialmente o sarampo), a redução de Santa Teresa observou um drástico decréscimo de sua população. De acordo com Techo, “*la peste causó la muerte en Santa Teresa á novecientas personas*”.<sup>223</sup>

O ano de 1636 exigiu o direcionamento dos esforços à consolidação do povoado. O gado se reproduzia livremente na estância situada a uma légua da redução. As chácaras previamente semeadas permitiam boas colheitas. “Quando em outras partes reinava fome, em Santa Teresa havia abundância de cereais, grão de bico, milho e legumes, a ponto de poderem ceder da fartura a muitos refugiados”.<sup>224</sup> Neste cenário de otimismo, prosperidade e constante fartura, o povoado via sua população aumentar progressivamente, incor-

<sup>220</sup> FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *A morte no centro da vida – reflexões sobre a cura e a não-cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609 – 1675)*. Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC. Belo Horizonte, 2000, p. 11-12.

<sup>221</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>222</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 113.

<sup>223</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 345.

<sup>224</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 47.

porando assim pessoas que para lá se dirigiam espontaneamente. “Além dos catecúmenos antigos haviam afluído para Santa Teresa, localizada nas pontas do Jacuí, proximidades da atual cidade de Passo Fundo, inúmeras tribos que demoravam pela província de Ibiáça, regiões de Caamo e litoral atlântico”.<sup>225</sup>

Conforme Hernández,<sup>226</sup> após a fundação dos povoados, uma das maiores preocupações que se impunham aos jesuítas era afiançar meios de subsistência da população. A falta de alimento era um dos principais elementos desagregadores. Sobre este tema, o provincial padre Diego de Boroa, em Carta Ânua redigida em 1637, oferece como exemplo o empenho do padre Ximenez em garantir a abundância de mantimentos de Santa Teresa.

*Conociendo esto el P. Francisco Jiménez, que tiene esta reducción á su cargo, puso todo su cuidado en que todos los indios ya reducidos tuviesen mucha comida, haciendo el Padre sembrar de comunidad mucho maíz y legumbres, y hacer muchas chácaras y sementeras de trigo para dar á los pobres y socorrer á los que viniesen de nuevo á reducirse, como lo hizo, repartiendo mucha cantidad de maíz, frísóles y trigo á todos los que lo habían menester, haciéndoles que hiciesen de nuevo más chácaras y sembrasen buenas sementeras, para que no padeciesen en adelante más necesidad. Corrió la fama de lo que el Padre hacía, así con los indios ya reducidos, como con los que venían de nuevo, y comenzaron á venir de todos aquellos montes del Capítí, y de los ríos del Tibiquarí y Cariroí muchos indios, trayendo toda su chusma, pidiendo ser recibidos en aquella reducción, para que les enseñasen los misterios de nuestra santa fe, y los hiciesen hijos de Dios por medio del santo bautismo. Con lo cual se juntaron en esta reducción y están ya reducidos en sus casas y chácaras más de mil familias, y se han hecho cristianos cuatro mil ciento sesenta,*<sup>227</sup> etc.<sup>228</sup>

Uma das grandes comodidades também oferecida pelo povoado de Santa Teresa era a sua proximidade com os extensos ervais nativos, característica que também lhe imprimiu a alcunha de *Santa Teresa de los Piñales y Yerbaçales*.

<sup>225</sup> Apud PORTO, Aurélio, 1954, p. 163.

<sup>226</sup> Carta (1637) de Diego de Boroa (1637) apud HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. V.1. Barcelona: Gili, 1913, p. 388.

<sup>227</sup> Grifo nosso.

<sup>228</sup> HERNÁNDEZ, Pablo. op. cit., p. 345.

*Tiene outra commodidad el sitio desta reduccion, q no le haze poco apetecible a los Yndios y es estar junto a la yerba que los naturales llaman Coguai de que generalmente usa toda esta nacion Guarani y sin ella parece no pueden vivir.*<sup>229</sup>

Infelizmente não dispomos de maiores dados sobre a organização espacial do povoado, o que não nos impede de traçarmos um paralelo com os demais *pueblos misioneros*, uma vez que via de regra a tipologia urbanística obedecia a um modelo reducional.

Segundo o arquiteto e pesquisador Luiz Antonio Bolcato Custódio,<sup>230</sup> “a base para a organização espacial das cidades espanholas na América foi estabelecida por sucessivas diretrizes denominadas Ordenações Reais para colonização do Novo Mundo”. As diretrizes abordavam diversos aspectos da organização administrativa colonial, incluindo as referências urbanísticas que perpassavam pela escolha do local de implantação dos povoados e a disposição dos terrenos, ruas e praças. As Ordenações “passaram para a história com a denominação genérica de Lei das Índias”. Entretanto, não havia “modelos concretos para serem aplicados, mas apenas diretrizes gerais”. Da mesma forma, a implementação dessas orientações não ocorreu de forma imediata, por vezes observou-se uma evolução, iniciando, por exemplo, com traçados irregulares que posteriormente passavam por adequações.

No caso dos povoados missionários implantados no atual território sul-rio-grandense, as diferenças marcantes nos permitem “reconhecer duas fases referentes à estrutura espacial interna onde as variáveis, território, arquitetura e organização espacial interagem, diferentemente”.<sup>231</sup> As duas fases abarcam o período jesuítico dos séculos XVII e XVIII, entremeadas pelas invasões bandeirantes.

Para Custódio, a influência das orientações genéricas das Leis das Índias teria sido maior nos povoados da primeira fase fundados nas décadas iniciais do século XVII, cujas características “correspondem às descrições dos inúmeros pequenos povoados – *aldeamentos* ou *pueblos de índios* – empreendi-

<sup>229</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 92.

<sup>230</sup> CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *A Redução de São Miguel Arcanjo: Contribuição ao estudo da tipologia urbana missioneira*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2002, p. 68-70.

<sup>231</sup> CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo*. Caderno de História, n° 21. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, s/d, p. 9.



dos durante a colonização espanhola e portuguesa na América”. Por sua vez, as missões que observaram um desenvolvimento notável no século XVIII já gozavam de uma maior “autonomia compositiva e funcional”, com características próprias que permitiram o desenvolvimento de um modelo espacial reconhecido como “tipologia urbana missioneira”, perfeitamente caracterizada e materializada nos remanescentes urbanísticos e arquitetônicos ainda conservados no antigo território da Província do Paraguai, a exemplo do notório Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo.<sup>232</sup>

Em termos práticos, uma das principais características decorrentes deste contexto foi a composição do traçado ortogonal centralizado a partir de uma praça com quadras e ruas dispostas de forma paralela.

A tipologia urbana básica resultante da aplicação desses ordenamentos na América é a de povoações com *traçado regular ortogonal*, estruturado a partir de uma praça central, polo funcional gerador de um traçado viário regular estruturado pelo cruzamento de duas ruas principais. A seu redor, dispunham-se os três poderes, onde às vezes se misturavam o político, o religioso e o econômico. Essa tipologia de traçado básico foi amplamente aplicada e é reconhecida ao longo de todo o continente americano colonizado pela Espanha.<sup>233</sup>

O traçado pautado pelo cruzamento de duas vias principais é marcante, sobretudo, nos povoados estruturados no século XVIII. O plano regular, no entanto, já estava presente nas vilas espanholas desde o século XVI. Uma de suas principais vantagens era a possibilidade de manutenção de um crescimento ordenado dos povoados.

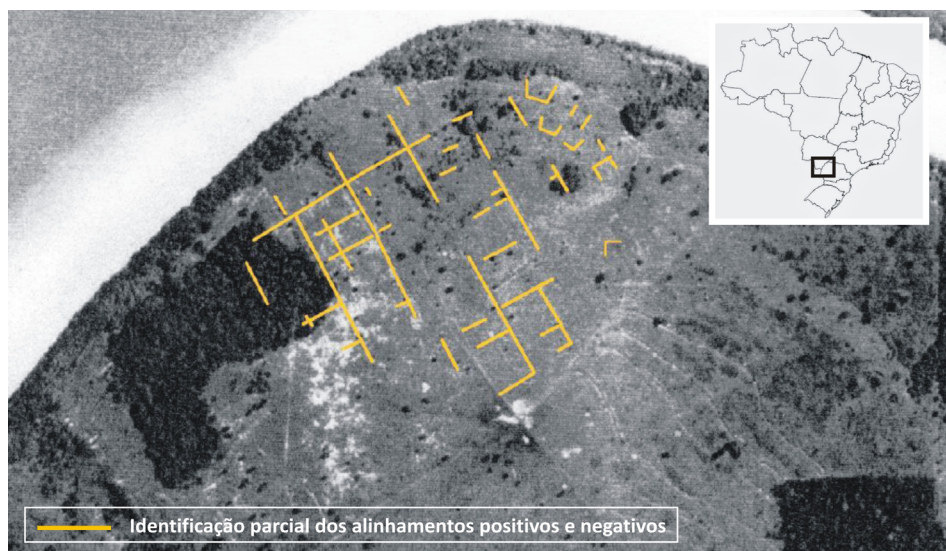
É ilustrativo o caso da redução de Julí, fundada em 1578 nas margens do lago Titicaca no Peru e posteriormente “utilizada como referência na estruturação do processo reducional que então se instalava no Paraguai”.<sup>234</sup>

A incorporação do plano ortogonal foi evidenciada, por exemplo, pelas pesquisas arqueológicas realizadas nas ruínas da *Ciudad Real del Guayrá*, atualmente localizada no município de Terra Roxa, Paraná (Figura 10).

<sup>232</sup> Ibidem.

<sup>233</sup> Ibidem, 2002, p. 70.

<sup>234</sup> Ibidem, s/d, p. 6.



**FIGURA 10.**  
Alinhamentos  
fotointerpretativos da malha  
urbana de Ciudad Real del  
Guayrá plotados sobre foto  
aérea de 1994.

**FONTE:**  
Editado a partir de CHMYZ  
(et al.), 1990, p. 29.

É possível que no momento de reestruturação de Santa Teresa em seu segundo posto, o padre Ximenez tenha incorporado uma certa regularidade – mesmo que incipiente – na forma de instalação da igreja e residências, obedecendo ao traçado ortogonal inicialmente dividido em nove quadras tendo a praça ao centro e a igreja assentada em posição privilegiada do terreno. Uma interessante descrição dessa planificação regular nos é oferecida por Olyntho Sanmartin.

As reduções idealizadas pelo espírito empreendedor do Pe. Roque, que possuía os mais altos dotes de engenheiro e arquiteto, como aldeia modelo apresentava uma área dividida em nove quadras. Dessa área apenas separava uma quadra para que a redução possuísse sua praça indispensável. As oito restantes eram todas construídas, destacando-se, como edifício de relevo, a igreja. Cada quadra edificava seus barracões com pé direito de dois metros, dividido cada um em cinco peças com vinte metros de frente. Cada peça abrigava uma família indígena, do que resultava poder alojar cada redução duzentas famílias aproximadamente. Frente à igreja estava a habitação dos missionários – fechada com paus e enclausurada -. A cobertura era de palha e o madeiramento de cedro.<sup>235</sup>

<sup>235</sup> SANMATIN, OLYNTHO. *Bandeirantes no sul do Brasil*. Porto Alegre: A Nação, 1949, p. 63.

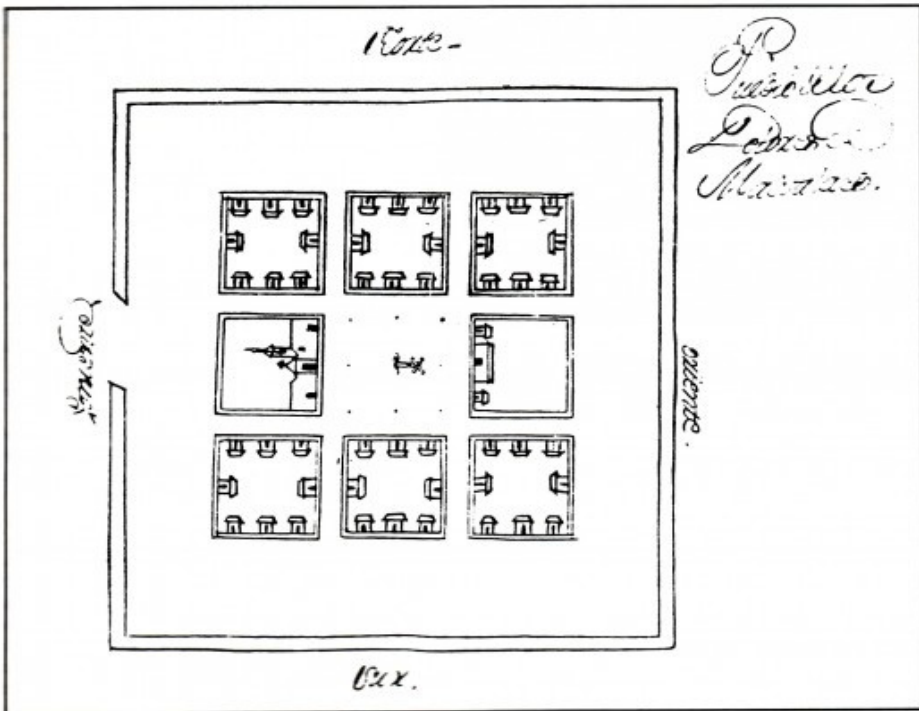
Uma configuração similar, porém referente ao século XVIII, foi observada na Argentina junto ao *Pueblo de los Dolores de Malbalá*<sup>236</sup> (Figura 11). Quanto às técnicas construtivas das edificações, basicamente eram estruturas de madeira cobertas com tramas vegetais, piso de chão batido e paredes de taipa erigidas com barro, galhos e fibras vegetais. Portanto, materiais altamente suscetíveis às intempéries. Sobre as dimensões das edificações nos servem de exemplo algumas medidas referentes ao povoado de Jesus-Maria. O pé direito da casa dos padres atingia pouco mais de 7 metros. Essa mesma medida chegava a 10 metros na igreja, cuja largura era de aproximadamente 15 metros.

FIGURA 11.

Traçado urbano do Pueblo de los Dolores (Córdoba).

**Fonte:**

MAEDER, Ernesto; GUTIERREZ,  
Ramon. 1994, p. 11.



Não obstante as fontes documentais não autorizarem uma apreciação conclusiva a respeito da organização espacial de Santa Teresa, o esboço de

<sup>236</sup> Povoado sob o encargo dos padres franciscanos.

conjunturas comparativas nos permite realizar reconstituições hipotéticas que podem subsidiar o desenvolvimento de futuras pesquisas arqueológicas voltadas à identificação dos seus vestígios remanescentes.

Outrossim, considerando que os rumores acerca da aproximação dos invasores paulistas assumiram caráter contínuo, também deve-se levar em conta a possibilidade de não ter havido tempo hábil para a consolidação de tais características urbanísticas, excetuando-se, talvez, as edificações da igreja, casa dos padres e delineamentos da praça central.

No ano de 1637, o povoado de Santa Teresa já havia alçado uma posição de destaque dentre as demais reduções. Em Carta Ânua de 1637-1639, o então padre provincial afirmava assertivamente que “*era esta reducción la más importante, teniendo 1.200 familias y muchas provisiones, y diariamente creció com advenedizos, atraídos de todas partes*”.<sup>237</sup> Segundo Montoya, “agregaram-se a este povo de Santa Teresa 5.000 almas”. Suas extensas plantações teriam contribuído para atrair os indígenas, “iniciativa que se tornou afamada e lhe trouxe grandes rebanhos de almas”.<sup>238</sup>

Possivelmente este contexto de fartura também era impulsionado pela constante preocupação em garantir a disponibilidade de provisões perante um ataque dos mercadores de escravos. Essa inquietação não foi de forma alguma inapropriada. O tão temido avanço das bandeiras se materializou diante do povoado de Santa Teresa em dezembro de 1637, encerrando assim o ciclo de desenvolvimento e abundância característico do *pueblo de los piñales*.

### 3.3 AS INVASÕES BANDEIRANTES NO TAPE

A chegada dos bandeirantes ao alto Jacuí em 1637 interrompeu a missão evangelizadora castelhana, transformando-a em reduto escravagista luso-brasileiro no Tape. Esse reordenamento extremado foi favorecido pela conjuntura política que permeava as relações entre as potências colonizadoras. A união das coroas ibéricas beneficiou sobremaneira a dilatação territorial lusitana para além dos limites do Tratado de Tordesilhas.

<sup>237</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1984, p. 74.

<sup>238</sup> RUIZ DE MONTTOYA, Antônio. op. cit., p. 248.

Segundo a pesquisadora Fernanda Sposito, a união dos impérios não suprimiu os conflitos entre os agentes coloniais de ambas as coroas. Outrossim, gestou-se uma contraposição progressiva de dois projetos de colonização extremamente distintos que acirraram as disputas. Em um dos extremos situava-se o projeto de escravização indígena defendido pelos portugueses. A alternativa oposta vislumbrava a transformação desta população em catecúmenos jesuítas e vassalos do rei da Espanha.<sup>239</sup>

Os embates políticos e ideológicos traduziram-se em choques físicos engendrados nos confins da América do Sul. Neste cenário, a perspectiva histórica tradicional e conservadora atribui aos indígenas um papel passivo ou secundário. Serve-nos de exemplo a abordagem de Olyntho Sanmartin, em cuja narrativa o “bandeirante desbravador” opunha-se ao “glorioso espiritualismo jesuíta”. Engrossando ambas as frentes e também entremeando o conflito situava-se o “bárbaro indígena”, também descrito como “aborígene primitivo” ou “selvagem”.<sup>240</sup>

Tais predicados quase caricaturais exprimem não somente o senso comum predominante na época, mas também as concepções perpetuadas pela historiografia até o século XX. Convém salientar que a plena capacidade civil só foi garantida aos indígenas a partir da Constituição Federal de 1988. Contudo, a imagem do indígena como um elemento histórico secundário, passivo, de caráter bárbaro e incapaz, reflete a compreensão ainda hoje predominante na miscigenada sociedade Sul-Brasileira.

No século XVI, a frente de expansão portuguesa avançava a partir do litoral paulista (Vila de São Vicente) em direção ao planalto. Após a viabilização de alianças com os índios Tupi, os jesuítas portugueses oficializaram em 1554 a criação de um povoado na região conhecida como Piratininga. No século XVII a então Vila de São Paulo de Piratininga destacava-se como a principal base de expedições bandeirantes e, por conseguinte, como centro de irradiação das frentes de colonização.

A alcunha “bandeirante” atualmente consolidada pela historiografia é empregada em alusão aos membros das campanhas expedicionárias voltadas à conquista territorial, captura de mão de obra escrava e exploração de

<sup>239</sup> SPOSITO, Fernanda.. op. cit., p. 158.

<sup>240</sup> SANMATIN, OLYNTHO. op. cit., p. 9-11.

minérios e pedras preciosas nos territórios da América portuguesa e espanhola. À tais expedições convencionou-se denominar de “bandeiras”. Na documentação da época os bandeirantes são geralmente referenciados como “mamelucos”, “portugueses de São Paulo”, “sertanistas”, “maloqueiros” ou simplesmente “paulistas”. Por sua vez, as diligências expedicionárias eram também tratadas como “entradas”, “expedições”, “conquistas”, “jornadas” ou “malocas”. A despeito da equivalência genérica dos termos, algumas expressões guardavam especificidades variáveis de acordo com os objetivos das diligências.<sup>241</sup> As bandeiras também apresentaram peculiaridades distintas ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Ao discorrer sobre as circunstâncias do bandeirismo, Alfredo Ellis Junior aponta a pobreza dos moradores da Vila de São Paulo como a sua causa imediata e preempatória.

Os paulistas, não sendo opulentos, como eram os baianos, pernambucanos, etc., os quais, graças às riquezas, que lhes proporcionava a cana de açúcar, podiam importar a cara mercadoria que era o africano escravo, ficavam na contingência obrigatória de se atirar ao sertão, para apresar o índio.<sup>242</sup>

Obviamente, o contexto era deveras mais complexo, envolvendo não somente as questões de ordem imediata, mas também a conjuntura geoeconômica de exploração e controle das terras sul-americanas pelas elites coloniais já na segunda metade do século XVI.

Os habitantes das povoações portuguesas compunham um mosaico que abarcava os padres jesuítas, colonizadores e mercadores portugueses, africanos, mestiços e, em grande medida, as populações indígenas. O contexto permeado de conflitos, abusos e epidemias não tardou a provocar um acelerado decréscimo populacional dos grupos nativos. Após o aniquilamento das populações autóctones instaladas nas regiões do entorno, “o alvo preferencial dos moradores de São Paulo nesta busca de novos braços foram as populações guaranis do Paraguai e Rio da Prata, conhecidas pelos portugueses desde o

<sup>241</sup> SPOSITO, Fernanda.. op. cit., p. 51, 65.

<sup>242</sup> ELLIS JR., Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 42.

início da ocupação lusa”.<sup>243</sup> Uma vez capturada, esta mão de obra - por vezes já qualificada no âmbito dos povoados missioneiros - era então comercializada e incorporada ao trabalho forçado em lavouras de cana de açúcar, algodão, trigo e demais atividades agrícolas e pecuárias.

A despeito da eventual predileção dos bandeirantes pela escravização indígena em detrimento da busca por minérios e metais preciosos, Sposito argumenta que a viabilização de uma expedição implicava em elevados custos de organização logística. Por sua vez, a garantia de retorno financeiro oferecida pelo tráfico indígena constituía um enorme atrativo em relação a qualquer campanha com desfecho incerto.

Ao descrever as peculiaridades que delineavam o caráter das distintas expedições, Alfredo Ellis Junior informa que as jornadas destinadas à busca de metais “não tinham caráter ofensivo, e por isso eram despidas de condições que lhes dariam as possibilidades de agressividade”. Por sua vez, a caça ao índio “tinha que ter o caráter agressivo e tinha que agir em ofensiva, tirando o máximo partido da iniciativa e da surpresa”.<sup>244</sup> O caráter belicoso e violento é sem dúvida uma das principais características das campanhas que invadiram os povoados missioneiros. Sua organização assemelhava-se a uma pequena legião armada com regramento disciplinar e estratégico.

As bandeiras de caça ao índio eram corpos de cerca de 3 a 4 mil índios, com 3 a 4 centenas de paulistas e portugueses. Divididos em companhias, com seus estados maiores, vanguarda, flaqueadores, etc., os paulistas formavam pequenos exércitos que percorriam as selvas, armados uns poucos de armas de fogo e a maioria de arcos e flechas.<sup>245</sup>

Para complementar essa descrição, Jaeger informa que as tropas eram formadas exclusivamente por homens com idade superior a 14 anos. O emprego do cavalo era raro. Os apetrechos necessários à empreitada eram conduzidos em baús de couro ou cestos transportados por um grande número de carregadores. As armas de fogo (escopetas, bacamartes, arcabuzes e

<sup>243</sup> SPOSITO, Fernanda.. op. cit., p. 37.

<sup>244</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 42-43.

<sup>245</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 43.

espingardas) eram indispensáveis e de uso restrito aos cabos ou chefes da tropa, municiados também com armas brancas (espadas, facas e adagas). Era característico o uso do gibão de couro, uma vestimenta similar a um colete ou casaco forrado de algodão compondo uma couraça que oferecia proteção às flechas lançadas pelos indígenas. Afora as lideranças da expedição, o grosso da tropa andava descalço. Não transportavam alimentos. A subsistência era garantida pela caça, pesca e coleta, além das lavouras indígenas previamente cultivadas ao longo do itinerário a ser percorrido.<sup>246</sup>

As autoridades coloniais normatizavam e autorizavam o comércio interno entre as vilas. Além dos bens de consumo, os escravos também figuravam na relação de “produtos” permissionados. Nesse contexto, as bandeiras eram concebidas como agremiações escravagistas reconhecidas e oficializadas pelos governos locais. No entanto, seu aporte organizacional e financeiro provinha das elites luso-brasileiras que rapidamente perceberam a alta lucratividade e o baixo risco proporcionados pela atividade.

As bandeiras diretamente promovidas pelas autoridades coloniais obedeciam a um regimento registrado na Câmara de São Paulo, nele constava a nominata dos seus componentes e a descrição dos seus objetivos. Ao cabo da tropa cabia o comando da expedição. O corpo diretivo também era composto por dois capitães, escrivão e oficiais de justiça. Além de julgar e dirimir conflitos, tal estrutura organizacional lhes permitia realizar em campo os inventários e partilhas dos bens apreendidos, incluindo os indígenas escravizados.<sup>247</sup> Os bandeirantes compartilhavam com os jesuítas e indígenas cristianizados a crença no catolicismo. Essa dicotomia religiosa tornava indispensável a presença permanente de um padre durante as campanhas, assim como a sua benção precedente à qualquer movimento importante da tropa.

A adoção de mão de obra escrava tornou-se ainda mais latente após a interrupção do tráfico negreiro frente às invasões holandesas no nordeste. Esse cenário estimulou a preação indígena no interior das províncias então percorridas predominantemente por vias terrestres. O Conde de Monsanto – donatário das Capitanias de Itamaracá, Santo Amaro e Santana – figurava

<sup>246</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 22-23.

<sup>247</sup> BOITEUX apud CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 265.



dentre os grandes financiadores das bandeiras. Seu intento era expandir seus domínios territoriais em direção ao estuário do rio da Prata.<sup>248</sup>

O comércio escravagista no atual Rio Grande do Sul precedeu a entrada dos jesuítas e bandeirantes. A circulação de portugueses pelo estuário do Guaíba e baixo Jacuí ocorreu sem maiores sobressaltos nas décadas iniciais do século XVII. Não houve grandes confrontos armados, os principais embates se davam entre os mus, também chamados de bilreiros (aliados dos portugueses) e os indígenas capturados.

Ao mesmo tempo, no cotidiano dos núcleos populacionais, os castelhanos e luso-brasileiros não se opunham invariavelmente como inimigos naturais. Os próprios jesuítas ao introduzirem o gado vacum na banda oriental do Uruguai o fizeram adquirindo-o de um aliado português instalado em *Corrientes*.

A partir do momento em que ambos os projetos coloniais avançaram das zonas periféricas para o centro da rivalidade geopolítica e econômica - causando uma sobreposição de interesses -, o conflito armado tornou-se inevitável.

No ano de 1607, o mameluco Belchior Dias Caneiro comandou uma bandeira contra os índios bilreiros. A expedição teve duração de dois anos. Seu itinerário, no entanto, ainda carece de consenso. Alfredo Ellis Junior<sup>249</sup> aponta a região do Tocantins como o destino mais provável. Todavia, segundo hipótese formulada por Aurélio Porto,<sup>250</sup> o território tradicional dos índios bilreiros (também chamados de ibiraiaras ou ibirajaras) estaria inserido entre as bacias do Uruguai e do Jacuí, cabendo, portanto, a esta bandeira a primazia na exploração das terras sul-rio-grandenses. A incerteza, no entanto, ainda permanece.

Alfredo Ellis Junior, em opinião referendada por Afonso d'E. Taunay, defende que a chamada “bandeira de Aracambi”, então comandada por Fernão de Camargo e Luiz Dias Leme, teria sido a primeira a adentrar no ho-dierno Rio Grande do Sul, em 1635. Partindo de Piratininga, a tropa avançou em direção ao litoral paulista. A partir dali navegaram até Laguna (situada no

<sup>248</sup> SANTOS, J. R. Q.; OSÓRIO, Getúlio Xavier. *A ação dos bandeirantes no Tapê (1636-1641)*. Veritas – Revista Trimestral da PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 1987, p. 351-355.

<sup>249</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 94.

<sup>250</sup> PORTO, Aurélio (Org.) *Terra Farroupilha*. 1ª Parte. Porto Alegre: 1937, p. 54.

Meridiano de Tordesilhas), prosseguindo em seguida em direção ao “Sertão dos Patos”. De forma especulativa, Ellis Junior afirma que a navegação marítima e fluvial conduziu os bandeirantes possivelmente até o baixo Jacuí. Esta suposição foi confrontada por Aurélio Porto, cuja argumentação largamente amparada pelos documentos da Coleção de Angelis atesta que a invasão bandeirante efetivou-se somente no ano seguinte. Provavelmente a bandeira de Aracambi<sup>251</sup> desembarcou no porto de Laguna espreado-se a oeste até o curso do rio Pelotas. Transcorridos oito meses, sabe-se que a bandeira já havia regressado a São Paulo. Curiosos foram os votos de protestos dirigidos a Pedro da Mota Leite, capitão-mor da Capitania de São Vicente, acusado de agir levianamente ao autorizar a partida da bandeira e, conseqüentemente, o afastamento de um considerável contingente que poderia atuar em defesa da costa de São Paulo frente à eminente possibilidade de investida holandesa.<sup>252</sup> Não obstante a inobservância de certos atos administrativos por parte dos bandeirantes, tal episódio evidencia a ingerência das autoridades locais sobre as expedições sertanistas.

Em todo o caso, o ano de 1635 assinala os pródromos das invasões bandeirantes no Tape. Além dos rumores sobre a possível aproximação dos portugueses, o padre provincial Diego de Boroa também possuía informações fidedignas de que os paulistas estavam arregimentando componentes para uma eminente ofensiva sobre as reduções.

Na esfera dos interesses geoconômicos da elite luso-brasileira de Piratininga, a tomada das Províncias do Tape e Uruguai apresentava-se como a sequência lógica após as investidas no Guairá. Lá haviam acabado de promover a destruição dos povoados missioneiros e aprisionamento de cerca de 20 mil indígenas de uma população aproximada de 27.500 pessoas.<sup>253</sup> Ao mirar em direção à bacia do Prata, os bandeirantes entreviam um dilatado celeiro de mão de obra escrava.

Ao mesmo tempo em que a resistência indígena preocupava-se em resguardar o seu flanco oeste ameaçado pelo avanço dos jesuítas, também precisou empenhar esforços para deter a ascensão dos portugueses nas demais

<sup>251</sup> Assim denominada e alusão ao líder indígena local.

<sup>252</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., 1939, p. 27-28.

<sup>253</sup> SANTOS, J. R. Q. op. cit., 2006, p. 108.

frentes. Os promotores da Junta dos Feiticeiros responsáveis pela morte do padre Mendoza, não fizeram guerra total aos portugueses que percorriam os territórios do Caaguá e Ibiçá em incursões pontuais. O episódio de maior destaque foi a morte de vinte e nove portugueses levada a cabo pelos índios da região do Caaguá. Tal informação constante na documentação jesuítica da Coleção de Angelis,<sup>254</sup> levou Aurélio Porto a reconsiderar, em termos, a sua posição a respeito da bandeira de Aracambi, reconhecendo a possibilidade de tratar-se de um destacamento desta bandeira que eventualmente poderia ter partido de Laguna e adentrado em direção aos Campos de Cima da Serra em missão de reconhecimento. “Os Jesuítas não deram maior importância ao acontecimento e nem consideraram como bandeira esses grupos isolados de predadores de índios que desciam de São Vicente, Piratininga e outros lugares da costa do Brasil”.<sup>255</sup> Para Jaeger, possivelmente, os portugueses não se sentiram suficientemente aparelhados para o enfrentamento bélico com as reduções, ou então se viram acuados pela peste que assolou os povoados missioneiros naquele ano.

Quando, em maio de 1635, o padre Francisco Dias Taño partiu em direção a Jesus-Maria, com a missão de reorganizar os povoados então abalados pela morte do padre Mendoza, o provincial Diego de Boroa havia nomeado-o superior daquelas reduções. “*Desde Bueno Aires le ordenó el Provincial que fuese á la provincia del Tape, pues, según noticias del Brasil, los mamelucos se preparaban á nuevas incursiones*”.<sup>256</sup> Essa posição preeminente trouxe consigo responsabilidades não menos meritórias. Coube à Taño a notável incumbência de organizar o sistema defensivo das missões com o intuito de rechaçar os mamelucos.

Em seu auxílio foram designados António Bernal e Juan de Cárdenas. Ambos possuíam vasta experiência militar adquirida antes de ingressarem na Companhia de Jesus. Na qualidade de irmãos coadjutores, sua função consistia em auxiliar os sacerdotes nas mais variadas tarefas cotidianas dos povoados missioneiros. Frente à derradeira experiência obtida no Guairá, era evidente que um exército armado com lanças, arcos e flechas estaria em desvantagem perante uma tropa de mamelucos municiados com armas

<sup>254</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1696, p. 136.

<sup>255</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 133.

<sup>256</sup> TECHO, Nicolas del. op. cit., p. 371.

de fogo. Todavia, as autoridades coloniais proibiam o uso de tais armas pelas populações indígenas. Opondo-se sigilosamente<sup>257</sup> a tais normativas, o padre Boroa autorizou a composição de um modesto arsenal destinado a prover a resistência jesuítico-indígena.<sup>258</sup> Inicialmente estas armas foram empregadas na refrega que dissolveu a Junta de Feiticeiros, contribuindo sobremaneira para a campanha vitoriosa dos índios missioneiros.

Devidamente instalados em Jesus-Maria (distante de Santa Teresa cerca de quatro dias de caminhada), os irmãos Bernal e Cárdenas iniciaram um intensivo treinamento militar da milícia indígena. Essa preparação foi descrita pelo provincial Diego de Boroa em carta redigida no dia 13 de agosto de 1637, conforme tradução e apreciações oferecidas por Aurélio Porto.

Os índios “assistiam com grande entusiasmo aos exercícios militares, sob a direcção do nosso Irmão Bernal. Cada dia acudiam em tropel ao campo para se exercitarem em ataques e contra-ataques, em ginástica, tiro e esgrima, obedientes à voz de comando e até a um simples sinal”. Com esses exercícios, em pouco tempo, estavam os índios maravilhosamente aptos para os misteres da guerra. Sabiam formar alas, mudar de frente, fazer assaltos em regra e rechazar ataques.<sup>259</sup>

Conforme Porto, somaram-se ao sistema defensivo fortes paliçadas defendidas por uma vala com paredes de taipa. Após a tomada da redução, tais estruturas foram reutilizadas pelos bandeirantes para a criação de um reduto fortificado. Os vestígios remanescentes destes elementos foram evidenciados pelas pesquisas arqueológicas ali realizadas na segunda metade do século XX.

Segundo a carta redigida pelo padre Pedro Mola na redução de Jesus-Maria, em 22 de outubro de 1635,<sup>260</sup> havia rumores de que os paulistas

<sup>257</sup> As informações sobre o uso de armas de fogo costumavam ser suprimidas dos documentos redigidos pelos jesuítas, ou até mesmo rasuradas a fim de impedir a propagação da informação destinada exclusivamente ao superior provincial. A despeito destes cuidados, os documentos da Coleção de Angelis evidenciam o muncipamento indígena em período anterior ao ano de 1639, quando então o governador de Buenos Aires autorizou regionalmente o seu uso para fins de defesa dos povoados missioneiros. A autorização da coroa espanhola foi obtida somente em 1643.

<sup>258</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 128-129.

<sup>259</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>260</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 115-116.

adentrariam pela região do Caamo (Campos de Vacaria), onde haviam deixado indígenas de sua confiança para que persuadissem os demais a abrir caminho para o ataque às reduções. Os grupos nativos, no entanto, viram-se desprovidos de qualquer garantia de manutenção de sua integridade física ou do seu modo de vida tradicional. Ao sentirem-se também acuados, trataram de informar os padres Pedro Mola e Cristóbal de Mendoza acerca do intento dos portugueses, solicitando em tempo o seu auxílio para repeli-los. Por sua vez, os mamelucos que ainda encontravam-se na região, ao tomarem conhecimento da organização da resistência armada viram-se obrigados a retroceder, não sem antes serem perseguidos pelos Guarani que, inclusive, conseguiram libertar seus consortes do cativeiro. Segundo Pedro Mola, tais acontecimentos conferiram grande entusiasmo e confiança aos indígenas, nutrimo o desejo de enfrentamento para a defesa territorial. “*Asta entonces por el miedo que les tenian les daban su gente por esclavos y agora no solamente no les temen sino que lês hacen gerra*”.<sup>261</sup> Não esta clara a quantidade de portugueses rechaçados, nem tampouco se constituíam de fato uma bandeira ou se possuíam uma eventual relação com a bandeira de Aracambi. O fato é que, neste embate, os paulistas perceberam que os arcabuzes definitivamente passaram a reforçar a atuação das guarnições missioneiras.

Para Jaime Cortesão,<sup>262</sup> diante deste contexto de milícias indígenas armadas e militarizadas realizando ataques pontuais aos paulistas, “as bandeiras de Antônio Raposo Tavares e André Fernandes, aparecem aos olhos dos historiadores como um revide e uma medida de proteção dos seus interesses no Tape”.

A concepção de um revide nos parece uma defesa exacerbada da perspectiva luso-brasileira. Todavia, uma eventual ascensão da resistência fortemente armada era encarada pelos paulistas como uma potencial ameaça à expansão dos seus interesses comerciais. A intervenção era inevitável e eminente.

Assim passou o ano de 1635, sem que entrasse em território rio-grandense nenhuma bandeira regular paulista, não obstante as contínuas notícias de que se preparavam eles para dar sobre as reduções dos Jesuítas. Grande parte do ano seguinte, 1636, trans-

<sup>261</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 114-115.

<sup>262</sup> Ibidem.

corre, também, sem que apareçam os terríveis inimigos. A ânua do padre Pedro Romero, ao provincial p. D. Boroa, datada de 3 de abril de 1636, ainda não se refere à entrada dos bandeirantes. Só mais tarde, em dezembro, como veremos, começam as referências às primeiras *razzias* paulistas. Comanda a primeira bandeira o grande Antônio Raposo Tavares.<sup>263</sup>

O mês de dezembro de 1636 assinala, portanto, o início sistemático da invasão bandeirante às reduções do Tape. A documentação jesuítica<sup>264</sup> revela que eram duas as rotas usualmente utilizadas pelos paulistas, denominadas respectivamente de Caaguá (com duas bifurcações) e Guebirenda.<sup>265</sup>

A rota do Caaguá compreende basicamente a mesma região de penetração utilizada pelos povos Jê meridionais há cerca de 2 mil anos. A partir do contemporâneo planalto catarinense, os indígenas migraram para o sul cruzando as cabeceiras do rio Pelotas para então acessar os Campos de Cima de Serra (Caaguá). Os bandeirantes, por sua vez, marchavam a partir de São Paulo em direção aos atuais Campos de Lages. Dali palmilhavam os caminhos indígenas que davam acesso ao Caaguá. Quando o deslocamento ocorria por via marítima a partir do litoral paulista, atracavam em Laguna no intuito de prosseguir por via terrestre. Vencidos os contrafortes da Serra Geral, acesavam finalmente os Campos de Cima da Serra, onde os caminhos bifurcavam-se. Uma das rotas orientava-se na direção sudoeste perpassando os vales dos rios das Antas (Mboapari) e Taquari (Tebiquari). Em seguida acessava-se as reduções da bacia do rio Pardo e do baixo Jacuí. Essa teria sido a rota utilizada por André Fernandes.

A outra bifurcação vislumbrada a partir dos Campos de Cima da Serra era direcionada no sentido oeste pela região do interflúvio das bacias hidrográficas do Uruguai e Guaíba, passando pelos atuais Campos de Vacaria (Caamo) em direção ao Mato Português (Caamome), Mato Castelhana (Mondencaá), Campo do Meio (Cariroí), chegando então à região das nascentes do rio Jacuí (Ygayriapipe). Essa rota permitia o acesso imediato às chamadas reduções da serra. Para Maeder, os povoados “*de la serranía*” eram “*los más*

<sup>263</sup> PORTO, Aurélio (Org). op. cit., 1937, p. 61.

<sup>264</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 116; 118.

<sup>265</sup> Também grafado como Guaybi-renda ou Guaibi-renda.

*expuestos a la invasión de los lusitanos, porque se lês acercan más*".<sup>266</sup> Apesar de amplamente conhecida pelos indígenas e missionários, o uso dessa variante pelos portugueses só parece ter ocorrido em período posterior à tomada de Santa Teresa, consolidando-se como rota colonial luso-brasileira somente no século seguinte.

A rota do Guebirenda, por sua vez, corresponde ao atual estuário do Guaíba, então acessado pela Barra do Rio Grande. A principal característica deste itinerário é o predomínio do deslocamento via navegação atlântica e fluvial. O comércio escravagista se dava principalmente nas margens do Guaíba, Taquari e no baixo curso do Jacuí e seus principais afluentes.

Os portugueses usufruíam dessa rota muito antes da penetração jesuítica nesse território. Seu uso foi relatado pelos Guarani ao padre Ximenez em sua expedição ao Tebicuari em 1635. Seu relato integra os Manuscritos da Coleção de Angelis.<sup>267</sup> Todavia, o eventual uso contínuo desse trajeto deve ser relativizado. A navegação de acesso à Lagoa dos Patos pela Barra do Rio Grande apresenta ainda hoje um elevado grau de complexidade. Pode-se presumir que as rotas terrestres progressivamente suplantaram as vias navegáveis.

O contexto de embates pontuais que precederam a invasão bandeirante teve duas importantes implicações. Por um lado, os paulistas definitivamente perderam parte do elemento surpresa, pois os jesuítas e missioneiros constantemente preparavam-se para um ataque eminente. Por outro, a resistência jesuítico-indígena parece ter se habituado ao contexto de conflitos de guerrilhas. A confiança exacerbada inflada pelas vitórias pontuais os levou a ignorar a possibilidade de um ataque sistemático com um grande contingente. Tal conjuntura delineia as circunstâncias da rápida tomada da redução de Jesus-Maria pela tropa liderada por Antônio Raposo Tavares, em dezembro de 1636.

Feridos os portugueses e luso-brasileiros nos seus interesses de exploração comercial, primeira, embora precária forma do exercício da soberania, a reação não se fez esperar e Antônio Raposo Tavares mais uma vez, à semelhança do que praticara no Guairá,

<sup>266</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1984, p. 72.

<sup>267</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 377-378.

fulminou como um raio a redução que mais diretamente ameaçava a expansão dos bandeirantes no Tape, - a de Jesus-Maria.<sup>268</sup>

De acordo com o relato acerca da tomada da redução redigido pelo padre Diego de Boroa, em 10 de abril de 1637, a aproximação dos luso-brasileiros era notória, todavia, acreditava-se que os invasores “*estavan mas lejos y q no eran tantos, ni eran de S. Pablo*”. As taipas defensivas estavam sendo apressadamente e parcialmente erigidas quando inesperadamente a tropa inimiga foi detectada a somente duas léguas de distância. Ainda assim não sabiam que tratava-se de “*tran grande exercito*”.<sup>269</sup>

Segundo Aurélio Porto, a bandeira de Raposo Tavares percorreu a rota do Caaguá rumando em direção ao rio Taquari, chegando, após cerca de sete meses, à redução de Jesus-Maria. Cabe lembrar que, em 1635, o padre Francisco Ximenez partiu de Santa Teresa em missão de reconhecimento desta região, identificando ali o entreposto de Parapopi, aliado dos portugueses. Foi justamente nessa região que Raposo Tavares aprisionou provisoriamente os seus cativos em duas paliçadas distantes cerca de 12 a 14 léguas de Jesus-Maria. “Não é difícil acompanhar o bandeirante, em sua trajetória, desde que, vadeando o Pelotas, no hoje passo de Santa Vitória, demoradamente, em saltos sucessivos, cativa mais de um milhar de índios, que leva até às paliçadas do Taquari”.<sup>270</sup> Ou seja, a bandeira não se furtou de assolar as aldeias indígenas existentes pelo caminho. Antes mesmo da investida propriamente dita contra as reduções, já vinham assinalando com sangue indígena a expansão das fronteiras territoriais luso-brasileiras.

Em Caamo, onde havia aldeias bastante povoadas, começou a razia bandeirante. Mas, foi exatamente no Caágua, onde existiam índios inimigos, que se verificou a quase completa escravização do povo. E dali partiram, «sujeitando nações» e aumentando a leva com «outros muitos que agregaram a si pelo caminho, por força, ou por vontade.»<sup>271</sup>

<sup>268</sup> CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 6.

<sup>269</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 154.

<sup>270</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 143-144.

<sup>271</sup> Ibidem, p. 144.



O ataque fulminante a Jesus-Maria se deu precisamente na manhã do dia 02 de dezembro de 1636. A investida foi precedida por uma carta enviada por Raposo Tavares onde solicitava aos padres uma acolhida pacífica e informava que vinha em busca de comida para o seu exército. Possivelmente amparados pela probabilidade de vitória insuflada pelo sucesso dos embates anteriores, jesuítas e indígenas ignoraram o ardiloso pedido e firmaram resistência com seus arcabuzes. Uma de suas grandes desvantagens, no entanto, era o baixo contingente de que dispunham. Como o povoado ainda estava em fase de estruturação, a fome insistia em assolá-los, exigindo que retornassem periodicamente às suas antigas aldeias em busca de alimentos, esvaziando assim a redução. Por consequência, conseguiram reunir cerca de 300 pessoas que se entrincheiraram nas estruturas defensivas precariamente construídas. Ali estavam os inácianos Pedro Romero, Pedro Mola, António Bernal e Juan de Cárdenas.

Ao toque de caixa e trombeta de guerra, os bandeirantes se lançaram sobre a redução. Os índios Tupi arregimentados predominantemente em São Paulo conferiam à tropa um aspecto deverás considerável. Conforme o relatório de Boroa, integravam a bandeira aproximadamente 150 portugueses fortemente armados e cerca de 1500 indígenas equipados com suas armas tradicionais. O revide foi imediato e a troca de tiros e flechas perdurou por cerca de cinco horas, resultando em mortes de ambos os lados. Pedro Mola foi ferido na cabeça. Bernal e Cárdenas tiveram a mão e o braço atingidos. Possivelmente seguros da vitória, os bandeirantes avançavam com precaução. O cerco fechava-se progressivamente. Atingidos por flechas em chamas, os telhados da igreja e da casa dos padres foram rapidamente consumidos pelo fogo. Acuada, ferida e cercada, a resistência estendeu um lenço branco em sinal de rendição. Asseverada a capitulação, os bandeirantes adentraram agressivamente em Jesus-Maria. Cativaram e mataram muitos indígenas e suas mulheres. Ademais, confiscaram os bens dos padres e despedaçaram importantes documentos, dentre os quais o livro de batismos, casamentos e cartas-ânuas.

Realizada a primeira conquista, os bandeirantes organizaram a investida contra as demais reduções situadas na região. Preventivamente, o sacerdote de *San Cristóbal* esvaziou esse povoado e encaminhou os seus catecúmenos

para a redução de *Sant'Ana*. Lá também se refugiaram os jesuítas de Jesus-Maria então libertados por Raposo Tavares.

Ampliando o seu raio de ação, de Jesus-Maria, onde fizeram outras paliçadas em que eram concentrados os índios cativos na região, os bandeirantes mandaram destacamentos em todas as direções. São Joaquim, que ficava ao norte de Jesus-Maria, e donde os Padres já haviam retirado os habitantes, recebeu também a importuna visita.<sup>272</sup>

Ao passo em que jesuítas e missioneiros refugiavam-se em *Sant'Ana*, os destacamentos bandeirantes continuavam sua razia aprisionando os indígenas ainda dispersos e destruindo os povoados abandonados. Uma dessas guarnições venceu os contrafortes da serra e assolou o povoado de *San Joachim*.

Em cerca de duas semanas, os jesuítas reorganizaram a resistência com o intento de deter o avanço da bandeira. Contavam então com cerca de 1600 homens que, desde o médio Jacuí, partiram de *Sant'Ana* para *San Cristóbal*, situada na margem direita do rio Pardo. A refrega ocorreu no Natal de 1636. Por duas vezes, a resistência jesuítico-indígena conseguiu rechaçar o inimigo. Após cerca de quatro horas e meia de combate, ambos exércitos foram tomados pelo cansaço. Depois de incendiarem a igreja e a casa dos padres até então intactas, os bandeirantes retornaram de *San Cristóbal* em direção às paliçadas já conquistadas de Jesus-Maria. Jesuítas e indígenas, por sua vez, recuaram para a sua posição em *Sant'Ana*. Sendo esta, supostamente, o próximo alvo da bandeira, decidiu-se rapidamente a transferência da resistência para o povoado de *Natividad*, distante cerca de quatro léguas.

O padre superior Diego de Boroa, chegou em fins de janeiro de 1637 à redução de *Natividad*, participando assim ativamente da sequência dos fatos. O rio Jacuí servia de defesa e assinalava a nova frente de batalha. Segundo Boroa, “*juntamos de nuevo los yndios de la sierra para impedirle el paso, sustentando escolta en el Rio y espías para q diesen aviso*”.<sup>273</sup> O exército missioneiro composto então por cerca de 1500 homens preparava-se para o embate quando foi surpreendido pela informação de que os bandeirantes estavam retrocedendo.

<sup>272</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 156.

<sup>273</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 157.

Tomando a notícia como um estratagema, os jesuítas tentaram convencer os indígenas a retirarem-se para um posto mais seguro. A resposta foi enfática, antes de fugir a abandonar as suas terras, haveriam de morrer peleando.

O exército missioneiro marchou então em direção às reduções destruídas de *Sant'Ana*, *San Cristóbal*, *Jesus-Maria* e *San Joachim*. Pelo caminho sepultavam os corpos dos seus guerreiros e resgatavam os sobreviventes. Confirmaram por fim o recuo bandeirante, bem como a sua motivação. Os indígenas cativos nas paliçadas do Taquari haviam se rebelado e matado parte dos portugueses. Frente a esse contexto de insegurança, tornou-se imperativa a retirada estratégica e a reorganização do seu entreposto no Taquari, onde permaneceram por alguns meses antes de retornarem para São Paulo, com um grande número de prisioneiros.

Os jesuítas e indígenas reorganizaram-se em *Natividad*. Estarrecidas com as crueldades que haviam vivenciado, as lideranças indígenas consideraram prudente a migração para locais mais seguros nas regiões do *Parana* ou *Uruguay*. A mesma decisão foi anunciada ao padre Boroa pelas reduções da serra, dentre as quais figurava o povoado de Santa Teresa.

[...] los caciques movidos de aquellas inhumanas crueldades q  
avian visto trataron de retirarse al Parana o al Uruguay a puestos  
mas seguros, y lo mismo me dijeron en las otras quatro reduciones  
de la sierra por donde pase visitando.<sup>274</sup>

Essa decisão - talvez anunciada de forma exaltada - poderia ter implicado no encerramento definitivo da redução de Santa Teresa. Contudo, pouco tempo depois, o provincial Diego de Boroa descreve o recebimento de cartas dos padres informando que por amor à sua pátria e por temor à fome que sucederia à transmigração, todos haviam definitivamente se arrependido da decisão. A orientação de Boroa foi de que o assunto só deveria ser retomado caso a iniciativa partisse dos indígenas. Desse modo, o ano de 1637 foi marcado por migrações e rearranjos nas reduções de *Candelária*, *Mártires*, *Apóstoles* e *San Carlos*. Por orientação de Boroa, o padre Pedro Mola retornou a *Jesus-Maria* com o intuito de congregiar os seus catecúmenos. Rapidamente

<sup>274</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 158.

reuniu cerca de 400 pessoas. Registrou ainda fugas constantes das paliçadas no Taquari.

Pedro Mola, em carta de 24 de março de 1637, relata a rápida reestruturação do povoado. Em pouco tempo semeavam as suas chácaras e tratavam de reconstruir a igreja. Em fins de março estavam ali reunidas as parcialidades de vinte caciques.<sup>275</sup> Neste ínterim, a Companhia de Jesus empenhava-se em obter apoio militar da Espanha para rechaçar eventuais investidas dos bandeirantes.

O primeiro passo que deu o provincial Boroa nesse sentido foi implorar um socorro de soldados espanhóis ao governador e ao comandante das tropas espanholas do Paraguai. Ambos, porém, indeferiram tão justo pedido, como também não foi atendido Boroa na sua solicitação de auxílio dirigido à cidade de Corrientes. Abandonados pelos homens da América, feita consulta um pouco antes de sete de abril de 1637, ficou resolvido enviar os padres Antônio Ruiz de Montoya e Diogo de Alfaro não só ao vice-rei do Perú como ainda ao mesmo monarca espanhol Felipe IV, para que, como testemunhas oculares das devastações do Guaira e do Tape, relatassem o que se estava passando nas reduções sul-americanas.<sup>276</sup>

Os apelos que bradavam nos vales e serras do Tape ecoaram em Roma. Na capital do cristianismo, o papa Urbano VIII<sup>277</sup> ouviu impressionado o relato do padre Francisco Dias Taño, que para lá havia sido encaminhado na qualidade de procurador da Companhia. Ao retornarem de Roma e Madri, os inicianos traziam consigo decretos, atos de excomunhão e, finalmente, a autorização de Felipe IV - mesmo que provisória - para o uso de armas de fogo.<sup>278</sup>

No dia 07 de abril de 1637, segundo Alfredo Ellis Junior,<sup>279</sup> o então provincial Antonio Ruiz de Montoya reuniu o conselho jesuítico. Na oportunidade determinou-se o abandono da redução de *San Joachim*. O povoado ainda recuperava-se da ofensiva levada a cabo por um destacamento da bandeira de

<sup>275</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>276</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., 1939, p. 41-42.

<sup>277</sup> Nascido Maffeo Barberini. Ocupou o cargo máximo da igreja católica entre os anos de 1623 e 1644.

<sup>278</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. Idem, p. 42-43.

<sup>279</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 151-152.

Raposo Tavares. Todavia, sua posição era demasiada exposta. Após essa determinação parte da população de *San Joachim* afluiu para o povoado de Santa Teresa. Sua posição, a mais afastada ao norte, deixava-lhe isolada.

Uma nova investida paulista era tida como certa. E, de fato, antes mesmo do retorno da bandeira que havia acometido as reduções do rio Pardo e baixo Jacuí, partiu de São Paulo uma nova expedição que selaria o destino do povoado de Santa Teresa.

# A CONQUISTA DO IGAÍ

**A**s investidas bandeirantes lideradas por Raposo Tavares poderiam ter assinalado o encerramento da experiência missioneira no Rio Grande do Sul. Acuados, ressentidos e enraivecidos, os indígenas recusavam-se terminantemente a abandonar o seu território.

A partir de então, o alto Jacuí era concebido por eles como um reduto seguro. O povoado de Santa Teresa demonstrou um esforço de guerra impressionante na linha de frente dos ataques luso-brasileiros. Os desdobramentos históricos decorrentes dessa decisão são desvelados no presente capítulo.

## 4.1 O ARRAIAL BANDEIRANTE DE SANTA TERESA DO IGAÍ

A bandeira que avançou sobre a região do alto Jacuí partiu de São Paulo no início do ano de 1637. Segundo Aurélio Porto,<sup>280</sup> a tropa rasgou os campos de Vacaria e de Cima da Serra. No mês de maio já se encontrava instalada no Taquari, possivelmente aproveitando as paliçadas erigidas por Raposo Tavares.

A despeito de algumas lacunas decorrentes da escassez de fontes, Alfredo Ellis Junior ocupou-se de historicizar essa bandeira com base nos inventários e testamentos dos seus componentes. “Seus organizadores foram os membros das famílias mais importantes em S. Paulo”.<sup>281</sup> Os postos de liderança eram ocupados pelas famílias Bueno, Preto e Cunha Gago. O capitão Francisco Bueno encabeçava o comando da expedição. No entanto, não teria sido ele o algoz de Santa Teresa, mas sim o cabo André Fernandes.

---

<sup>280</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 159-161.

<sup>281</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 154.

A documentação paulista não trás qualquer referência à bandeira de André Fernandes, o que faz com que Ellis Junior atribua a tomada da redução aos “bandeirantes de Francisco Bueno”, uma vez que o próprio havia falecido antes de atingir o alto Jacuí. Essa ausência de referências diretas a bandeira comandada por André Fernandes foi elucidada por Aurélio Porto mediante a confrontação dos dados com a documentação jesuítico-espanhola. Uma série de acontecimentos levou à rotatividade dos postos de liderança, direcionando assim o cognominado paulista ao comando das ações no alto Jacuí.

A morte de Francisco Bueno teria ocorrido na região do Taquari, em 26 de maio de 1637. Esse episódio foi seguido pelos falecimentos de João Preto e Manuel Preto. Nos meses subsequentes, parte dos mamelucos retornou para São Paulo levando consigo um número considerável de indígenas cativos. O restante da tropa avançou para o alto Jacuí a fim de conquistar o estratégico povoado de Santa Teresa. Ao chegar na região a tropa dividiu-se novamente em duas colunas comandadas por André Fernandes e Jerônimo Bueno. Este último prosseguiu para a região do Ijuí situada ao oeste.<sup>282</sup>

Curiosa descrição biográfica nos é feita por Basílio de Magalhães.<sup>283</sup> Além de classificá-lo como “um dos maiores apesadores de índios das aldeias do sul”, o pesquisador afirma que André Fernandes se notabilizou pela fecunda atividade de povoamento, “trazendo índios dos sertões longínquos e com eles semeando povoações”. Por tais feitos atribui-se a ele e seus irmãos a alcunha de “povoadores”. Destaca-se a fundação de Santana de Parnaíba, então um povoado utilizado como base de apoio à organização de diversas bandeiras. Em sua família de sertanistas encontram-se seus irmãos Domingos e Baltasar, respectivamente reconhecidos como fundadores dos povoados originários das atuais cidades paulistas de Itu e Sorocaba. Essa vocação povoadora da família Fernandes também se fez presente na região do Curiti.

Em dezembro de 1637 os campos e florestas que delineavam as coxilhas do alto Jacuí foram palmilhadas pelos bandeirantes que rumavam em direção à Santa Teresa. O efetivo da tropa é ainda um assunto controverso. É comumente aceita a cifra de 260 paulistas apregoada por Techo. Tal estimativa foi amplamente difundida por Teschauer e reproduzida por Aurélio Porto, Jae-

<sup>282</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 161.

<sup>283</sup> Apud SANMATIN, OLYNTHO. Ibidem.

ger, Cafruni, Olyntho Sanmartin, dentre outros. Alfredo Ellis Junior considera o número exagerado, uma vez que a expedição de Raposo Tavares ainda encontrava-se em campo com cerca de 120 homens. Logo, a soma de ambas as tropas estaria aquém da demografia de sertanistas paulistanos disponíveis na época.<sup>284</sup>

A Carta Ânua de 1637-1639 apresenta cifras possivelmente mais precisas: “*este pueblo fue saqueado por los bandidos lusitanos. 200 paulistas, ayudados por 500 indios tupis*”.<sup>285</sup> Pressupõem-se, portanto, que tratava-se de uma tropa composta por cerca de 700 pessoas.

Conforme a Carta Ânua de 1637-1639, **a tomada da redução de Santa Teresa ocorreu no dia 18 de dezembro de 1637**. No entanto, erroaneamento a historiografia rememora o Natal de 1637 como o marco da capitulação do povoado.<sup>286</sup>

Contrastando com o histórico dos violentos embates entre bandeirantes e missioneiros, a tomada da redução de Santa Teresa foi levada a cabo sem que houvesse um grande conflito armado.

A rendição pacífica do povoado é frequentemente atribuída ao elemento surpresa conferido à bandeira. Causa estranhamento o avanço sorrateiro de tamanha tropa, invisível à população que certamente não permanecia ininterruptamente aglomerada, bem como aos espias mantidos em postos avançados. A presença de mamelucos invernando no Taquari era notória. Assim como seu intento de assolar as reduções. É possível conjecturar que a rendição espontânea seja resultado de uma decisão razoável diante do inevitável. Estarrecidos com a mortandade dos embates anteriores e cientes da grande desvantagem frente ao arsenal bandeirante, restou-lhes depositar sua acanhada esperança na diplomacia dos padres Francisco Ximenez e Juan de Salas,

<sup>284</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 159.

<sup>285</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1984, p. 75.

<sup>286</sup> Em placa alusiva ao evento descerrada junto ao monumento denominado **Passo Fundo das Missões** (situado na Av. Brasil Oeste em Passo Fundo-RS), dentre uma série de dados errôneos consta a informação de que a tomada da redução teria ocorrido no Natal de 1637. A data foi extraída da obra de Cafruni, que por sua vez fundamentou-se no trabalho de Aurélio Porto. Também Ellis Junior informa que o ataque deu-se em fins de 1637, no dia de Natal. Convém mencionar que repetidamente a data do Natal surge na documentação jesuítica como uma referência cronológica a importantes eventos, sugerindo uma tentativa de agregar uma carga mística ou simbólica aos acontecimentos. Assim ocorre, por exemplo, com as supostas efemérides de fundação (1632) e destruição (1637) do povoado missioneiro. Ambas as datas são maciçamente referendadas nas abordagens históricas sobre Santa Teresa. A exceção é constituída pela posição divergente aventada por Jaeger.



então dirigentes da redução. De fato Ximenez empenhou-se em tal investida, propondo aos algozes o resgate dos missioneiros. A soma então estipulada excedeu as suas possibilidades, falhando assim a tentativa de negociação.<sup>287</sup>

O embate armado foi evitado, todavia, a documentação jesuítica informa que os bandeirantes agiram com atrocidade, maltratando e submetendo os indígenas a múltiplos suplícios, resultando ainda na destruição da redução.<sup>288</sup> O Auto do Comissário do Santo Ofício redigido pelo padre Diogo de Alfaro - constante nos documentos da Coleção de Angelis -<sup>289</sup> faz uma nítida distinção entre as reduções destruídas e aquelas despovoadas frente à possibilidade de ataque eminente. Santa Teresa é inserida na primeira categoria.

A Carta Ânua de 1637-1639 informa que “*estos hombres bestiales, o más bien tigres infernales, se llevaron unas 4.000 almas a un acampamento poco distante*”.<sup>290</sup> Depreende-se, portanto, que os bandeirantes não assentaram sua base no local exato do povoado, mas sim no seu entorno, onde mantinham seus prisioneiros em paliçadas ali erigidas para este fim.

Permanece a dúvida sobre o tamanho da população de Santa Teresa no momento de sua capitulação. Tem-se como basilar a cifra de 4 mil indígenas. Tal população é compatível com o crescimento demográfico relatado nas cartas ânuas anteriores à sua destruição. Teschauer afirma que mais de 5 mil pessoas foram batizadas em Santa Teresa.<sup>291</sup> Cifra esta já apontada por Montoya em sua *Conquista Espiritual*. A população que para lá afluíu face o assalto às demais reduções parece não ter sido computada. Parte da população de *Candelaria* e, principalmente, de *San Joachim* teria agregado cerca de 500 famílias ao povoado.<sup>292</sup> Tal contingente totalizaria facilmente uma população com cerca de 6 mil pessoas.

Aos padres fora conferida a liberdade. Entretanto, Francisco Ximenez e Juan de Salas permaneceram no povoado mesmo após a rendição, tentando na medida do possível consolar e aconselhar os indígenas capturados, sugerindo inclusive a tentativa de fuga. Essa alternativa foi bem sucedida

<sup>287</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. Ibidem.

<sup>288</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1984, p. 75.

<sup>289</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 163-167.

<sup>290</sup> MAEDER, Ernesto. Ibidem.

<sup>291</sup> TESCHAUER, Carlos. *Porandúba Riograndense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929, p. 30.

<sup>292</sup> PORTO, Aurélio (Org.) op. cit., 1937, p. 47.

para cerca de uma centena de prisioneiros, conforme atesta a Carta Ânua de 1637-1639.

O mesmo documento descreve um episódio peculiar ocorrido no Natal. Curiosamente, as celebrações natalinas foram mantidas. Possivelmente essa situação insólita tenha induzido a interpretação errônea de que essa data coincide com a invasão bandeirante.

A despeito da situação incongruente, os bandeirantes não furtaram-se de tomar parte nas celebrações religiosas. Em substituição aos alfanges e arcabuzes, empunhavam firmemente velas acesas. Com semblante indiferente adentraram na igreja a fim de assistir a missa.

*Con velas encendidas, como para honrar a Dios, se van a nuestra iglesia, y asisten as servicio divino, como si no se huberan acordado de las barbaridades que habían cometido, profanando más bien de este modo la fiesta, y perturbando el carácter festivo de la misma.*<sup>293</sup>

O padre Ximenez tomou seu lugar ao púlpito onde desferiu um inflamado discurso condenando as atrocidades cometidas pelos seus ouvintes. Estes por sua vez limitaram-se a ouvir o sermão com total apatia. Uma descrição do episódio nos é oferecida por Jaeger com base em Techo e Charlevoix.

[...] no dia do Natal entraram todos na igreja com velas na mão, assistindo às três missas que rezou o p. Jiménez, o qual, terminada a última, subiu ao púlpito para, com liberdade e coragem apostólica, exprobrar aos inimigos a sua injustiça e crueldade para com os pobres ameríndios. Ouviram-no os piratininganos com o maior sossego como se nada daquilo lhes dissesse respeito, e no fim do sermão até lhe restituíram dois ajudantes de missa que haviam prendido. Não tendo alcançado nada dos vencedores, os padres enterraram as alfaias religiosas e se retiraram em direção ao rio Uruguai.<sup>294</sup>

Usualmente, após a captura dos indígenas e a reorganização da tropa, os bandeirantes retornavam com sua prea à São Paulo para então comercializar os prisioneiros, encerrando assim o ciclo da expedição escravagista.

<sup>293</sup> MAEDER, Ernesto. Ibidem.

<sup>294</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. Ibidem.

Esse retorno não era imediato, pois exigia uma preparação prévia, como a construção de paliçadas e até mesmo a abertura de roçados para o cultivo de alimentos. Por fim ocorria a retirada definitiva da povoação.

Santa Teresa fugiu à regra. O capitão André Fernandes percebeu a importância estratégica da posição conquistada. Ao invés de abandonar o povoado, criou ali uma base de operações que serviria de apoio às futuras incursões pelo território sulino.

É possível que a devastação efetiva da redução e a sua transformação em um arraial bandeirante tenha ocorrido logo após a partida dos padres. A destruição propriamente dita é um assunto controverso. Uma parcela dos pesquisadores defende que ela é descrita não somente nos documentos oficiais - onde a narrativa por vezes era redigida com terror exacerbado no intuito de demover as autoridades -, mas também em correspondências internas, e, portanto, despretensiosas, como o bilhete que o padre Ximenez despachou de maneira astuciosa para a redução de *Apóstoles* relatando a ocupação bandeirante de Santa Teresa e alertando o padre Antonio Palermo sobre a possibilidade de um ataque iminente. No outro extremo situam-se os pesquisadores que não hesitam em discordar da versão que atesta a destruição do povoado. Para Aurélio Porto, “compreendeu o capitão André Fernandes a importância estratégica da povoação. Não a destruiu, como dizem os Jesuítas, mas organizou aí os seus quartéis de inverno, plantou roças, ergueu paliçadas e a ocupou definitivamente.”<sup>295</sup>

Diante desse contexto, uma versão intermediária nos parece plausível. Sob o ponto de vista operacional, a rendição espontânea da população tornaria desnecessária a destruição do povoado. Outrossim, o episódio da missa natalina atesta que na semana seguinte à capitulação ao menos a igreja mantivera-se intacta. No entanto, o aprisionamento dos catecúmenos desmobilizou completamente a redução. Considerando que o posto bandeirante não foi instalado no local exato da missão, mas sim nos seus arredores, pode-se presumir que após a retirada dos padres os bandeirantes procederam o desmonte definitivo das edificações e o aproveitamento do madeirame na construção das paliçadas. Procedimento similar ocorreu na redução de *Apóstoles*, onde as vigas da igreja foram utilizadas para erigir sete fortins nos arredores

<sup>295</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 166.

do povoado.<sup>296</sup> Naquele contexto, o reaproveitamento dos materiais construtivos apresentava-se como uma opção prática e até mesmo óbvia. Supõe-se, portanto, que a destruição da redução não tenha ocorrido na invasão propriamente dita, mas sim em decorrência do desmonte das edificações e aprisionamento de sua população. Considerando que a tropa marchou a partir do Taquari, presume-se que o arraial tenha sido alocado em algum ponto ao sudeste do povoado.

Aurélio Porto destaca a localização estratégica de Santa Teresa como um dos principais atrativos levados em consideração pelo capitão André Fernandes.

Santa Teresa de los Pinales, ou Curiti, como a denomina o P. Al-fáro, estava em situação vantajosa para se tornar um interposto de aprovisionamento de futuras bandeiras que demandassem as doutrinas jesuíticas. Já então, aberto pelos índios, um caminho a ligava a São Carlos do Caapi e outras aldeias cristãs da bacia do Ijuí. Assinalada no mapa de Carafá, essa via de penetração entrava no Rio Grande do Sul, acima da foz do Ijuí, perto da redução de Assunção, continuava pelos actuais campos de Santo Cristo (Caapi) e Santo Ângelo, pela divisa de águas entre Ijuí e Carandaí, atravessava o Campo do Meio e penetrava pelas pontas do Uruguai em Santa Catarina, a sair no litoral acima do rio Tijucás.<sup>297</sup>

Ao abordar os fatores geoeconômicos das bandeiras que adentraram no hodierno Rio Grande do Sul, Jaime Cortesão fundamenta a sua análise nas fontes históricas da Biblioteca Nacional.<sup>298</sup> Os documentos evidenciam que as bandeiras de Raposo Tavares e André Fernandes não tinham por objetivo unicamente a captura de mão de obra indígena, mas sim a defesa dos interesses comerciais luso-brasileiros.

O local ficou conhecido como posto, fortim ou arraial do Igaí, topônimo alusivo ao alto Jacuí. Por vezes também denominado de Santa Teresa do Igaí, Santa Teresa dos Pinhais ou simplesmente Posto dos Pinhais. Sua administração ficou a cargo do padre Francisco Fernandes de Oliveira, filho do capitão André Fernandes.

<sup>296</sup> MAEDER, Ernesto. op. cit., 1984, p. 78.

<sup>297</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 165-166.

<sup>298</sup> CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 4.

O primeiro cuidado dos invasores foi o de consolidar as suas conquistas, levantando em S. Teresa um forte e um ponto de aprisionamento, e que provavelmente servisse também de campo de concentração para os índios que se iam caçando, confiando o cuidado desse posto ao padre Francisco Fernandes de Oliveira, filho do cabo da expedição, que se ordenara de sacerdote no Paraguai.<sup>299</sup>

A diferença crucial entre o arraial do Igaí e as demais bases de apoio criadas pelos bandeirantes no atual Rio Grande do Sul, reside na sua permanência. Ao passo que os outros locais eram utilizados de forma provisória, o posto dos pinhais foi transformado num fortim e incorporado à dinâmica do bandeirismo como suporte às sucessivas investidas contra os povoados missioneiros no século XVII.

Infelizmente não dispomos de pormenores acerca da organização ou funcionamento desse importante entreposto. Sabe-se que o local foi fortificado por meio de paliçadas. Foram abertos roçados e exploradas as invernadas para a criação do gado. Quando abandonaram Santa Teresa, os padres Ximenez e Salas lamentaram profundamente a renúncia de aproximadamente 500 cabeças de gado, além de uma quantidade menor de vacas, porcos e cabras que então passaram a abastecer o fortim bandeirante.

Conforme a arqueóloga Cláudia Uessler,<sup>300</sup> a definição de fortim no contexto das fortificações platinas refere-se a um pequeno assentamento de campanha fortificado. Tais estruturas eram utilizadas como pontos de apoio de tropas ou para a defesa de posições estratégicas e fronteiriças. A sua função e a disponibilidade de matéria-prima determinavam as técnicas construtivas. Podendo ser empregadas paliçadas, taipas, trincheiras e pedras.

No tocante ao aspecto do fortim, talvez possamos traçar um paralelo com outras fortificações bandeirantes do século XVII. É ilustrativo o entrincheiramento cujos vestígios repousam em solo catarinense, no atual município de Campo Erê. Tais estruturas não somente foram contemporâneas ao arraial do Igaí, como o seu uso esteve articulado com as investidas paulistas no alto Jacuí.

<sup>299</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. *Ibidem*.

<sup>300</sup> UESSLER, Cláudia de Oliveira. *Sítios arqueológicos de assentamentos fortificados Ibero-Americanos na Região Platina Oriental*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2006, p. 52.

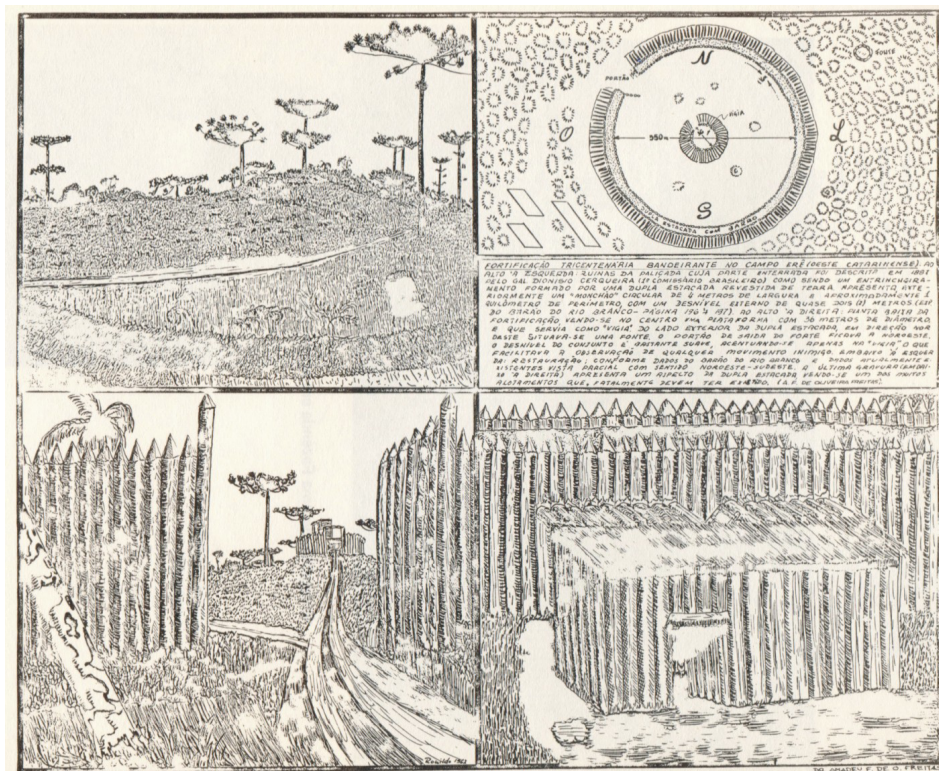
Através de um levantamento de campo encabeçado pelo pesquisador Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas, na década de 1970, foi possível identificar os vestígios remanescentes da fortificação, bem como elaborar um croqui preliminar (Figura 12). A estrutura era composta por uma dupla estacada circular preenchida com terra. Instalada no alto de uma colina, a paliçada com cerca de 4 metros de largura e um quilômetro de perímetro possuía no centro uma plataforma elevada com cerca de 36 metros de diâmetro que servia como vigia, garantindo uma vista privilegiada do entorno.<sup>301</sup>

**FIGURA 12.**  
Croqui ilustrativo da fortificação bandeirante do século XVII erigida no hodierno município de Campo Erê/SC.

**Fonte:**  
FREITAS, 1975, p. 749.

**FIGURA 12.**  
Croqui ilustrativo da  
fortificação bandeirante  
do século XVII erigida no  
hodierno município de  
Campo Erê/SC.

**FORNECER:**  
 FREITAS, 1975, p. 749.



Após a tomada de Santa Teresa, as razias bandeirantes dilataram-se pelas Províncias do Tape e Uruguai. A marcha preadora seguiu para *San Carlos*,

<sup>301</sup> FREITAS, Amadeu Fagundes de Oliveira. *Geopolítica bandeirante. Parte Primeira – Sudoeste Brasileiro*. Volume II. Porto Alegre: Editora Emma, 1975, p. 749.

*Apóstoles*, *Candelaria* e *Caaró*. Os indígenas cativos em *San Carlos* foram remetidos às paliçadas de Santa Teresa. Após uma marcha de aproximadamente três meses, o destacamento liderado pelos capitães Francisco de Paiva e Antônio Pedroso tornou a concentrar-se em Santa Teresa, trazendo consigo cerca de dois mil indígenas cativos.<sup>302</sup> Por fim, a região do alto Ibicuí passou a ocupar o posto de último reduto missioneiro na banda oriental do Uruguai, em breve também desarticulado.

Nesse processo, coube aos indígenas três destinos: retirar-se para lugares mais seguros, a exemplo dos territórios ocidentais do rio Uruguai; serem aprisionados para o cativeiro escravista; ou a tentativa de retorno ao modo de vida tradicional, refugiando-se fora das rotas bandeirantes.

Aproximadamente dois anos após a sua partida, a tropa finalmente havia regressado a São Paulo, no início de 1639, levando consigo milhares de indígenas aprisionados. O apologeta Alfredo Ellis Junior define essa ação como “uma das mais notáveis façanhas em toda a história do bandeirismo paulista e um dos mais memoráveis capítulos na história da conquista do Rio Grande do Sul”.<sup>303</sup>

Durante esse período, a aparente passividade manifestada pelos catecúmenos de Santa Teresa não foi estendida aos demais povoados. A resistência indígena foi reorganizada sob o comando do cacique *Nheenguirú*. Os embates sangrentos que se sucederam infringiram baixas para ambos os lados, com frequentes vantagens para os luso-brasileiros.

O capitão André Fernandes retornou a São Paulo com o grosso da tropa em 1639. Veio a falecer em Santana de Parnaíba, em 1657, então com mais de 80 anos.<sup>304</sup> Ignora-se por quanto tempo o padre Francisco Fernandes de Oliveira deteve-se no posto do Igaí.<sup>305</sup> Sabe-se, no entanto, que no dia 2 de fevereiro de 1653 tomou posse como vigário em Santana de Parnaíba.<sup>306</sup>

<sup>302</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 167-171.

<sup>303</sup> ELLIS JR., Alfredo. op. cit., p. 162.

<sup>304</sup> Luís Gonzaga da Silva Leme, em sua *Genealogia Bandeirante*, informa incorretamente que o capitão André Fernandes teria falecimento em 1641.

<sup>305</sup> Erroneamente, Cafruni cogita a permanência de André Fernandes em Santa Teresa até o ano de 1669.

<sup>306</sup> MOTA, Camila. *Edição de documentos oitocentistas e estudo da variedade linguística em Santa de Parnaíba*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007, p. 23.

Em uma petição dirigida ao Visitador D. Juan Blázquez de Valverde, de 1657, consta a declaração de um marinheiro português, outrora bandeirante, chamado Domingo Farto, cujo conteúdo atesta a permanência do padre Francisco Fernandes de Oliveira no posto do Igaí um ano após a capitulação da redução de Santa Teresa.

Sigue el auto de comparecencia y la notificación hecha á 17 de Abril, con la declaración de Domingo Farto, en que dice que fué maloquero de San Pablo y que en sus malocas llegó hasta el pueblo de Santa Teresa, donde estaba un Padre que se llamaba Francisco; y que un año antes que fuese la despoblaron y arruinaron otros portugueses que allá fueron, y que nunca pasó de la dicha reducción á las demás del Uruguay, ni á las del Paraná.<sup>307</sup>

Depreende-se que a bandeira da qual o referido português foi integrante, deteve-se no arraial bandeirante de Santa Teresa possivelmente para fins de abastecimento. O sacerdote de nome Francisco então mencionado já não poderia ser o padre Ximenez, uma vez que o episódio se deu um ano após a invasão da redução.

As investidas do capitão André Fernandes foram sucedidas por outras bandeiras que assolaram o Rio Grande do Sul. Destaca-se as expedições comandadas por Jerônimo Pedroso de Barros, Manuel Pires, Domingos Cordeiro, além de Fernão Dias Paes Leme, notório sertanista conhecido com o “caçador de esmeraldas”. Sua presença no Tape foi concomitante à atuação de André Fernandes. É possível que a bandeira de Paes Leme também tenha usufruído do posto de abastecimento no Igaí, uma vez que o local se firmou rapidamente como um polo estratégico das ações escravagistas no Rio Grande do Sul.

A posição estratégica, reconhecida por jesuítas e bandeirantes, conferia à povoação de Pinhais uma importância primacial. Daqui, os paulistas devassavam os caminhos para oeste, em demanda das Reduções do Uruguai; e daqui cortavam pelas vias do

<sup>307</sup> PASTELLS, R. P. PABLO. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915, p. 460.



Botucaraí, investindo contra as populações do Baixo-Jacuí, ao sul; e ainda faziam batidas na bacia do Ibicuí, no extremo sudoeste rio-grandense.<sup>308</sup>

Em janeiro de 1638, o padre Montoya encontrava-se no Rio de Janeiro. Ali, em companhia do padre Taño aguardava o navio que os levaria para Madri e Roma. Na Europa tinham a missão de convencer o monarca Felipe IV e o pontífice Urbano VIII a adotarem medidas contra os descabridos piratinheiros infligidos aos catecúmenos missionários. Neste ínterim, Montoya redigiu uma carta ao padre Juan de Hornos atualizando as informações que lhe acostavam acerca das bandeiras paulistas. A carta informa que 300 homens haviam partido de São Paulo para Santa Teresa, acrescentando ainda que muita gente estava partindo para o Tape por via marítima. Montoya também relata ter se deparado com muitos indígenas do Tape na cidade do Rio de Janeiro. Lamentava também que muitos missionários aprisionados em 1637 padeceram de fome pelo caminho. Já os recém-chegados eram vendidos por oito, dez ou quinze patacas.<sup>309</sup>

Esse contexto de efervescência escravocrata luso-brasileira no Rio Grande do Sul teve o seu revés culminante na Batalha do M'bororé, em 1641, quando os paulistas ousaram atravessar o rio Uruguai para a margem direita. Para Jaeger, a bandeira capitaneada por Jerônimo Pedroso de Barros e Manuel Pires era a mais bem preparada em relação às investidas anteriores, contudo, era também mal dirigida. Destaca três principais elementos motivadores, a saber, o desejo de revide às investidas e derrotas infligidas pelos missionários; o anseio em afastar os espanhóis para plagas distantes e, por fim, a captura de mão de obra escrava destinada aos mercados nordestinos. Os números acerca dos componentes da bandeira oscilam entre 350 e 450 luso-brasileiros e aliados, acrescidos de 1200 a 3 mil índios tupi.<sup>310</sup> Parte desse efetivo teria se concentrado no posto do Igaí antes de partir para a investida a cerca de 250 km ao noroeste. Por sua vez, o exército missionário contava com cerca de 4 mil soldados equipados com suas armas

<sup>308</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 313.

<sup>309</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 291-293.

<sup>310</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 53-54.

tradicionais, além de 300 arcabuzes, dezenas de canoas e peças de artilharia improvisadas.

O embate fluvial e terrestre se deu em março de 1641 na região do M'bororé, afluente da margem direita do rio Uruguai, na atual divisa da Argentina com a fronteira noroeste do Rio Grande do Sul. Após alguns dias de enfrentamentos diretos e escaramuças em batalhas navais e infantarias terrestres, os bandeirantes viram-se acuados e desbaratados. Por fim debandaram. Os missioneiros, por sua vez, os perseguiram incansavelmente, ignorando inclusive os pedidos de trégua, artifício já utilizado como embuste em conflitos anteriores.

Um índio Tupi aprisionado pelos missioneiros revelou que o capitão da bandeira traçou uma rota de fuga. Os sobreviventes fariam sua retirada em três direções. Partiriam juntos da região do Acaragua em direção ao arroio Guarumbaca, afluente do rio Uruguai, dividindo-se ali em três frentes. Parte da tropa avançaria pela região do Iguaçu (sentido nordeste). Outro grupo seguiria pelo curso do rio Uruguai à montante (sentido leste), onde buscaria suporte nas aldeias de índios Jê. Por fim, um terceiro destacamento cruzaria o rio Uruguai na altura do Salto do Yucumã, tendo como rumo as paliçadas de Santa Teresa, ou melhor, o arraial do Igaí. A partir daí rumariam para o sul em direção ao antigo povoado de Jesus-Maria, prosseguindo então pela tradicional rota do Caamo e Caaguá.<sup>311</sup> A estratégia de fuga foi colocada em prática, sem evitar, no entanto, constantes baixas ao efetivo bandeirante.

Dentre os documentos da Coleção de Angelis encontra-se um minucioso relato da Batalha do M'Bororé redigido pelo padre Cláudio Ruyer no mês seguinte ao embate.<sup>312</sup> Ruyer foi o padre provincial responsável pelas articulações prévias do exército missioneiro. Em seguida adoeceu e foi substituído pelos padres Pedro Mola e Pedro Romero. De seu relato depreende-se um fato até então ignorado pela historiografia. A Batalha do M'Bororé acabou por evitar um iminente ataque missioneiro ao fortim bandeirante do Igaí. Segundo Ruyer, antes mesmo de receber o alerta enviado pelo padre Borroa informando a aproximação dos portugueses, o padre provincial já havia tomado as devidas precauções para guarnecer as fronteiras. Além das senti-

<sup>311</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 364.

<sup>312</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 345-346.

nelas e milícias que faziam a vigilância dos povoados, Ruyer informa que os missioneiros realizavam constantes exercícios militares. A relativa demora dos portugueses em atingir as cabeceiras do Uruguai acabara por deixar os indígenas impacientes e ansiosos pelo enfrentamento. Por fim, um exército de mais de mil índios com armas de fogo partiu em direção à Santa Teresa. Esse exército seria engrossado por mais de duzentos índios armados que se preparavam para partir da Província do Uruguai em direção ao Tape. Pouco antes de chegarem à antiga redução de Santa Teresa, foram informados de que deveriam prontamente retornar devido à aproximação dos portugueses no alto Uruguai. Dessa forma, a convocação para a defesa de outra frente de batalha impediu que as milícias missioneiras escrevessem uma nova página na história de Santa Teresa, circunscrevendo esse episódio ao campo das conjecturas hipotéticas.

Na Argentina, a Batalha do M'Bororé é rememorada como um marco histórico que limitou o avanço português sobre a mesopotâmia argentina. Para a historiografia rio-grandense, o embate é comumente lembrado como o episódio que encerrou definitivamente as razias bandeirantes neste território.

De fato, não houve mais registros de bandeiras regulares, excetuando-se a grande investida bandeirante sobre Buenos Aires, em 1651. Entretanto, a atuação dos escravagistas paulistas perdurou por várias décadas. As bandeiras foram substituídas por pequenas incursões ou entradas que dispunham de menor contingente, e, portanto, com efeitos localizados. Ao invés de milhares, os indígenas capturados passaram a ser computados as dezenas. Mesmo assim, Aurélio Porto é categórico ao afirmar que nos decênios seguintes verdadeiras multidões de índios foram aprisionadas em todas as regiões do Rio Grande do Sul.

Certo é que no decênio de 1650-1660 e, mesmo, no seguinte, se não aparecem as grandes bandeiras pelos sertões do Rio Grande, fazem-se entradas inúmeras, subindo para São Paulo chusmas e chusmas de índios apresados em todos os recantos da terra rio-grandense. Assim, muitos inventários de Piratininga, de paulistas mortos no sertão, podem-se atribuir a essas investidas ininterruptas contra as selvas do extremo sul.<sup>313</sup>

<sup>313</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 192.

Ao mesmo tempo, observa-se que não ocorreu um despovoamento do território, mas sim um acelerado decréscimo da população Guarani que contribuiu para a ascensão territorial dos povos Jê.

A despeito dos padrões de assentamento que relacionam os Guarani com as várzeas dos grandes rios e os povos Jê com as terras altas do Planalto, a arqueologia aponta o caráter fronteiriço do alto Jacuí. Esse espaço centralizava as estratégias de disputas e compartilhamento territorial.

É ilustrativo o caso do Sítio Arqueológico AP.CG.1 localizado na divisa municipal de Carlos Gomes e São João da Urtiga, em pleno interior do alto Uruguai. Desde os séculos XIX e XX - quando iniciaram-se as primeiras ações efetivas de colonização europeia na região -, o alto Uruguai passou a ser fortemente relacionado com os Kaingang. Todavia, o contexto de ocupação pré-colonial é mais complexo. Entre os anos de 2011 e 2013 coordenei um programa de pesquisa arqueológica no local, juntamente com a arqueóloga Vera Lúcia Trommer Thaddeu.<sup>314</sup> Ficou evidenciado que o sítio em questão é constituído por uma extensa aldeia Guarani que abarca ambas as margens do rio Apuaê (Figura 13). Como afluente da margem esquerda do Uruguai, esse rio funcionava como via de penetração em direção ao Planalto Médio. Suas



**FIGURA 13.**

Fragmentos de cerâmica Guarani localizados no Sítio Arqueológico AP.CG.1.

**FOTOGRAFIA:**

Fabricio J. Nazzari Vicroski.

<sup>314</sup> THADDEU, Vera L. Trommer; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Programa de Arqueologia Preventiva e Educação Patrimonial na Área de Influência da Ponte sobre o Rio Apuaê, municípios de Carlos Gomes e São João da Urtiga, Rio Grande do Sul. Relatório Final*. Erechim: Geonaturae Licenciamento Ambiental, 2014.

nascentes dividem espaço com a vertente mãe do Jacuí no Povinho Velho, onde temos uma importante aldeia de casas subterrâneas (linearmente o sítio dista cerca de 70 km da nascente do Jacuí). Infelizmente, em ambos os casos não dispomos de datações absolutas. No entanto, a análise contextual nos permite supor que ambas as áreas tenham sido ocupadas em período anterior à chegada dos jesuítas. Mesmo que os assentamentos não tenham sido concomitantes, é evidente que não houve uma ocupação étnica uniforme da região. Além desse caso, a cultura material Guarani também multiplica-se por outros municípios da região.

A capitulação das missões frente às investidas bandeirantes acarretou o êxodo Guarani. Entretanto, não houve um esvaziamento do território, mas sim um novo arranjo na dinâmica de ocupação do espaço decorrente do decréscimo populacional que acabou por favorecer o predomínio Jê, cuja supremacia só foi definitivamente ameaçada pelo avanço das frentes de colonização a partir do século XIX.

O esvaziamento Guarani no sul do Brasil proporcionou aos Jê mais possibilidades de circulação e a ocupação de territórios 'vazios', sem a necessidade de estabelecer redes de aldeias. Também possibilitou a oportunidade de retornar para áreas que eles ocuparam no passado, de onde foram expulsos pelos Guarani.<sup>315</sup>

Talvez impelidos pela capacidade de adaptação lapidada frente os fenômenos de fronteira, os Jê desempenharam os mais variados papéis históricos. Figuraram não apenas dentre a população missioneira como também engrossaram as legiões indígenas que acompanhavam as tropas sertanistas. Havia ainda uma parcela que buscava perpetuar seu modo de vida tradicional sem interferências externas, tanto durante como após o período missioneiro. O fato é que após o êxodo Guarani, a sanha preadora bandeirante voltou seus olhos para as populações Jê.

Diante daquela conjuntura, o arraial bandeirante do Igaí acabou por se consolidar como polo irradiador das atividades escravagistas luso-brasileiras no século XVII no território do hodierno Rio Grande do Sul. Infelizmente,

<sup>315</sup> NOELLI, F. S.; SOUZA, J. G. *Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 12, p. 57-84, 2017, p. 6.

a escassez de documentos históricos praticamente relegou ao esquecimento este importante episódio da história sulina. As fontes documentais jesuítas e paulistas nos permitem vislumbrar precariamente uma sequência cronológica de três décadas de presença bandeirante no alto Jacuí.

Segundo os dados levantados por Aurélio Porto nos manuscritos da Coleção de Angelis,<sup>316</sup> em 1656, o corregedor do *pueblo* de Japeju foi informado acerca de presença de um grupo de paulistas que estava aprisionando indígenas na banda oriental do Uruguai. Prontamente, organizou-se uma milícia que surpreendeu os bandeirantes Manuel Preto, Pascoal da Ribeira e Francisco Cordeiro, amparados por um grupo de aproximadamente 50 índios Tupi fortemente armados. A tropa já havia capturado um número considerável de indígenas não cristianizados, isto é, grupos étnicos Jê e provavelmente também índios pampeanos. Os paulistas e seu séquito foram obrigados a assumir o lugar dos seus prisioneiros e então encaminhados para Japeju. Porém, pelo caminho conseguiram empreender uma fuga bem sucedida. Por fim, os demais prisioneiros revelaram que o posto do Igaí vinha sendo constantemente utilizado como base de operações pelos paulistas, onde provinham-se de pólvora e demais mantimentos necessários às suas malocas.

Revelou a inquirição dos mulatos e prisioneiros restantes que, nesta e em outras ocasiões, muitas tropas saíram de São Paulo e em um posto que chamam de Igaí (Jacuí), haviam construído um forte e paliçada onde tinham mantimentos e algumas botijas de pólvora e para ali conduziam os índios que lhes caíam nas mãos, o que sucedia de muito tempo a esta parte.<sup>317</sup>

No ano de 1669, receberam a notícia da iminente aproximação dos inimigos paulistas. Desta vez, os alvos seriam as reduções da margem direita do Uruguai, em especial Japeju. Tal informação foi relatada às autoridades da redução de *San Tomé* por antigos aliados dos paulistas que se estabeleceram no povoado aliando-se aos missionários.<sup>318</sup>

No mesmo ano, o alerta foi reiterado perante o corregedor da redução de *San Francisco Javier*. *As informações foram prestadas por dois indígenas que outrora*

<sup>316</sup> Ibidem.

<sup>317</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 192-193.

<sup>318</sup> PORTO, Aurélio, op. cit., 1954, p. 194-195.

moravam no povoado de Santa Teresa. Ambos haviam sido batizados pelos padres Francisco Ximenez e Simon Maçeta. Quando crianças foram capturados pelos portugueses e levados para São Paulo. Por fim, movidos pelo ímpeto de retornarem à sua terra natal conseguiram fugir com suas mulheres e filhos. Os indígenas confirmaram ao corregedor D. Thomas Potira que os portugueses de São Paulo de fato preparavam-se para assolar as doutrinas dos rios Paraná e Uruguai. O objetivo era acabar com todos os *pueblos* e vingar seus parentes mortos nas refregas passadas. Acrescentaram ainda que os portugueses se reuniam no antigo povoado de Santa Teresa destruído por André Fernandes. Ali obtinham comida e o apoio necessário às suas campanhas.<sup>319</sup>

O ano de 1669 constitui o marco cronológico que as fontes documentais nos permitem rastrear acerca do período de funcionamento do arraial bandeirante no alto Jacuí. A ampliação dessa cronologia depende da descoberta de novas fontes, sejam elas históricas ou arqueológicas.

Outrossim, convém acrescentar uma informação de fato curiosa. Faz parte da Coleção de Angelis um manuscrito<sup>320</sup> que atesta a presença de portugueses nos locais correspondentes aos antigos povoados de *Apóstoles* e Santa Teresa em 1753. Os missioneiros já haviam retornado à banda oriental do Uruguai há mais de meio século. As sete novas reduções fundadas estavam circunscritas à região noroeste do Rio Grande do Sul. Todavia, no alto Jacuí eram mantidas estâncias e ervais que integravam os domínios dos Sete Povos. Além da efervescência das disposições do Tratado de Madri, o documento informa que os portugueses entraram na estância situada nas cercanias do povoado de *San Luis*, “*adonde antigamente avia estado el pueblo de los Apostoles quando recien convertidos*”. Há mais de 25 anos, o local era utilizado pelos luisistas como uma estância para a criação de vacas, e passara a ser conhecido como Santo Antonio ou Aranca na língua indígena. Dali os portugueses passaram a furtar as vacas levando-as à outra paragem na mesma estância então chamada de Santa Teresa. Ali buscavam também escolher um local para estabelecer uma povoação portuguesa. Ao inteirarem-se dos fatos, os luisistas remeteram um chamado aos demais povoados. Rapidamente formou-se um

<sup>319</sup> Apud VIANNA, Hélio, op. cit., 1954, p. 347-348.

<sup>320</sup> Apud CORTESÃO, Jaime (Org). *Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos (1750-1802)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume VII. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 218-219.

pequeno exército de catecúmenos que lançou-se intempestivamente sobre os inimigos. Averiguaram tratar-se de 20 portugueses de Laguna e 11 índios fugitivos que bateram em retirada deixando para trás utensílios como navalhas e colheres, além de 39 *ranchitos* que foram incendiados pelos missioneiros.

Não por acaso, esse período coincide com o incremento da política colonial portuguesa para a ocupação e povoamento de pontos estratégicos em seus domínios meridionais. Entre 1748 e 1753 houve um dilatado fluxo imigratório a partir das ilhas do arquipélago dos Açores. A emergente povoação de Laguna – fundada por bandeirantes em 1676 – era não somente um dos destinos, mas também uma base para a expansão colonizadora em direção ao Rio Grande do Sul. A ocupação definitiva do território missioneiro era um dos objetivos da Coroa portuguesa. Conforme observa Tau Golin, na esteira dos acontecimentos decorrentes do Tratado de Madri, esse período assinala o avanço luso-brasileiro pelo Caminho de Lages, Caminho do Meio, Alto Uruguai e Missões com o intuito de povoá-los. Foi também em 1753 que a vanguarda de bandeirantes do exército luso-brasileiro comandado pelo general Gomes Freire de Andrade nas ações de demarcações dos limites, chegou ao Passo do Jacuí e ao rio Pardo, onde montaram um reduto.<sup>321</sup>

É improvável que o arraial bandeirante tenha se mantido até 1753. No entanto, é interessante notar que mesmo em meados do século XVIII, o local continuava sendo procurado pelos portugueses, demonstrando no mínimo uma vinculação intermitente com a região, ou quica uma eventual perpetuação da memória referente ao arraial bandeirante dentre os luso-brasileiros. É certo, porém, que as populações cabocla e kaingang enraizaram-se no Planalto Médio após o abandono do enclave mameluco.

Do ponto de vista das populações indígenas, os bandeirantes podem ser encarados como a versão luso-brasileira dos conquistadores espanhóis que assolaram os povos incas e astecas no século XVI.

Estima-se que no lapso temporal inserido entre a bandeira de Raposo Tavares (1635) e a transmigração dos povoados missioneiros para a margem direita do rio Uruguai (1640), tenham sido subjugados cerca de 30 mil indi-

<sup>321</sup> GOLIN, Tau. *A Fronteira: 1763 – 1778 – história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional*. 3 v. Passo Fundo: Méritos, 2015, p. 62.



genas na Província do Tape e arredores.<sup>322</sup> Muitos Guarani, no entanto, permaneceram em seus antigos territórios sem vínculo com o projeto jesuítico. Ao contabilizar as vítimas diretas e indiretas das razias bandeirantes no Rio Grande do Sul, Jaeger computou as populações capturadas, emigradas, desalojadas ou mortas nos combates, totalizando assim uma população estimada de 200 mil pessoas.<sup>323</sup> Tal densidade demográfica só seria recomposta no século XIX já com grande participação dos imigrantes europeus.

Nesse cenário de completa desolação para as populações nativas, o fortim de Santa Teresa do Igai se consolidou como o polo irradiador dos exploradores escravocratas luso-brasileiros do hodierno Rio Grande do Sul no século XVII.

Nesse processo surgiu o caboclo – primeiro gentílico rio-grandense -, resultado da relação do europeu, mameluco, cafuso, Tupi, com as mulheres indígenas locais. O caboclo “é o componente mais importante do povo passo-fundense, o qual viria a se misturar num outro processo de miscigenação com as correntes (i)migrantes somente no século XX”.<sup>324</sup> Foi ele o mediador do conhecimento indígena que alavancou a colonização desse território.

## 4.2 BALUARTE DO BANDEIRISMO ESCRAVOCRATA

Após a capitulação de Santa Teresa, o padre Simon Maçeta enviou um requerimento ao comissário do Santo Ofício do Paraguai solicitando auxílio militar contra a bandeira de André Fernandes, que preparava-se para expandir o seu raio de ação. Além da preocupação com os povoados missioneiros, Maçeta também demonstrou receio com o risco iminente de perda territorial das Províncias e terras pertencentes à coroa de Castela. Dentre os portugueses vinham também holandeses, cujo objetivo não era capturar índios, mas sim avançar pelo território com o intuito de chegar até o Peru e conquistar Potosí.<sup>325</sup>

<sup>322</sup> SANTOS, J. R. Q.; OSÓRIO, Getúlio Xavier. op. cit., p. 359-360.

<sup>323</sup> JAEGER, Luiz Gonzaga. op. cit., p. 58.

<sup>324</sup> GOLIN, Tau. *Identidade gentílica e capital simbólico*. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 455.

<sup>325</sup> Apud CORTESÃO, Jaime, op. cit., 1969, p. 237-238.

Mesmo diante de um contexto de tensões e ameaças constantes decorrentes das invasões holandesas no nordeste, os interesses geopolíticos dos paulistas voltavam-se insistentemente para o sul.

A grande região, que hoje constitui o Estado do Rio Grande do Sul estava, por completo, conquistada, pelas armas paulistas, que, em sucessivas arrancadas, haviam tomado essa imensa área as garras de Castella, para reunir à monarquia lusa dos Braganças, recém constituída.<sup>326</sup>

Exatamente um século separam a criação do posto bandeirante do Igaí, em 1637 da fundação do presídio e Forte de Jesus-Maria-José, em Rio Grande de São Pedro (1737). A primeira data é praticamente desconsiderada pela historiografia de matriz lusitana, ao passo que a segunda é rememorada como o marco inicial da ocupação meridional portuguesa. Fala-se em marco formal de povoamento para distingui-lo das iniciativas anteriores, consideradas informais ou de caráter efêmero.

Independentemente da versão oficial, os fatos históricos ocorridos na Província do Tape no século XVII assinalaram o avanço territorial da frente de expansão luso-brasileira sobre o território castelhano, acarretando a desmobilização das missões jesuíticas e a criação de uma possessão bandeirante militarizada no alto Jacuí. Nas palavras de Alfredo Ellis Junior, “estava conquistado o Tape, invadido o Rio Grande, expulso o jesuíta, escravizado o índio, esmagado o castelhano, e recuado o Meridiano de Tordesilhas”.<sup>327</sup> Por no mínimo três décadas, a manutenção dessa conquista foi amparada pelo arraial do Igaí, constituindo-se na primeira ocupação bandeirante duradoura em terras gaúchas. “Representou o papel de reduto escravagista, porém serviu também de primeiro marco, antes mesmo que o Rio Pardo, da penetração luso-brasileira no Rio Grande do Sul.”<sup>328</sup>

As disputas territoriais entre espanhóis e lusitanos envolviam processos dinâmicos de conquista e ocupação, sobretudo, durante o período da União

<sup>326</sup> ELLIS JR., Alfredo, op. cit., 1934, p. 176.

<sup>327</sup> ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Meio Século de Bandeirismo – 1590-1640*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939, p. 173.

<sup>328</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 405.

Ibérica (1580 - 1640). As ações práticas de expansão territorial nas colônias nem sempre eram explícitas ou oficialmente chanceladas pelos governantes.

Conforme destaca a pesquisadora Fernanda Sposito, “as missões iam fazendo a abertura do caminho para a colonização”. Basicamente pode-se afirmar que “onde elas não se instalaram, a colonização não podia passar”.<sup>329</sup> Por sua vez, as investidas bandeirantes desarticulavam essa frente de expansão espanhola e dilatavam os domínios luso-brasileiros. Para Cafruni, André Fernandes tinha conhecimento da importância das bandeiras para o movimento expansionista, sua invasão dos sertões sulinos não seria unicamente motivada pela incursão preadora. Ao desvelar a posição estratégica do alto Jacuí, o bandeirante vislumbrou também a sua ocupação territorial. “Transformou Santa Teresa em baluarte do bandeirismo no Rio Grande do Sul, elegendo-o em substituição a Taiaçuapé e Pirajubi (postos de concentração de escravos, no rio Taquari e no Rio Pardo)”.<sup>330</sup>

É difícil conceber que diante das efervescentes disputas territoriais que marcaram aquele período, as conquistas bandeirantes fossem reduzidas à captura de mão de obra indígena. Ainda que de forma velada, as bandeiras davam vazão ao anseio expansionista lusitano. Se por um lado não havia um apoio explícito a tais investidas, por outro, a conivência das autoridades coloniais acabava por endossar as ações. “Poucas vezes a ordem vem de um simples chefe. Este tem um amparo, o governo do além-mar o estimula, os governadores da colônia os incitam e de tal forma que tudo se oficializa, se arregimenta”.<sup>331</sup>

Ademais, as lideranças bandeirantes compunham a elite paulistana. Em tal posição dispunham em grande medida do governo. As bandeiras eram oficializadas pela Câmara de São Paulo, cujos vereadores, para além dos serviços burocráticos, ocuparam-se em capitanear as tropas que palmilharam o Tape.<sup>332</sup> Enquanto os governantes espanhóis não eram tão explícitos em auxiliar efetivamente os jesuítas, as autoridades lusas atuavam diretamente na organização do movimento bandeirante, favorecendo a ampliação dos domínios territoriais.

<sup>329</sup> SPOSITO, Fernanda. op. cit., p. 171.

<sup>330</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 307-309.

<sup>331</sup> SANMATIN, OLYNTHO. op. cit., p. 180.

<sup>332</sup> SANTOS, J. R. Q.; OSÓRIO, Getúlio Xavier. op. cit., p. 355-356.

Ao estudar os documentos da Biblioteca Nacional, Jaime Cortesão evidenciou importantes fatores geoeconômicos das bandeiras do Tape. Em especial, as campanhas de André Fernandes e Raposo Tavares não consistiam “única e cruamente na caça aos índios das reduções”. A manutenção das possessões conquistadas também garantia a defesa da organização comercial dos portugueses. Ao implantar as reduções, os jesuítas o fizeram “em posições iminentemente estratégicas”.<sup>333</sup> Com isso, vizavam desestruturar as alianças entre as lideranças indígenas e os bandeirantes, impactando assim economicamente os interesses luso-brasileiros. Não bastava, portanto, subjugar os indígenas, era necessário garantir a soberania territorial que possibilitaria a manutenção de sua estrutura comercial.

Com base nos estudos de Pablo Hernández e nos escritos de Nicolás del Techo, o pesquisador Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas esclarece que no século XVII os bandeirantes e portugueses construíam fortes como forma de tomar posse dos territórios. Com esse intuito erigiram as fortificações do Igaí, Campo Erê, Apiterebi e Comandaí, também chamado de Tobati ou Mburicá. Os entrincheiramentos do Apiterebi e Campo Erê localizavam-se no hodierno oeste catarinense, já as defesas de Comandaí situavam-se nos arredores da cidade de Santo Ângelo (Figura 14, na página seguinte). Somam-se a isso os locais de uso esporádico ou de passagem, como as paliçadas erigidas sobre os escombros da redução de Jesus Maria, ou ainda o posto de Parapopi, importante aliado dos paulistas.

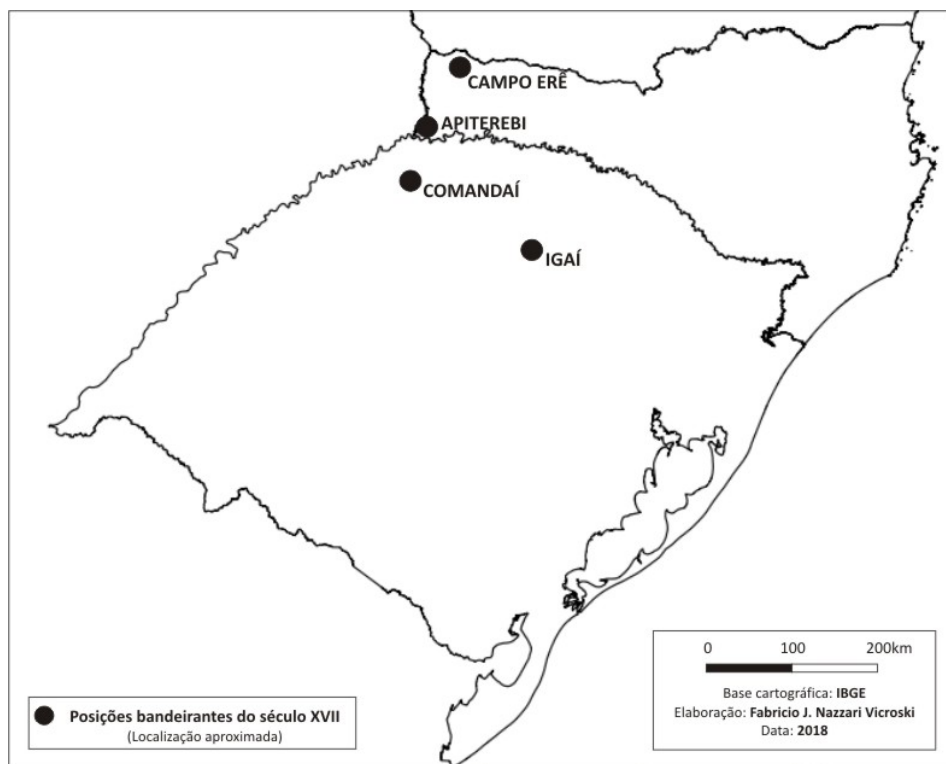
O sistema de emboscadas que partia dessas fortificações desestabilizava “as tentativas de fazendas jesuítico-espanholas dentro do Rio Grande do Sul”.<sup>334</sup> O posto do Igaí foi o mais profícuo entrincheiramento bandeirante em terras ao sul do alto Uruguai.

Como entreposto das bandeiras que chegavam ao Rio Grande, o povoado de Pinhais devia contar com bem providos armazéns e depósitos de mantimentos, bem como das diversas utilidades de vestuário e de guerra, visto que a fundação local era eminentemente estratégica e militarizada.<sup>335</sup>

<sup>333</sup> CORTESÃO, Jaime, op. cit., 1969, p. 4.

<sup>334</sup> FREITAS, Amadeu Fagundes de Oliveira. op. cit., p. 666-688.

<sup>335</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 338.



**FIGURA 14.**  
Localização aproximada dos principais entronqueamentos bandeirantes.

**ELABORAÇÃO:**  
Fabricio J. Nazzari Vicoski.

A despeito do seu caráter militarizado, o cotidiano do posto do Igaí devia aproximar-se das pequenas povoações seicentistas. Possivelmente, a maior parte dos seus habitantes era absorvida pelas atividades de subsistência do povoado, como a manutenção dos roçados e a pecuária incipiente. A população era composta por paulistas e indígenas aliados. Não por acaso, o caboclo, fruto da mestiçagem, firmou-se nos séculos seguintes como uma figura emblemática – e marginalizada – no processo de colonização do Planalto Médio.

No lugar do bandeirante, ficaram aspectos de sua herança mestiça, que, nos entrecruzamentos étnicos, resultou no caboclo, tendo no ventre da mulher dos povos indígenas da região a sua formação. Esse novo gentílico dedicou-se principalmente à agricultura de subsistência e ao extrativismo da erva-mate, atividades que lhes impunham uma condição de semi-nomadismo. Nos séculos subsequentes a miscigenação cultural e étnica prosseguiu entre

os caboclos e os índios Jê. O seu conhecimento do ambiente e das práticas tradicionais foi fundamental para o avanço das frentes de colonização dos séculos XIX e XX nas regiões do Planalto Médio e alto Uruguai.

O retorno das missões às antigas possessões da banda oriental do Uruguai só foi possível a partir de 1682. Por sua vez, a presença dos bandeirantes no posto do Igaí pode ser rastreada até 1669. Neste ínterim ocorreu a fundação da Colônia de Sacramento em 1680, episódio apontado por Cafruni como uma das prováveis causas do abandono do arraial. Soma-se a isso o declínio do ciclo açucareiro no nordeste e a descoberta de metais preciosos nas regiões sudeste e centro-oeste do Brasil. Esse redirecionamento dos interesses geopolíticos bandeirantes acabou por inviabilizar a manutenção do fortim do Igaí. O abandono da região permitiu o retorno progressivo dos jesuítas e missionários. O alto Jacuí jamais tornaria a receber um povoado missioneiro, todavia, a exploração dos seus ervais e campos de pastagens adquiriu grande importância para o desenvolvimento econômico e social, integrando-se aos domínios territoriais de *San Juan* e *San Luis*. Essa reorganização do espaço missioneiro era composta por um mosaico de estâncias, postos de vigia e capelas espalhadas pelas cabeceiras do Jacuí.

A Estância ou Vacaria dos Pinhais também dispôs em sua origem do gado remanescente do antigo rebanho de Santa Teresa, chegando a contar, no século XVIII com dezenas de milhares de cabeças, acarretando a consolidação do importante ciclo econômico marcado pelo tropeirismo.

O seu abandono possivelmente também contribuiu para que a sua memória tenha praticamente caído no esquecimento. Todavia, os seus reflexos geopolíticos ecoaram pelos séculos subsequentes. O sistema de fortificações bandeirantes – do qual o posto do Igaí fazia parte – foi um dos mais proeminentes argumentos utilizados pelo Barão do Rio Branco, juntamente com as demarcações do Tratado de Madri, para evidenciar as possessões bandeirantes na disputa de limites entre Brasil e Argentina. O episódio, conhecido como Questão de Palmas, ocorreu entre 1890 e 1895. Grover Cleveland, então presidente dos Estados Unidos, atuou como árbitro da questão analisando a documentação produzida pelas representações diplomáticas. Por fim sua decisão foi favorável à posição brasileira.<sup>336</sup>

<sup>336</sup> *Obras do Barão do Rio Branco I: questões de limites República Argentina.* – Brasília: Fundação Alexandre de Gus-

Apesar de não situar-se no território em litígio, o funcionamento do posto do Igaí ocorria de forma articulada com os entrincheiramentos de Campo Erê e Apiterebi. Para Amadeu Freitas, o papel desempenhado pelas fortificações deve ser apreciado conjuntamente, uma vez que guardavam estreita ligação entre si. André Fernandes e os Bueno podem inclusive ser apontados como possíveis responsáveis pela construção e uso dessas fortificações.<sup>337</sup>

Do ponto de vista geoeconômico, a *prea* indígena não seria um elemento suficiente para justificar a fixação bandeirante no alto Jacuí por um período superior a três décadas. Além de desnecessária, tal medida não condiz com o sistema de incursões transitórias que caracteriza as bandeiras. À luz dos interesses geopolíticos, o arraial bandeirante do Igaí representou os primórdios da ocupação luso-brasileira no Rio Grande do Sul, antecedendo em um século as ações formais de povoamento pelo Estado colonial. Seu caráter escravagista, efêmero e nefasto projeta-se como uma sombra que timidamente ofusca as reluzentes páginas da história oficial.

---

mão, 2012.

<sup>337</sup> FREITAS, Amadeu Fagundes de Oliveira. *op. cit.*, p. 674-675.

## DO IBITIRU AO CURITI

A localização exata da antiga redução de Santa Teresa e o subsequente arraial bandeirante constitui-se um tema ainda permeado de incertezas. Ao redigir *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico*, o pesquisador Jorge Edethe Cafruni estava convencido de que a antiga Taba de Guaraé estava situada na atual localidade do Povinho Velho ou Povinho da Entrada, região compreendida pela divisa dos municípios de Passo Fundo e Mato Castelhano. O local assinalaria a fundação do povoado em 1632, transmigrado no ano seguinte para um posto mais ao sul na atual região do Rincão do Pessegueiro, município de Ernestina, mais precisamente nas proximidades das cabeceiras dos arroios Chifroso e Gregório. Esse entendimento defendido por Cafruni é hoje amplamente aceito e difundido pela comunidade regional e pela historiografia.

A confirmação ou refutação dessa hipótese foi uma das linhas investigativas vislumbradas pela presente pesquisa, configurando, no entanto, um objetivo secundário. Com efeito, buscou-se empreender uma abordagem interdisciplinar que congregasse as informações arqueológicas, históricas e cartográficas no sentido de revisar ou complementar a narrativa vigente.

Apesar de coerentes, as suposições de Cafruni em certa medida foram impulsionadas por um regionalismo exacerbado, por vezes amparado em coincidências que contribuíram para o seu raciocínio. As *cavesadas del rio Igay*, isto é, as cabeceiras do Jacuí, georreferência recorrente nos documentos jesuíticos, foi literamente interpretada por Cafruni como sendo a nascente mãe desse rio, embora não haja qualquer alusão direta nesse sentido. Tal informação deve ser compreendida como uma referência de localização com abrangência regional. Ao estendermos comparativamente esse raciocínio a outras georreferências, depreende-se que a região das cabeceiras do Jacuí



pode englobar várias dezenas de quilômetros de seu curso superior, deslocando assim a região em potencial para o sudoeste. Atrelar invariavelmente as *cavesadas del Igay* à sua nascente mãe é deveras precipitado.

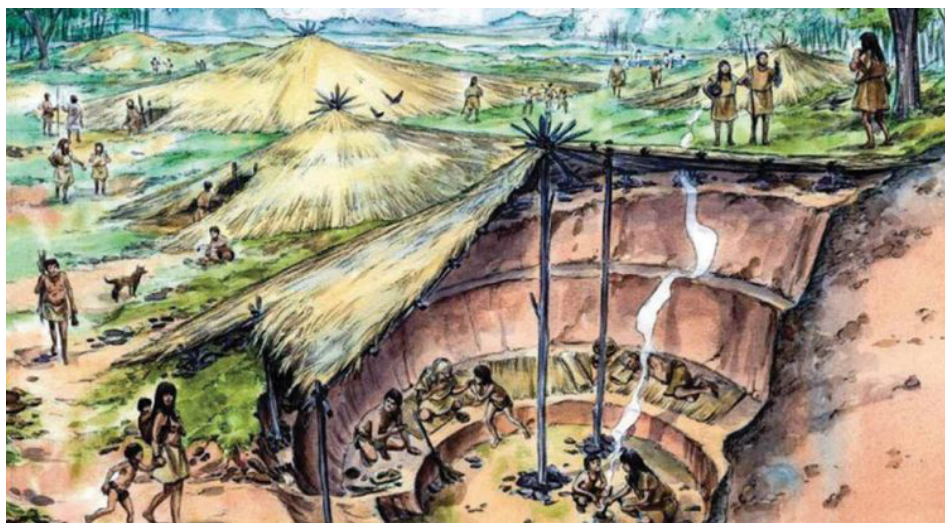
Cafruni, no entanto, foi coerente em suas colocações, elencando alguns argumentos favoráveis à construção de sua narrativa. Não por acaso, o entorno imediato da principal nascente do rio Jacuí guarda os vestígios remanescentes de um importante sítio arqueológico. O local, ainda notavelmente preservado em meio à mata, apresenta um conjunto de casas ou estruturas subterrâneas. Sua implantação na paisagem é compatível com os padrões do assentamento das populações pré-coloniais associadas aos povos Jê meridionais.

No contexto da arqueologia do sul do Brasil, tais habitações configuram-se como buracos circulares escavados no solo ou na rocha em decomposição. No tocante às suas dimensões, o diâmetro geralmente oscila entre 2 metros e 20 metros, já a profundidade pode chegar a 8 metros.<sup>338</sup> Eram implantadas predominantemente em regiões frias, em altitudes superiores a 400 metros, mas geralmente entre 600 metros e 1100 metros. Ocorriam tanto isoladas como agrupadas, formando pequenas aldeias (Figura 15). Entremeando as habitações ou em suas adjacências por vezes havia montículos de terra onde eram realizados sepultamentos.

O acesso ao seu interior se dava através de degraus em forma de escada, ou ainda por um único degrau que acompanhava a parede ao longo de toda sua circunferência, podendo ser utilizado também como uma espécie de bancada. As paredes poderiam receber um revestimento de pedra e barro. Geralmente eram construídas nas encostas dos morros, eventualmente no topo. Ao seu redor eram escavadas valas para o escoamento da água das chuvas.

Não dispomos de informações definitivas sobre a conformidade do telhado. Escavações arqueológicas evidenciaram vestígios de esteios laterais e um central, onde provavelmente apoiava-se uma armação de madeira que sustentaria uma cobertura feita com galhos e fibras vegetais, mantendo um espaço de alguns centímetros entre o chão externo e o telhado, possibilitando a renovação do ar e a saída da fumaça das fogueiras realizadas em seu interior, das quais restaram as pedras que a circundavam formando um pequeno fogão.

<sup>338</sup> REIS, Maria José. *A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense*. Erechim: Habilis, 2007, p. 122.

**FIGURA 15.**

Reconstituição gráfica de uma aldeia com casas subterrâneas.

**ILUSTRAÇÃO:**

Ana Luiza Koehler (apud COPÉ et al., 2013, p. 72-73).

Além do termo casa subterrânea, utiliza-se outras designações, como casas semi-subterrâneas ou enterradas, ou ainda estruturas subterrâneas, tendo em vista sua probabilidade de utilização não apenas como residência, mas também como armadilhas, poços de armazenamento de alimentos ou atividades rituais.

Convém ressaltar que com certa frequência Santa Teresa é rememorada como um exemplo de povoado que também congregava índios Jê, então denominados de Guañanas. A informação de fato procede, pois foi relatada pelo padre Romero na Carta Ânua relativa ao ano de 1633. Essa pluralidade étnica pode ser compreendida à luz do caráter de fronteira étnico-cultural do alto Jacuí, assunto oportunamente abordado anteriormente.

Todavia, mediante a leitura completa da fonte primária percebe-se claramente que tal população compunha uma minoria. Mesmo diante de um ocasional contexto de alianças e intenso intercâmbio cultural entre os distintos grupos étnicos que habitavam o alto Jacuí, a implantação de um povoado missioneiro em meio a uma aldeia de casas subterrâneas comandadas por um cacique Guarani é sem dúvida um cenário improvável. Ademais, o local situava-se no tradicional caminho Jê que percorria o interflúvio das cabeceiras dos rios Jacuí e Uruguai, perpassando pelas nascentes do rio Pelotas e prosseguindo até as regiões do atual Cerrado brasileiro.

O interflúvio que caracteriza o topo de coxilha com nascentes, banhados e matas de araucárias, apresenta as condições ideais à implantação de uma aldeia com casas subterrâneas. Cafruni realizou suas pesquisas de campo na década de 1960. Na época, os estudos arqueológicos de tais estruturas eram ainda incipientes. Todavia, aventava-se a sua provável relação com os povos Jê, população distinta daquela predominante nos povoados missioneiros. Tal característica, a priori, inviabilizaria qualquer relação direta entre a antiga aldeia e a redução de Santa Teresa. Essa limitação foi inclusive reconhecida por Cafruni ao afirmar que as estruturas subterrâneas possuíam uma ancestralidade Jê, e, portanto, não poderiam ser associadas aos Guarani. Mesmo assim, contrariando o próprio raciocínio, mostrou-se convencido de que eram vestígios da primitiva Taba de Guaraé.<sup>339</sup>

Para sustentar a sua incauta linha interpretativa, Cafruni recorreu à antiga toponímia regional. A região em questão também abriga as nascentes do arroio Anaraí, outrora denominado de riacho Quaraí. Para Cafruni estava claro que tal designação seria uma corruptela de “Guaraé” e, portanto, seria esta a comprovação indubitável de que a denominação originária constituía uma alusão aos domínios territoriais do antigo cacique homônimo. Por fim, nesse cenário consideravelmente hipotético, a memória referente ao topônimo teria sido preservada e perpetuada não pelos índios Tape, mas sim pelos Kaingang, que já dominavam o território militarmente.

Cafruni também buscou amparar sua tese em Aurélio Porto, cujo pesquisador, embasado pelos estudos do Coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro, alocou a redução de Santa Teresa junto às nascentes do rio Passo Fundo. O próprio Cafruni ocupou-se de elucidar o raciocínio adotado pelo seu informante. Ao longo dos séculos XVII e XVIII imperou uma confusão acerca da determinação do curso principal do rio Jacuí. O hodierno Jacuí-Mirim - seu principal afluente na região das cabeceiras - foi por vezes tomado como o curso principal. Isto explica o grande deslocamento para oeste do Jacuí frequentemente verificado nas fontes cartográficas que representam esse território. Ciente dessa interpretação errônea e motivado pela intenção de evitar a perpetuação do erro, Aurélio Porto elegeu como referência principal a cabeceira do rio Passo Fundo. Ao fazê-lo, o historiador estava ciente de

<sup>339</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 130.

sua correspondência, isto é, as nascentes dos rios Passo Fundo e Jacuí não distam entre si mais do que poucas centenas de metros,<sup>340</sup> correspondendo, portanto, à mesma região de interflúvios. Com isso, Aurélio Porto pretendeu extinguir a dúvida e ao mesmo tempo fornecer uma indicação aproximada do antigo povoado, sem, no entanto, considerar literalmente o local das nascentes como correspondente invariável da redução de Santa Teresa.

A fragilidade da acepção de Cafruni mostra-se ainda mais evidente ao promovermos o seu confronto com as fontes arqueológicas e históricas. No intuito de subsidiar a presente pesquisa, foi levada a cabo uma vistoria arqueológica na área de mata situada entre as nascentes dos rios Passo Fundo e Jacuí, junto à localidade do Povinho Velho. Os dados coletados não deixam dúvidas acerca da existência de um conjunto de casas subterrâneas e sua indiscutível relação com os povos Jê meridionais (Figura 16).

**FIGURA 16.**

Vestígios de habitação indígena (casa subterrânea) na localidade de Povinho Velho, Passo Fundo/RS.

**FOTOGRAFIA:**

Fabricio J. Nazzari Vicroski.



<sup>340</sup> A distância entre as nascentes é de 450 metros.

O local não foi alvo de escavações arqueológicas nem tampouco datações. Logo, não é possível assegurar a contemporaneidade do seu uso com o período de existência da redução de Santa Teresa. Entretanto, a apreciação contextual das características do sítio corrobora para o enfraquecimento de qualquer interpretação que busque associar o sítio arqueológico com o local de fundação de um povoado missioneiro com população predominantemente Guarani.

A despeito do caráter fronteiriço da região, ao exercitarmos uma abordagem pontual, as fontes arqueológicas nos permitem pressupor uma longa ancestralidade Jê predominante nos sítios com casas subterrâneas. O horizonte cronológico recorrente em tais assentamentos é comumente dilatado, abrangendo vários séculos.

Um sítio arqueológico de contexto similar pesquisado no município de Passo Fundo apresentou uma datação de Carbono 14 que atesta o início de sua ocupação há cerca de 1 300 anos.<sup>341</sup> Quando da chegada dos jesuítas, cerca de mil anos depois, é provável que as grandes aldeias compostas por casas subterrâneas continuassem sendo ocupadas pelas populações Jê. Soma-se a isso o fato de que o contexto ambiental do local apontado por Cafruni é incompatível com os padrões de assentamento das grandes aldeias Guarani, tal qual o era a Taba de Guaraé ou Tupamini que deu origem ao povoado missioneiro.

Ainda no tocante às fontes arqueológicas, o Museu Municipal Dona Ernestina guarda um pequeno acervo cuja origem é atribuída ao suposto local da redução de Santa Teresa no Rincão do Pessegueiro, entre os arroios Chifroso e Gregório (Figura 17). O material é composto por pontas de projétil e raspadores bifaciais em arenito silicificado, furadores em calcedônia, além de lascas de rochas e pequenos seixos rolados possivelmente utilizados como brunidores. Apesar das etiquetas de identificação relacionarem os seixos à existência de uma eventual urna funerária, não há qualquer artefato cerâmico depositado no museu. Mediante uma breve apreciação das características tipológicas dos vestígios, percebe-se que não há qualquer elemento que pos-

<sup>341</sup> SCHMITZ, Pedro Ignacio; NOVASCO, Raul Viana. *Pequena história jê meridional através do mapeamento dos sítios datados*. IN: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Org.). *Pesquisas. Antropologia*, n° 70. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2013, p. 35-41.



sa de fato subsidiar uma relação definitiva do acervo com um eventual sítio arqueológico missioneiro. Ao mesmo tempo, convém destacar que a região em questão é profícua em sítios arqueológicos, o que torna perfeitamente plausível a relação desses vestígios com períodos históricos anteriores à chegada dos jesuítas à região.



Em sua pesquisa de campo, Cafruni identificou um antigo muro de pedras na localidade de Três Lagoas, situada a noroeste do Rincão do Pessegueiro, região atualmente divisada pelos municípios de Ernestina, Victor Graeff, Santo Antônio do Planalto e Passo Fundo.

A equipe liderada por Cafruni localizou basicamente as ruínas de um muro constituído por pedras de formato irregular e tamanhos variados sobrepostas de forma encaixada. Originalmente, a estrutura apresentava alinhamento regular e formato quadrangular. Apresentava um metro de altura e cerca de 40 a 50 cm de largura. A extensão foi estimada entre 30 a 40 metros, embora somente um segmento de 2 metros mantivera-se intacto.

**FIGURA 17.**  
Acervo arqueológico  
do Museu Dona  
Ernestina atribuído ao  
local da redução de  
Santa Teresa.

**FOTOGRAFIA:**  
Fabricio J. Nazzari  
Vicroski (Acervo  
Museu Municipal  
Dona Ernestina).

Cafruni apresentou um relatório da expedição ao Sr. Mário Menegaz, então prefeito de Passo Fundo. Uma cópia do documento também foi encaminhada ao historiador Walter Spalding. Em análise sem dúvida precipitada, Spalding destacou a probabilidade dos vestígios estarem relacionados a uma possível obra inacabada construída pelos bandeirantes liderados por André Fernandes no século XVII.



A notícia difundiu-se rapidamente. A cerca de pedras passou a ser tratada como uma antiga muralha ou fortim bandeirante. Antes que Cafruni retornasse para realizar seu registro fotográfico, o local havia sido devastado por “caçadores de tesouros” que promoveram escavações desordenadas, destruindo, por fim, as estruturas remanescentes, restando não mais do que amontoados de pedras e seus alicerces (Figuras 18 e 19).

**FIGURA 18.**

Vestígios remanescentes da antiga edificação.

**FONTE:**

CAFRUNI, 1966, p. 668.



Em posterior retorno ao local, na década seguinte, a professora Norah de Toledo Boor constatou que as pedras haviam sido removidas por um agricultor local para serem utilizadas em construções na sua propriedade.

Apesar da insuficiência de informações sobre a funcionalidade dessa antiga estrutura, a sua localização e as suas características tipológicas não favorecem uma ocasional relação com o arraial bandeirante do Igaí.

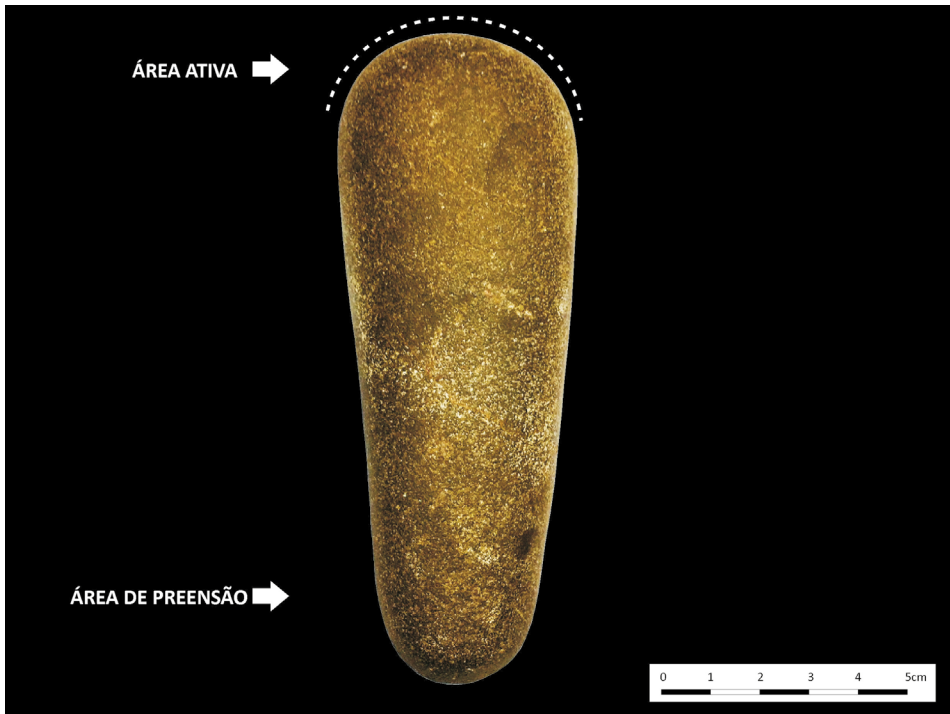
A professora Norah também vistoriou a região das nascentes do Jacuí no Povinho Velho, local apontado como a localização original de Santa Teresa. Em meio às casas subterrâneas localizou um artefato lítico polido. Trata-se de um seixo rolado possivelmente utilizado como mão-de-mó para macerar alimentos (Figura 20).

Seja no Povinho Velho ou no Rincão do Pessegueiro, percebe-se claramente que as evidências arqueológicas não apresentam qualquer elemento tecno-tipológico que permita associá-las ao período missioneiro.

**FIGURA 19.**  
Equipe de pesquisadores  
defronte aos vestígios.

**FONTE:**  
CAFRUNI, 1966, p. 666.



**FIGURA 20.**

Artefato arqueológico  
localizado no Povinho Velho.

**FOTOGRAFIA:**

Fabrizio J. Nazzari Vicroski  
(Acervo NuPHA/UPF).

A escavação arqueológica desses locais poderia de fato resultar em expressivas contribuições. No entanto, atualmente a metade norte do Rio Grande do Sul insere-se no contexto de efervescentes e violentos embates fundiários entre indígenas e proprietários rurais. Diante desse cenário, as pesquisas arqueológicas são frequentemente interpretadas pelos agricultores como elementos em potencial para subsidiar eventuais demandas fundiárias em benefício das populações indígenas, resultando, inclusive, em graves ameaças à integridade física dos pesquisadores. A área no Povinho Velho situa-se em terreno privado, cujo proprietário considera-se lesado por processo de desapropriação ocorrido em outra propriedade do município de Mato Castelhano. Temendo uma situação similar, o proprietário decidiu anular a permissão de acesso à área para fins de pesquisa inicialmente concedida à Universidade de Passo Fundo. Frente a esse contexto recorreu-se às novas fontes documentais a fim de complementar as informações resultantes da pesquisa de campo. Neste senti-

do, a Carta Ânua correspondente aos anos de 1632 a 1634 permite subsidiar algumas inferências.

O povoado de *Apóstoles* situava-se a oeste de Santa Teresa. Caso a redução de Santa Teresa estivesse de fato alocada junto à nascente mãe do Jacuí, o caminho natural entre esses dois núcleos se daria pelos inferflúvios que dividem as bacias do Uruguai e Jacuí. Esse caminho, também denominado de Coxilha Geral foi consolidado no século XVIII, quando passou a ser chamado de Caminho das Missões, conectando assim os campos de cima de serra aos povoados missioneiros. Seu traçado corresponde em grande medida à atual rodovia BR-285.

O trajeto oferecia a possibilidade de percorrer longas distâncias sem a necessidade de realizar a transposição de grandes cursos d'água, uma vez que o percurso serpenteava o topo das coxilhas de onde brotam alguns dos principais mananciais da região. Todavia, a Carta Ânua de 1632-1634 registra um episódio que desabona essa descrição.

Após a fundação do povoado em 1632, a redução não dispunha ainda de um pároco permanente. A assistência religiosa era realizada de forma esporádica pelos inicianos que percorriam os ainda incipientes redutos missioneiros. Em uma das visitas à Santa Teresa, os padres Francisco Ximenez e Gerónimo Porcel detiveram-se no povoado por um período além do esperado. Os jesuítas viram-se impedidos de seguir viagem devido às chuvas que haviam encoberto o local de travessia do rio. O destino almejado seria a redução de *Apóstoles*, para onde se dirigiram assim que as condições climáticas permitiram.<sup>342</sup>

Não há qualquer menção sobre a denominação do rio citado. A ausência de referência pode justamente sugerir a obviedade do cognome, ou seja, o rio Jacuí. De qualquer forma, na região do Povinho Velho ou da nascente do Jacuí não há qualquer corpo d'água cuja vazão, mesmo que excedida, poderia impedir sua travessia durante vários dias. Pelo contrário, trata-se do local mais propício para o deslocamento terrestre no sentido leste/oeste.

Também descarta-se uma possível inserção do passo junto ao rio da Várzea, pois este posto estaria demasiadamente afastado ao norte, já na bacia do alto Uruguai, em discordância com as distâncias mantidas em relação aos

<sup>342</sup> Apud MAEDER, Ernesto. op. cit., p. 172.

povoados de *San Carlos*, *Apóstoles* e *San Joachim*. Por sua vez, o Jacuí-Mirim dificilmente constituiria um obstáculo. Uma eventual rota por este caminho forçosamente estaria inserida nas proximidades da Coxilha Geral, onde haveria uma passagem livre pelos interflúvios. Outrossim, no caso de uma improvável rota a jusante do Jacuí-Mirim, um ocasional desvio a montante dificilmente tomaria mais do que um dia dos viandantes, portanto, uma alternativa viável frente ao contexto descrito.

Tais considerações nos direcionam inevitavelmente alguns quilômetros ao sul ou sudoeste da nascente do Jacuí, em algum ponto de sua margem esquerda onde a vazão passa a se tornar expressiva. Esse deslocamento é também corroborado pela transmigração do povoado para o seu segundo posto, em 1633. Uma das razões para a transferência era promover a sua aproximação com a redução de *San Joachim*, inicialmente também atendida por Ximenez. Esse *pueblo* estava assentado nos limites do alto da Serra do Botucaraí, possivelmente nas atuais divisas meridionais de Soledade e municípios adjacentes. Em sua posição definitiva, Santa Teresa distava 8 léguas de *San Joachim*. Se considerarmos como unidade de medida equivalente a légua de Castela (5572,7 metros), ou mesmo a antiga légua espanhola marítima (5555,55 metros), temos uma distância aproximada de 45 km entre os povoados. Esse trajeto era percorrido ao longo de dois dias. Já para o antigo posto a jornada era de três dias. Essas distâncias são incompatíveis com um ocasional itinerário entre o Povinho Velho e a Serra do Botucaraí, cujo distanciamento pode superar uma centena de quilômetros.

Embora ainda relativamente distante, no seu segundo posto o povoado de Santa Teresa estava articulado com as demais reduções serranas, ao passo que as latitudes próximas ao atual município de Passo Fundo ou mesmo da margem direita do Jacuí – como propõe Cafruni - a manteriam demasiadamente afastada dos demais núcleos.

Aliás, por defender que os municípios de Passo Fundo e Ernestina abrigaram os antigos núcleos de Santa Teresa, Cafruni discordou de Aurélio Porto em relação ao itinerário da bandeira de André Fernandes. Amparado nos documentos da Coleção de Angelis, Porto desvelou as duas rotas usualmente utilizadas pelos paulistas, apontando, portanto, o avanço em direção à Santa Teresa a partir do Taquari, localizado a sudeste. Para Cafruni, uma vez venci-

dos os Campos de Cima da Serra, a rota lógica em direção à nascente mãe do Jacuí seria através do que viria a se tornar o Caminho das Missões, cujo rumo apurava no sentido oeste, onde Santa Teresa firmava sentinela. Essa mesma posição já havia sido defendida pelo Coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro, em seu estudo sobre as primeiras reduções do Rio Grande do Sul.<sup>343</sup>

O trajeto via os Matos Português e Castelhana<sup>344</sup> de fato oferecia algumas comodidades, como a regularidade do relevo. Cafruni, no entanto, não levou alguns fatores em consideração. O Caminho das Missões, apesar de ser uma antiga rota indígena também utilizada pelos jesuítas já no século XVII, somente se consolidou como um roteiro colonial no século seguinte. Por sua vez, a rota pela bacia do Taquari também oferecia algumas vantagens, como o reconhecimento prévio do território feito pela bandeira de Raposo Tavares e, especialmente, a presença dos mus, lideranças indígenas aliadas aos luso-brasileiros. Ademais, o objetivo primordial da bandeira era a captura de mão de obra indígena (princiada em outra região), e não a tomada imediata de Santa Teresa. Soma-se a isso o fato de que os testamentos lavrados em função do falecimento de Francisco Bueno, João Preto e Manuel Preto, comprovam o deslocamento da bandeira pelo itinerário do Taquari.

Após longos meses de marcha, a reestruturação das tropas em seus postos de apoio como o Taiaçuapé era fundamental para o prosseguimento da jornada. Tal estrutura era ainda inexistente ao longo do itinerário proposto por Cafruni. Ademais, uma localização mais meridional da redução - conforme a proposta aqui defendida - colocaria Santa Teresa mais distante da rota sugerida por Cafruni, ao mesmo tempo a deixaria mais próxima do itinerário apontado pela documentação jesuítica.

Conforme o relatório do padre Ruyer constante na Coleção de Angelis,<sup>345</sup> mesmo após a derrota sofrida na Batalha do M'bororé, uma das rotas de fuga utilizadas pelos bandeirantes consistia em fazer o caminho inverso tomando uma inflexão ao sudeste antes de rumar para o nordeste em direção a São Paulo. Ao buscarem refúgio em Santa Teresa, os paulistas empreenderam o seu retorno pela rota apontada por Porto, e não pelo itinerário mais curto

<sup>343</sup> MONTEIRO, Jonatas da Costa Rego. op. cit., p. 24.

<sup>344</sup> Tais topônimos surgiram somente após o Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1777.

<sup>345</sup> CORTESÃO, Jaime (Org). op. cit., 1969, p. 345-346.

como quer Cafruni. Apesar de não ser a rota mais lógica do ponto de vista geográfico, possivelmente ela oferecia melhores condições para o reabastecimento e recomposição da tropa.

No tocante às contribuições cartográficas, o “mapa de Caraffa” e o “mapa de Ernot” se apresentam como as principais fontes frequentemente tomadas como basilares para a obtenção de referências locais acerca das reduções da primeira fase missionária.

Antes, porém, convém esclarecer algumas limitações que se impunham à cartografia da época. Obviamente, a execução de um amplo levantamento territorial era uma tarefa impraticável. A composição de um mapa poderia demandar vários anos de trabalho, além de congregar informações obtidas por informantes distintos, nem sempre compatíveis. A plotagem dos dados era orientada principalmente pela rede hidrográfica. Todavia, a representação cartográfica dos rios era realizada de forma aproximada. Como bem destaca Teschauer,<sup>346</sup> é notável a grande variabilidade de latitudes e longitudes constantes nos antigos mapas, havendo até mesmo discrepâncias nas denominações das reduções adotadas entre os diferentes autores.

Em estudo preliminar voltado à atualização do mapeamento das reduções do Tape, o pesquisador Filipi Gomes de Pompeu<sup>347</sup> ocupou-se da exegese histórica de um conjunto de fontes cartográficas, evidenciando – além da uniformização exagerada do curso dos rios - a dificuldade de extrair a localização exata dos povoados, constituindo antes um indicativo de referência estimada em detrimento de qualquer pretensão de exatidão.

Isso posto, depreende-se que ao ilustrar a região das cabeceiras do Jacuí, os mapas o fazem somente de forma aproximada, sem indicar, por exemplo, a nascente mãe do Jacuí ou mesmo a sua eventual correspondência em relação ao local de implantação da primeira redução de Santa Teresa. Ao mesmo tempo percebe-se um grau de detalhamento superior da cartografia espanhola em relação à luso-brasileira no tocante a região em questão. Para Cafruni,<sup>348</sup> “os dados de origem portuguesa, no que respeita às nascentes do Jacuí, são muito confusos, porque a região se apresentava agreste e hostil ao elemento

<sup>346</sup> TESCHAUER, Carlos. op. cit., 1929, p. 228-229.

<sup>347</sup> POMPEU, Filipi. op. cit., p. 3.

<sup>348</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 102-103.

luso, que conhecia vagamente a zona”. Ao mesmo tempo, os padres jesuítas “estavam ligados à terra, metendo-se em todas as tabas, percorrendo rios e montanhas, explorando todos os recantos, com vistas mais amplas”.

O principal problema recorrente trata justamente do mapeamento das nascentes do Jacuí - a mais importante georreferência de Santa Teresa -, frequentemente confundido com o Jacuí-Mirim. Cafruni atribui a responsabilidade pela inexatidão ao mapa<sup>349</sup> elaborado pelo cartógrafo e engenheiro italiano Miguel Ângelo de Blasco e pelo geógrafo francês João Bento Python. O mapa encomendado por Gomes Freire de Andrade retrata a campanha dos exércitos coloniais da Espanha e Portugal ao avançar sobre as missões durante a Guerra Guaranítica.

Lá se vê o Jacuí nascendo ao ocidente, lá pelas alturas de Pinheiro Marcado, constando como afluentes uns pequenos galhos que descem em direção norte-sul, inclusive o verdadeiro Jacuí, cujo curso oriente-ocidente, desde suas cabeceiras, é completamente ignorado, figurando em branco, como, aliás, toda a parte de Passo Fundo para o norte, revelando desconhecimento da região supra.<sup>350</sup>

A representação do alto Jacuí possuía uma importância periférica no mapa em questão, o que pode em parte justificar sua inexatidão. Independente da suposição de Cafruni, o fato é que até o século XX proliferaram-se diversos mapas que assinalaram e nomearam erroneamente os cursos dos rios Jacuí, Jacuí-Mirim e Jacuizinho. Ao mesmo tempo a longitude correspondente a suposta localização de Santa Teresa oscilou num raio de aproximadamente 85 km, ao passo que a variação da latitude chega a cerca de 50 km.

Por sua vez, essas discrepâncias não ocorrem na cartografia jesuítica do século XVII. O mapa denominado *Paraqvaria vulgo Paraqvai. Cum adjacentibus* é considerado o mais antigo da Província do Paraguai. Teria sido elaborado pelos jesuítas no ano de 1632 sob a coordenação do padre e cartógrafo belga Luis Ernot, que percorreu pessoalmente uma boa parte desse território, incluindo o alto Jacuí. O mapa trás uma dedicatória em oferecimento ao padre

<sup>349</sup> Mapa que contém o país conhecido da Colônia até as Missões e o caminho que fizeram as duas armadas de S. Majestade Fidelíssima e Católica.

<sup>350</sup> CAFRUNI, Jorge E. op. cit., p. 102.

Vicente Caraffa, Provincial da Companhia de Jesus. Uma versão do mapa integrou um atlas compilado e publicado por Ioannes Bleau e Wilhelm Blaeu em Amsterdã, em 1662. Outra versão similar foi elaborada para uma compilação inglesa publicada por John Ogilby, em 1671. A primeira é usualmente denominada de “mapa de Caraffa”, ao passo que a segunda é conhecida como “mapa de Ernot”. Como bem destaca o pesquisador Filipi Gomes de Pompeu em sua atualização do mapeamento das reduções do Tape, tais representações cartográficas foram baseadas no levantamento realizado por Luis Ernot e complementadas com a localização das reduções fundadas após a confecção do mapa em 1632. Da mesma forma foram acrescentadas as informações acerca dos povoados posteriormente tomados pelos bandeirantes. No entanto, o paradeiro da versão original do mapa elaborado por Ernot é ainda desconhecido.<sup>351</sup>

Conquanto não possamos afirmar terminantemente em que momento a localização de Santa Teresa foi acrescentada ao mapa, nem tampouco se ela refere-se ao primeiro ou segundo posto (apesar da indicação concorrer a favor da primeira opção), é interessante notar que ela foi plotada na região da margem esquerda do curso principal do Jacuí, e não do Jacuí-Mirim como é frequentemente apontado na cartografia dos séculos subsequentes (Figuras 21 a 23, nas páginas seguintes).

<sup>351</sup> POMPEU, Filipi. op. cit., p. 7-8.



MAPA DE LAS REGIONES DEL PARAGUAY, DEDICADO AL P. VICENTIO CARRARA, 1662 (folios el nº 6 del Catálogo, en pp. 26 y 30 del texto).

FIGURA 21.

Mapa da Província do Paraguai dedicado ao Pe. Provincial Vicente Caraffa (Cf. versão de Bleau, publicada em 1662). Em destaque a localização de Santa Teresa na cabeceira da margem esquerda do Jacuí.

FONTE:

FURLONG, 1936, p. 11.





FIGURA 22.

Mapa da Província do Paraguai conhecido como “mapa de Ernot” (Cf. versão de Ogilby, publicada em 1671). Em destaque a localização de Santa Teresa na cabeceira da margem esquerda do Jacuí.

FONTE:

FURLONG, 1936, p. 11.



A maioria dos mapas dos séculos XVIII e XIX reproduziram, em grande medida, as informações da carta de Ernot compiladas nas versões de Bleau e Ogilby. À medida em que as representações cartográficas foram aprimoradas, também buscou-se reduzir a margem de erro referente a localização das reduções.

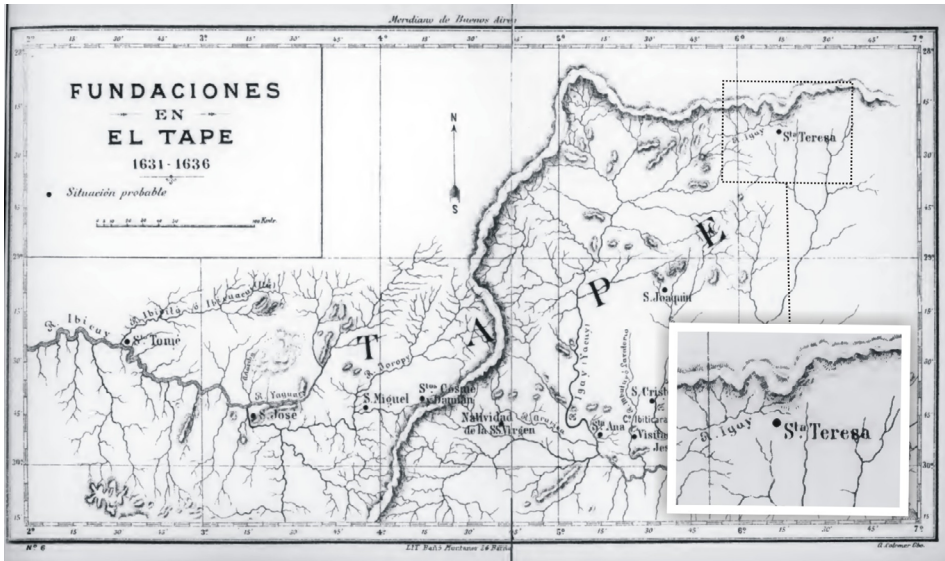
Ao mesmo tempo, as diferenças observadas nos distintos levantamentos cartográficos contribuíram para disseminar uma multiplicidade de localizações possíveis para a redução de Santa Teresa, chegando a extremos equidistantes cerca de 300 km. Ao longo do século XX algumas discrepâncias perduraram, contudo, as bases cartográficas tornaram-se progressivamente mais precisas.

Em 1913, o historiador jesuíta Pablo Hernández publicou a *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. A obra publicada em Barcelona trás encartado um mapa com a situação provável das reduções do Tape fundadas entre 1631 e 1636. O jesuíta empenhou-se em localizar e sistematizar um grande volume de documentos da Companhia de Jesus, muitos dos quais até então inéditos. Em seu mapa, Santa Teresa aparece alocada

**FIGURA 23.**  
Em destaque localização de Santa Teresa e do rio Jacuí.

**FONTE:**  
FURLONG, 1936, p. 11.

logo abaixo dos afluentes do curso superior da margem esquerda do Jacuí, em área também próxima aos tributários ocidentais do Taquari. A localização proposta por Hernández é a que mais se aproxima da região defendida no âmbito da presente pesquisa (Figura 24).



Em 1929, o Pe. Carlos Teschauer publicou seu *Mappa Ethnographico Historico do Rio Grande do Sul*.<sup>352</sup> Nele, o rio Jacuí aparece sob a denominação de Jacuhysinho. Santa Teresa por sua vez está plotada aproximadamente na latitude correspondente ao Jacuí-Mirim, sem que este seja cognominado, porém, em posição demasiadamente extrema ao norte, de fato mais próxima nascentes do rio da Várzea. Ao mesmo tempo, a redução de Visitação foi pontuada entre o Jacuí e um afluente de sua margem direita, provavelmente o atual rio Colorado (Figura 25, na página seguinte).

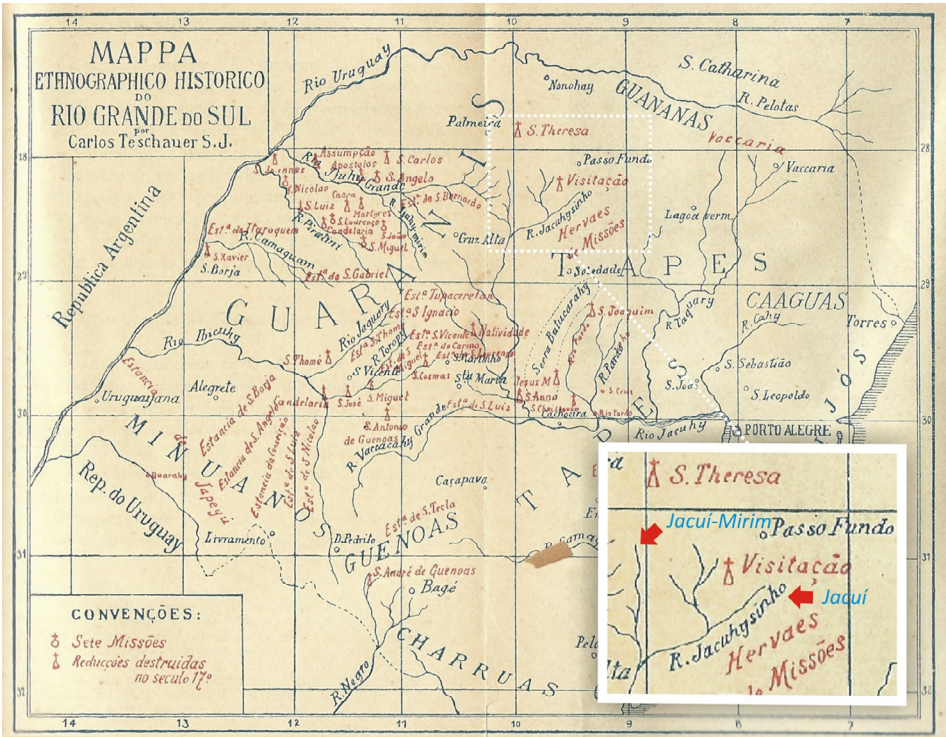
O jesuíta Luis Gonzaga Jaeger empreendeu esforços no sentido de correlacionar as orientações locacionais constantes nas Cartas Anuais com as informações cartográficas. Essa compilação de dados resultou na elaboração de

**FIGURA 24.**  
Localização de  
Santa Teresa abaixo  
dos tributários  
meridionais da  
cabeceira do Jacuí.

**FORNTE:**  
 HERNÁNDEZ,  
 1913.

<sup>352</sup> TESCHAUER, Carlos. op. cit., 1929, p. 228.





uma carta com as localizações aproximadas plotadas sobre a base cartográfica do exército no ano de 1936. Nesse mapa o curso do Jacuí foi pontuado corretamente. A redução de Santa Teresa, todavia, foi inserida demasiadamente a oeste, na região compreendida entre as cabeceiras do rio da Várzea e Jacuí-Mirim. Além dos mapas de Caraffa e Ernot, ao pontuar Santa Teresa, possivelmente Jaeger também tenha usufruído do mapa elaborado por Teschauer, mantendo, no entanto, erroneamente o deslocamento para o sul em direção às cabeceiras do Jacuí-Mirim. Curiosamente, o curso desse rio não aparece em sua carta (Figura 26).

Em 1939, o Coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro publicou o seu *Mappa do Territorio das Missões Orientais no Estado do Rio Grande do Sul*, fruto de um estudo comparativo das cartas de Caraffa e Ernot. Com base na análise detalhada dos pontos relativamente fixos, como embocaduras de rios, Rego Monteiro buscou determinar aproximadamente a margem de erro dos méto-

**FIGURA 25.**  
Localização de  
Santa Teresa  
conforme o mapa  
elaborado por  
Teschauer em  
1929.

**Fonte:**  
 TESCHAUER,  
 1929.

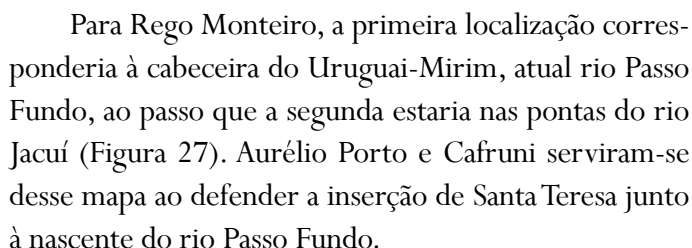


dos e instrumentos da época. Após as devidas correções nas latitudes e longitudes, o pesquisador assinalou sobre uma base cartográfica contemporânea a área central da zona provável de localização dos antigos povoados missioneiros. Todavia, a carta do agrimensor Leovegildo Velloso da Silveira utilizada como base, também denominou erroneamente os rio Jacuí e Jacuizinho. Dentre todas as reduções, Santa Teresa foi a que apresentou a maior discrepância entre as coordenadas. Tal diferença teria sido causada pelo fato de ter havido duas localizações.

**FIGURA 26.**  
Mapa de Jaeger com a localização de Santa Teresa na região correspondente às nascentes do Jacuí-Mirim, cujo curso não foi sinalizado.

**FONTE:**  
JAEGER, 1939.





**FORNECIDA POR:**  
 REGO MONTEIRO,  
 1939.

197



As obras de Teschauer e Jaeger fundamentaram a pesquisa de Olyntho Sanmartin acerca das reduções jesuíticas do século XVII. Em 1942, o pesquisador elaborou o seu *Mapa etnográfico e das reduções jesuíticas do Estado do Rio Grande do Sul*, encartado em seu livro intitulado *Bandeirantes no Sul do Brasil*, publicado em 1949. Nesse mapa, Santa Teresa surge afastada do Jacuí e próxima às cabeceiras da margem direita do rio da Várzea, praticamente ao lado de *San Carlos* (Figura 28), posição, portanto, pouco plausível.

FIGURA 28.  
Localização de Santa  
Teresa nas proximidades  
da cabeceira do rio da  
Várzea.

FONTE:  
SANTARTIN, 1949.

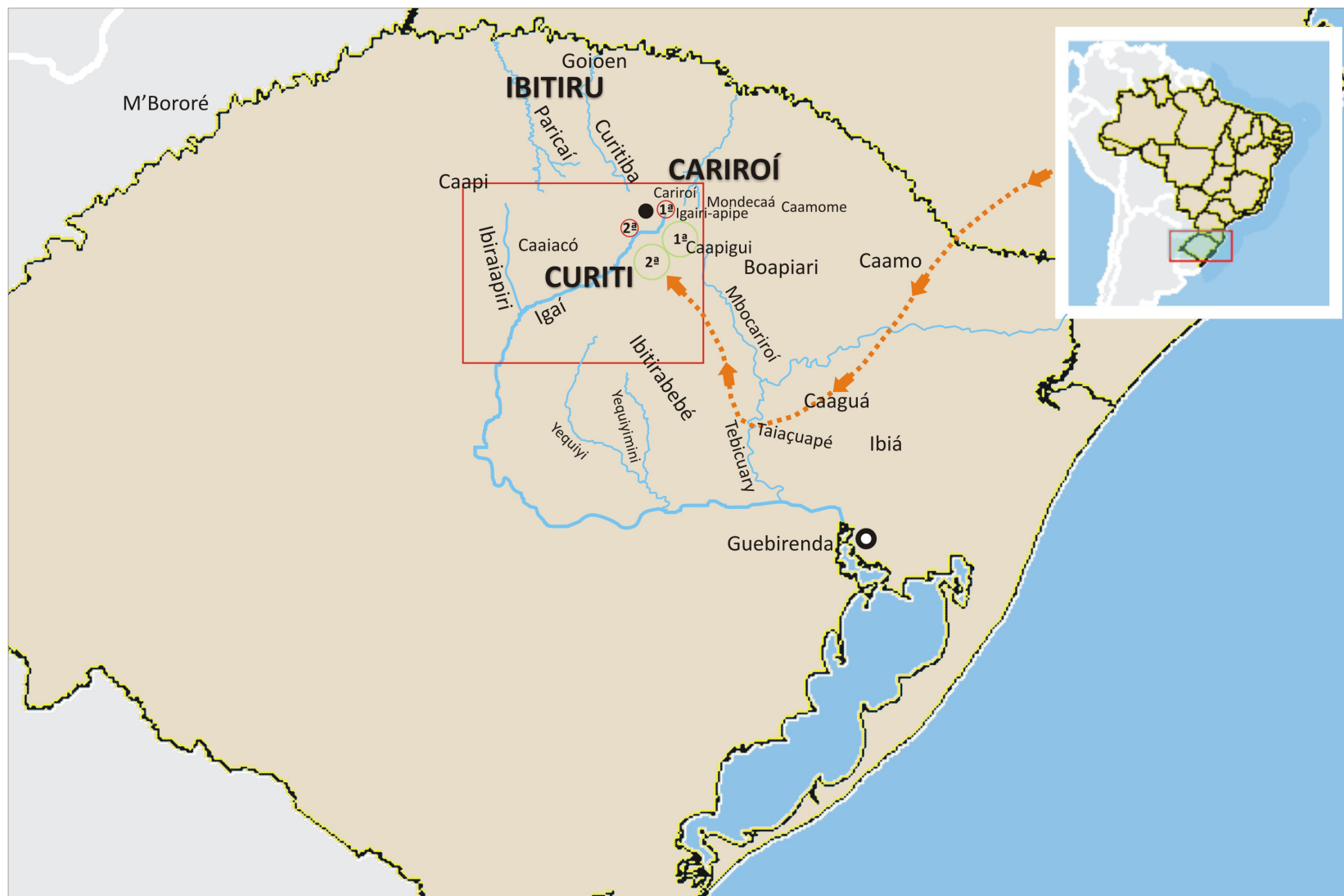
O ponto em comum entre os diversos pesquisadores que se propuseram a cartografar as reduções do Tape, consiste no fato de que nenhum deles teve acesso à Carta Ânua de 1632-1634. O documento traz uma série de informações geográficas e indicativos de distâncias que permitem refinar as propostas de localização dos antigos povoados missioneiros.

Nesse sentido, a fim de contribuir para a discussão, ao final deste capítulo consta um mapa etnográfico da região do alto Jacuí (Figura 29, na página seguinte). Sua elaboração é resultante da sistematização dos dados presentes nas fontes documentais e cartográficas, bem como nas obras de Cafruni e Aurélio Porto. Sua elaboração é resultante da sistematização dos dados presentes nas obras de Cafruni e Aurélio Porto, por fim complementadas e devidamente atualizadas com as fontes documentais e cartográficas incorporadas na presente pesquisa. Nele estão assinalados os principais topônimos, bem como os locais que congregam o maior número de georreferências referentes à localização da redução de Santa Teresa. Estima-se que o primeiro assentamento estivesse situado em regiões atualmente compreendidas pelos municípios de Marau e Nicolau Vergueiro, ao passo que o segundo posto estaria próximo aos municípios de Ibirapuitã e Tio Hugo, ou mesmo na porção norte de Soledade.

Convém recordar que uma das razões para a transmigração do povoado de Santa Teresa era aproximá-la da zona dos ervais. Esse contexto é compatível com a região inserida na margem esquerda do Jacuí, cujos ervais foram intensamente explorados pelos missioneiros principalmente no século XVIII. Outrossim, o estabelecimento do assentamento em seu segundo posto atraiu os indígenas provenientes do Mbocariroy, região correspondente a bacia do rio Guaporé. Tais informações corroboram para a localização aqui proposta.

Também estão pontuados alguns topônimos de áreas adjacentes mencionados ao longo da pesquisa. As informações cartografadas, a exemplo das demais cartas aqui descritas, devem ser interpretadas com um grau de correspondência aproximada. Mais do que situar os locais referenciados, espera-se que o mapa possa ser atualizado e complementando no âmbito de eventuais abordagens futuras.





<b>Título</b>  MAPA DAS REGIÕES ETNOGRÁFICAS DO ALTO JACUÍ NO SÉCULO XVII		<b>Base de dados</b> Mapa de Ernot (Cf. versão de Ogilby publicada em 1671). Mapa de Caraffa (Cf. versão de Blaeu publicada em 1662). <i>Cartas Anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay. 1632-1634.</i>  CAFRUNI, Jorge E. <i>Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico.</i> Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1966.  PORTO, Aurélio. <i>História das Missões Orientais do Uruguai. Volume I.</i> Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
<b>Elaboração</b>  Fabricio J. Nazzari Vicroski  Julho de 2018.		<b>Base cartográfica</b> Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE)

<b>Legenda</b>  <b>Ibitiru:</b> Ibitiru ou Ibituruna era a região situada na porção norte do município de Passo Fundo, habitada pelos índios Guañana, falantes do tronco linguístico Jê meridional.  <b>Curiti:</b> Região das cabeceiras de ambas as margens do rio Jacuí, limitada ao norte pelas nascentes do rio da Várzea. Habitada pelos índios Tape ou Guarani, falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani.  <b>Cariroí:</b> Esta região compreendia o Campo do Meio (também denominado de Cariroí), e o Mato Castelhana, então chamado de Mondecaá. Era habitada por indígenas associados ao tronco linguístico Tupi-Guarani, porém, considerados por alguns pesquisadores como resultado de uma miscigenação Jê-Guarani, ou ainda Jê guaranizados.  <b>Mondecaá:</b> Denominação do Mato Castelhana (região do atual município de Mato Castelhana).  <b>Caamome:</b> Denominação do Mato Português, designação que se estendeu à região de Lagoa Vermelha (região do atual município de Caseiros).  <b>Igairi-apipe:</b> Região das cabeceiras do Igai, hodierno Jacuí, (também grafado como Igayri-apipe ou Igay-ri-apipe).  <b>Curitiba:</b> Rio Passo Fundo, também chamado de Curiti.  <b>Goioen:</b> Região situada na foz do Rio Passo Fundo.  <b>Caapi:</b> Região situada no divisor de águas entre o rio da Várzea e as nascentes do rio Jacuí-mirim, próximo às localidades de Cruzinha e Pinheiro Marcado, no atual município de Carazinho. Por vezes também referia-se a região do atual município de Marau.  <b>Ibitirabebé:</b> Região sul do rio Jacuí, incluindo a atual Serra do Botucaraí (Região do município de Soledade).  <b>Igai:</b> Rio Jacuí (também grafado como Igay ou Ygai).  <b>Boapiari:</b> Rio Carreiro, entre os municípios de Ibiraiaras e Muliterno (Também grafado como Mboapiari).  <b>Caaiacó:</b> Atual região dos municípios de Tapera e Ibirubá (também grafado como Caicó).  <b>Mbocariroí:</b> Rio Guaporé (Também grafado como Bocariroí).  <b>Caapigui:</b> Rio Taquari-mirim.  <b>Paricaí:</b> Rio da Várzea, também chamado de Apiterebi.  <b>Tebicuary:</b> Rio Taquari.  <b>Ibiraiapiri:</b> Rio Jacuí-mirim.  <b>Caamo:</b> Campos de Vacaria.  <b>Caaguá:</b> Vales dos rios das Antas e Taquari.  <b>Yequiyi:</b> Rio Pardo (Também grafado como Yequi e Yequiyiguaçu).  <b>Yequiyimini:</b> Rio Pardinho  <b>Guebirenda:</b> Estuário do Guaíba.  <b>Ibiá:</b> Região entre os rios das Antas (Mboapani) e Cai (Caí).  <b>Taiacuapé:</b> Região do atual município de Colinas.  <b>M'Bororé:</b> Região da Batalha do M'Bororé.  Localização da bacia do Alto Jacuí.  Atual sede municipal de Passo Fundo/RS.  Atual sede municipal de Porto Alegre/RS.  Localizações aproximadas de Santa Teresa (Cf. Cafruni).  Localizações aproximadas de Santa Teresa (Cf. Vicroski).  Possível rota da bandeira de F. Bueno e A. Fernandes.
--

FIGURA 29.  
Mapa das regiões etnográficas do Alto Jacuí no século XVII.  
ELABORAÇÃO:  
Fabricio J. Nazzari Vicroski.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação histórica do Rio Grande do Sul guarda ainda uma série de lacunas cujo esclarecimento poderia contribuir para o entendimento de vários aspectos da construção identitária e cultural da sociedade sul-rio-grandense. Tal circunstância decorre em parte do desconhecimento ou desinteresse acerca dos complexos fenômenos históricos que de alguma forma influenciaram ou contribuíram para a concepção da sociedade atual. O objetivo vislumbrado nesta pesquisa foi justamente a defesa argumentativa de que a redução jesuítica de *Santa Teresa del Curiti* constitui um desses episódios com grande potencial informativo para a compreensão das particularidades históricas que caracterizam a formação histórica do Rio Grande do Sul.

A escrita da história sulina tem sido profundamente marcada pelos paradigmas difundidos pelas matrizes platina e lusitana. Ironicamente, ao sufocar a vertente castelhana, uma parcela considerável dos historiadores sul-rio-grandenses ignorou também a aurora da ocupação luso-brasileira deste território.

Ao compor uma “história oficial” e eleger como marco inicial da ocupação formal portuguesa a fundação do presídio e Forte de Jesus-Maria-José, em Rio Grande de São Pedro, em 1737, a hegemônica matriz lusitana suprimiu o protagonismo indígena e desconsiderou os primórdios dos processos históricos de formação social, cultural e geopolítica ocorridos no século XVII.

Envolta pela névoa do esquecimento, a distante história da redução jesuítica de *Santa Teresa del Curiti* e do arraial bandeirante do Igaí permaneceu quase inacessível aos olhos dos pesquisadores, sendo integrada pela produção historiográfica – mesmo que timidamente – somente em meados do século

XX. No entanto, a narrativa é marcada por dados incongruentes e superficiais. A lacuna é justificada frente à carência de fontes documentais.

Essa história ainda parcial foi aqui abordada, desvelada, atualizada e complementada mediante a abordagem integrada de fontes históricas, cartográficas e arqueológicas.

Mostrou-se fundamental a contribuição das *Cartas anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay, 1632-1634*, documentos até então inexplorados para a escrita da história da redução de Santa Teresa. As cartas expõem a postura proativa assumida pelos indígenas diante de acontecimentos marcantes, como a fundação e transmigração do povoado, refutando a costumeira dicotomia que trivialmente classifica os diferentes atores entre dominadores (europeus) e dominados (indígenas), subestimando o papel das populações nativas na condução das articulações sociais e políticas da época.

A versão histórica idealizada na qual os indígenas se submetem passivamente, ou mesmo inocentemente, ao cristianismo, deve ser suprimida em benefício da abordagem resoluta e realista. A proclamação do evangelho deve ser relativizada. Os indígenas eram movidos pelos seus interesses comunais e pelo senso de sobrevivência. A integração à frente missional configurava uma estratégia de defesa e resistência frente à ameaça constituída ao seu modo de vida tradicional. Ao aliar-se aos jesuítas, os indígenas buscavam costurar uma aliança que ocasionalmente poderia lhes assegurar algum privilégio ou vantagem no âmbito do reordenamento geopolítico regional.

Além da atuação conscienciosa do cacique Guaraé, a historiografia deve integrar de forma definitiva e imediata o papel de liderança desempenhado pelo **cacique Tupamini**. Embora a sua atuação não esteja ainda suficientemente esclarecida, é premente ao menos reconhecer a sua destacada representatividade no povoado de Santa Teresa. O resgate do seu protagonismo é sem dúvida uma tarefa que se impõe como perspectiva de pesquisa a ser considerada pelos historiadores.

A incorporação do conteúdo da Carta Anua de 1632-1634 também possibilitou a correção de dados pontuais de menor impacto historiográfico, mas que estão amplamente consolidados na versão corrente e, portanto, demandam a sua adequação às novas fontes documentais. Por exemplo, os contatos prévios que culminaram na fundação da redução não foram realizados pelo

padre Pedro Romero, em 1632, mas sim durante a sua expedição de reconhecimento levada a cabo no ano anterior, em companhia de uma comitiva de lideranças indígenas. Ao mesmo tempo, tais tratativas demonstram que a criação do povoado não foi totalmente espontânea e imediata como comumente retratado, mas sim resultante da viabilização de alianças e articulações iniciadas em **1631**.

Dentre outras questões, a própria efeméride de fundação da redução também é problematizada, assim como a data da tomada do povoado pelos bandeirantes. Segundo as posições dissonantes de Cafruni, Aurélio Porto, Teschauer e Alfredo Ellis Junior, a capitulação de Santa Teresa teria ocorrido nos dias 23, 24 ou 25 de dezembro. As dúvidas e suposições são definitivamente dirimidas pela Carta Ânua de 1632-1634. **Tal episódio teve lugar em 18 de dezembro de 1637.**

Por sua vez, os documentos da Coleção de Angelis não são menos elucidativos. O acervo documental expõe os **fatores geoeconômicos** das ações capitaneadas por Raposo Tavares e André Fernandes. Para além da captura de mão de obra indígena, as bandeiras visavam a expansão territorial e a defesa dos interesses comerciais que alavancavam as frentes de colonização lusitanas no Brasil. Convém lembrar que muitas sertanistas eram também legisladores, e, portanto, autoridades coloniais.

O arraial do Igaí foi incorporado à dinâmica do bandeirismo como suporte às sucessivas investidas contra as populações indígenas e como ponta de lança para o recuo do meridiano de Tordesilhas sobre o território espanhol. De acordo com a documentação colonial, a construção de fortins era uma das principais estratégias adotadas pelos bandeirantes para garantir a posse do território. Dessa forma, durante mais de três décadas o local se consolidou como polo irradiador das ações escravagistas, constituindo-se na **primeira ocupação luso-brasileira duradoura no hodierno Rio Grande do Sul**, mantendo a sua continuidade no fenômeno do caboclo, entre outras consequências. Futuras abordagens sobre o surgimento do primeiro gentílico sul-rio-grandense e sua atuação na colonização desse território, devem emergir a partir do arraial bandeirante do Igaí, fenômeno histórico intrinsecamente relacionado com a **gênese do caboclo**, um marco fundante ignorado pela historiografia. Episódio funesto e inglório, mas também menospre-

zado e suprimido. Sua existência deve ser rememorada e apreendida para que possamos compreender e reconhecer as bases históricas e os conflitos sociais sobre os quais nossa sociedade está assentada.

O **êxodo Guarani**; o **ciclo econômico da erva-mate**; o **tropeirismo**; a **Vacaria dos Pinhais**; a **territorialidade Jê** no norte do Estado e a **miscigenação** que deu origem ao **caboclo** são alguns dos temas que perpassam pelas implicações históricas envolvendo a presença de bandeirantes e jesuítas em território indígena do alto Jacuí no século XVII. Tais temáticas asseveram-se também como possibilidades futuras para o prosseguimento das pesquisas.

No tocante à contribuição do conhecimento arqueológico, as fontes bibliográficas aliadas às vistorias de campo realizadas em Passo Fundo, Ernestina e Candelária foram importantes para a apreensão das características inerentes à cultura material e ao contexto de implantação dos antigos assentamentos. No caso do sítio arqueológico do Povinho Velho, situado nas proximidades da nascente do Jacuí, local apontado por Cafruni como correspondente à fundação da redução de Santa Teresa, asseverou-se que as informações arqueológicas corroboram para afastar qualquer possibilidade neste sentido, constituindo, antes de tudo, uma aldeia de casas subterrâneas outrora ocupada por populações Jê. Refuta-se, portanto, a proposição de que o local teria abrigado a redução. Por mais que desejássemos que assim o fosse, as fontes desabonam essa conjectura.

Ao abordar a temática das fronteiras étnico-culturais na pré-história, ficou evidenciado que a região do alto Jacuí se apresentava como um local extremamente profícuo para a ocorrência de fenômenos de compartilhamento territorial e contato interétnico. Tal característica possivelmente promoveu e favoreceu a congregação pacífica de grupos Jê e Guarani na redução de Santa Teresa, conforme situação descrita pela documentação histórica.

Por sua vez, as concepções formuladas mediante a integração dos dados históricos e arqueológicos subsidiaram a interpretação das fontes cartográficas. À luz dessa base de informações foi possível determinar um quadrante potencialmente correspondente ao local da redução de Santa Teresa e do arraial do Igaí. A região em potencial insere-se à esquerda do Jacuí, abarcando o território dos atuais municípios de Marau e Nicolau Vergueiro como cor-

respondente ao assentamento inicial fundado em 1632. Ao passo que os arredores de Ibirapuitã, Tio Hugo e norte de Soledade compreenderiam os locais da redução transmigrada em 1633 e também do fortim bandeirante criado em 1637. Trata-se de uma nova área para a qual deverão se voltar as atenções dos pesquisadores, bem como as prospecções arqueológicas em busca da cultura material remanescente.

As barreiras que se impõem à pesquisa arqueológica de campo frente ao contexto de conflitos fundiários entre indígenas e proprietários rurais, poderão ser vencidas em longo prazo através da promoção de ações de educação patrimonial voltadas à valorização do patrimônio histórico e arqueológico regional.

Por fim, percebe-se que as implicações históricas e geopolíticas decorrentes da fundação da redução jesuítica de *Santa Teresa del Curiti* reverberaram pelos séculos subsequentes. Ao focalizarmos a perspectiva histórica regional percebe-se não somente suas peculiaridades e efeitos locais, mas também a complexidade das relações sociais e sua correlação com a geopolítica mundial, o que torna o tema ainda mais relevante no âmbito historiográfico.

Ao compreender os fatos ou recompor um acervo de cultura material, historiadores e arqueólogos almejam acessar o passado para evidenciar os seus protagonistas. Espera-se que a presente pesquisa seja encarada como um aporte ao constante processo de escrita da história, evidenciando não somente suas vicissitudes, mas também os distintos personagens que permeiam a narrativa.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Jorge de. *A arqueologia como semiologia da cultural material*. Revista de Guimarães, n.º 105, p. 21-44. Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Patrimônio. Universidade do Minho: 1995.
- ARNAUT, Cézár; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. *Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540)*. Revista Acta Scientiarum. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2002.
- BARCELOS, A. H. F. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Animal, 2013.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BECKER, Ítala Irene Basile. *Lideranças indígenas no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguay*. Antropologia n° 47. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1992.
- BOFF, Antônio Leal; MESQUITA, Adilson. *Pesquisa Arqueológica em Passo Fundo*. Nota de pesquisa do Gabinete de Arqueologia. Passo Fundo: UPF, 1979.
- BRASIL. Fundação Nacional do Índio. *Manual de Redação Oficial da Funai*. Brasília: Funai, 2016.
- BROCHADO, José Proenza; LAZZAROTTO, Danilo; STEINMETZ, Rolf. *A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai: um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica*. Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP/Unisinós, 1969.
- CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões: História do Período Jesuítico*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, 1966.
- CARLE, Cláudio Baptista. *Arqueologia Histórica Brasileira e o Estudo Missioneiro de 50 anos (1966-2016)*. Revista de Arqueologia Pública. Campinas: Unicamp, 2017.

CHMYZ, I.; ZGANZERLA, E. M.; VOLCOV, J. E. *O projeto arqueológico Rosana-Taquaruçu e a evidência de estruturas arquitetônicas na redução jesuítica de Santo Inácio Menor*. Arqueologia. Curitiba: CEPA/UFPR, 1990.

CHMYZ, Igor; CHMYZ, João C. Gomes; BROCHIER, Laercio L. *Bens arqueológicos associados à ruínas de Ciudad Real del Guayrá*. Maringá: Massoni, 2015. Arqueologia. Curitiba: CEPA/UFPR, 1990.

COPÉ, S. M.; BARRETO, James Macedo; MOREIRA DA SILVA, Mariane. *12.000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul*. Catálogo da Exposição 12000 anos de História: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2013.

CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CORTESÃO, Jaime (Org). *Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos (1750-1802)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume VII. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CRISTO, Tuani de. *Historicidade e fronteiras culturais entre guarani e jesuítas em territórios da Província do Tape (1626-1638)*. Monografia de conclusão de curso de licenciatura em História. Lajeado: UNIVATES, 2016.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *A Redução de São Miguel Arcanjo: Contribuição ao estudo da tipologia urbana missionária*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 2002.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo*. Caderno de História, nº 21. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, s/d.

DIAS, Adriana Schmidt. *Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: UPF, 1998.

DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Visões da história do Planalto Rio-Grandense (1980-1995)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

ELLIS JR., Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. 2ª ed. São Paulo:



Companhia Editora Nacional, 1934.

ELLIS JR., Alfredo. *Meio Século de Bandeirismo – 1590-1640*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. *Fundamentos da incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao espaço português*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia* (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *A conversão em três tempos: narrativa e experiência jesuítica na Província Jesuítica do Paraguai*. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV, Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. *A morte no centro da vida – reflexões sobre a cura e a não-cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609 – 1675)*. Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC. Belo Horizonte, 2000.

FLORES, Mariana Flores da Cinha Thompson. *Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *Jesuítas portugueses nos séculos XVII e XVIII*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia* (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006.

FREITAS DA SILVA, André Luis. *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFDG, 2011.

FREITAS, Amadeu Fagundes de Oliveira. *Geopolítica bandeirante. Parte Primeira – Sudoeste Brasileiro*. Volume II. Porto Alegre: Editora Emma, 1975.

FOCKING, Gabriel de Freitas. *A História das Missões Orientais do Uruguai e a memória nacional*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013.

FUNARI, Pedro Paulo (Org.). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Coleção Idéias. Campinas: Unicamp, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo. *Os historiadores e a cultura material*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2.e.d., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

FURLONG, Guillermo Cardiff, S.J. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Vol. II. Ilustraciones. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Históricas, 1936.

GHEM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. V. 1. Passo Fundo: Multigraf, 1978.

GHEM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. V. 2. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.

GOLIN, Tau. *Identidade gentílica e capital simbólico*. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

GOLIN, Tau. *Missões jesuíticas do Paraguai: uma sociedade alternativa*. Entrevista concedida à Patricia Fachin. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 350, Ano X. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

GOLIN, Tau. *A Província Jesuítica do Paraguai, a Guerra Guaranítica e a destruição do espaço jesuítico-missionário*. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). *História da Fronteira Sul*. 1ed. Porto Alegre; Chapecó: Letra & Vida; UFFS, 2015.

GOLIN, Tau. *A Fronteira*. 2 v. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOLIN, Tau. *A Fronteira: 1763 – 1778 – história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional*. 3 v. Passo Fundo: Méritos, 2015.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Org.) *Povos Indígenas. História Geral do Rio Grande do Sul*, vol. 5. Méritos: Passo Fundo, 2009.

GUTIERREZ, Ramón. *As missões jesuíticas dos guaranis*. Rio de Janeiro: Unesco, 1987.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús*. V. 1. Barcelona: Gili, 1913.

JAEGER, Luiz Gonzaga. *As primitivas Reduções do Rio Grande do Sul*. In: PORTO, Aurélio (Org.) *Terra Farroupilha*. 1ª Parte. Porto Alegre: 1937.

JAEGER, Luiz Gonzaga. *As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul (1635-1641)*. 2.ed. Porto Alegre, Typographia do Centro, 1939.

KERN, Arno A. *Pesquisas arqueológicas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1984-1994)*. Estudos Íbero-Americanos, v.XX, n.1. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

KERN, Arno Alvarez (Org.). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

KLAMT, S.C. *Uma Contribuição para o Sistema de Assentamento de um Grupo Horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani*. Porto Alegre. PPGH. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2004.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Patrimônio histórico e transformações sociais em*

*Passo Fundo*. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011.

LA SALVIA, Fernando. *A arqueologia nas missões e uma perspectiva futura*. In: Anais do 5º Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa: FFCLDB, 1983.

MABILDE, Pierre François Alphonse Booth. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul: 1836-1866*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MACHADO, Ademir José. *Avançar, Adaptar e Permanecer: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio das Antas*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: PPGH/Unisinós, 2008.

MACHADO, Neli Galarce. *A Redução de Nossa Senhora Da Candelária do Caa'capamini (1627-1636)*. Série Dissertações de Mestrado. Ijuí: Ed. Unijui, 1999.

MAEDER, Ernesto. *De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. Configuración y disolución de una región histórica: 1610-1810*. In: GADELHA, Regina. *Missões guaranis: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo: Educ, 1999.

MAEDER, Ernesto (Org.). *Cartas anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay 1632-1634*. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, Livraria Platero, 1990.

MAEDER, Ernesto (Org.). *Cartas anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay 1637-1639*. Buenos Aires: Fundacion para la Educacion, la Ciencia y la Cultura. Buenos Aires, FECIC, 1984.

MAEDER, Ernesto; GUTIERREZ, Ramon. *Atlas historico y urbano del nordeste argentino*. Resistencia: CONICET – FUNDANORD, 1994.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTEIRO, Jonatas da Costa Rego. *As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul: 1626-1638*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ano XIX. Porto Alegre: IHGRS, 1939.

MORAES, Carlos Dante de. *Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense*. Coleção Província. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo: Editora Globo, 1959.

MORAES, Tobias Vilhena. *Preservação Arqueológica e Ação Educativa nas Missões*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2014.

MOTA, Camila. *Edição de documentos oitocentistas e estudo da variedade linguística em Santa de Parnaíba*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo:

USP, 2007.

NEUMANN, Eduardo. *O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata Colonial, 1640-1750*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NOELLI, F. S.; SOUZA, J. G. *Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 12, p. 57-84, 2017.

*Obras do Barão do Rio Branco I: questões de limites República Argentina*. — Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do Município de Passo Fundo: aspecto histórico*. V. 2. Passo Fundo: UPF, 1990.

OOSTERBEEK, Luiz. *Arqueologia da Paisagem no Sul do Brasil: Contributos*. Erechim: Habilis, 2009.

PASTELLS, R. P. PABLO. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

POMPEU, Filipi. *Atualizando o mapeamento das reduções jesuíticas do Tape (1622-1636)*. Anais do I Congresso Internacional de História da UFSM: Poder, Cultura e Fronteiras — CIHS. Santa Maria: UFSM, CCSH, PPGH, 2016.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 9, Volume I. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Coleção Jesuítas no Sul do Brasil. Volume III. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

PORTO, Aurélio (Org.) *Terra Farroupilha*. 1ª Parte. Porto Alegre: 1937.

PROUS, André. *Pré-História Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

REIS, Maria José. *A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense*. Erechim: Habilis, 2007.

RELLY, Eduardo; MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia. *Do Taiaçuapé a Colinas*. Lajeado: Ed. UNIVATES, 2008.

RIBEIRO, Pedro A. M.; MARTIN, Hardy E.; STEINHAUS, Roberto; HEUSER, Lothar; BAUMHARDT, Gastão. *A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul — Nota Prévia*. Revista do Cepa. Santa Cruz do Sul: Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, 1976.

ROGGE, Jairo Henrique. *Adaptação na Floresta Subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí e no Rio Pardo*. Documentos 06. São Leopoldo:

Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinós, 1996.

ROGGE, Jairo Henrique. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Ceramistas Pré-Históricas no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo: Unisinós, 2004.

ROSA, Othelo. *Formação do Rio Grande: fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Filosofia, 1957.

RUIZ DE MONTOYA, Antônio. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Tradução de Arnaldo Bruxel e Artur Rabuske. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

SANMATIN, OLYNTHO. *Bandeirantes no sul do Brasil*. Porto Alegre: A Nação, 1949.

SANTOS, Marcos César Pereira. *Documento Material: Entre a Arqueologia e a História*. ARKEOS. Perspectivas em Diálogo nº 28. Projecto Porto Seguro. Tomar: CEIPAR, 2010.

SANTOS, J. R. Q. *As Missões Jesuítico-Guaranis*. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia* (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, v.1). Passo Fundo: Méritos, 2006.

SANTOS, J. R. Q.; OSÓRIO, Getúlio Xavier. *A ação dos bandeirantes no Tapê (1636-1641)*. Veritas – Revista Trimestral da PUCRS. Porto Alegre: PUCRS, 1987.

SCHALLENBERGER, E. *Estudos Missioneiros: temas e abordagens*. In: XI Jornadas Internacionais sobre as Missões jesuíticas, 2006, Porto Alegre. *Jesuítas e missões: entre novos e velhos mundos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 1. 2006.

SERIACOPI, Gislane., SERIACOPI, Reinaldo. *História: Volume único*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

SCHALLENBERGER, E. *Estudos Missioneiros: temas e abordagens*. In: XI Jornadas Internacionais sobre as Missões jesuíticas, 2006, Porto Alegre. *Jesuítas e missões: entre novos e velhos mundos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 1. 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignacio (Org.). *As casas subterrâneas de São José do Cerrito*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2014.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; NOVASCO, Raul Viana. *Pequena história jê meridional através do mapeamento dos sítios datados*. IN: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Org.). *Pesquisas. Antropologia, nº 70*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2013.

SPOSITO, Fernanda. *Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas*

e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/Rio da Prata, séculos XVI-XVII). Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 2012.

SUSNIK, Branislava. *Los Aborígenes de Paraguay*. Tomo IV. Ciclo Vital y Estructura Social. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbaro, 1983.

SZYKULSKI, Józef. *Chrystianizacja obszaru Imperium Tawantisuyu (Inków). Synkretyz kulturowy i dylemat walki z idolatrią*. In: DZIEDUSZYCKI, Wojciech; WRZESIŃSKI, Jacek (Org.). *Chrzest – przemiany religijne, kulturowe i sepulkralne*. Funeralia Lednickie – Spotkanie 19. Poznań: Stowarzyszenie Naukowe Archeologów Polskich, 2017.

THADDEU, Vera L. Trommer; VICROSKI, Fabricio J. Nazzari. *Programa de Arqueologia Preventiva e Educação Patrimonial na Área de Influência da Ponte sobre o Rio Apuaê, municípios de Carlos Gomes e São João da Urtiga, Rio Grande do Sul. Relatório Final*. Erechim: Geonaturae Licenciamento Ambiental, 2014.

TECHO, Nicolas del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sans. Tomo Tercero. Asunción: Madrid Libreria y Casa Editorial A. de Uribe y Compania, 1897.

TECHO, Nicolas del. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sans. Tomo Cuatro. Asunción: Madrid Libreria y Casa Editorial A. de Uribe y Compania, 1897.

TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre: Selbach, v.1, 1918; v. 2, 1919; v. 3, 1921.

TESCHAUER, Carlos. *Porandúba Riograndense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1929.

TORRES, Luiz Henrique. *Antagonismo e Historiografia: Análise de alguns enfoques da obra de Moysés Vellinho*. S/d.

TORRES, Luiz Henrique. *Historiografia sul-rio-grandense: o lugar das Missões Jesuítico-Guarani na formação histórica do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: PUCRS, 1997, p. 159.

TORRES, L. H. *Carlos Teschauer e a historiografia rio-grandense*. Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 10. Rio Grande: FURG, 1998.

UESSLER, Cláudia de Oliveira. *Sítios arqueológicos de assentamentos fortificados Ibero-Americanos na Região Platina Oriental*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação de História, Faculdade de Filosofia e Ciências

Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

VELLINHO, Moysés. *O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. Fundamentos da cultura rio-grandense*. V.2. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957.

VIANNA, Hélio (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume IV. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

VICROSKI, Fabricio José Nazzari. *O Alto Jacuí na Pré-História: Subsídios para uma Arqueologia das Fronteiras*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPE, 2011.

WHITE, Sophie. *Wild Frenchmen and Frenchified Indians. Material Culture and Race in Colonial Louisiana*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2012.

ZUSE, Silvana. *Os guarani e a redução jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: MAE/USP, 2009.

## ANEXOS

### ANEXO A

*Verbetes*.....219

### ANEXO B

*Carta Ânua das Missões do Paraná e do Uruguai,  
relativa ao ano de 1633, pelo Padre Pedro Romero*.....223

### ANEXO C

*Cartas Ânuas das reduções do Paraná e Uruguai de 1634.  
Santos Mártires de Caro, 21-IV-1635*.....237

### ANEXO D

*Cartas Anuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay (1632-1634)* ..... 243

### ANEXO E

*Carta do Padre Francisco Ximenes para um superior,  
dando-lhe conta de uma entrada ao rio Tebicuari* ..... 253

### ANEXO F

*Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay 1637-1639*..... 259



## **ANEXO A**

## VERBETE

*\*Tupi-Guarani*

*\*\*Jê*

*\*\*\*Espanhol*

**Boapiari\*:** Rio Carreiro, entre os atuais municípios de Ibiraiaras e Muliterno (Também grafado como Mboapiari).

**Caaiacó\*:** Atual região dos municípios de Tapera e Ibirubá (também grafado como Caicó).

**Caaguá\*:** Vales dos rios das Antas e Taquari.

**Caamo\*:** Campos de Vacaria.

**Caamome\*:** Denominação do Mato Português, designação que se estendeu à região de Lagoa Vermelha (região do atual município de Caseiros).

**Caapi\*:** Região situada no divisor de águas entre o rio da Várzea e as nascentes do rio Jacuí-mirim, próximo às localidades de Cruzinha e Pinheiro Marcado, no atual município de Carazinho. Por vezes também referia-se a região do atual município de Marau.

**Caapigui\*:** Rio Taquari-mirim.

**Cariroí\*:** Esta região compreendia o Campo do Meio (também denominado de Cariroí), e o Mato Castelhana, então chamado de Mondecaá. Era habitada por indígenas associados ao tronco linguístico Tupi-Guarani, porém, considerados por alguns pesquisadores como resultado de uma miscigenação Jê-Guarani, ou ainda Jê guaranizados.

**Cavesadas\*\*\*:** Cabeceiras; região das nascentes de um rio.

**Curiti\*:** Região das cabeceiras de ambas as margens do rio Jacuí, limitada ao norte pelas nascentes do rio da Várzea. Habitada pelos índios Tape ou Guaraní, falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani.

**Curitiba\*:** Rio Passo Fundo, também chamado de Curiti.

**Guaraé\*:** Também grafado como Quarae. Liderança indígena da redução de Santa Teresa.

**Guebirenda\*:** Estuário do Guaíba.

**Gualacho\*\*\*:** Denominação regional dos índios Jê.

**Guañana\*\*:** Denominação regional dos índios Jê.

**Goioen\*\*:** Região situada na foz do Rio Passo Fundo.

**Ibiá\*:** Região entre os rios das Antas (Mboapari) e Cai (Caii).

**Ibitiru\*:** Ibitiru, Ibituruna, Ivityro ou Ivitiruno era a região situada na porção norte do atual município de Passo Fundo, habitada pelos índios Guañana, falantes do tronco linguístico Jê meridional. Denominação regional com significado de “Selva Negra”.

**Ibiraiapiri\*:** Rio Jacuí-mirim.

**Ibitirabebé\*:** Região sul do rio Jacuí, incluindo a atual Serra do Botucarai (Região do município de Soledade).

**Igaí\*:** Rio Jacuí (também grafado como Igay ou Ygai).

**Igairi-apipe\*:** Região das cabeceiras do Igaí, hodierno Jacuí, (também grafado como Igayri-apipe ou Igay-ri-apipe).

**Mbocariroí\*:** Rio Guaporé (Também grafado como Bocariroí).

**Mondecaá\*:** Denominação do Mato Castelhana (região do atual município de Mato Castelhana).

**Paricaí\*:** Rio da Várzea, também chamado de Apiterebi.

**Piñales\*\*\*:** Pinhais.

**Taiaçuapé\*:** Região do atual município de Colinas.

**Tape\*:** Denominação regional dos índios Guarani.

**Tebicuary\*:** Rio Taquari.

**Tupamini\*:** Também grafado como Tupamyri. Liderança indígena da redução de Santa Teresa.

**Yequi\*:** Rio Pardo (Também grafado como Yequi e Yequiyiguaçu).

**Yequiyimini\*:** Rio Pardinho

**Yerba\*\*\*:** Erva-mate.

**Yerbacales\*\*\*:** Ervais.

## **ANEXO B**

**CARTA ÂNUA DAS MISSÕES DO PARANÁ E DO URUGUAI, RELATIVA AO ANO DE 1633, PELO PADRE PEDRO ROMERO<sup>338</sup>**

São Nicolau, 16-V-634

Estado geral de las Doctrinas dei Parana, y Uruguay firmado pelo el Pe. Pedro Romero a 16 de Mayo de 1632, y remitida al Pe. Provincial Diego de Boroa.

Carta anua de las misiones dei Parana y Uruguay de la Comp.a de Jesus, dei ano de 1633, p.a el P.e Diego de Boroa de la Comp.a de Jesus, Provincial desta Província.

Pax Xpi, etc.

Ay en estas Misiones de las Prov.as dei Parana y Uruguay, que los hijos desta Prov.as tienen a su cargo, quarenta y dos Pe. Sacerdotes y tres hermanos coadjutores repartidos en veinte y quatro residencias o reducciones de Yndios, cuydando en ellas solam.te de la conversion y aprovechamiento de los naturales y convirtiendolos de piedras que antes eran en su infidelidad, en verdaderos hijos de Abraham por médio dei S.to bautismo con el qual y con la palabra de Dios, que continuamente se les predica se vienen a hazer aptos y capaces de los Santos Sacramentos y por ellos de ia bienaventuranza. la qual sin duda pueblan cada dia tantos como mueren hechos ya hijos de Dios y rescatados por su preciosa sangre de la servidumbre y esclavitud dei Demonio, en que antes miserablemente perecian sin tener hombre que les valiesen hasta que vinieron los de la Comp.a de Jesus que son y na sido siempre sus verdaderos P.cs y libertadores assi en el alma como en el cuerpo, y faltando ellos les faltara sin duda todo su bien temporal y eterno. Son estos Yndios pobres en extremo, pues no tienen para su vestido sino quatro plumas de pasaros, con que cubren y tapan su empacho natural, y el mas rico y poderoso

---

<sup>338</sup> Versão publicada pela Biblioteca Nacional (Manuscritos da Coleção de Angelis. Documento 1-29-7-25). Apud CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 33-40; 90-94.

no tiene mas que un pellejo de venado por vestido y para su sustento a duras penas alcançan quatro espigas de maiz y quatro raices secas con que pasan su vida miserablemente. Y por otra parte son tan mansos que sufren quanto mal les hazen sin quejarse ni chistar: y ellos a ninguno lo hazen. y con ser esto assi son estos pobrecitos tan perseguidos de todos Castellanos y Portugueses, que es cosa que espanta: cada qual procura llebarlos para sus esclavos y servirse dellos sacandolos de sus tierras, privandoles de su libertad y dei bien tan cierto que gozan con los nuestros. por libertar pues a estos pobrecitos y sacarlos de sus garras para que gozen de su verdadera libertad conociendo y sirviendo con ella a su criador, por esto, digo, son nuestros pleitos y trabajos, mas que de marca y tantos mayores quanto se padecen a secas y sin ningun consuelo, ni fabor humano, pues los mesmos Yndios, por cuyo bien y libertad los padecemos, son tan cortos de caudal que no saben ayudarse ni ayudarnos aun quando les queremos hazer bien y librarlos de sus enemigos a costa de nuestro sudor y sangre; y assi nos dan bien en que merecer con su corta capacidad y descaecimiento natural y para todas las cosas. Pero esto mesmo haze a los verdaderos obreros Apostolicos que los amen y quieran mas en Jesus Xpo y se compadescan dellos con verdaderas entrañas de Padres y los lleben a su cuesta huyendo destos lobos carniceros, que los quieren tragar. Y mas viendo que les falta de entedimiento les sobra de voluntad muy dispuesta para todo lo Bueno y para el Santo evangelio, mas que ninguna otra nacion Barbara de las que oy se conocen en todo lo descubiert, de que son Buenos testigos los nuestros, que an venido de tan lejas tierras y naciones para solo su bien, que todos a una confiessan que es gente muy dispuesta para recibir el S.to evangelio, porque no tienen los vícios de la Borrachera, deshonestidad e ydolatria que hazen incapaces a millares de Yndios que estan aqui en su contorno. Esto y el ver el fruto que se coge cada dia haze dulces y sabrosos a los obreros evangelicos todos los demas trabajos que en su conversion padecen, dandolos por muy bien empleados y con ellos su sangre y vida que ofrecen liberalmente por ver ensalçado el Reyno de Xpo y aumentada la Yglesia triunfante y militante con tanto numero de almas como cada dia embian, llena de consuelo y alegria el alma de los nuestros ver cada dia llenarse los templos para oir missa los nuevos Xpianos para aprender la doctrina Xpiana los ninos y ninas y para ser instruídos en la fee los que piden el santo

bautismo. Y aunque es verdad que como gente que a estado toda su vida sin conocimiento destas cosas, que les predicamos, y por su natural algo remiso, cuesta trabajo y sudor el ponerlos en esto, facilmente con la voluntad tan buena que tienen se inclina a lo Bueno que les dezimos y predicamos. Esta tambien ayuda a que los ninos aun los de muy pequena edad aprendan la musica de canto llano y de organo, que usa la santa yglesia para que con mas decência se hagan como se hazen los officios Divinos y den algun culto y reverencia a su criador y senor, haziendo algun concepto de su poder y Divinidad, viendo de la suerte que sus ministros le sirven y veneran porque es gente que se deja llebar mucho de esto exterior que percibe por los sentidos. Y assi procuran los nuestros quanto su pobreza les permite celebrar las festividades de las Pascuas y otras con toda solemnidad, con danzas, musicas y regozijo publico al modo que usamos, los Xpianos. y para las fiestas de los Patrones y titulares de los pueblos se combidan los nuestros unos a otros de los pueblos y reducciones mas vecinas llebando consigo sus musicas y danzas y otro mucho pueblo ensenandoles con esto el culto y reverencia que an de dar a los S.tos Patrones de sus pueblos e intercessores suyos para con Dios nuestro Senor, haziendo que se amen unos a otros, que se festejen y regalen entre si, como lo hazen los nuestros (cuyo exemplo solo tienen que imitar) los quales en esto dias se visitan, consuelan y regalan con su pobreza, procurando esmerarse cada qual en hazer excesos de caridad con sus hermanos: alli se animan y afervoran en su espiritu y en el zelo de las almas teniendo sus conferências espirituales muy fervorosas Para el proposito. Al modo me parece que aquellos Santos antiguos, que todo el ano estaban ocupados en Santa Contemplacion V trato con nuestro Senor y algunos dias senalados se juntaban a verse, consolarse y animarse con santas platicas y conferências: assi me parece hazen los nuestros en estas soledades: todo el año estan Santa y Apostolicamente ocupados en bautizar, predicar, confessar y mirar por el bien destas almas y en estos dias senalados se juntan a animarse y consolarse como tengo dicho, con que despues vuelven con nuevos brios y con espiritu doblado a trabajar en la vina dei Senor, Como lo hazen siempre no olvidandose por esso de su Proprio aprovechamiento antes bien en cumplimiento de su regia-cuydan primero dei no dejando por grandes ocupaciones que tengan los exercicios sanctos de oracion, examenes, penitencias y mortificaciones:te-



niendo a sus tiempos los espirituales que usa la Comp.a tanto con mas veras quanto echan de ver la necessidad que dellos tienen en estas solenidades, en médio de tantos peligros, con tanta pobreza y falta de lo necess.º con muy poco trato humano porque no le tienen los Yndios Y assi es fuerza que lo tengan Divino y Pueden muy bien dezir los obreros evangelicos en estas partes *nostra conversatio in coelis est*. Y assi es lenguaje comum entre «lios que los mismos exercícios y obras tan sanctas en que entienden todo el dia es una continua oracion y que se ven como obligados y forzados en médio dellos a lebantar el corazon y espiritu a Dios refiriendolo todo como afin y blanco de todas sus acciones: y quien dejara de hazer estos atos quando entra en una casa de paja, morada destos pobrecitos tan baja que es menester agoviarse muy bien para entrar por la puerta toda llena de humo, lobreja y obscura, donde se llena todo de piques y pulgas; y luego para alivio de todo esto topa con un enfermo que para cathequizarle e instruirle en las cosas de la fee a menester tener mucha paciência y al cabo muchas veces no les pueden sacar una palabra para muestras de que cree lo que se le dize o que se duele de sus pecados. No se pueden contar en breve los singulares que cada dia suceden en este particular, ni los P.es los refieren, ni notan, contentandose que los note y quente quien los a de premiar com garladon eterno, el qual algun dia los publicara y sacara a luz, para su mayor gloria y honra de sus escogidos. Mucho se consolaron los P.cs quando supieron que el Pe. Prov.al fran.co Vasquez truxillo queria venir a visitar estas reducciones como hijos al fin que deseaban ver su P.c hablarle y darle quenta de sus almas. Pero a mi me daba mucho cuydado el no saber por donde haria su R.a su viaje para visitar las reducc.es Dei tape, *porque como estaban las cosas de antes, si fuera hasta Sta. Teresa, era menester volver al Caro para ir de alli a las reducciones de la Sierra* porque el camino desde los Apostoles es muy lleno de pantanos y atolladores insuperables. En esto tiempo quiso Nuestro Senor mover el corazon de un cazique llamado Ytupayu el qual tenia poco antes que yo llegasse a S. Miguel (es una de las reducc.” desta sierra a la qual nos vamos acercando) vino a pedir P.cs para su tierra. Este Cazique tenia su pueblo de la otra parte dei Igay desde donde comienza a ser navegable este rio hazia el mar, y esta un dia de la reduccion de la Natividad de Nuestra S.a: fuimos alia el P.c Xpoval de Mendoza y yo y hallamos juntos 400 Yndios tan dociles que no parecian sino gente antigua y

cultibada. Pidieronnos les lebantassemos cruz y ofrecieron de gana sus hijitos para que los bautizassemos, por consolados y por no perder puesto de tanta importancia les lebantamos cruz cerca de alli y mas cerca tambien dei rio Ygay en el mismo camino por donde se ba al Cappybary, al Ibiticaray y al tibiquari, donde se hizieron despues tres reducciones. Aqui les lebantamos la cruz con gran gozo suyo y consuelo nuestro: dedique este puesto a S.ta Ana porque el antes tenia el P.e Prov.al lo dio a S.ta Teresa a peticion dei Gobernador dei Puerto. Enderece mi camino a esta reduccion y el P.e Mendoza el suyo para su reduccion. Antes de partirmos de aqui . . . por S. Ana . . . era su Comp.<sup>o</sup> el Pe. Xpoval de Mendoza tuvimos noticia que alli cerca en unos pueblos de Yndios estaba hecha mucha cantidad de vino para una grande bebida en la qual avian de matar a dos muchachos esclavos. Encomendamos a Nuestro S.or el negocio y juzgamos que Nuestro S.or nos avia traído para librar aquellos pobrecitos de la muerte temporal y eterna: y assi por estar yo de priessa reparti con el P.c de lo poço que llebaba de rescates para que los redimiesse y lebasse consigo: fue el P.c y los Yndios se los dieron alli mismo bautizo una criaturica que luego se fue al cielo y assi aquel dia liberto tres almas y se volvió muy rico con estos despojos. Passe aqui la sierra yendo como digo en demanda de S.ta Teresa por la mayor parte y mas fácil subida que la avia pasado hasta entonces y a un dia de camino me estaban esperando cien Yndios en un arroyo apartado de su pueblo por donde yo avia de pasar donde me tenian hecha una casita para que me albergasse: en llegando me recibieron com mucha alegria y me dijeron que en el rio Yiquiy donde estaban sus tierras avia mucha gente y que se querian todos juntar y tener pueblo grande y Padres que les lebantasse cruz (quan valida esta la S.ta Cruz entre esta gente dire despues) quien no se deritiera en lagrimas y se banara de gozo viendo esta mocion dei cielo y estas ovejas descarriadas buscar a su Pastor y que a un hombreestrafío que ven entrar solo por sus tierras no salen a cautibarlos, ni a quitarle la vida sino desolados a pedir la vida de sus almas y recebille con los brazos abiertos en sus tierras y entregarse todos a sua voluntad como si le conociessen o fuesse alguno de su nacion. por todas partes me senti movido y aun obligado a consolarles lebandando cruz en sus tierras como pedian y deseaban. Llebaranme luego aquella tarde a ver tres puestos, escogi el mejor y aunque era ya tarde no quisieron recogerse sin traer prime-

ro el madero para la S.ta Cruz. A otro día que se contaron 12 de marzo les baptize las criaturas, matricule los cien Yndios dichos y treinta caziques de fama sin otros muchos de menos nombre que avia en aquella comarca. A la tarde les lebante la cruz con la solemnidad que otras veces adorandola todos con gran devocion y afeto, quando iba a lebantar la cruz que seria a las quatro de la tarde me avisaron que en aquellos montes estaba una criatura muy enferma. embie al punto un Yndio de la Candelaria que iba conmigo por entender que el daria mejor con ella que no yo: estube aguardando hasta otro día a las nueve, enfin la halló y truxo, baptizela al punto y de ay a poco volo a las eternas moradas, nombre capitanes y alcaldes y dedique este puesto a S. Joachim, P.e de la SS.a Virgen Maria por lo que a tales P.es y hija debemos. Aqui recebi un villete dei P.e fran.co Ximenez que avia venido a visitar a S<sup>ta</sup> Teresa adonde yo le avia escrito me esperasse y el P.e se puso en camino para venir a encontrarme y como la gente era tan nueva, a dos jornadas se arrepintieron por temor de la gente de la tierra. y assi el P.e se vió forçado a volverse escribiendome que se volvia a los Apostoles porque suponía que los Yndios avian hecho conmigo lo que los de S.ta Teresa con el. Yo avia ya despachado otro villete desde S. Joachim al P.c Ximenez que iba y que me esperasse, Uegó el villete ya de noche despues de averse partido el P.e para los Apostoles, pero el Capitan Tupâmini despacho luego el villete encargando a los que lleaban que no durmiesen hasta topar con el P.c, assi lo hizieron caminando toda la noche de suerte que por la mañana quando el P.e comenzaba a caminar oyó una vozina con que se detubo. dieronle el villete y volvió las riendas para Sta. Teresa. Yo tardé tres dias desde S. Joachim a Sta. Teresa y junto al pueblo nos encontramos com harto consuelo nuestro: y no es creible el q tubieron los Yndios e Yndias en verme y yo no menos en verlos a ellos. Con este viaje por aquella parte reconocida toda la tierra eche de ver que el puesto de Sta. Teresa estaba metido en una grande rinconada y apartado de la gente que se avia de reducir a ella, lejos de los yerbales y pegados a los gualachos con peligro de que diesen sobre la reducion. bien entendi que si trataba de mudaria Avia de aver dificultad en el P.e Ximenez que ya tenia acabada su casa e Yglesia y el pueblo casi hecho y todo muy bien acomodado y tambien en los Yndios por tener sus casas acabadas y sus chacaras nuevas. Pero no fué assi, porque el P.e y todos los indios vinieron en ello con mucho gusto por ser el puesto donde

se pasaron en todo mejor y mas acomodado para ellos. En esto y en todo lo demas me ayudaron maravillosamente los caziques de la Concep.on, S. Nicolas, Candelaria, Caro, S. Thome, S. Miguel y de la Natividad que iban conmi-go; porque de noche y de dia no cessaron de hablar la gente e inclinalla a nuestra voluntad. Como era jueves de la Dominica inpassé y el P.e Ximenez no llebada ornamento dixé a los Capitanes y gente de Sta. Teresa que se fuesen a rozar y hazer sus casas en el puesto senalado porque por ser el tiempo santo no podiamos por entonces ir a lebantar la Cruz que despues de Pascua vendria el P.e otra vez y la lebantaria. Ellos respondieron diziendo que en ninguna manera irian sino iba uno de nosotros a lebantar la cruz porque en viendola ellos y sus mugeres tenian grande Consuelo y que por la S.ta Cruz se criaban sus comidas y que si no avia cruz que no creerian las gentes que avia de aver pueblo alli y en viendola se juntarian todos y ellos trabajarian con Consuelo y alegria. Este es el sentir de los infieles acerca de la S.ta Cruz y el dia de oy la estima delia a crecido tanto, que ella es la senal de Paz, ella la senal que dan de que quieren ser hijos de Dios; ella es el zirculo con que se reducen los infieles al grêmio de la Yglesia; ella ultimamente la guarda, defenza y amparo de los que se ponen debajo de su sombra, de suerte que el lebantar cruz no es otra cosa sino assegurar la tierra, disponer la gente y poner senal para que no se pierda la veta desta rica mina de almas que el Se-nor a descubierto en este tiempo. Con esto vi la tierra y el camino que el P.c Prov.al avia de hazer que es por el orden siguiente. De Ytapua a la Concep-cion dos dias de camino, de la Concepcion a Sta. Maria dei Yguazu médio dia y alli a S. Xavier otro médio dia, de S. Xavier a la Assumpcion dei Acaraguá un dia y de alli bajando al puerto de S. Nicolas otro dia y de alli al pueblo tres o quatro horas de camino. A la Candelaria un dia, a los Martyres dei Caaro otro, a los Apostoles dos, a S. Carlos un dia, A Sta. Teresa tres, dos a S. Joa-chin, uno a Sta. Ana y otro a Jesus Maria, a la Natividad otro dia (entre la qual y S. Miguel se a de hazer otra reduccion) a S. Miguel otro dia corto, a S. Jo-seph outro y otro muy corto a S. Thome. Aqui se embarcan para ir a la reduc-cion de los Reys dei Yapeyu y si el rio está bajo se tarda quatro dias a lo mas largo y si está crecido en dos y en menos, de los Reys se toma la derota que quieren o a Buenos Ayres o a Ytapua por la Concepcion: quatro léguas de S. Thome ay muy grande golpe de gente en el rio llamado Mboyuy donde a de

ser fuerza hazer otra reduc.on. este es camino que el P.e Prov.al pasado hizo y el que V. R.a podrá hazer para ver a gusto toda la tierra.

Avisados pues los P.cs y los Yndios deste camino que su R.a avia de hazer, conforme a su afeto y deseo de verle se prepararon todos con arcos, danças, musicas y fiestas que todos hizieron en senal de alegria y regozijo, que sentian en ver al Pay guazu (como ellos dizen) en sus tierras. No quedo ninguno sin prêmio deste su buen afeto, porque todos llebaron chicos y grandes, cada uno conforme a sus merecimientos: los capitanes y alcaldes camisetas de lana muy lindamente labradas, los caziques cuchillos y tijeras, los hombres y ninos anzuelos y alfileres y finalmente las mugeres y ninas chaquiras y agujas que mucho estiman. salian todos al camino adereçando como mejor podian los maïos pasos de arroyos y pantanos, pero por ser los caminos tan maïos talvez cayo la mula dei P.c Prov.al y hirio malamente a su R.a en una pierna y fue providencia dei Senor especial no suceder mas mal por aver caydo en parte peligrosa donde avia unas piedras muy grandes, pero enfin Nuestro Senor quiso regalarle y no castigamos a nosotros. Quedaron muy lastimados los Yndios con este suceso y los Pe. todos muy apesarados ofreciendo missas y oraciones y haziendolas dezir a los Yndios por la salud de su R.a Luego los Yndios de suyo se ofrecieron a llebar en hombros a su P.e pues no era possible otra cosa en médio de aquellos desiertos; y aunque resistió su R.a quanto pudo por no darles trabajo, La necesidad y los ruegos de los P.cs que alli ybamos le vencieron, aunque a la verdad la Justicia lo pedia. Muy consolados quedaron todos los Pe. desta visita y de aver hablado y comunicado su consciência con su Superior y P.e y muy animados en estos desiertos y soledades a llebar adelante una obra tan gloriosa y a procurar con todas veras la conversion destos pobres naturales, cada uno en el puesto que su R.a les senalo. Y aunque es verdad que mas cuydan los P.es en ellos de obrar y trabajar que de escrebir ni apuntar sus gloriosos trabajos, con todo escrebire en esta algo de lo que me an escrito y apuntado.

[...]

REDUCCION DE S.<sup>ta</sup> TERESA

Mucho tiempo estubo esta reduccion con mucha gente y sin P.es sustentandose los Yndios con solo el deseo de tenerlos y com la visita que los P.es de los Apostoles y S. Carlos de quando en quando les hazian. estaba puesta esta reduccion en la entrada de un monte grandioso que llaman los Yndios en su lengua el ybitiru, sitio muy commodo y a proposito para reduccion; pero fue fuerza dejallo por otro mas comodo y util para los Yndios y de menos trabajo para los Padres. Embie a hazer esta mudanza al P.<sup>o</sup> fran.co Ximenez (que la tiene ya a su cargo) fue el P.e desde los Apostoles donde estaba de asiento para poder cuydar delia con mas commodidad. Lo que en este camino pasó y hizo se verá por una carta dei P.e que dize assi: Parti como v. R.a me mandó a visitar a S.ta teresa y llegue a tam buen tiempo que con la gracia dei senor, efetue la mudanza dei pueblo y aunque estaba rehazia la parcialidad dei cazi-que Quarae por el amor de su tierra y por averle dicho que tambien tendria P.es alli, con todo la venci y desengane diziendoles como no avia tantos P.es que pudiessen ir a su tierra. con esto fueron volando y se dieron tan buena mana a hazer sus casas que antes que yo viniesse las tenian casi acabadas, con que queda ya aquello en forma de pueblo. luego començó a salir gente nueva dei mbocariroi y matricule 250 famílias; bautize 50 ninos y algunos enfermos que avia de peligro. de alli parti para S. Joachim y en el camino no falto que padecer, porq me cogió un temporal tan riguroso, que me detubo seis dias en que estubimos para perecer de frio y hambre. *Los dos últimos dias estubimos sin comer* hasta que viendo el pleito mal parado y que no avia sino yerba que comer aunque el tiempo no se aplacaba ni cesaba de nevar y granizar: dije a los Yndios, hijos *vosotros os debeis de sustentar durmiendo y beviendo la yerba. yo ya no puedo sufrir la hambre* y tengo obrigacion de mirar por mi y no dejarme morir assi y por tanto yo me quiero ir aunque mas frio haga. salime dei rancho granizando muy bien y los Yndios me siguieron. Sacabamos fuego muy a menudo, porque nos cortaba el frio. Con este trabajo llegamos a un rancho donde la providencia divina nos estaba esperando: un alcalde de S. Joachin con mucha comida de maiz y lena recogida para hazer fuego, com que nos reparamos algun tanto. Recibióme muy bien la gente dei pueblo; baptize en el los ninos que avia y matricule 100 famílias que vinieron de nuevo. Quise hazer una Yglesita como V. R.a me mandó. Mande cabar los hoyos para los

horcones y era todo piedra viva, con lo qual desisti de la obra diziendo a los Yndios que outra vez buscaria mejor sitio para ella. Entristecieronse sobre manera desto y aviendome recogido a mi choza, salió una Yndia varonil, muger dei Capitan Camay y comenzó a afrentar los Yndios, notandolos de floxos y para poco y era de ver la eficacia con que la buena Yndia les dezia, que quebrassen las piedras y las horadassen para meter los paños para la Yglesia. ellos con esto se cansaron um buen rato, golpeando las piedras sin hazer mella en ellas, y no por esso desistian, hasta que compadeciendome dellos sali y mande cabar en otro lugar donde avia hasta tres palmos de tierra sobre las piedras. Alli como pude arme una Yglesita donde se puedan doctrinar los Yndios por agora, con que quedaron consoladissimos y yo fui mas por ver su buen corazon dellos. No pude atravesar derecho a los Apostoles por no estar abierto el camino ni aver canoa en el Igay y assi vaje por S.ta Ana donde matricule otras 100 familias y baptize sus criaturas. Toda la gente esta muy dispuesta y no faltan sino obreros. V. R.a traiga presto al P.e Prov.al para que lo vea por sus ojos que *yo se cierto que a de ordenar las cosas de otra manera de lo que piensa* porque no es posible que viendo una miez tan copiosa y dispuesta no rompa con todo por cogerla. hasta aqui la carta dei P.e. Lebantose pues cruz en este puesto nuevo de S.ta Teresa a 22 de Marzo deste ano de 1633 y a seis de Agosto dei mismo vino el P.e Ximenez de asiento a residir en ella. Está fundada esta reducion sobre las cabeçadas dei rio que llaman Ygay famoso en esta tierra, que por la costa dei Brasil en 32 grados vierte en el mar dei norte. El puesto es ameno assi por la variedad de arroyos que le rodean como por la multitud de Pinos que le coronan, que si bien son diferentes de los de Europa, pero son sin comparacion mejores y mas agradables a la vista. Tienen de ordinário ciento y ciento (*sic*) y diez pies de largo, derechos y redondos como si estubieran hechos al torno, sin que se halla siquiera uno entre todos tocido, Como van creciendo se les van cayendo las ramas bajas que de quatro en quatro o cinco en cinco salen a trechos al rededor dei tronco, opuestas unas a otras y tan iguales que parece hazer una taza muy bien formada, de las ramas caidas quedan los nudos en el arbol que a manera de clavos le hermocean el pie, son estos nudos colorados y de color muy encendido, tan solidos y duros que despues de labrados especialmente al torno casi compiten con el marfin en la tersura. El fruto son unas pinas muy parecidas a las de Espafia tan gran-

des y mayores que la cabeza de un hombre y los pinones mucho mayores que grandes dientes de ajos. No parecen tan sabrosos como los de Europa, mas son de mucho sustento y componen bien el estomago, aun los que le tienen desconcertado. Tiene outra commodidad el sitio desta reduccion, q no le haze poco apetecible a los Yndios y es estar junto a la yerba que los naturales llaman Coguai de que generalmente usa toda esta nacion Guarani y sin ella parece no pueden vivir.

No es mucha la gente que hasta agora esta de assiento en el pueblo, porque no avia ninguna chacara hecha, ni comida para los Yndios. pero ya en estos poços meses an trabajado muy bien y assi tienen ya muchas y muy buenas y cogen ya este ano algun maiz y frisoles y con el ayuda de los pinones que ya comiençan a saçonarse se espera que haran tantas chacaras, que el ano q viene puedan estar muchos indios de asiento en el pueblo. Los matriculados hasta agora passan de 800 y ay aun mucha gente en la comarca, de que se puede aumentar o fundar otra o otras reducciones. Tambien estan aqui junto los Guananas, nacion muy estendida segun dicen estos Yndios, que an traido con ellos continuas guerras en cuya conversion, concluída la nacion Guarani, podra tener no pequeno empleo la Comp.a Anse baptizado 400 y tantos niños y algunos enfermos adultos y para que cobren estima dei S.to bautismo a obrado nro S.or algunas maravillas por su médio, tal fue la que sucedió a una buena Yndia que todos los dias acudia a la doctrina con deseo de ser Xpiana, la qual aviendo quedado como muerta de un parto trabajoso que tubo, fue su marido avisar dello a media noche y aunque el afirmaba que estaba muerta con todo esso el P.e fue alia. no se le conocia rastro de respiracion, ni daba senal de vida, hasta que mandando le pusiesse la mano sobre el corazon le certificaron q todavia, aunque flacamente le palpitava, baptizóla como a cathecumena de quien le constaba deseaba ser Xpiana y ofreció uma missa por su salud a nro P.e S.º Ignacio y luego començó a respirar y a bolver en si de manera que quando volvió por la manana a veria, estaba dei todo buena y dando el pecho a una criatura que avia parido. La misma criatura de alli a dos dias, estaba tan enferma que ya su madre la lloraba como muerta. bautizóla y de alli a un poço tomó el pecho y estuvo buena. Otro Yndio estaba muy al cabo de dolor de costado y aunque le avia el P.e catequizado y el pedia le baptizasse, pero el P.e lo dilatava porque tenia fuera de la muger principal una



manceba moza y en ella un hijo pequeno a quien amaba mucho y le parecia al P.c tendria mucha dificultad en dejarla. pero el pedia con tanto afeto el baptismo que le pareció se queria morir o que Dios por médio dei baptismo le queria dar salud. Dixo le ser necessário dejar la manceba y echarla luego de casa. Llamóla luego el Yndio y dixole que se fuesse con un tio suyo. La Yndia lo rehusaba y lloraba con el hijuelo en los brazos como representandole que quien avia de tener cuydado de aquel su hijo. Al P.e mismo enternecia, pero el Yndio no se movia nada, antes instaba se fuesse. bautizóle y luego comenzó a mejorar y dentro de dos dias se levantó bueno. Con estas cosas y con el cuydado que se pone en curar y regalar los enfermos con lo que permite nuestra pobreza, nos los descubren y llaman para que los visitemos y bautizemos.

Esto es mi P.c Prov.al algo de lo que este ano los hijos de V.a R.a an trabajado en la labor y cultivo desta vina dei Senor que su Mag.d les a encomendado y para la qual los escógió desde ab Eterno previniendolos con tan singulares dones y gracias como requeriran los que avian de ser coadjutores suyos en esta su vina y assi me parece que llamandolos les dixo: *ego vos elegi de mundo ut eatis et fructum efferatis* yo os escogi para que vais y trabajéis y me traigais fruto de vuestros trabajos. En cumplimiento pues deste mandato por manos de V.a R.a le ofrecen a su Divina Mag.d mas de nueve mil almas que en solo este ano an bautizado entre ninos y adultos, con otros millares de Angeles, que an volado ya al cielo, sin pagar parias al pecado, no quiero contar centenares de Yndios e Yndias de todas edades que marcados y cellados con el carater dei Sancto bautismo an muerto a su Criador antes de mancharle con pecados, dejo otros innumerables que resuscitados por la penitencia de la muerte dei pecado a la vida de la gracia, an dejado esta vida miserable con prendas de que alcançaran la Eterna con el ayuda y socorro de los que en vida y en muerte les son fidelísimos Companeros y Padres, todos estos dejo y solo quiero ofrecer por fruto tantos catecismos hechos, tantas doctrinas y sermones en orden de dar a conocer a nro Criador y Senor a los que antes no lo conocian, tantas limosnas corporales y espirituales, que cada instante no cesan de hazer estos obreros Apostolicos. tantas buenas obras y tantos pecados que evitan y destierran con su zelo tanto y ultimamente no es pequeno fruto el que de sus personas ofrecen liberalísimamente de soledad y pobreza extrema en

este rincón último del mundo, como mejor V.a R.a sabe y a experimentado en tantos años, como en ellos a estado, donde a gastado V.a R.a lo mejor de su edad y salud dandola en el alma y en el cuerpo a tantos millares de almas, como en estas misiones a reducido y bautizado. solo se escribe esto para los que no lo han visto, porque se cumpla en todo y por todo las palabras últimas de Xpo nro S.or que dije arriba *et fructus vester maneat*. y estos frutos tan preciosos a los ojos de Dios y de los hombres queden siempre estampados no solo en estas escrituras sino también en los corazones de todos y en especial en el libro de la vida, como piadosamente confiamos en la misericordia de nro S.or que sin duda mirará con gratos ojos los trabajos de sus ministros. Pasa V.a R.a la vista por estos escritos hallará que mirar y admirar, templado el rigor de la divina Justicia con que castiga a algunos, con la suavidad de su celebrada misericordia, con que salva a tantos. Embidiera también V.a R.a nuestra dichosa suerte y deseará hacernos Compañía ya que no puede ser por mucho tiempo por las ocupaciones tan forzosas y obligatorias del oficio, a lo menos todo aquello que ellas dieren lugar y permitieren. Venga, venga V.a R.a y verá los principios y cimientos de la fe que echó en estas misiones, estendidos ya por toda esta gentilidad y crecida ya con mucho aumento la semilla celestial que V.a R.a sembró, regada y fertilizada con la sangre de tres yncultos mártires, her.os nuestros y discípulos y hijos de V.a R.a, a cuya muerte se debe sin duda el aumento que oy vemos en esta nueva Yglesia. traiga también V.a R.a operarios muchos que nos ayuden a coger esta mies tan sazónada y dispuesta, que por falta dellos el Demonio recoge mucha para encerrarla en las trojes del infierno, y sobre todas cosas V.a R.a nos ayude con sus santos sacrificios y oraciones para que fructifiquemos en esta vinya del señor y abundemos mas *Ut fructificemus et abundemus magis* en el amor de Dios y del próximo y el posea y rija enteramente nuestros corazones por toda esta nuestra peregrinación hasta llevarnos con muchos otros millares al último y felicísimo fin de su eterna bienaventuranza. Amen.

Desta reducción de S. Nicolás y mayo 16 de 1634.

Hijo indigno de V.a R.a

*Pe. Romero.*

## **ANEXO C**

**CARTAS ÂNUAS DAS REDUÇÕES DO PARANÁ E URUGUAI DE 1634. SANTOS MÁRTIRES DE CARO, 21-IV-1635<sup>338</sup>**

Estado de las Reducciones dei Paraná y Uruguay dei ano de 1634. Letras Annuas de las reducciones dei Parana y Uruguay dei Ano de 1634 etc.

Letras annuas de las reduc.e s dei Paraná y Uruguay dei ano de 1634. Al Padre Diego de Boroa Prov.a l desta Província.

Pax Xpi, etc.

No ay año ninguno en que estos pobrecitos naturales no padescan mil calamidades y desventuras de hambre, frio, enfermedades y mortandades de que abundan todas estas pobres tierras: causadas sin duda ya dei poco govierno y traza que tienen en cuidar de sus comidas, pues solo estan solícitos dei dia de oy, y en el acaban quanto topan, sin darles pena lo que an de comer el dia de manana, fiados de su industria de caçar, o pescar, en que tienen libradas todas sus esperanzas, por la destreza que en esto tienen. Y assi en este exercício gastan todo el ano entero dando solos a algunos dias al cultibo de sus chacaras, dejando todo el cuydado dellas a sus pobres mugeres que son las que siembran y cogen sus cosechas. andando ellos por los campos, rios y montes en busca de venados, aves, y peces, con que pasan su miserable vida expuestos siempre a sus inclemencias sin ninguno amparo o resguardo contra ellas. Y de aqui les provienen tantas enfermedades y misérias que continuamente padecen, sin ningun gênero de alivio, regalo o medicina para ellos. No tienen ningun alivio porque no ay quien los consuele o alegre, q.do estan enfermos, antes el P.e deja al hijo, el hijo al P.e y la muger al marido ni lês hablan una palabra en todo el dia, y assi el triste enfermo se esta consumiendo de pura melancolia y tristeza sin ayudarse, ni admitir ningun consuelo. Ni menos tienen regalo algun con que puedan sobrellebar sus trabajos y duelos. En la cama no le tienen, porque el mas rico y regalado tiene por cama inos hilos

---

<sup>338</sup> Versão publicada pela Biblioteca Nacional (Manuscritos da Coleção de Angelis. Documento 1-29-7-48). Apud VIANNA, Hélio (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume IV. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970, p. 80-83; p. 133-134.

de algodón, o hortigas de la tierra, hechos red, en que estan siempre boca arriba sin poder estender los pies, ni revolverse de un lado a otro. Otros que no alcançan tanto hazen unas como parrillas de paños muy malos y en ellos ponen una estera hecha de cañas, y estas no las hazen de suerte que se puedan estender, y estar con alguna comodidad en ellas, sino muy angostos, y tan cortas que si se quieren estender an de tener los pies fuera desto triste y desventurada cama. Otros y los mas el duro suelo tienen por regalada cama, y quatro tizones por cobertor. Aquí estan con la desventura que se puede imaginar, muchos comidos de piques llenos de llagas, flacos, y en los puros huesos, casi imposibilitados de poder sanar. La comida es dei mismo jaez, la ordinaria es un triste vino que hazen de mais mascado y cocido en una poca de agua; y este es el sumo regalo, y lo que mas apetecen, o unos poços de írisoles cocidos con mera agua sin otro recaudo ni especies. y q.do quieren variar es con una harina que hazen de raíces podridas de proposito, que solo el mal olor que tiene nos ahyuenta delia. Q.do podian tener alguno es q.do cojen alguna caça de venados, o perdices, que es la mas ordinaria: pero esso lo guisan de suerte que mas es para tormento de sanos que para regalo de enfermos; porque assi como la tienen dei monte la ponen en el fuego y a médio asar se la comen sin otra salça ni aderezo. El sumo regalo que q.do estan mas desgañados apetecen es una poca de sal, que comen assi a secas, y sin mesclar con otro algun manjar. No tienen tan poco ninguna medicina que les pueda ayudar a sanar antes todo lo que hazen es totalmente contrario a la salud, y mas presto les ayuda a morir Que a sanar; debajo destas camas que e dicho estan poniendo de cua y de noche brasas encendidas para calentarse y esto aun en médio de los caniculares y estando ardiendo en calentura y assi se estan asando y secando hasta que finalmente mueren consumidos Y a esto atribuyen muchos tantos indios, indias y muchachos que mueren éticos por todos estas reducciones, sin ponderse dar ni hallar otra causa, porque con qualquier achaque se ponen luego a asar en estos desventurados lechos, y de aquí no se levan mas sino para ser llevados a la sepultura. No saben tan poco q.do estan enfermos negarse lo que les haze mal, sino que beven y comen q.do y como se les antoja. Todo es banarse: el que esta con una fiebre maligna o con otro accidente grave si puede ir a algun arroyo, va y allí se laba muy a su gusto y muy a su costa tambien. O sino puede ir a casa le traen el

agua, y haze lo mismo sin guardarse ni recelarse de que le puede danar. sino quiere comer no ayan miedo que le hagan fuerça sus deudos, o parientes, antes es un grande pecado y que se confessaran dei, el hazerles alguna para q tome algun sustento, y como sus desventuradas comidas son tan poco apetitosas, muy presto se les quita la gana de comer y assi la senal que tienen para dextr que estan muy enfermos sus parientes es dezir que ya no comen mas: y no es tanto por enfermedad sino porque no se lo dan ni le obligan a que coma; o porque no es a proposito todo quanto le pueden dar.

Por estas y por otras innumerables misérias, que fuera largo de contar, nunca faltan enfermedades en todos estos pueblos y por consiguiente no falta tan poco a los nuestros contínuos exercicio de paciência, charidad y misericórdia p.” con estos pobres (fuera dei predicar, catequizar, bautizar y administrar los demas sacramentos) y tanto mas meritorio q.do mas trabajoso, porque aunque nos cansamos y no poco, en enseñarles el modo que an de tener en conservar sus comidas, cuidar de sus chacaras y cultivarles, no haran mas de lo que vieron hazer a sus ante pasados ni saldran de su paso por quanto ay en el mundo. Que no les dezimos y predicamos q.do estan enfermos de como se an de portar, lo que an de comer, y de lo que se an de guardar, pero todo es predicar en desierto, y cansarnos devalde, porque no lo guardan ni guardaran jamas. Si les queremos aplicar algunas medicinas huyen, y se esconden y muchos se dejan antes morir, que tomarias. Si queremos regalados con la pobreza que tenemos, y quitarno lo de la boca por darselo, no lo amostran, ni comen. Antes dizen muchos o todos que nuestras comidas les matan. No ay P.e s ni madres que con tanto cuidado y solicitud velen por dar gusto a sus hijos como los nuestros velan y se esmeran en cuidar y regalar a estos hijitos suyos en Jesu Xpo, por quien nunca se cansan ni enfadan de sufrir todos estos desdenes; que nacen tambien no de mala voluntad sino de poco caudal y entendimiento criado entre montes sin otro magistério que el de los brutos animales.

De los poços operários que éramos saco la S.ta obediencia a los P.e s P.º Alvares, y Ignacio Martinez embiarlos a la mission de los Chiriguanos, nacion barbara y bellicosa desta misma lengua guarani, que estan en el distrito de

Chuquisaca y los P.e s como tan religiosos en oyendo la voz de la S.ta obediencia fueron muy alegres, y promptos a cumplirla dejandonos muy pesados de perder tan fervorosos obreros. Y aunque vinieren otros dos a suplir la falta de los dhos P.e s su poca salud no dejo poner por obra los fervorosos deseos, que aca los trujeron de ayudar a estas almas tan menesterosas y assi se bolvieron a los collegios dejandonos casi solos y en tiempos muy apretados; pero Nro S.or a dado espiritu doblado a sus obreros y assi an trabajado gloriossimamente, como si fueran muchos y cogido el fruto q en esta carta se dira.

[...]

### REDUCCION DE S.<sup>ta</sup> THERESA

Lo principal en que este ano se a puesto la mira en esta reduccion a sido en recoger la gente y hazerles hazer sus chacaras. En lo qual con el ayuda de nro S.or se a trabajado bien y no sin fruto porque se a recogido toda la g.te que a menester esta reduccion que pasan de ochocientas familias. las quales todas tienen ya chacara en el pueblo unos mas y otros menos de manera que este ano que viene con el ayuda dei S.or quedaran todos de asiento sin que ninguno siembre mas en sus pueblos antiguos. De parte de los P.es fran.co Ximenez y Ju.º de Salas (que tienen esta reduccion a su cargo) demas dei cuidado y solicitud en recogerlos y ganarlos para que se reduxessen les ayudaron con mas de 40 hanegas de frisoles y otras 150 de maiz que se les repartio para sembrar porque muchos dellos, por reducirse de lexos y otros por no tenerlo no ubieran sembrado, si los P.es no ubieran recogido, y guardadolo para el dicho efecto, y todo el ano an acudido com limosnas a los mas necesitados y por mucho tiempo se dio de comer en casa cada dia a todos los muchachos y Yndios pobres que querian acudir con lo qual a quedado esta gente ganada y muy satisfecha dei amor que les tenemos y aun entre los infieles comarcanos a corrido la voz y fama de la caridad que la Comp.a usa com los pobres, y menesterosos. A sido tambien nuestro seríor servido de exercitar a estos índios con la peste comun de camaras de sangre, de que a muerto muy buen numero en el qual trabajo se les a acudido asi en lo temporal con comida, y

quanto avia en casa, como en lo espiritual sin perdonar a trabajo alguno de noche, ni de dia, en el pueblo y fuera dei, buscando los enfermos con todo cuydado para ayudarles, mediante la qual diligencia, despues de la benignidad y misericórdia dei Senor, se an salvado (como esperamos) muchas almas que acabado de recibir el S.to bautismo espiraron. otros que sin ser buscados, parece que acaso topaban los P.es con ellos y era que Dios los tenia predestinados los quales sucesos no poco alientan y animan a los P.es quedando por ellos seguros de que Dios se sirve de su ministério.

Anse baptizado este ano seiscientos y cinqüenta ninos de los quales ya muchos en esta peste fueron a gozar de los merecimientos dei que los redimio con su preciosa sangre. Y aunque hasta agora no se a tratado de proposito dei bautismo de los adultos, hasta que esten mas arraigados en el pueblo y tengan comida suficiente en el, con todo se an baptizado casi trecientos que con mas instancia pidieran ser Xpianos dejando muchos dellos sus mancebas y otros impedimentos, con que an abierto la puerta para que los demas lês sigan este ano que viene, como esperamos en el senor.

[...]

*Pe. Romero.*



## **ANEXO D**

**Anales de la Provincia del Paraguay desde el año de 32 hasta el de 34. A nuestro muy Reverendo Padre Mucio Vithelesci Preposito General de la Compañía de Jesús.**

Con el P. Juan Bautista Ferrufino, Procurador de nuestra Provincia del Paraguay, remitió a V.P. muy antecesor, el P. Francisco Vazquez Truxillo, los anales de ella que cerraban su narración en el fin del año de 31; de donde seguiran los presentes el hilo de la historia de los trabajos y fatigas que han llevado adelante, los fieles obreros del evangelio, que V.P. tiene en ésta su Provincia: y han dichosamente logrado, con el precioso y colmado fruto de la gloria y ensalzamiento de Nuestro Señor y Felicidad de sus escogidos; reparándose las quiebras que hizo el demonio los años pasados, por media de sus ministros en esta nueva cristiandad. Como parecerá todo, por la narración; la cual no dudo, sino que le será a V.P. grata en extremo; porque verá campar en ella el celo infatigable de sus hijos, y la virtud de su capitán Jesús, que les asiste siempre, igual, y constante, en tanta variedad y desproporción de sucesos. Los de los nueve colegios continuaremos primero, hasta el fin del año de 34. Después le seguirán y más largamente, por pedirlo ellas así, las 27 reducciones, que asoladas 12 en el Guayrá florecen hoy en esta Provincia; aunque no alcanzarán más que hasta el fin de 33, desde el cual término, por la obediencia de V.P., la tendo a mi cargo; y en ella 150 de la Compañía, 91 Padres; de ellos 35 profesos de 4 votos: 59 hermanos, los 13 estudiantes, y los 46 coadjutores. 9 han pasado, en estos 3 años, a mejor vida; de cuyas virtudes se dará cuenta, cuando lleguemos a los lugares donde fallecieron.

[...]

**REDUCCIÓN DE SANTA TERESA DEL IVITIRUNO**

Como toda esta provincia habitada de tantas jentes rindió al infernal tirano tan fiel vasallaje que por centenares de años gozó de una paz infelicissima

<sup>339</sup> Versão transcrita e publicada por Ernesto Maeder. Apud MAEDER, Ernesto (Org.). *Cartas ânuas de la Provincia Jesuitica del Paraguay 1632-1634*. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, Livraria Platero, 1990, p. 23; 171-178.

defendida a toda nación estrangera como con fuertes candados la entrada y tan tomados al Santo Evangelio los passos que en toda la memoria de los siglos no tenemos noticia llegasse a esparcerse algunos de sus resplandores hasta que la virtud invencible de Cristo fue rompiendo el camino a los de su Compañía que según de la brevedad del tiempo parece han volado con su triunphador estandarte despojando de su antigua posession al tirano. Assi hasta acabar de conquistarsela toda estan en sus puestos como en fronteras defendidas por una parte y por otra atalaiando al enemigo para entrarle y gracias al divino poder, cada día lo van retirando y estableciendo el reyno de Cristo y ensalsando hasta los confines de la tierra su esclarecido nombre. Desde la reducción de San Carlos se despliega azia el Oriente un campo razo aunque esmaltado a trechos con algunos montesillos hasta que 12 o 14 leguas distantes yasse una espesa y dilatada montaña de pinos que llaman los naturales Ivityro que es lo mesmo que Sierra negra, quisas por el verde obscuro de sus árboles mirado de lexos engaña a la vista representándole una semejanza de cierra. Aquí pues, un famoso cazique llamado Tupamini, que quiere decir Dios pequeño, tiene sus tierras y vasallos y confina con los de otros muchos caziques. Quando el año de 31, el Padre Pedro Romero passo allanándole a Cristo todo lo que pudo penetrar en esta provincia. Alumbró también esta tierra con las primeras luces del Santa Evangelio y encendido en las almas de sus naturales deseos de hazerse xristianos. Pidióle el año siguiente de 32 este cazique volvisse a visitarles o les embiase algun Padre para este effecto. Cogióle esta embajada empedido con otros negocios de su officio y assi dexo orden en San Carlos al Padre Pedro de Mola, fuesse a consolar a Tupamiri y a entretener a sus piadosos deseos con buenas esperanças mientras Nuestro Señor nos proveía de algun obrero que embiarles. Hizo el Padre su mision aquele mesmo año y pudo prometerse de los felices principios muy buenos susesos para adelante. En el camino estava un pueblesillo de jentiles y en el un enfermo que otras vezes que el mismo Padre avia discurrido por allí se le avia siempre escondido, pero agora le atajo el frío que era muy riguroso para que no hiziesse otro tanto. Y aunque procuró ya que no pudo darle de lado con el cuerpo, escaparse del con engaño fingiéndose para que no le bautizase xristiano, pero Nuestro Señor que le tenía escojido alumbró al Padre para que averiguasse la verdad y convenciesse al enfermo para que el mesmo

pidiesse el Santo Baptismo. Administroselo con mucho consuelo suio y en breve fue a gozar de la vida de bienaventurada de que quería privarse. Aquí halló el Padre a Tupamyri que avia salido de encontrarle y aviendose los dos con gratulado con aquella vista desseada despachó el cazique algunos de sus vassallos delante para que diessen la nueva en su tierra, que fie aplaudida con general regocijo, y luego trás ello el Padre, el qual en una enconada que hazia un monte y pareció por entonces sitio acomodado para la población, enarboló con extraordinario regozijo las insignas sagradas de Nuestra Redempsi3n que veneraron todos postrados y oieron con demonstraciones de consuelo que ya conmençava a destilar en sus almas aquel fertilissimo arbol, los misterios que en en estaban encerrados. Y para gozar luego de sus preciosos frutos ofrecieron todas las indias sus criaturas, para que el Padre se las baptizasse. El qual, ofrecidas a Nuestro Señor estas primisias uvo de volverse a su puesto dexandolos a todos que hizieron harto por detenerlo, bien tristes con su ausencia aunque animados con las esperanças que les davan de tener en breve Padres. El mesmo año volvió a embiar el mesmo Padre Pedro Romero desde la reducci3n de los Apostoles a los Padres Francisco Ximenez y Ger3nio Porcel para que con su fervor avivassen aquel fuego sagrado. Hallaron en aquel lugar mucha gente que les recivio con las mesmas demonstraciones y el Tupamini les hizo una oraci3n muy afectuosa y retorica discurriendo por todos los miembros de su cuerpo y significando la alegría de que a todos con su vista les avia cavido parte. Trataron luego los Padres de dar principio a una Iglesia y los indios lo recibieron con tanto gusto que aunque les affligian los fríos y ponían impedimento las aguas y los mesmos Padres porfiavan con ellos, se fuessen poco a poco, pues podian aunque ellos se volviessen a acavarla despacio, ellos no quisieron desistir de la obra hasta dar acavada una Iglesia muy buena y capaz pareciéndoles que con esta prenda tenian seguros a los Padres. Detuviéronse los dos mas del tiempo del que llevaban determinado por averles impedido el passo las aguas y aunque padecieron mucho con los fríos y falta de lo necessario passando la vida con solos los mangares de los indios no estuvieron ociosos, porque todos los dias trocándose a vezes eslicavan a todos los jentiles con mucho aplauso suio los misterios sagrados y gastavan buena parte de la noche en instruir particularmente a los niños que suelen ser siempre las bien logradas esperanças del rebaño. Suelen por

su cortedad y natural encojimiento huir como se fuese algun coco, de los Padres pero atraídos agora con algunos donecillos les tomaron tanto cariño que nuestra casa, que también hizieron de nuevo no se vaciava de muchachos y acontecía despertar a media noche a sus padres las criaturas llorando, y no pudiéndolas acallar por que les llevassen a casa de los Padres y si alguna se encojia, las mismas madres las llevaba a nuestra casa y como forçandolas con la necessidad los desamparavan y se ivan a la labor de su campos. Críanlos a todos desde muy tiernos con una costumbre bárbara, dan al labio inferior un taladro y cuelgan del por gala un guesso grande y redondo que llaman en su vulgar; tembeta, y a vezes otros dos a los lados martirisandose por señalarse entre todos. Dijeronles los Padres que los niños que ellos criavan y enseñavan su ley, no traían aquellas insignias de bárbaros, no fue menester mas para que otro dia no apareciessen con ellos en la presencia de los Padres porque todos los avian arrojado en el fuego. Que todas estas son muestras de una adición extraordinaria a los ministros del Santo Evangelio y no es menor la que se sigue. Estava una India recién parida en su chacra lejos del pueblo y sabiendo que a la saçon estavan en el los Padres, ella mesma se puso con su criatura en camino, aunque era para ella por las muchas lluvias y achaques ordinarios del parto bien peligroso, y llegando a media noche se fue a despertar un alcalde para que se lo llevase luego y ofreciesse para el Santo Baptismo a los Padres y aunque el menos considerado no quiso inquietar su reposo, les dió aviso muy de mañana. Baptizaronla luego y dentro de pocas horas se la llevó para si el cielo por dichas primicias de esta xristiandad. A la tarde le ordenaron un entierro solemne con todos los niños del pueblo precediendo ernarbolada la insignia de nuestra salud y siguiéndose los Padres llenos de consuelo por verla triunphar y cantando con voz alta y respondienddo todas las oraciones y puesta al angelito su guirnalda de flores consagraron la nueva Iglesia al Señor con aquel santo depósito, dexando muy admirados a los gentiles que concurrieron a la novedad del espectáculo por ser nuestra santa costumbre tan diferente de la suia con sus difuntos como en lo demas, bárbara.

Todos los dias que aquí se detuvieron los Padres encontravan en el pueblo de nuevo dos y tres tropas de los gentiles comarcanos a hazerles instancia se quedassen en su tierra pero dándoles razon de como ellos tenian otras reducciones a su cargo y no podian desampararlas y consolandoles con bue-

nas esperanças se volvieron para los Apostoles dexando baptizados los demas infantes y en el camino tuvieron que ofrecer a Nuestro Señor de nuevo y sacrificio agradable olgándose con las nuevas que les dieron que avian estado sus vidas en grande peligro porque aquel hechicero Ivapiri avia instigado algunos de sus ministros para que fuessen a matarlos y ubieranlo ejecutado si Nuestro Señor; a lo que se pudo discurrir no les ubiera detenido con los adversos temporales. Y assi quando entraron en su pueblo le recibieron con mucha fiesta sus hijos porque, estaban sobresaltados por las nuevas que avian corrido de su peligro. Volvieron despues por varias vezes el mismo Padre Porcel y otros Padres, haziendo unas como breves correrías para alentarlos piadosos desseos de aquellos jentiles que estuvieron siempre muy constantes y socorrer a los que se hallavan en mas cercano peligro de ser arrebatados del leon infernal aunque como no era mas que arremetidas y les era fueça retirarse luego a sus puestos no pudieron estorvar que no pereciessen con entrañable dolor y desconsuelo suio un grande número de almas porque una hambre cruel acavo a muchos de todas edades.

Así se conservó este puesto hasta el março del año siguiente de 33, que el Padre Pedro Romero volviendo de fundar las reducciones de la Cierra de que hablaremos adelante concurrió allí con el Padre Francisco Ximenez que por orden suia avia acudido al mesmo tiempo de la reducción de los Apostoles Parecióle al Padre trasladar esta población a otro sitio por ser el que tenía, expuesto a los asaltos de los gualachos, que le caían muy cerca y por las espaldas, esta es una nación diferente de la que llamanos Guaraní de que están pobladas todas nuestras reducciones y que traen con ellos muy antiguas y crueles guerras. Corre desde aquí al septentrion hasta atravesar los campos del Guairá y es numerosissima y que abrirá al fervor de los hijos de la Compañía campo muy estendido en que espaciarse, en concluyendo con lo que tienen entre manos y por acercarla a un monte copiosissimo de los árboles de donde se coje la yerva tan importante para el comercio y usso destos indios y por otras comodidades, intimoles su voluntad a los Indios aunque estaban ya empeñados con sus casas que para reducirse avian levantado y chacras que tenian sembradas, a todo salieron por el desseo que ardía en sus pechos de vivir en compañía de los Padres. Aviasse de retirar el pueblo espacio de quatro o cinco leguas, y cogióles en este cuidado el tiempo santo de la Semana de la

Passion y por celebrarla con maior devocion y no dividirse los Padres porque no tenían mas de un ornamento para la missa dijeron a los jentiles se fuessen a labrar en el nuevo puesto sus campos, que el Padre Ximenez volvería despues de la resurreccion a poner en execucion la mudança. Mas los jentiles todos a una voz repondieron no se avian de menear de allí donde tenían ya el Sagrado estandarte de la Cruz si no iba uno de los Padres a enarbolarlo de nuevo en el puesto señalado, por que enviando ellos y sus migeres aquele sagrado madero tenían gran consuelo en sus almas con suia virtud, escrivo formalmente sus razones, llevaban fruto sus campos y que si no le vian levantado no se persuadirían los indios de la comarca que avia de aver allí pueblo y en viendolo se juntarían todos y ellos trabajarían con mucho consuelo y alegría y hasta que entonces no havian de poner las manos al trabajo: assi se uvo de hazer como ellos piadosamente pedían y el mesmo Martes Santos que se contaron 22 de março volvió a renovar sus gloriosos triunfos en el puesto nuevo el esclarecido y siempre vencedor estandarte. Volvió poco despues el mismo Padre Francisco Ximenez a executar la mudança de todo el pueblo al puesto deputado y lo que en ello le passo refiere en un capítulo de sua carta para el Padre Pedro Romero que dize assi: Partí como V.R. me mandó a visitar a Santa Teresa y llegué a tan buen tiempo que con la gracia del Señor efectué la mudança del pueblo y aunque estava reacia la parcialidad del cazique Quarae por el amor de su tierra y por averle dicho que también tendría Padres allí con todo la vencí y le desengañé diziendoles como no avia tantos Padres que pudiesen ir a su tierra, con este fueron volando y se dieron tan buena mania a hazer sus casas que antes que yo viniesse las tenian casi acabadas con que queda ya aquello en forma de pueblo. Luego començo a salir gente nueva del mbocariroy y matriculé 250 familias, baptize 50 niños y algunos enfermos que avia de peligro; de allí partí para San Joachim (luego hablaremos desta nueva reducción) y en el camino no faltó que padecer porque me cojio un temporal tan riguroso que me detuvo 6 días en que estuvimos para perecer de frío y hambre. Los dos días últimos estuvimos sin comer hasta que viendo el pleito mas parado y que no avia que comer aunque el tiempo no se aplacava ni seçava de nevar y granizar, dize a los indios: hijos yo ya no puedo sufrir la hambre y tengo obligación de mirar por mí y no dexarme morir assi, por tanto yo me quiero ir aunque mas frío haga; salíme del rancho granizando

muy bien y los Indios me siguieron, sacavamos fuego muy a menudo porque nos cortava el frío, con este trabajo llegamos a un rancho donde con providencia divina estava esperando un alcalde de San Joachim con mucha comida de mais y leña recogida para hazer fuego conque nos reparamos algun tanto. Hasta aquí la carta del Padre Francisco Ximenez, el qual volvió finalmente a 6 de agosto del mismo año en compañía del Padre Juan de Salas y a tomó de propósito a su cargo, y 12 días despues entró en ella el Padre Francisco Vásquez Truxillo que como Provincial que era y de ferviente zelo de la salvacion de las almas le dió el último complemento y la dexo corriente como las demás y aun estuvo bien a riesgo de perder su vida en la demanda que no es ajena advertencia deste lugar porque V.R. vea quanto en estas entradas y misiones afanan sus hijos, porque la mula que llevaba llegando a pasar un arroyo cerca de la reducción resvalo en unas piedras y caio con el Padre, que si no es socorrido uvo de estrellarse los sesos en las peñas pero caiendo sobre él le prensó la una pierna con un risco y aunque pensaron se le avia hecho pedaços la canilla no hizo mas que molerle un pedaço de la carne que se fue pudriendo y abría una honda llaga hasta el hueso, y estuvo mes y medio sin poder afirmar el pié en el suelo, y luego se le recrecieron unas ardientes calenturas que le pusieron a las puertas de la muerte, por no aver en aquellos desiertos espasiosos otra medicina ni unguento que el de la providencia amorosa de Nuestro Señor que es para las dolencias de sus siervos en sánalo todo. Y aun despues le duraron por largo tiempo algunos relieves que dexo su mas como por gloriosos tropheos. Pero los mesmos gentiles que se convocaron muchos y salieron alborozados de su secretas guaridas a la fama del Pay Guasu, como ellos llaman, que es lo mismo que gran padre y avian hecho en su recibimiento grandes regozijos y fiestas abriendo y allanándole nuevos caminos a fuerça de braços, hizieron extraordinario sentimiento por su desgracia, testimonios muy auténticos del entrañable amor que aun antes de avernos comuniado nos tienen. Y le forçaron a dexarse llevar todo lo restante del camino, que fue de la reducción de Santa Teresa hasta dar vuelta a las demás de la Cierra muy fragosos y muy largo, tendido en una red en sus hombros por no poder de otra manera dar passo y compitieron muy porfiadamente entre sí, sobre querer todos poner sobre los suyos la carga.

Pero volviéndonos a la nueva población de Santa Teresa (que se le dió esta



advocación y apellido a devoción del Gobernador de Buenos Ayres, hijo del señor Marques de las Navas, que se gloria de tener por su deuda a esta esclarecida Virjen y es de su jurisdicción toda esta provincia del Uruay) con su favorable amparo y industria del Padre Ximenez y su compañero, que han trabajado en su cultura con señalado fervor, está presto de mil aunque por no tener aun en el nuevo sitio vastante vituallas se van poco a poco avezindando, pero es grande la muchedumbre de gentiles de la comarca.

Aquel mismo año de 33 bautizaron mas de 400 infantes y en el articulo de la muerte algunos adultos y para darles Nuestro Señor a desear este sacramento tambien a los sanos ha comenzado a obrar por su respecto algunas maravillas. Una buena india acudia todos los días a la doctrina con deseo grande de hacerse xristiana pero quando se estava disponiendo le saltearon los dolores y tuvo un revezado parto que le rovo el sentido de repente y dexo como muerta, su marido pensó que verdaderamente no estava y fue a medianoche a despertar uno de los Padres, en qual advertido aunque el indio afirmaba que ya la dexaba muerta fue con harta pena a certificarse. Hallola sin indicación alguna de vida, con todo eso hizo que le pudiessen la mano sobre el corazón y certificandole que le sentían unos muy sutiles latidos. Satisfecho ya de sus fervientes y antiguos desseos del Santo Baptismo se lo administró a la mesma hora y ofreció una misa por su salud a Nuestro Glorioso Patriarca, en qual le alcanso sin duda la vida, por lo que importava acreditar entre los infieles este sacramento santo, porque luego que fue vañado con sus vitales aguas comenzó a respirar y poco a poco, a cobrarse de suerte que volviendo el Padre muy de mañana la halló con perfecta salud y dando el pecho a la mesma criatura, la qual también estuvo de allí dos días tan al cavo que ya su madre la llorava como muerta, bautizaronla y luego tomó el pecho y estuvo sana.

A otro Indio tenía puesto a las puertas de la muerta un recio de dolor de costado y aunque era catecumeno se le avia dilatado el Santo Baptismo porque fuera de su legítima muger tenia una manceba y en ella un hijuelo que el amava con extremo y avia de sentir a par de muerte el dexarla, pero agora la hechó con grande resolución de su casa y dió muchas muestra de arrepentimiento verdadero. Hicieronlo con esto cristiano y luego comenzó a mejorar y dentro de dos días se paseó bueno y sano habiendo igualmente alcanzado la salud del cuerpo y la del alma por el Santo Baptismo para el qual se van

disponiendo todos los demás infieles.

Ha quedado esta reducción asentada sobre una costanera de un monte en las cavesadas del famoso rio Igay de que luego daremos noticia en un puesto muy ameno y apacible vañado todo de xristalinos manantiales y arroyos y coronado de hermosissimos pinos que vencen a todos los que conocemos en Europa y parecen de otro linage descuellan sesgos y derechos 34 y 36 varas que parecen empinarse a las nuves y tan redondos y parejos como se los uvieran dado al torno su hechura, en selvas inmensas que ay de ellos no se hallará uno que tenga alguna exorvitancia o tercedura. Arroja por toda la circunferencia del tronco a trechos iguales de quatro en quatro y de cinco en cinco las ramas que se estienden tan a compás que parecen que son lineas con proporción de un mesmo centro tiradas de suerte que vienen a formar una espaciosa y agradable tasa, que quando mas esta lisongeando la vista, se quiebra y haze pedaços, porque al paso que el árbol va descollado y creciendo, degaja y dexa caer en tierra estas ramas, parece que como queriendose alçar con el fruto que porque no se lo escalen lo haze fuerte y defiende en la copa empinada. Aunque prevalece con todo esso la industria humana amaestrada de la hambre que les enseña a estos Indios a subir sin advertir en su peligro, aunque lo tienen bien grande, trepando abráçanse con el tronco que no lo pueden comunmente abarcar dos y tres hombres, y ciñense pegados con el por la cintura con una fuerte amarra, dejando el cuerpo holgado de industria, tiran luego quanto pueden alcanzar aquella misma vuelta por el arbol arriba hasta quedar el cuerpo en el por aquella ventaja fuertemente apretado y tirante, y sustentando de la misma amarra que le sirve como de fiador para que estribando con manos y pies, le de alcance, y dessa suerte se levanta y va ganando del liso tronco quanto tiene de largo, hasta llegar a depojarle del fruto, que son unas piñas parecidas a las que se ven en Europa, pero mayores que la cabeza de un hombre y los piñones aunque mucho mas desabridos, mas crecidos que los dientes de ajos, y son de mucho sustento, y que arma bien al estomago. Las ramas que se van desgajando dejan todo el tronco como tachonado con arte, de unos nudos tersos y duros de color encendido que despues labrados al torno compiten con el Indiano marfil en el resplandor y lisura.

[...]

*DIEGO DE BOROA*

## **ANEXO E**

**CARTA DO PADRE FRANCISCO XIMENES PARA UM SUPERIOR, DANDO-LHE  
CONTA DE UMA ENTRADA AO RIO TEBICUARI<sup>340</sup>**

Santa Teresa, 4-II-1-635.

Pax Xpti. etc.

Todos los Villetes que V. PE. me a escrito despues que partió de Sta. Ana con el P.e Prov.al los recevi ahora juntos quando bolvi desta mi Mission y assi no se espante V. R.a que ni aya respondido ni executado lo que en ellos me manda; y de lo q por aca passó antes de partirme di aviso a V. R.a en dos o tres q despache por S. Carlos, en una cosa me descuide (que V. R.a me manda casi en todos estos villetes) en despachar el anua, de lo qual estoi tan corrido de aver caido en falta con V. R.a que esso mismo me a de servir de memória para q otra vez la despache adelantada.

Parti a 3 de Enero deste ano en prosecucion de lo q el Pe. Prov.al me dexó ordenado, a hazer una entrada a esta infidelidad para proponerles la palabra dei S.or y procurar se reduxessen, y gaste en ella 24 dias, entre por el Capii, 5 dias de camino de aqui, donde me embarq y en médio dia sali al Mbocariroi por el qual en dos dias sali al Tebiquari, por el qual navegue 3 dias, y sali al Mboapari donde dexe las canoas (por estar mui baxo) y en cinco dias bolvi a esta rred.on. Los demas dias gaste en varias salidas que hize a los montes, desde el rrio donde la gente se juntaba a oir mi embajada.

Parezeme que toda la gente que por aqui ai por reduzir seran como dos mill indios, y si sus tierras fueran a proposito desta vez me parece los dexara reducidos en 3 puestos. Capiyi, Yuyisti (montes q estan sobre el Tebiquari) y en la boca dei Mboapari porq en estos tres puestos en particular halle gran numero de gente junta, y con increíble desseo de que les levantasse Cruz. pero no

---

<sup>340</sup> Versão publicada pela Biblioteca Nacional (Manuscritos da Coleção de Angelis. Documento 1-29-1-47). Apud CORTESÃO, Jaime (Org). *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. Manuscritos da Coleção de Angelis. Volume III. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 97-100.

nos esta a cuento porq la tierra es fragossissima, sus caminos infernales, no ai campo donde tener 4 bacas, y sobre todo es el cutidero de los Tupis, como despues dire. Universal.te la gente me recibió bien, y con grandes muestras de alegria, aconteció juntarseme 34 canoas, en que avria casi duzientos indios, que embijados y emplumados a su usança, esparcidas por el rio las canoas causaban agradable vista. Tambien cada qual con su instrumento bellico, y todos con su confussa griteria hazian temblar la tierra. desta manera me acompanaban de un pueblo a otro, ya en mayor, ya en menor numero.

Lo que conclui con esta gente es lo primero que a la gente dei Capyyi y Mbo-cariroi determinadamente le dixe avian de reduzirse a la Visitacion, porque no se ponga en contigencia aquella rred.on y mas de 150 indios se hizieron luego escribir para alia, y me parece q lo cumpriran porq son buenos caciques, y salieron de suyo a ello; mas de 300 indios dieron en q avian de estar aqui en S.ta Teresa, ni pude inclinados a la Visitacion, porq dicen q no ai alli aun comida; mas puesto alli Padre yo fio que muchos dellos . . . alia y que ni esta rred.on los a menester ,ni puede tener tanta gente. Los demas índios q de suyo no salieron a reduzirse en una destas dos rred.es dexe assi sin matricular diziendoles q poco a poco conozerian lo q les estaba bien, y seguirian a sus parientes.

La gente deiTebiquari estava aun mui poco dispuesta y nada afecta a nosotros, y assi no trate mas que de ganarlos. hable y procure ganar los caciques de mas nombre (que no me costó poço darles alcance, porq toda la gente, assi como yo llegava se huia por los montes) y truxe algunos conmigo, y los e regalado, y despachado contentos. Entre el Tequijiy y Mboapari sobre el Tebiquari, y los montes a dentro, donde es cacique principal Naee, a quien embie a hablar a V. R.a al Piratini, (auriq por tardar V. R.a se bolvio sin hazerlo) ai mucha gente, y estaban, en q les avia de levantar Cruz. yo les propuse las dificultades q avia, y que si querian tener Padres saliessen desta parte deste monte: ellos quedaron en juntarse los caciques y venir a ver donde les estava' bien hazer su pueblo, y creo que lo haran, porq ellos ya conozen el mal q los espera, y q les es fuerza dexar sus tierras, y venir a buscar su remedio.

Quedavame por ver los principios dei Tebiquari, Caramatai, Yequijyi, etc., donde esta la mayor parte de la gente, que de hazia el mar se a retirado, mas, yo y mis companeros estabamos cansados, y aviendome dicho q Topeci q vande a toda esta gente, avia salido a verme (aunq no fue assi, y solo me embió buenas palabras) me pareció bolverme, para tratar con el que hiziesse este pueblo, q se pretende aya entre esta rred.on y S. Carlos, porqu solo el me parece le puede hazer, mas a ser necessário dar nosotros algun principio en la manera, que trate con V. R.a, que de otra manera quien a de querer venir a esse desierto? sin fundamento alguno de comida? Y aviendolo no será impossible hazerse porq toda esta gente está desventuradissima, y mui falta de comida, y este ano se les a secado todo el maiz lo qual e visto yo por mis ojos, que me causó no pequena compassion. de manera q a tener esta rred.on falta de gente, o sobra de comida con mui poca difficultad pudiera aver sacado conmigo quanta gente quisiera.

Conforme al orden dei P.e P.al no Baptize las criaturas desta gente, solo Baptize 250 criaturas de los q en el Capijyi y Mbocaroi quisieron matricularse para la Visitacion y S.ta Teresa, de la demas gente solo Baptize algunas criaturas enfermas, y otros 5 ó 6 adultos assi mesmo enfermos. No dexare de dezir a V. R.a como Baptize dos destas criaturas y como Dios las tenia predestinadas.

Caminando por el rio me encontraron unos indios q venian a la yerva en su canoa y canoa y aviendoles preguntado quienes eran y de donde venian les despedi, y despues... endo, q no les avia dado alguna cosa, como solia a los demas, hize bolver mi canoa atras, y llamarles, y passando su canoa a lo largo de la mia iba dando a los q en ella estavan unos alfileres y llegando la mitad de la canoa a parte unas. . . con curiosidad de ver lo q avia encubierto, y vi una india q al parecer estava muerta, y una criatura seca como um esparrago a los pechos. Baptize luego la criatura, y di de comer a la madre q de hambre estava casi para morir, y la hize llevar a um pueblo de indios donde me detube dos dias. la criatura murió, y la madre con el cuidado q tube delia bolvió sobre si, de manera q q.do me parti me pareció quedaba fuera de perigo. Otra criatura mui

enferma en el Tebiquari me la defendia su Padre para que no la Baptizasse; no e topado indio, q mayor resistencia me haga en cosa alguna que este. En fin le engane con dadivas, y q.do estava baptizando la criatura, me estava el indio como amenazando: mira (me dezia) que no le venga mal a mi hijo. yo le asegurava, q no le vendria sino mucho bien, y yo entiendo, q ya le tendrá en el cielo.

Con estos, y otros casos de consuelo (q por ser semejantes no especifico) se passó este camino con gusto librandome Dios de vários peligros en particular en uno reconoci la particular provid.a dei S.or y fue assi: q yendo subiendo una cuesta mui agria me canse,

y para sustentarme pedi a un indio q conmigo iba una lancilla, q llevaba en la mano, y. endo caminhando se me enredo entre unos isipos de manera q al sacaria se cayó el hierro de la lança, y porq no se perudiesse mande al indio, q le guardasse para tornarle

después a poner y clavar :después baxando otra sierra alargue el hasta de la lança para afirmarme, y al mismo tiempo se me enredaron los pies en la maleça dei monte, y cai de pechos sobre la hasta de la lança con tanta fuerça, q crei me avia lisiado de manera q a no averse caido el hierro de la lança con particularp rovidencia de Dios, me la atraviesso por el cuerpo sin remedio.

Dos mercadores, o mus de los Portugueses halle por estas tierras. el uno estava sobre el Mbocaroi y se llama Ibiraparobi. estè enfadado dellos, dexo ya su mal trato hablele y ganele de manera q me acompaño tres dias con muestras de grande amor y queriendolo el assi, matricule la gente q se le avia allegado para la Visitacion donde me dio palabra de reduzirse, y creo lo cumplira. El otro se llama Parapopi, y esta en el Tebiquari, 4 léguas mas baxo de la boca dei Mboapari. Este es grandíssimo bellaco y el q a vendido toda esta nacion. a el vienen a parar todos los Tupis assi por el rio como por tierra (y los q V. R.a cogió a el venian, y ya yo tenia noticia de su venida) dei fian los Portugueses todos sus rescates, y de su casa parten todos los anos las flotas de miserables cautivos, q llevan los Tupis por tierra (por donde me dizen solo tardan 5 dias hasta el mar). Yo iba con intento de traerle por fuerça si de su voluntad no quisiessse venir conmigo. mas no se q indio se me adelantó, y de

noche le dió aviso y se huyó con algunos Tupis q consigo tenia, hizele quemar la casa y. destruir q.to se pudo la comida, para q se baya de alli.

Con esto me bolvi a casa, donde e estado estos 8 dias indispueto de calenturas, mas ya gías al Senor quedo bueno, y com entera salud para todo lo que V.R.a me quisiere mandar. En los SS. Sacriff.05 de V. R.a mucho me encomiendo. Sta. Teresa v febrero 4 de 1635.

*Fran.CO Ximenez.*

El annua dei ano pasado que venia con esta abierta, detengo aca.



## **ANEXO F**

## CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY 1637-1639<sup>341</sup>

Cartas segundas algún tanto más corregidas que las primeras  
Cartas anuas del Paraguay de los años  
1637 – 1638 – 1639

El P. Francisco Lupercio de Zurbano, Prepósito Provincial del Paraguay, saluda a los Muy Reverendos Padres en Cristo Nuestro Señor, Asistentes de las provincias de Francia y de Alemania.

Al recorrer poco há, mis amadísimos Padres, las regiones del Paraguay, me fue dado conocer el espíritu y fervor que durante muchos años ua pasados, desplegaron vuestros hijos fervorosos y hermanos nuestros enviados en la ayuda de los indios de este provindia. Al mismo tiempo pude comprobar su celo ardoroso por las almas, tanto que me sentí inflamado por él para pedir encarecidamente tales ministros de Jesucristo, sobre todo ahora que se apresenta la oportunidad tan favorable de la ida a Roma del Procurador de esta provincia. Pues en ocasión semejante, otros tres Provinciales alcanzaron el bien tan grande de que gozamos. Y no sólo espero que vuestras provincias no se mostrarán menos compasivas y generosas conmigo y con esta provincia, a la que acostumbraron favorecer con tantos de entre sus más esclarecidos hijos, sino que, al contrario, las encontraré más generosas y prontas para otorgarme igual beneficio. Y a fin de que se animen a llenar mi deseo muchos que ansían entregar-se a Dios y a su servicio aquí entre los indios, os escribo estas cartas anuas, rogándoos que las hagáis leer en vuestras provincias. Pues tengo plena confianza que estas cartas serán gratas no sólo a vosotros, sino también a cualquiera que las leyere imbuído del espíritu de piedad. No falta en ellas variedad de motivos, ya de alegría, ya también de tristeza. Narran hechos esclarecidos de los colegios, llevados a cabo en honor de Nuestro Señor Jesús; los vaivenes de la fortuna y el estado próspero de nuestros ministerios, en medio de los contratiempos con que nos prueba Cristo. Aquí

<sup>341</sup> Versão transcrita e publicada por Ernesto Maeder. Apud MAEDER, Ernesto (Org.). *Cartas ânuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay 1637-1639*. Buenos Aires: Fundacion para la Educacion, la Ciencia y la Cultura. Buenos Aires, FECIC, 1984, p. 23-25; p. 74-82.

se ven fielmente referidos los muchos, grandes y fructuosos trabajos, que nuestros operarios en la viña del Señor han acometido por la salud de las almas en la región del Tucumán. Pero en lo que más se alargan, aunque sin descuidar el laconismo compatible con la claridad, es en la narración de los acontecimientos del Paraguay. Se cuentan las batallas y las victorias; las aflicciones, las pestes, los dolores, las enfermedades con las muchísimas muestres que producen; las hambres y por fin la índole tan varia de los indios, sus inclinaciones y la dificultad que hay en subyugar naturalezas tan rebeldes como son las de algunos de ellos. El conocimiento de todo este enardecerá a los más animosos en Europa y avivará en muchos el deseo de venir a estas regiones. Pues es cosa sabida y vosotros, amatísimos Padres, bien lo comprendéis, que los ajemplos preclaros de varones insignes han tenido siempre una gran eficacia para animarnos a emprender difíciles empresas. Así César, contemplando la estatua de Alejandro Magno y recordando su gloriosísima juventud, lloró, como teniéndose a sí mismo de ánimo apocado, y por no haber llevado aún a cabo, siendo ya hombre, aquellas grandes hazañas que la fama atribuía a Alejandro durante su juventud. Y el mismo César, según lo refiere Suetonio, mandó colocar públicamente en uno y otro pórtico del foro estatuas ecuestres que representasen a los hombres más ilustres a manera de triunfadores, a fin de que él, los demás próceres y la posteridad se formasen según los ejemplos de aquellos, les imitasen en sus costumbres y se moviesen a emular las hazañas de aquellos cuyas imágenes contemplasen gustos, reverentes y llenos de deseos de llevar a cabo hechos semejantes. Y pasando con más alto y cristiano acuerdo a recordar hechos ilustres consignados a las Sagradas Escrituras ¿ qué motivo especioso y que engañosa reflexión incitó a los émulos de los Macabeos a tomar ellos también las armassen contra de los enemigos constituyéndose en defensores del pueblo de Israel, si bien con infausto suceso, por no ser ellos de la raza y estirpe que Dios había escogido para la salvación de su pueblo? ¿Acaso no les sirvieron de poderoso acicate para combatir el haber conocido las gloriosas batallas libradas por los Macabeos y las célebres victorias que ellos habían logrado contra innumerables y poderosísimos enemigos.

Portanto, como quiera que en estas cartas se proponen a la vista, como en un pintado cuadro, tantas y tan ilustres hazañas realizadas por vuestros hijos

en Cristo, en busca únicamente de la gloria de Dios y salvación de las almas, y eso a costa de trabajos y sudores y en medio de continuos y evidentes peligros de perder la vida ¿cómo es posible que no se conmuevan vuestros súbditos? ¿Y quién puede dudar que se avivará vuestro amor para con estos pobrecitos indios, y que por todas vuestras provincias cundirá una santa emulación por venir en ayuda nuestra? Ciertamente que es de esperar que la lectura de estos hechos edificantes contribuirá a despertar y avivar más y más la llama de vuestro celo ardiente y los deseos vivísimos que muchos abrigáis, sin duda, de partir desde Europa para estos lejanos países.

Recibid, pues, nuestros cordiales saludos, ¡oh Padres tan deseados, y como los Patronos más selectos de esta Provincia! No dejéis de consolarla con vuestros valiosísimos consejos, de favorecerla con vuestra poderosa y oportuna ayuda, y de socorrerla sobre todo, con vuestras fervientes oraciones, tan aceptas y eficaces ante el divino acatamiento. Una y mil veces adíos, Padres amadísimos en unión de vuestras respectivas Provincias.

Córdoba, 1 de junio del año del Señor 1644.

Vuestro siervo en el Señor.

### **CARTAS ANUAS DE ESTA PROVINCIA DEL PARAGUAY:**

*Contienen los hechos notables que se han realizado por los esfuerzos de la Compañía de Jesús en servicio de Dios nuestro Señor por el espacio de estos três años, 1637 a 1639. Se envían a Roma a nuestro muy reverendo Padre General de la Compañía de Jesús, Padre Mucio Viteleschi, de parte del Padre Provincial de esta Provincia, Padre Francisco Lupercio de Zurbano, en Córdoba del Tucumán.*

Algo atrasadas llegarán estas Cartas, muy reverendo Padre, pues debían enviarse hace ya tres años; cuando llegué a esta Provincia, hice lo posible para despacharlas. Pero sobrevinieron muchos estorbos imprevistos, que impidieron el cumplimiento hasta de nuestros deseos más apremiantes, Ya en 1637 había ido a Roma el Padre Procurador Francisco Díaz Taño, y el Padre Provincial de entonces, Diego de Boroa, tenía que hacer su viaje de Visita por la Provincia, dejando ancargada la redacción de esta Carta. Frustróse este

pedido por los transtornos que sobrevinieron. Tal vez influyó en el fracaso cierta lentitud en suministrar las informaciones necesarias de partir de los Rectores de los diferentes colegios. El caso en que mientras de nuevo puso mano a la obras el Padre Diego de Boroa, recibí en Lima inopinadamente las Letras Patentes de parte de Vuestra Paternidad que me nombraron Provincial de esta Provincia apostólica del Paraguay. Me fue forzoso acatar esta órdenes, siendo ellas la expresión de la voluntad de Dios, aunque me parecían mandar una cosa muy difícil y poco proporcionada a mis fuerzas tan limitadas. Dejé mi cátedra de teología, subía a caballo y me encaminé hacia acá, haciendo un difícilísimo viaje, de unas quinientas leguas. Salí de Lima a fines de mayo, y casi en línea recta, dejando a un lado la ciudad de Potosí para no demorarme, trepé por las montañas casi inaccesibles, y llegué con el fervor de Dios, al feliz término por setiembre. Inmediatamente comencé la Visita de la Provincia. Encontré entonces que todavía no estaban redactadas definitivamente estas Cartas Anuas, disculpándose el atraso por las circunstancias desfavorables. Reunidas por el Padre Boroa, conocedor de la región paraguaya desde el Tucumán, las envió por fin. Ahora pude completarlas. No pude enviarlas el año pasado porque estuve ausente, y no se las pude terminar. Nada llega a feliz término si no se lo emprende con espíritu esforzado. Bien, me alegre; llegadas a su término, van para allá, pasado el 1643, el 5 de febrero de 1644. Con estas Cartas Anuas presento a los ajos de Vuestra Paternidad los piadosos y gloriosos trabajos de sus hijos. Estoy persuadido de que, como me conmovieron a mí, así impresionará no menos este espectáculo a Vuestra Paternidad y a toda nuestra Compañía, y como a mí me han estusiasmado, así excitará el celo de otros. Parece que esta Provincia es la vanguardia de la Compañía, fervorosisima, admirable, realizando grandes hazañas, no solamente sus jefes, sino también los soldados subalternos, siendo los jefes sumamente solícitos, vigilantes, edificantes, y los soldados incansables, valerosos, ávidos a emprender cosas difíciles, constantes en los sufrimientos, impávidos en los peligros, cuando se trata de la salud de las almas, prontos a haces cualquier sacrificio, pareciendo como hechos para todo esto y predestinados a emprender cosas grandes para la gloria de Dios nuestro Señor y para la salud de las almas. Tienen tal celo que no me parece exageración cuando afirmo que ellos buscan la salud de las almas con tanto fervor como si tratara de salvar su propia alma.

Comencemos pues con la misma narración de los hechos. Estos consisten en lo acaecido aquí desde la fecha de la partida del Padre Procurador a Roma, por el espacio de tres años, reduciéndose la narración a lo más necesario, interesante y edificante, dejando a un lado todo ulterior adorno, y lo menos importante. Pero lo acaecido durante mi propio gobierno, esto, con el favor de Dios, lo referirán las Anuas que en otra ocasión se enviarán, si no sobrevienen algunos contratiempos en el viaje, o de parte de los adversarios.

Brevemente se puede decir que nuestros operarios han trabajado con éxito y constancia tanto en Tucumán como en el Paraguay. Los sujetos de esta Provincia son por todo 143 repartidos en las 24 reducciones del Paraguay y en los 8 colegios de la Provincia. A la vuelta del Padre Procurador, el mismo día de Navidad de 1639, vinieron con él otros 28 sujetos más, muy bienvenidos para ayudarnos en los trabajos que más abajo se ancionarán. Hubo en este período 9 muertos, que esperamos estén ya en la gloria. En su lugar entraron aquí en la Compañía 14 novicios en parte para hermanos escolares y en parte para coadjutores. Todos son gente fervorosa en el servicio de Dios, en la propia santificación y en el cumplimiento de las santas reglas; todos son buenos hijos de San Ignacio. A todos es común un gran entusiasmo por las misiones entre los indios. Este buen espíritu de los nuestros me alivia un poco el cargo de gobierno. Se manifestará este buen espíritu en lo que voy a contar de cada colegio en particular y de cada una de las reducciones de indios, lo que resultará interesante a cualquier persona que lo oiga en Europa.

[...]

## **LA REDUCCIÓN DE SANTA TERESA**

Era esta reducción la más importante, teniendo 1.200 familias y muchas provisiones, y diariamente creció con advenedizos, atraídos de todas partes.

Tranquilamente estaba gozando de su prosperidad cuando al acercarse los salteadores, comenzaron nuestros Padres a temer graves daños para esta noble reducción. En estas circunstancias les parecía preciso trasladar la reducción a un paraje menos expuesto. Los mismos indios reducidos, empero, no querían por nada abandonar esta, su tierra, tan hermosa, ventajosa, cómoda y querida, aunque no todos habían nacido allí. Pero Dios, que sabe todas las

cosas, les dió claras señales de los males que les amenazaban, para que con más docilidad siguieran los consejos de los Padres relativos a la transmigración. Venerábase en la Iglesia de Santa Teresa una imagen muy hermosa de la Virgen, Madre de Dios. En el año 1636, el 18 de Diciembre, día en que en España se celebra la fiesta de la Expectación de la Virgen, comenzó a derramar abundantes lágrimas, del ojo derecho, el cual se dirigía hacia la región del Brasil hostil. Causó este prodigio no pequeño horror a todos, ya que indicava a este pueblo un peligro muy grande.

En realidad, este mismo día y mes del año siguiente de 1637 este pueblo fue saqueado por los bandidos lusitanos. 200 paulistas, ayudados por 500 indios tupís, a manera de una manda de lobos infernales, invadieron este noble rebaño de Jesucristo, sin hacer caso del temor de Dios, sin lástima ninguna con esta pobre gente desnuda, y con una atrocidad que parece haber sido inspirada por Luzbel, príncipe de los demonios. Estos hombres bestiales, o más bien tigres infernales, se llevaron unas 4.000 almas a un acampamento poco distante. Allí vejaron a estos miserables más que lo acostumbraban los egipcios, maltratándolos con múltiples suplicios.

Acercóse la gran fiesta de Navidad y ¡he aquí cómo la celebraron estos piosos bandidos! Con velas encendidas, como para honrar a Dios, se van a nuestra iglesia, y asisten al servicio divino, como si no se huberan acordado de las barbaridades que habían cometido, profanando más bien de este modo la fiesta, y perturbando el carácter festivo de la misma.

Tomó ocasión de estas circunstancias uno de nuestros Padres, para hablarles desde el púlpito, y fácil es supones, con qué fervor y gravedad, aunque en vano. Pues, ¿qué fruto podían sacar estos hombres perdidos de la palabra de Dios? A nuestros Padres no quedó al fin otro arbitrio que salir de la iglesia con el más grande dolor del corazón. Sólo con la mayor indignación podían contemplar a sus encomendados cargados con cadenas, hechos esclavos de unos perdidos, condenados a trabajos forzados a los mismos que poco antes habían sido ganados a Dios nuestro Señor después de indecibles trabajos de parte de los misioneros, y a los cuales habían visto servir a Dios y la Virgen, y procurar la salvación de sus almas.

Añadióse a esto que a nuestros Padres ni siqueira des era permitiedo asistir y aliviar a los enfermos.

Menos permitían aquellos desalmados, más fieros que bestias, que los sanos fueran a la iglesia, que se confesaran y buscaran la tranquilidad de su conciencia. Ya no tenían estos miserables ningún consuelo ni alivio. Ya que todo parecía perdido, pensaban nuestros Padres salir de allí, no pudiendo por más tiempo sufrir tanto dolor. Aquellas maldades iban a costarlos da vida. Aconsejaban a los Indios cautivos que procurasen escaparse cuanto antes.

Así se hizo. Un centenar de ellos con los suyos lograron retirar-se a parajes más seguros. Los otros se conformaron con su suerte, no oyendo los consejos de los Padres. Retiráronse los Padres a la reducción de San Nicolás, destruida por los mismos bandidos, al igual que las reducciones e San Carlos, San Pedro y Pablo, Santos Mártires y Candelaria, consumándose así la maldad de aquellos hombres perdidos.

La victoria había hecho a los brasileños más insolentes, después que se habían enriquecido con los despojos de los cristianos (que más bien eran robos pèrfidos, no ganados por derecho de la guerra, sino por el furor de salvajes y con impiedad infernal). Reanudaron la guerra el once de Febrero del siguiente año de 1638.

Su ejército se había aumentado con un buen número de combatientes, atraídos por la fama del gran botín pasado. Se formaron en batalla en tres pelotones y avanzaron por la campaña formados siempre militarmente, pasando no muy lejos de las recién destruidas reducciones, a son de tambores y clarines, alborotando toda la comarca, menos a nuestro ejército de unos mil indios de nuestras reducciones, los cuales otra vez trabaron pelea por Cristo y la libertad, en guerra justísima, contra aquel poderoso enemigo, atacándole valerosos como leones. Cinco horas largas se peleó furiosamente de parte de ambos contrarios, hasta que fueron derrotados los enemigos, puestos en desorden y precipitada fuga.

Esta era la segunda victoria. Buen número de lusitanos cayeron, para no levantarse más a pelear. Mayor número quedó herido y se escaparon a sus trincheras. De nuestros soldados cayeron sólo cuatro, y 80 quedaron levemente heridos. Así, con el favor de Dios, venció nuestro ejército, el cual en triunfo volvió a sus reducciones, dando gracias al Señor de los Ejércitos.

Los lusitanos empero, con esta tremenda derrota que era la segunda que sufrían de parte de los indios, procuraron ponerse a salvo, eligiendo por re-



fugio la reducción de San Nicolás recientemente destruida por ellos, donde descansaron, y curaron a sus heridos. Llenos de perfidia como están, y no tomando en cuenta la justísima ira del Todopoderoso contra ellos, ya que no prevalecieron por las armas, se sirvieron otra vez de sus acostumbradas artimañas para engañar a los indios. Había entre los indios de su séquito un hechicero, semejante en maldad a ellos, al cual enviaron a nuestros soldados indios, para que con sus diabólicas astucias los atrajese y los persuadiese a desertar y abandonarnos. Puso mano a la obra el impostor solícitamente, para vencer a los vencedores, y hacerse benemérito delante los lusitanos. Nada sacó el ministro de Satanás con los campeones del Señor, cayendo él mismo en la trampa que había puesto para otros. Al comenzar a criticar a nuestros Padres, le toman preso, cargándole de cadenas, como merecía.

Cuando los paulistas notaron que su intento les había salido al revés, volvieron a la carga con otra artimaña, a su parecer de más aficacia.

Envían a una mujer, india muy astuta e experimentada en el arte infernal de seducir.

Esta acercóse atrevidamente a nuestros campeones fieles de Cristo nuestro Señor, y soltó su mala lengua, para ver que podía conseguir con sus armas carnales, como si peleara la carne contra el espíritu. Dios asistió a los suyos, y todo el mundo, los suyos y los nuestros comenzaron a burlarse de aquella miserable, pues pronto se habían aburrido nuestros soldados de semejante desvergüenza, y tambien tomaron presa a esta segunda embajada. Al mismo tiempo, se burlaron de los paulistas, felicitándoles por esta su generala tan veliente y por esta embajada tan prudente y capciosa.

Verdaderamente, este caso pinta al natural su modo de ser, ya que no podían enviar embajada más semejante a ellos. Viéronse descubiertos los brasileños, y se dieron cuenta del carácter firme de nuestros soldados.

Mientras tanto, por otros caminos, el Padre Pedro Romero había enviado una carta al Padre Superior de todas das reducciones, pidiendo socorro contra los paulistas, avisando que él pronto vendría con una numerosa tropa de auxiliares, en número de 1.500 soldados; así esperaba poder expulsar al enemigo de toda la región del Paraná y Paraguay. Así pensaban todos los indios, y Dios los había de ayudar en sus intentos.

El correo llevó esta carta a su destino, pero en el camino tropezó con los

espías enemigos, que vagaban por aquellos campos. Viéndose atacado con las armas, se puso a defender con valor, juntamente con sus compañeros de viaje. Los espías huyen asustados, mientras nuestros indios los persiguen para matarlos. En la refriega se perdió la valija con las cartas, y, com se vió, por especial Providencia de Dios. Cayeron las cartas en manos de los enemigos, causando entre ellos gran consternación. Apenas habían leído das cartas y comprendido el intento de Romero y de sus indios, cuando sin demora iniciaron su retirada. Tenían guardado su botín en un fortín cerca de San Nicolás, y esperaban aumentarlo. Hacia allá se refugiaron agora, temiendo, no obstante sus poderosas armas, a los desnudos Indios.

Eregieron allí siete fotrines con las vigas que sacaron de la iglesia de Apóstoles, siendo esta nueva barbaridad más bien obra de herejes que de católicos. Dejémoslos ahora tranquilos en sus trincheras, y volvamos a nuestros Padres, y a la narración de algunos hechos gloriosos realizados por los indios.

Esta nueva Iglesia de Cristo tiene mucha semejanza con aquella antigua de los hebreos, en su modo de guerrear con los enemigos, y conquistar la tierra de promisión. A los hebreos pareció muy natural, seguir a su jefe Moisés, el cual gobernaba la iglesia, y organizó el orden público, procurando al mismo tiempo la salud de las almas. Ya he referido arriba algunas particularidades de este estilo, y en adelante tengo que referir más de esta clase. Por ahora mencionaré brevemente la solicitud de nuestros Padres en procurar el bien universal de sus encomendados. Durante los combates de los indios por la gloria de Dios y su propia defensa, estaban entregados los Padres a fervorosa oración. Ofrecían misas y mortificaciones al Señor, ya que se hablaba de la divina gloria y de la salvación de los Indios. Por estas armas espirietuales bien sabían comunicar una fuerza irresistible a los proyectiles de fierro, lo que ya los israelitas habían experimentado como consecuencia de las oraciones de Moisés. Muy reconocidos quedaron los indios por tantos beneficios recibidos de sus misioneros, aprovechándose ellos de cualquier ocasión, en especial durante el tiempo de estas luchas, para alabar y ensalzar a sus Padres. Igual a su valentía y arrojo contra sus enemigos los lusitanos, era su afecto y generosidad para con nosotros. Muchas veces pretendían estos paulistas enajenar los ánimos de los indios contra nuestros Padres con la burda calumnia de que ellos habían venido llamados por los Padres, pero no sacaron nada con estas

mentiras, ni alcanzaron su pretensión de atraerse a los indios, convirtiéndolos en apóstatas. Al contrario, se burlaron los fieles de nuestros Padres de las astucias de los calumniadores, penetrando las intenciones perversas de esta raza satánica. Lo único que se consiguió con todo esto, era acrecentar su afecto para con los Padres, y su disposición generosa para entregar su vida por sus queridos padres. A tal grado llegó este afecto que sin titubear hubieran expuesto al peligro a sus propios hijos, con tal de poner a salvo a sus Padres. No temen tanto las espadas, lanzas y balas, como las calumnias contra sus amados párrocos, las que reciben como fieras y como lanzadas contra ellos mismos. Tal es el efecto de los paraguayos para con los que son sus Padres en Cristo nuestro Señor.

Manifestóse también a las claras, durante el estrépito de estos combates, el sólido amor y santo temor de Dios, con que están imbuídos los indios. Hubo muchas pruebas para ello, de las cuales referiré sólo una que otra. Un joven soldado nuestro estaba saeteando al enemigo, cuando el mismo recibió en su alma un tiro del mismo satanás. El caso era, que el joven había dirigido una mala mirada, no al enemigo, sino a una mujer india, la que le causó una grave herida en su corazón, sucumbiendo él a la mala tentación. Pero Dios que sabe todas las cosas, como buen médico de las almas, procuró a esta alma, mortalmente herida, un eficaz remedio. Fue alcanzado aquel joven por un proyectil del enemigo, que le hirió no demasiado gravemente, pudiéndose retirar al campamento para curar la herida. Al mismo tiempo llamó al sacerdote y le confesó la oculta causa de esta herida, bendiciendo a Dios que le había hecho este beneficio, que él no había merecido, de enviarle al instante un castigo por su falta cometida, para que se acordara de su pecado; lo confesó y tuvo más cuidado de ahí en adelante.

Hubo otro que no se atrevió a pelear antes de haber hecho buena confesión, alegando por motivo que aliviado de las molestias y del peso de los pecados, no temería el combate, y saldría al encuentro del enemigo con valor. Cada vez, antes de tirar el proyectil, se hincan de rodillas y se persignan. Podía parecer esto a algunos una pequeñez. Pero suplico al crítico que considere el natural bárbaro y feroz de esta gente y su antiguo carácter rastrero, y que hasta hace poco era totalmente ignorante hasta de lo más rudimentario de las verdades religiosas. Entonces estas sus prácticas religiosas parecerán, no

pequeñeces, sino cosas grandes, no vilezas, sino cosas sublimes, a lo menos delante de Dios, el cual sabe apreciarlas en su justo valor.

Las riberas de ambos ríos, las del Paraná y las del Uruguay llegaron a estar en paz y libertad, pero no duró mucho la calma. Los Padres temían su inestabilidad, escarmentados por la triste experiencia. Era un hecho que estas reducciones estaban demasiado cerca del enemigo, y por lo tanto siempre expuestas a inesperadas invasiones. Así resolvieron trasladarlas, unas a las riberas del Paraná, otras a las del Uruguay, donde, libres de disturbios belicosos, podían servir a Dios en paz y tranquilidad. Pensaban, pues, en evacuar la Sierra del Tape. Pero era esta un empresa muy difícil y más difícil, convencer a los indios para que abandonaran su tierra natal, que pusieron fuego a sus casas, que dejaran sus sembrados para cambiarlos por una tierra inculta, llena de espinas y abrojos. Pero, con el especial favor de Dios, se vencieron al fin estos obstáculos. Siguieron los indios los consejos de los Padres y comenzaron a retirarse a lugares más seguros. Lo quiso estorbar también el enemigo, el cual con fraudes y engaños, falsos rumores y otras estratagemas de este jaez, quiso oponerse a la partida. Deshicieron los Padres estos enredos oportunamente.

Como Patrona de esta empresa se imploró a la Santísima Virgen, y pronto se vió el efecto de su poderosa intercesión ante su divino Hijo; pues, todos de buena gana emprendieron el viaje al Paraná.

Como tiene este río su origen en insignificantes torrentes que bajan de la montaña, crece continuamente en su curso, resultando un río ancho y profundo, casi como la mar. Muy distantes de las riberas de este río, hacia el occidente, a cuya parte meridional se dirigían los pasos de los teresianos, habíanse establecido otras apacibles reducciones. Mientras tanto, el diablo no podía menos de ingerirse ya que se le sacaba de la mano una presa tan grande, que pensaba devorar con el auxilio de sus satélites. Así comenzó a llenar a muchos con el descontento por las fatigas del viaje, y aconsejarles la fuga. A los pobres Padres causó esto no pequeño aumento de trabajo, congoja y cuidado. Tenían que recoger a los que habían escapado, y animara los demás a proseguir el viaje. Un Padre que había buscado a los huidos, los halló medio muertos de hambre; los consoló y refrigeró como pudo, y los llevó adonde estaban los demás, con no pequeño trabajo, sudor y cansancio.

Se notó también durante este viaje, la oportuna intercesión de San Ignacio, asistiendo como es su costumbre, a una india que estaba de parto. No se acabó con esto su asistencia; pues, faltó el agua para bautizar al niño recién nacido y urgía bautizarlo porque la madre estaba demasiado fatigada por el viaje y el niño había nacido por este demasiado débil, tanto que se temía la muerte de los dos. En este trance se le aplicó al niño moribundo una imagencita de papel que representaba a San Ignacio. Al instante comenzó a mamar, alcanzó vivo la aguada, fué bautizado y voló ao cielo.

Durante este viaje el Padre Alfaro y otros Padres habían buscado en las riberas del Paraná y Uruguay sitios a propósito, para colocar allí nuevas reducciones. Además se encaminaron los indios del Paraná, antiguos habitantes de la comarca, al encuentro de los fugitivos, llevando abundantes víveres para aquellos pobres. Faltaban todavía 8 leguas hasta el término del viaje, cuando el demonio los instigó a una nueva resistencia a proseguir adelante, por la ya vieja ilusión de que los Padres los iban entregar a los lusitanos. Muy oportunamente vinieron entonces a su encuentro sus otros compatriotas seguros, felices y libres, y en compañía de los mismos Padres, quienes los habían defendido contra todos los peligros que ellos mismos tan vanamente ahora temían. Así se hizo patente que eran unos ilusos del demonio. En estas circunstancias críticas los Padres habían acudido a su probado recurso: la devota oración a la Virgen Santísima. Santo remedio: pues, apenas aclaró el día, cuando los caciques por su propia iniciativa vinieron juntos a los Padres, prometiendo seguir adelante. Contribuyeron, no poco, a aliviar el viaje algunas piadosas congregantes de la reducción de Loreto, las cuales bien sabían (por su retirada diez años antes, del Guayrá), lo que significaba abandonar la querida patria, para emigrar a lugares desconocidos. Ellas mismas tenían que haer entonces un viaje de más de cen leguas hasta el Paraná, por haber sido igualmente amenazados por las invasiones continuas de los lusitanos. Estas mujeres, pues, después de haberse encontrado con estos nuevos fugitivos, ayudaron mucho a facilitar el viaje. Animaron a los pobres, les dieron de comer, dando ejemplo para que los hombres hicieran lo mismo con afabilidad. Además les llevaron los trastos y las criaturas pequeñas, y hasta cargaron en sus hombros a los enfermos.

Estos nuevos huéspedes, alojados en esta ocasión en los antiguos pueblos del Paraná, eran en número de 12.000 almas.

Voy a añadir aquí algunos pormenores, para o tenerlo que hacer después con fastidio de los lectores. Nuestros pobres Padres han sufrido en estas transmigraciones increíbles molestias, trabajos, congojas y cuidados. El camino era largo, casi intransitable, cuesta arriba, cuesta abajo, de muchas vueltas. El tiempo era frío y lluvioso, los indios a cada rato tenían otras ocurrencias; una veces marchaban de buena voluntad, otras de mala, poniendose unas veces soberbios, intratables y desvergonzados, y otras no queriendo sujetarse a orden ninguno. Los Padres continuamente tenían que variar su modo de proceder, en el trato con esta gente. Tenían que hablarles a buenas, y a malas. Tenían que procurar el alimento para tanta gente, sirviendo los Padres en persona como vaqueros, a pie y a caballo, llevando adelante las reses para la carnicería. Grandísimo cuidado exigía el crecido número de enfermos. Día y noche estaban alertas para que nadie se les muriera en el camino sin bautismo o sin confesión.

Aunque todo era muy grave y variado, no creo sin embargo que a los europeos sea ingrato saberlo todo, y hasta creo que se animarán más por esto, a venir acá para sufrir lo mismo.

Basta con esta advertencia, ya que se trata de una cosa común a la transmigración de cada una de estas reducciones.

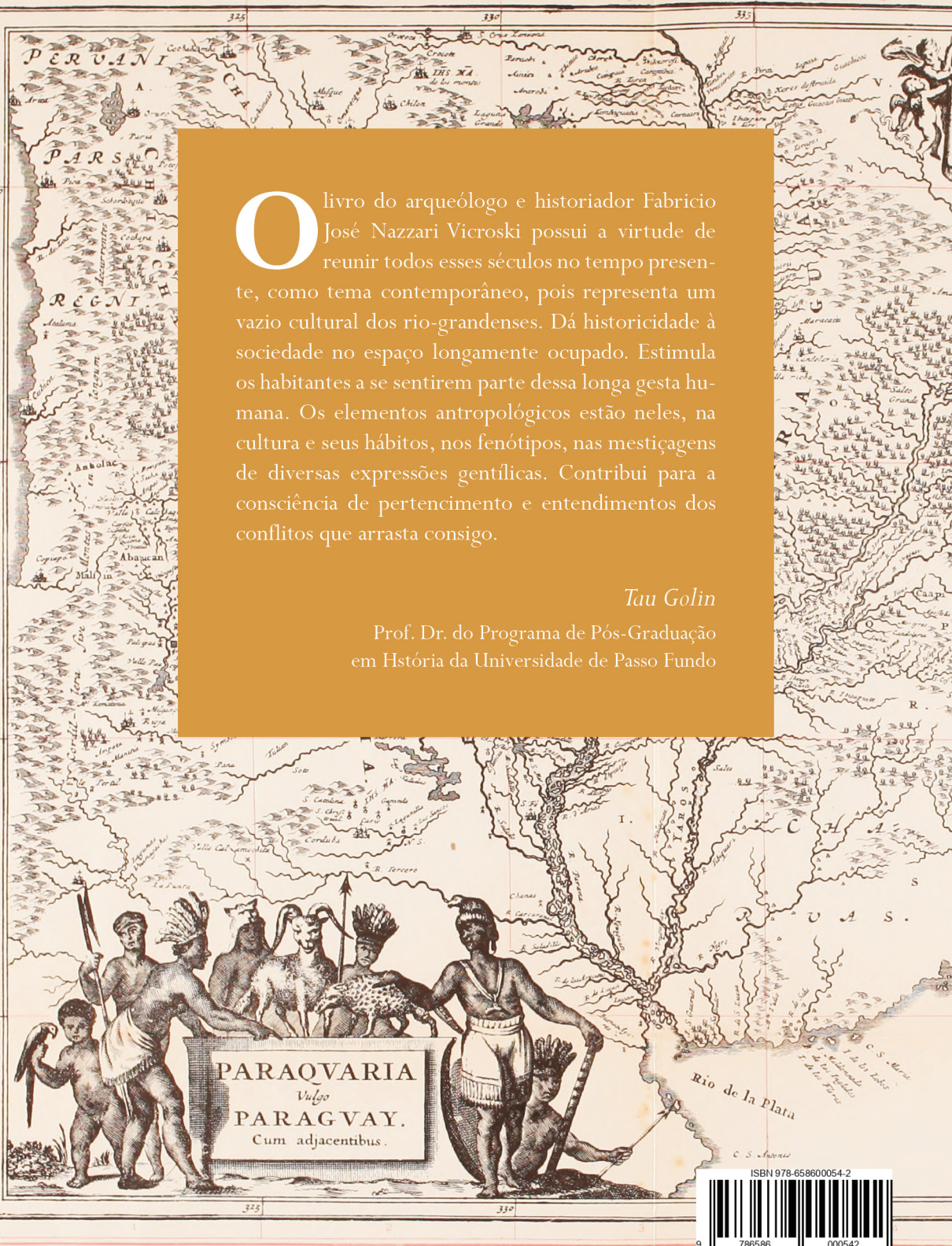
[...]

Dios guarde a V.P.

Córdoba del Tucumán, 13 de Diciembre de 1643

De V.P. siervo en Cristo nuestro Señor

Francisco Lupercio de Zurbano (rúbrica)



O livro do arqueólogo e historiador Fabrício José Nazzari Vicoski possui a virtude de reunir todos esses séculos no tempo presente, como tema contemporâneo, pois representa um vazio cultural dos rio-grandenses. Dá historicidade à sociedade no espaço longamente ocupado. Estimula os habitantes a se sentirem parte dessa longa gesta humana. Os elementos antropológicos estão neles, na cultura e seus hábitos, nos fenótipos, nas mestiçagens de diversas expressões gentílicas. Contribui para a consciência de pertencimento e entendimentos dos conflitos que arrasta consigo.

*Tau Golin*

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade de Passo Fundo

PARAQUARIA  
Vulgo  
PARAGVAY.  
Cum adjacentibus.

ISBN 978-658600054-2

